

EVELYN SANTANA

A mesma autora de *Doce Amargo*

TUDO
de
Mim





EVELYN SANTANA

TUDO
de Mim

ÍNDICE

All of Me

Depoimento

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

Agradecimentos

Copyright © By Editora Coerência 2018
TUDO DE MIM © EVELYN SANTANA
1º Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial - Lilian Vaccaro
Preparação de Texto - Ana Bittencourt
Revisão - Helô Delgado
Capa - Décio Gomes
Diagramação - A. J. Ventura

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Santana, Evelyn;

Tudo de Mim

1. Ed. — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-065-1

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. 869.3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

“Você é meu fim e meu começo
Até mesmo quando perco estou ganhando
Porque eu te dou tudo de mim
E você me dá tudo de si.”

ALL OF **M**E – **J**OHNNY **L**EGEND



Eu poderia começar dizendo que *Tudo de Mim* é um romance daqueles arrebatadores, que arranca suspiros, nos emociona, nos faz chorar... e é verdade. Mas o que o torna interessante são suas várias nuances. Tem, sim, uma história de amor muito bem-construída, mas o ponto alto é nos vermos tão mergulhados na história de Lorena e Vincent, como se fôssemos os próprios personagens, ora sorrindo, ora chorando, outra vez desejando matar a autora. Sendo leitora da Evelyn há tanto tempo e tendo acompanhado cada passo seu, teimo afirmar que esse é seu livro que mais me tocou e tenho certeza de que, assim como eu, ela conseguirá prender cada leitor de forma sublime e, por vezes, dúbia.

Em *Tudo de mim*, mais uma vez, Evelyn Santana nos mostra que as melhores coisas da vida acontecem quando menos esperamos, de maneira que nunca imaginaríamos ser possível, e nos tomam de tal forma que é impossível resistir.

Novos sentimentos foram dados às suas palavras com uma intensidade e sensibilidade que nos faz sentir parte de todo o universo que ela tão maravilhosamente construiu. Esse livro é mais do que uma simples leitura, é uma viagem dolorosa e deliciosa para dentro de nós mesmos, de nossos medos, receios, paixões, mas também felicidade e amadurecimento. É impossível não nos vermos envolvidos, compartilhando não só as suas lágrimas, mas seus momentos e sentimentos de uma forma muito crua e real. Com uma escrita intensa e emocionante, me vi apaixonada não apenas pelo talento irrefutável da Evelyn, mas também por Lola e Vincent, que nos provam, a cada parágrafo, que as voltas que a vida dá podem nos levar exatamente aonde deveríamos chegar, e cabe a nós nos entregarmos e permitirmos que seja esse nosso destino.

Míddian Meireles, autora da série *Real*.





Como fã assumida de romances, quando fui convidada para prefaciар *Tudo de Mim*, acreditei ser uma das tarefas mais simples que já recebi. Aceitei e cá estou, tentando passar para o papel tudo o que senti ao ler esse livro. Eu não imaginava que teria dificuldades. O que era, a princípio, fácil, se tornou um desafio, isso porque a missão de encontrar a melhor forma de explicar o que senti é um tanto quanto delicada e especial.

O novo romance de Evelyn Santana nos brinda com todos os aspectos necessários para que uma história mereça se tornar um sucesso. Através de suas palavras, nota-se que Evelyn possui um talento nato no que condiz a elaborar um enredo envolvente sem pecar nos exageros. Aos poucos, o texto foi me conquistando, deixando evidente que menos é mais. Evelyn, novamente, construiu um romance que promete mexer com as emoções do leitor.

Caso você já tenha lido a duologia *Doce Amargo*, o fato de a escrita de Evelyn ter a capacidade de fisgar leitores desavisados não é novidade. Fluidez, coerência e sofisticação são os melhores adjetivos para se referir às suas obras.

Em *Tudo de Mim*, Evelyn Santana consolida o que eu já soube desde que me deparei com o primeiro volume de sua duologia de estreia: trata-se de uma romancista que veio para ficar.

Todavia, apesar da óbvia qualidade de escrita, não estou aqui para exaltar suas obras anteriores, e sim para relatar minhas sensações ao me aventurar pelas páginas de seu novo romance.

O enredo de *Tudo de Mim* é simples, porém, elaborado de tal forma que precisei conter as lágrimas mais de uma vez nas cenas entre Lorena e Arthur. O amor de Lorena é tão real e palpável que se torna impossível não se emocionar. E isso não acontece apenas em relação à protagonista. O turbilhão de emoções

fará com que o leitor queira, no mínimo, esganar Arthur, ao passo que Kimberly merece um abraço apertado. Juliet é a doçura que irá se enveredar através de seus sentimentos, e, quando você perceber, estará sorrindo sem motivo sempre que a personagem der o ar da graça. E Vincent... ah, Vincent! Prepare-se para recolher seu queixo, caro leitor, porque sem sombra de dúvidas, se encontrará estatelado ao chão.

Amor, raiva, alegria, mágoa, decepção, carinho, desespero, resolução e resiliência. Como resumir todas essas reações? Fácil, basta conhecer os personagens e embarcar nessa história digna de ser desfrutada no final de um longo dia cansativo de trabalho, em um feriado prolongado ou fim de semana.

Porque *Tudo de Mim* é isso: um delicioso e leve romance para ser lido naqueles dias que precisamos de uma distração. Vá por mim, você não se arrependerá.

Helô Delgado, autora de *Dilacerada* e *Entre Laços e Conflitos*





Era verão, porém, em vez de um calor absurdo, o que nos recepcionou foi um céu cinza de nuvens espessas e chuva torrencial, assim que desembarcamos no aeroporto Presidente Juscelino Kubitschek. Apesar de a companhia aérea ter servido uma excelente refeição durante o voo, a primeira parada que Arthur e eu fizemos foi justamente para comer.

Bem, na verdade, essa foi a terceira parada. Antes, passamos no toalete e, então, fomos até a esteira de bagagem, arrastando nossas malas pesadas rumo à lanchonete que servia um dos melhores pães de queijo que nós já havíamos provado. Não que já tivéssemos tido a chance de provar muitos outros, claro.

A verdade era que nós adorávamos a vida nos Estados Unidos, mas o nosso sangue brasileiro fazia com que sentíssemos muita falta de casa. E o Brasil era isso. Brasília, em especial, era justamente isso: nossa casa, apesar de eu não ter crescido lá, já que meus pais foram tentar a sorte nos EUA quando eu tinha apenas sete anos de idade.

Ao nos sentarmos com nossos pães de queijo e cafés brasileiros, ambos quentinhos, sorrimos um para o outro e nos permitimos, antes de qualquer coisa, desfrutar do aroma que parecia nos aquecer por dentro também.

— Isso é tão bom, cara! — ele falou, abocanhando uma porção generosa de um pão de queijo, deliciando-se. Eu queria dizer que sentia o mesmo, porém, a boca estava muito ocupada, então só emití um gemido de prazer. Bem longo, dando ênfase ao fato de que eu não poderia concordar mais.

Esperamos no aeroporto até que a chuva estiasse, permitindo-nos esquecer, por um momento, o motivo que nos levara até ali: a doença do pai de Arthur.

Eu me lembrava de Alberto, meu sogro, como um homem forte e robusto. Completamente contra aviões ou qualquer outro meio de transporte que não

tocasse o chão, ele jamais fora visitar o filho depois que este foi embora do Brasil com a mãe, após o fatídico divórcio que resultou no desmembramento da família Ferreira. Arthur foi para os Estados Unidos aos quinze anos e, desde então, ele e o pai só se viam quando Arthur podia ir até o Brasil, a fim de visitá-lo. Era uma relação complexa, a dos dois, apesar de ser nítido que se amavam. Contudo, uma traição criava marcas que, aparentemente, nem o tempo era capaz de apagar, e, sem sombra de dúvidas, toda dor que Arthur e sua mãe, Carmem, passaram ainda estava muito vívida em suas memórias.

Ainda assim, quando sua madrasta telefonou no meio da noite, avisando que a condição de Alberto piorara muito, nos últimos tempos, Arthur não hesitou ao comprar as passagens que nos levaram até lá. Eu estava até o pescoço com os trabalhos da faculdade e andando na corda bamba para equilibrar estágio e vida acadêmica, mas sabia quando Arthur precisava de mim e jamais deixaria a pessoa que eu mais amava no mundo passar por uma situação tão delicada sozinha.

— Vai dar tudo certo, você vai ver só — murmurei, estendendo minha mão sobre a mesa, no intuito de pegar a sua. Senti-a morna, por ela ter estado tempo demais em torno da xícara com café, e Arthur entrelaçou nossos dedos, tentando esboçar um sorriso que não condizia com seu olhar perdido de agora há pouco.

— Não acho que alguma coisa vá dar certo, Lorena — ele devolveu, meneando a cabeça de um lado a outro, os olhos castanho-escuros marejados, me fitando. — Mas sei que vou enfrentar tudo da melhor forma possível, porque a tenho do meu lado. Eu não sei o que faria sem você.

Ele beijou os nós dos meus dedos, e eu fiz o mesmo, sentindo meu coração se apertar por vê-lo sofrer. Levei uma de minhas mãos até o seu rosto, sobre o local onde alguns pelos despontavam, apesar de ele ter feito a barba recentemente. Sabendo que ele apreciava um afago quando não se sentia bem, migrei o toque até os fios escuros e lisos de seus cabelos, deslizando minhas unhas sobre sua nuca e observando-o fechar os olhos.

— Sempre vou estar do seu lado, Arthur. Eu te amo mais que tudo, e isso nunca vai mudar, ouviu?

Ele acenou em concordância, usando a manga de seu suéter para enxugar a lágrima que ameaçava rolar por sua bochecha. Imittei seu gesto, secando a gota que pesava no outro olho e encarando-o por um momento, antes de decidir que já havíamos demorado demais ali e que Arthur deveria ir logo ao encontro do pai e aproveitar cada pequeno momento que os dois ainda tivessem juntos.

Chamei um uber através do aplicativo, e Arthur e eu caminhamos para fora dali, com seu braço esquerdo ao redor de minha cintura enquanto ele prendia meu corpo ao seu em um meio abraço. Fitando-o de soslaio, deposei um beijo

em sua mandíbula, apenas para lembrá-lo de que estávamos juntos para todos os momentos e ele jamais precisaria enfrentar trauma algum sozinho.

— Eu já disse hoje que te amo? — questionou, segurando uma de minhas mãos quando o motorista do uber deixou o aeroporto para trás, rumo ao hotel onde meu namorado insistiu para que ficássemos hospedados.

Sorri em resposta, repousando minha cabeça em seu ombro.

— Pode dizer de novo, eu não me canso de ouvir.

— Te amo, Lorena — murmurou, depositando um beijo demorado sobre meus cabelos escuros e, então, pegando uma mecha entre os dedos, brincando com ela entre eles como sempre costumava fazer quando estava nervoso. — Me diz: o que seria de mim sem você?

— Não muita coisa, eu posso garantir — brinquei, arrancando-lhe um sorriso e recebendo um beijo, do tipo que me fazia sentir em casa não importando onde eu estivesse.





Minha coisa favorita do mundo poderia ser intitulada com um substantivo e um adjetivo: bebês fofinhos.

Eu não sabia dizer ao certo em que momento tudo começou, mas minha mãe contava que, desde muito nova, quando eu via um bebê, tudo o que eu conseguia articular era um comprido “*Awwwwwn... que fofinho!*”.

E eu não duvidava nada de que minha vida tenha sido sempre assim. Como eu era a mais nova dos cinco filhos de Benício e Luiza Rodrigues, estava mais que acostumada a ter sempre bebês chegando à família em forma de sobrinhos, os quais eu amava e sempre se aproveitavam da minha boa vontade. Talvez eu devesse sentir ciúmes ao deixar de ser a pessoa favorita em toda a família, no entanto não havia sentimento mesquinho que resistisse a bochechas rechonchudas, mãos gordinhas e sorriso sem dentes, então eu apenas aproveitava a sensação indescritível de ser tia, até que nasceu em mim o desejo de ser mãe.

Para a minha sorte, me apaixonei por um homem que tinha as mesmas necessidades que eu, o que facilitou o processo. Nós queríamos uma família e, mesmo tendo começado a namorar muito novos, nunca houve dúvidas quanto ao que nos esperava no futuro. Por tempo demais, devido à doença de Alberto, nós colocamos de lado os planos de um envolvimento mais sério. Contudo, após sua morte, anos atrás, Arthur decidiu que, uma vez que tudo o que ele amava se encontrava nos Estados Unidos, não havia motivos para adiarmos o inevitável. Talvez fôssemos muito jovens para isso, ao menos era o que todos nos diziam, porém, não fazia sentido, na minha cabeça, ter que adiar a minha felicidade só porque a maioria das pessoas me achava nova demais para me sentir completa e realizada.

Eu sabia que Arthur era meu destino, meu fim inevitável, ainda assim, a

surpresa de ser pedida em casamento foi a melhor coisa que me aconteceu no meu aniversário de vinte e cinco anos.

— E então, você aceita passar o resto da sua vida comigo? — ele me perguntara naquela noite, e eu poderia jurar que meu queixo tinha ido ao chão. Nós já morávamos juntos e nos portávamos como marido e mulher desde que ingressamos na faculdade, entretanto nada substituía a sensação de saber que o pontapé inicial para que nossa vida a dois fosse de fato construída havia sido dado.

Sem saber muito bem como reagir, por mais que eu tivesse sonhado com aquilo diversas vezes, foi Arthur quem tomou a iniciativa de pegar minha mão, após meu leve movimento de cabeça afirmativo, ainda pousada sobre a mesa do restaurante ao qual ele me levou para comemorar o meu aniversário, e, por fim, deslizou por ela meu anel de noivado. Encarei o solitário como se ele fosse um elefante rosa pendurado em meu dedo.

Um sorriso incrédulo se apossou de meus lábios e não pude resistir ao ímpeto de beijá-lo ali mesmo, com plateia e tudo, inclinada sobre a mesa enquanto as pontas de meus cabelos resvalavam no meu pudim de chocolate, quase intocado, entre mim e Arthur.

— Sim, mil vezes sim, é o que eu mais quero — admiti com a boca grudada à dele, nossos dentes batendo no do outro enquanto ríamos.

Arthur selou meus lábios com os seus algumas vezes mais e, naquela noite, quando voltamos para casa, dormir era a última coisa em que pensávamos.

Havia tantos beijos para serem trocados, tantos planos sobre os quais precisávamos falar, a partir daquele instante. Ambos tínhamos terminado a faculdade e encontrado o emprego dos sonhos, sendo assim, não existia motivo para esperar mais: nós iríamos ter um filho, ainda que o mundo dissesse que a hora não era a mais propícia. Aparentemente, o universo ouviu as palavras de desincentivo, porque gerar se mostrou algo que meu corpo não era capaz de fazer com tanta facilidade assim. Levou um ano inteiro, desde o pedido de casamento, até que eu conseguisse engravidar, e toda a família entrou em alvoroço com a notícia, que foi seguida de um luto terrível quando perdi meu bebê antes de completar os três meses de gestação.

— Talvez só não seja o momento certo — Arthur sussurrou em meu ouvido, buscando me consolar quando ele mesmo estava tão destruído quanto eu.

— E como vamos saber o momento certo? — perguntei em um soluço, molhando a camisa verde-água que ele vestia enquanto Arthur afagava minhas costas e me mantinha dentro dos seus braços.

— A gente não tem como saber, mas continua tentando até conseguir, está

bem? O mais importante nós já temos, Lorena. O resto conseguimos depois.



Após tentativas infrutíferas e alguns tratamentos que me ajudassem com a fertilização e tornassem meu útero um lugar não nocivo para um feto, a falta de resultados positivos e os gastos médicos nos levaram a considerar a adoção. Arthur foi reticente, a princípio, dizendo que queria filhos que fossem sangue do seu sangue, bem como acompanhar todo o processo de gestação, porém, acabou cedendo com o tempo, ao perceber que aquela seria nossa última alternativa.

Nós só não estávamos preparados para a longa espera.

— Tem certeza de que isso vai mesmo funcionar? — Arthur perguntara certa vez. — Já faz um ano e, até agora, nada.

Já estávamos prontos para dormir e, como de costume, eu me aninhei a ele, pousando minha cabeça em seu ombro, à procura do apoio e conforto que só ele era capaz de me fornecer. Um longo suspiro escapou de meus lábios e não tive coragem nem sequer de erguer minha cabeça, a fim de encarar seus olhos escuros.

— O processo de adoção é demorado, mas é claro que vai funcionar. Você vai ver só. Talvez o bebê destinado a ser nosso ainda não tenha sido gerado, por isso precisamos esperar um pouco mais.

— Ou talvez a nossa ficha só não seja atrativa o bastante para as dezenas de mães que olham para ela quase todos os dias...

Engoli em seco, sem saber muito bem como responder àquilo. Verdade fosse dita, aquele era o meu maior medo.

— Nós vamos ser pais, Arthur, e nossa felicidade vai ser completa. Eu juro. — Desta vez, ergui meu corpo minimamente, meu olhar buscando o seu.

Arthur me encarou de volta, porém não respondeu, ao menos não em palavras. Em vez disso, seus dedos traçaram a linha de minha coluna e ele depositou um beijo no topo de minha cabeça. Eu abri meu sorriso mais brilhante, assegurando-lhe de que falava sério e que minhas promessas nunca eram em vão. Ele deveria saber disso melhor do que ninguém, mas eu não o culpava por titubear vez ou outra em nossa convicção.

Pacientemente, esperei por uma resposta, a retribuição encorajadora do meu sorriso e um abraço mais apertado, já que ele não era o único a hesitar na crença de que nós teríamos uma família de verdade, com crianças correndo pela casa e ao menos um cachorro para completar o quadro perfeito. Todavia, seu silêncio foi a única coisa que recebi, uma vez que seu aceno de cabeça foi tão leve que quase nem existira.

Resignada, depusitei um beijo em seu peito, acomodei-me e tentei, inutilmente, dormir.



A mudança foi finalmente oficializada apenas no momento em que desocupeei a última caixa trazida do nosso antigo apartamento. Desfrutando da sensação de dever cumprido, eu me esparramei no sofá confortável que Carmem insistiu em nos dar de presente, acompanhada de uma taça de vinho e uma série qualquer que havia acabado de chegar à Netflix.

Sem prestar muita atenção à história, arrisquei uma olhadinha através da janela, ainda sem acreditar que Arthur e eu conseguimos mesmo adquirir um apartamento em Manhattan, em um bairro que, de acordo com minhas pesquisas no Google, era excelente para quem pretendia morar com a família. Uma vez que estávamos a um único passo de aumentar a nossa, Arthur concordou com a ideia de nos afastarmos um pouquinho mais de sua mãe apenas para que tivéssemos um apartamento espaçoso e confortável o bastante para criar nossos filhos, algo que poderíamos adquirir, já que Arthur conseguiu levar um cliente importante para a firma de advocacia onde vinha trabalhando desde que saiu da faculdade de Direito. Óbvio que, como a perfeita maluca por controle que eu era, não me deixei levar facilmente apenas pela sala de estar que era quase do tamanho do nosso antigo apartamento. Eu estava prestes a ser mãe, era mais que normal me preocupar com a futura escola do bebê que já estava a caminho.

O processo foi longo, mas, enfim, nossa ficha na agência de adoção foi escolhida. Michelle Clark, uma adolescente de dezenove anos, a viu e decidiu que Arthur e eu seríamos os pais perfeitos para o bebê que ela carregava. A parte nem tão bonita disso tudo? Estar atada a Nova Iorque enquanto minha filha crescia saudável em um ventre que não era meu e a quilômetros de distância, em Indiana.

De qualquer modo, desde que recebemos a notícia de que Michelle havia

gostado da gente, mais parecia que Arthur e eu estávamos contando os minutos para assinar os papéis que tornariam a adoção definitiva, e eu fazia questão de estar presente em cada consulta ou mesmo voar até Indiana apenas no intuito de, talvez, ser recepcionada com um chute da minha garotinha e sentir que eu tinha uma participação bem maior em todo o processo do que realmente tivera.

Não era algo inteligente, eu sabia disso, e escutar os sermões de Arthur, sempre reclamando dos gastos desnecessários que essas viagens acarretavam, apenas acentuava o sentimento de egoísmo que se apossava de mim de vez em quando. Mas o que eu poderia fazer? Eu já amava aquela criança e meu peito se revirava de saudade e preocupação por tê-la longe de mim, ainda que isso parecesse surreal e inexplicável. Para Arthur, contudo, não deveria ser. Ao menos não quando *nós dois* estávamos prestes a ser pais.

— Por que não começamos a montar o enxoval? — sugeri certa feita, a fim de amainar os ânimos após termos discutido sobre o fato de eu ter ido a Indiana novamente apenas para ver Michelle e assegurar-me de que estava tudo bem.

Não havia nenhuma ocasião especial: consulta, documentos a serem assinados... nada. Havia apenas a minha saudade absurda de uma bebê que nem mesmo havia nascido e as lágrimas de Michelle por se achar um ser humano ruim por estar desistindo de sua filha enquanto eu parecia tão ávida em adotá-la.

— Acho precipitado — foi o que Arthur me respondeu. — Michelle demonstrou interesse na nossa ficha há semanas e nós ainda não assinamos os papéis da adoção, Lorena. E se ela desistir? E se encontrar pais melhores?

— Pais melhores? — testei, incrédula, franzindo o cenho. — De onde você tirou isso?

— Vai me dizer que você não tem pensado a respeito? Faz dois meses, qual é a dificuldade em assinar a porra de um papel? Ela não quer a criança, nós queremos, então onde está o problema?! — explodiu, uma expressão transtornada arraigando-se a cada linha de seu rosto.

Levando as mãos aos cabelos, Arthur se sentou em nossa cama, ao meu lado, e enterrou os cotovelos em suas coxas, cabisbaixo. Remexendo-me entre os lençóis, fui para junto dele, depositando um beijo demorado em seu ombro enquanto acariciava suas costas.

O fato era que não podia negar para mim mesma que a espera também me corroía por inteiro, contudo, não podia externar esse pensamento. Eu sempre fui o ponto de apoio de Arthur. Desde o início do nosso relacionamento, sempre fui seu escape e sua força, se eu fraquejasse, o que seria de nós dois?

Sentando-me em seu colo, uma perna de cada lado de seu corpo, tomei seu rosto entre as mãos, compelindo-o a me fitar.

— Maria é nossa, ninguém vai tomá-la da gente.

Arthur soltou um bufar incrédulo, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Você já escolheu um nome para ela...

Eu sorri em resposta, confirmando com um aceno de cabeça.

— Você gosta? — eu quis saber, porque mesmo apaixonada pelo nome, eu jamais o usaria se Arthur desejasse escolher outro, apesar de não acreditar que ele iria se opor.

Maria cairia bem como uma luva. Era pequeno, bonito e doce... assim como a dona dele também seria.

— Acho perfeito — assentiu, passando os braços por minha cintura e escondendo o rosto no vão do meu pescoço. — Uma família com você foi tudo o que eu sempre quis, Lorena. Por que um sonho tão simples precisa ser tão difícil?



— Arthur! — eu gritei, arrastando a mala pesada para o interior do apartamento.

Era domingo, quase 18h, não haveria outro lugar onde ele pudesse estar, a não ser em casa. A viagem de volta de Indiana foi cansativa, porém, eu trazia boas notícias. Não apenas nossa bebê estava saudável, como também os trâmites para a adoção haviam chegado ao fim.

Bem, quase...

Os documentos estavam finalizados, Michelle estava 100% segura de sua escolha e agora tudo o que precisávamos fazer era assinar os benditos papéis para que a adoção fosse finalizada. Era estranho pensar assim, mas agora eu estava certa de que não haveria mais volta. Michelle não iria se encantar pela ficha de outro casal e roubar de mim a minha bebê. E eu, finalmente, poderia parar de chamar minha filha desse modo tão genérico quando estivesse na frente de Michelle.

— Arthur, amor, eu já cheguei! Tenho novidades — insisti, tomada por tanta euforia que não havia nada no mundo capaz de desmanchar o sorriso em meu rosto. Com a notícia, foi impossível me controlar, por isso comprei uma

porção de coisas para Maria, inclusive algumas toalhas, que já havia começado a bordar, durante o voo, e um ursinho de pelúcia para colocar dentro do berço que Arthur e eu já havíamos montado no quartinho que decoramos para ela.

Quando vislumbrei meu noivo atravessando o corredor que dava acesso aos quartos, pude ver também sua mala de viagem sendo arrastada pelo piso de tábua corrida. A expressão no rosto de Arthur era sisuda, e ele aparentava muito mais idade do que os trinta e dois anos que tinha. Passando uma das mãos pelos cabelos escuros e um pouco mais compridos do que ele costumava usar, parou logo à minha frente, a dois palmos de distância, nem de longe a recepção que eu esperava.

— O que aconteceu? — eu quis saber, sentindo o nervosismo se apossar de meu corpo e o suor se acumular nas palmas das minhas mãos. Limpei a umidade nos meus jeans, dando um passo para mais perto de Arthur, a fim de tocar seu rosto. — Você está me deixando assustada. — Forcei um sorriso, num pedido mudo para que ele desanuviasse a expressão e não me deixasse naquele estado irrequieto.

Segurando a mão que eu trazia pousada em seu rosto, ele passou a língua sobre os lábios, como costumava fazer quando tinha algo complicado a ser dito.

— Nós precisamos conversar... — murmurou pausadamente, os olhos fixos em nossas mãos juntas, na porta às minhas costas, na mesa de centro logo ao meu lado, nas inúmeras sacolas que eu trouxe comigo de viagem... em todos os lugares, menos em mim.

Eu sabia que precisávamos conversar. Na verdade, por todo o percurso até em casa isso era o que eu mais queria. No entanto, não era com aquela expressão sisuda que eu esperava lidar.

— Tudo bem, estou ouvindo — encorajei, dando um novo passo à frente, eliminando a distância que havia entre nós e apoiando minha palma livre sobre sua nuca, usando o polegar para erguer seu rosto e impeli-lo a me fitar. — Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, não sabe? Somos um casal, não temos segredos e nada vai mudar o fato de que nos amamos mais que tudo.

Forcei um sorriso, todavia, ele foi morto graças ao olhar doloroso que Arthur me lançou. Segurando minhas duas mãos entre as suas, ele beijou os nós dos meus dedos demoradamente, fazendo-me engolir em seco, incapaz de apressá-lo. Apesar de ansiosa para ouvir o que ele tinha a dizer, eu também estava com medo, por alguma razão desconhecida.

— Eu vou ser pai.

Um suspiro que era puro alívio irrompeu de meus lábios e fechei os olhos, um sorriso singelo nascendo pelo fardo que pareceu cair aos pés com as palavras de Arthur.

— Você me assustou — ralhei, depositando um beijo leve em seus lábios e o apertando em um abraço, inalando forte o aroma de seu perfume. — Por que não me disse que a agência ligou para falar sobre a adoção? Eu queria fazer surpresa, mas...

— O quê? — questionou, alarmado, afastando-me com tanta força que, se ele não estivesse segurando-me pelos braços, era bem possível que eu tivesse caído. — Como assim? Michelle não quer considerar um pouco mais? Ela tem certeza?

Acenei em concordância, os pensamentos anuviados como se não quisessem me deixar compreender o que de fato estava acontecendo.

— Eu te disse que daria certo, Art. Lembra? Eu prometi que nós teríamos o nosso bebê e...

— Mas eu não posso! — ele me interrompeu, largando-me à minha própria sorte, junto ao meu pouco equilíbrio, e andando em círculos, em volta de seu próprio eixo, praticamente, levando as mãos aos cabelos num gesto de puro desespero.

— Querido, eu não estou entendendo...

— Eu vou ser pai, Lorena! Pai! O que há nisso para não entender?

Foi como se ele tivesse me dado a notícia pela primeira vez. Meu estômago afundou, minhas pernas congelaram no lugar e eu me limitei a piscar, incrédula e assustada com sua explosão. As palavras começaram a fazer sentido, por mais que eu não quisesse acreditar no que elas implicavam. Lágrimas incomodaram meus olhos, mas não chorei. Apenas fiquei ali, encarando-o, boquiaberta demais para emitir algum som que fosse além de um ofego estupefato.

— Eu sinto muito... — Arthur sussurrou logo em seguida, parecendo transtornado. — Não planejei nada disso, mas eu... — Hesitou, como se engasgasse em suas próprias palavras, e eu permaneci ali, encarando-o sem realmente vê-lo, através das lágrimas não vertidas. — Nós não vínhamos dando certo, você e eu, desde que toda a obsessão pela adoção teve início, meio que deixei de existir para você. — Deu de ombros, ou foi isso que entendi estar acontecendo, pela minha visão turva. — Não me entenda errado, eu queria o mesmo que você. Exatamente o mesmo que você. Uma família, filhos... mas eu te perdi. A Lorena que era minha noiva deixou de existir e tudo o que eu conseguia ver era uma Lorena neurótica com a ideia de ser mãe.

Apertei os punhos aos lados do meu corpo, sentindo minhas mãos formigarem. Trinquei os dentes a ponto de ouvi-los ranger, concentrando neles e nas unhas fincadas em minhas palmas toda a força de que dispunha. Minha mente foi desligada de tudo, ou ao menos eu achei que sim. O fato era que eu me lembraria daquelas palavras escabrosas e sem nexos depois, mas me recusava a

dar atenção a alguma delas naquele momento, porque estava suficientemente ocupada odiando a mim mesma por ter ignorado sinais tão claros.

Toda a quantidade absurda de trabalho que o prendia no escritório até mais tarde, as respostas atravessadas, a perda de interesse no tópico adoção, a perda de interesse em *mim*. Os elogios que vinham em momentos inusitados mirraram junto aos beijos apaixonados e desejosos. Pela manhã, o beijo de bom dia antes de ir trabalhar se transformou em um breve roçar de lábios e, mais tarde, na pressão de sua boca contra minha testa. Os momentos ardentes na cama, para os quais ele parecia sempre tão disposto, aconteciam apenas quando eu procurava, algo que, eu precisava admitir, não vinha ocorrendo com tanta frequência.

Arthur tinha outra. Uma mulher que, provavelmente, o escutava reclamar sobre a noiva chata e paranoica que só pensava em bebês. Uma mulher com a qual ele falava sobre o dia ruim no trabalho e o ajudava a relaxar. Uma mulher em quem ele confiava o bastante para se relacionar sexualmente sem proteção, o que eliminava o toque casual do envolvimento, ao resultar em uma gravidez. Ele tinha uma mulher que o receberia em casa, quando ele fosse embora e me deixasse, que abriria espaço no closet para suas roupas e lhe daria uma cama aconchegante onde dormir.

Meus ouvidos ainda captavam as palavras desconexas de Arthur, e ouvi nitidamente quando ele disse:

— Ainda te amo, Lorena, mas tenho um filho para cuidar e eu jamais negligenciaria uma criança como meu pai fez comigo.

Continuei imóvel, presa à inércia, e não emiti protesto algum quando Arthur pressionou seus lábios sobre a minha testa uma última vez.

— Sinto muito. Se cuida, tá? O apartamento é seu e de Maria, é o mínimo que posso fazer por vocês duas.

Então ele se foi, terminando em menos de dez minutos um relacionamento de quase uma década, jogando fora todos os nossos planos, todos os sonhos em conjunto, deixando-me sem a menor ideia do que fazer com o resto da minha vida quando a razão dela acabara de me abandonar, após me trair da forma mais cruel possível.



— Você tem certeza de que está tudo bem? Tudo bem mesmo? — Kimberly perguntou ao meu lado, pelo que me pareceu ser a milésima vez.

Eu quis rolar os olhos em exasperação, para que ela entendesse o quão irritante vinha sendo por me fazer aquela pergunta a cada cinco minutos, porém, não o fiz. Não era qualquer pessoa que se instalaria na casa da melhor amiga apenas para não deixá-la passar sozinha por uma situação complicada. Contudo, Kimberly Rogers era exatamente esse tipo de pessoa e eu adorava que ela tivesse mantido o pacto de amigas para sempre que fizemos há exatos quinze anos.

— Está tudo bem, Kim. Eu vou sobreviver, não se preocupe.

— Como não vou me preocupar? Você é minha melhor amiga e está passando por um momento difícil. Por acaso você não estaria do mesmo jeito se a situação fosse inversa? — Ela ergueu uma de suas sobrancelhas loiras para mim, daquele jeito presunçoso que lhe era tão familiar, e não pude fazer muito mais além de puxá-la para um abraço enquanto tentava não me esvair em lágrimas.

Dez dias se passaram desde que Arthur me deixou para ir brincar de casinha com uma mulher que eu não fazia ideia de quem fosse, e eu odiava o fato de ir me deitar sozinha noite após noite, desejando que ele estivesse ali para me fazer companhia, como nos velhos tempos, antes de a nossa relação se desgastar e girar em torno da vida que nós tínhamos um dia, quando os filhos chegassem, em vez do que tínhamos no presente. Eu odiava olhar para trás e me sentir culpada por Arthur não me amar o suficiente para ser sincero comigo quando as coisas começaram a dar indício de que desmoronariam. Droga! Eu odiava que ele não fosse homem o suficiente para me avisar que o barco estava afundando, em vez de simplesmente pular fora e deixar que eu me afogasse sozinha.

E foi o que fiz. Por uma semana inteira, mergulhei fundo em dor e sofrimento, fazendo-me inúmeras perguntas sobre onde errei e por que minha vida ruiu no mesmo dia em que julguei que ela seria perfeita para todo o sempre.

— Odeio Arthur com todas as forças — murmurei, o queixo apoiado no ombro de Kim enquanto ela acariciava as minhas costas.

— Claro que odeia — ela falou com o vestígio de um sorriso na voz, depositando um beijo nos meus cabelos e me afastando pelos ombros ligeiramente. — Por isso vai me ajudar a arrumar todas as coisas daquele cafajeste para que elas saiam daqui o mais rápido possível. Combinado?

Acenei em concordância, tentando esboçar um sorriso, mas não fui bem-sucedida.

A verdade é que eu não tinha certeza se queria de fato ficar com o apartamento, porque aquele foi um lugar que Arthur e eu escolhemos em conjunto e havia muito dele ali, em todos os cantos. Eu quase podia ouvi-lo dizendo os motivos que o faziam ainda mais seguro de estarmos olhando para a oitava maravilha do mundo moderno. Eram tantas lembranças... tantas coisas que eu gostaria de esquecer... Por outro lado, eu estava prestes a ser mãe e não poderia me dar ao luxo de pensar por esse ângulo.

De tal modo, logo após conseguir ter um pensamento racional, optei por me livrar de todas as coisas que Arthur mais amava ali. Já que ele teria um novo lar, nada mais justo que levar todas as suas tralhas consigo.



Arthur nem sequer teve a dignidade de voltar ao apartamento, a fim de buscar o que sobrou das coisas dele. Apenas me enviou uma mensagem de texto, desculpando-se pela milésima vez por todo o ocorrido e informando o endereço para o qual *eu* deveria enviar tudo o que lhe pertencia. Engoli o ultraje, afinal, pior do que ser *mulher de recados* seria ter que conviver com caixas empilhadas no meio da casa. Respirei fundo, inalando e exalando o ar com cuidado, incrédula sobre tudo o que vinha me acontecendo nos últimos dias, sem ao menos saber como eu daria a notícia do término às pessoas.

Carmem já sabia? Os amigos de Arthur... eles já sabiam? E como eu

deveria dar à notícia aos meus pais?

Então, pessoal, passando só pra avisar que Arthur me traiu e acabou saindo de casa. Pois é, a gente nem vai mais se casar. Mas calma, porque ele vai ser pai, veja que maravilha! E por aí? Como vai tudo?

Não, definitivamente não tinha um jeito certo ou um padrão para fazer algo assim. Contudo, o que mais me preocupava e tirava a paz era o fato de que eu teria que contar a verdade a Michelle, e me aterrorizava pensar que isso pudesse influenciar sua decisão.

— Não seja boba, isso não vai acontecer — foi o que Kim me dissera quando dei voz ao meu maior pavor. Nós estávamos no quarto de Maria, em frente ao bercinho branco e rosa que Arthur e eu escolhemos juntos no momento em que soubemos que teríamos uma menina. — Michelle sabe que você vai ser a melhor mãe do mundo, não tem motivo pra ela mudar de ideia só porque Arthur decidiu pular fora. Fica tranquila, Lola. A minha afilhada vai vir pra casa logo, logo e você nunca mais vai dormir uma noite completa pelo resto da vida. — Então ela me abraçou, fazendo com que eu me apegasse a cada uma de suas palavras. Depois, tomou o ursinho de pelúcia que eu mantinha nas mãos, o mesmo que trouxera da minha última viagem a Indiana, e o colocou como adorno no berço, arrancando-me um risinho. — Sua família vai ser linda e você não precisa de Arthur pra fazer com que isso aconteça, ouviu?

Concordei num meneio de cabeça, desejando mais que tudo que Kimberly estivesse certa, como sempre costumava estar.



— Você está linda. Gostei do cabelo novo — foi o que Michelle me disse assim que adentrou a sala da agência de adoção, apontando para o meu cabelo recém-cortado à altura dos ombros e sentando-se na poltrona logo à minha frente.

Minhas mãos estavam suadas e meu coração batia tão depressa que parecia que a qualquer momento ele ficaria cansado do trabalho frenético e pararia de uma vez. Ainda assim, eu forcei minhas pernas moles a percorrerem os poucos passos de distância que me separavam de Michelle e me sentei ao seu lado,

tocando a barriga proeminente e sentindo quando Maria se agitou dentro dela.

— Obrigada — agradei, lembrando-me das palavras de Kimberly quando viu meu estado deplorável depois que Arthur foi embora de casa.

“Você está um lixo, mas vou cuidar de você para que volte a parecer gente...”

Uma risadinha irônica me escapou, porque a única razão de Michelle me achar bonita naquele momento era graças a toda maquiagem que me obriguei a usar a fim de disfarçar as olheiras e o aspecto cansado do meu rosto. Se ela visse a minha situação real não me faria elogios gratuitos.

— Como está se sentindo? Vocês estão bem? — eu quis saber, e foi a vez de Michelle sorrir em resposta, acenando repetidamente em concordância.

— Ela é uma garotinha forte e saudável.

— Maria — sussurrei, buscando o olhar de Michelle e encontrando nele compreensão junto a um aspecto maravilhado. — Eu decidi chamá-la assim. — Dei de ombros, fingindo que aquilo não era nada de mais quando, na verdade, media cada pequena reação.

Michelle piscou seus grandes olhos cor de mel repetidas vezes, a boca levemente aberta em surpresa.

— O nome dela vai começar com M... como em Michelle — apontou.

Anuí uma vez, recebendo um abraço apertado logo em seguida. Os olhos de Michelle estavam marejados quando ela tornou a falar:

— Foi uma homenagem proposital?

— Sim e não... — admiti, enxugando a lágrima teimosa que rolou por sua bochecha. — Pensei no nome e, quando fiz a associação, tive certeza de que precisava ser ele. — Esbocei um sorriso para ela, trazendo suas mãos entre as minhas e apertando-as de leve. — Você está me dando o meu maior presente, Michelle, e nunca vou conseguir te agradecer o bastante.

— É um presente, pra mim, saber que Maria vai ter pais amorosos e que irão protegê-la de tudo e todos.

Engoli em seco, tentando colocar um sorriso nos lábios, contudo, meus músculos faciais pareciam enrijecidos e nada que eu pudesse fazer foi capaz de movê-los. Mesmo tendo pensado muito sobre isso, não consegui encontrar uma forma mais fácil de contar a respeito do meu término com Arthur. Eu sabia que Michelle analisara toda a equação quando decidiu que eu seria a mãe da bebê que ela trazia no ventre e me apavorava a possibilidade de que de tudo pudesse ir por água abaixo, agora que Arthur estava fora do jogo.

— Maria já é muito amada, Michelle. Não tenha dúvidas disso.

— Eu não tenho — garantiu, porém, as palavras que deveriam me tranquilizar foram seguidas por outras com as quais eu não estava preparada para

lidar. — E o seu noivo? Onde ele está?

Engoli em seco, sentindo meu sangue gelar como se paralisasse em minhas veias. Minha boca se abriu, mas nada além de um gaguejar irrompeu por ela. Pigarreei, buscando as palavras. Ainda assim, nada parecia bom o suficiente.

— Ele... bem... Michelle, eu... — tentei em vão, soltando um suspiro resignado que me fez murchar os ombros. — Arthur e eu... nós terminamos.

— O quê?

— Isso não muda nada com relação a Maria — apressei-me em dizer.

— Não muda nada? — Michelle devolveu, o rosto contorcido numa expressão que era puro sarcasmo e incredulidade. — Pais separados não mudam nada, é isso que está me dizendo?

— Maria não terá pais separados. Eu vou adotá-la sozinha, sem Arthur. Ela vai ser minha filha, não dele, e...

— Não — interrompeu-me, as mãos fechando-se em punhos ao lado do corpo.

— Não o quê? — perguntei, franzindo as sobrancelhas em confusão.

— Não — reiterou, um suspiro trêmulo moldando sua respiração. — Sinto muito, Lorena, mas não foi com isso que eu concordei.

— Michelle, ouça...

— Há quanto tempo isso aconteceu? — voltou a atalhar, os olhos estreitos enquanto ela me encarava e cruzava os braços em frente ao peito, apoiando-os na barriga

— Quando cheguei da minha última viagem — forcei-me a dizer. Minha voz não ia muito além de um sussurro débil e eu torci os dedos, nervosamente, percebendo quando os de minha mão direita esbarraram no local onde deveria estar meu anel de noivado. E eu odiei a mim mesma por sentir falta dele naquele momento. — Nós conversamos — continuei — e decidimos que seria melhor se...

— Por que eu não soube disso há mais tempo? Por que mentiu pra mim?

Era nítida a revolta que Michelle sentia. Sua voz saindo muito mais alto do que de costume e o pé batendo de modo insistente sobre o carpete me diziam isso. Seus olhos, por outro lado, denotavam um sentimento próximo ao que me assolava a cada vez que eu pensava na possibilidade de perder Maria. Aquilo só poderia ser desespero, tinha que ser.

— Eu não menti! — protestei, e aquela foi a minha vez de ficar indignada com sua acusação. Arthur era o mentiroso, não eu. Ele prometeu coisas que não estava disposto a cumprir, não eu. — Acabei de te contar o que aconteceu, não foi? — eu a lembrei, tentando exibir um sorriso. Todavia, não fui bem-sucedida. — Eu só não queria fazer isso por telefone.

— Estou feliz que tenha dito antes que eu assinasse os malditos papéis — cuspiu, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, como se eu a enojasse muito mais do que os pickles que ela insistia em retirar do seu lanche todas as vezes em que saímos juntas para comer, após uma consulta médica.

Levantando-se de pronto, Michelle me deu as costas. No meu estado catastrófico, demorei alguns segundos até conseguir fazer o mesmo e ir atrás dela.

— Como assim? — eu testei, ao seu encalço, por mais que soubesse bem a que ela se referia. Eu não podia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo, de jeito nenhum. — Michelle, espera, por favor, volta aqui! — pedi, alcançando-a e segurando-lhe o braço, a fim de fazê-la retroceder para me encarar. — O que quer dizer com isso? — insisti em perguntar, ainda que a resposta me aterrorizasse.

— Você sabe por que estou dando essa criança pra adoção? — questionou, trazendo seus olhos marejados para fixar os meus. Por mais que eu soubesse que aquela se tratava de uma pergunta retórica, meneei a cabeça em negativo, pois temia esvair-me em lágrimas caso tentasse articular algo. — Tenho dezenove anos. *Dezenove!* E desde os dezessete estou presa a um relacionamento com mais idas e vindas do que consigo contar. Não tenho estrutura pra cuidar de uma criança, porque minha própria vida sempre foi uma bagunça e eu não queria fazer com esse bebê o mesmo estrago que os meus pais fizeram comigo! Que eu era incapaz de ser mãe... — Hesitou, deixando a frase no ar por alguns segundos enquanto enxugava as lágrimas teimosas que acabaram descendo por sua bochecha, e o simples gesto fez com que meu estômago pesasse como se eu tivesse engolido uma bola de boliche. — ... disso eu sempre soube. Mas quando vi você... quando vi vocês... eu podia jurar que tinha encontrado a família perfeita pro meu bebê.

— E encontrou! — assegurei mais que depressa, tornando a segurar suas mãos entre as minhas. A visão estava embaçada e quase não pude discernir os traços bonitos de Michelle através dela, o que não me impediu de continuar: — Eu já amo tanto essa criança... com tudo de mim. Eu juro! Não vejo a hora de pegá-la nos meus braços e levá-la pra casa comigo.

Sorri para ela, tentando passar uma segurança que nem eu mesma tinha. No entanto, em vez de me devolver o gesto, como sempre fazia, a expressão de Michelle se fechou ainda mais, tornando-se sisuda ao extremo para alguém que nem mesmo chegara à casa dos vinte.

— Isso não vai acontecer — falou com firmeza, puxando suas mãos para longe do contato com as minhas concomitante ao seu movimento de afastar-se de mim.

Por puro reflexo, dei alguns passos em sua direção, o mesmo número de passadas que ela utilizou para tentar impor distância entre nós.

— Michelle — chamei num sussurro, apesar de não saber ao certo de onde vinha a capacidade de articular qualquer coisa naquele momento. Minhas pernas se moviam quase em câmera lenta e eu não sabia fazê-las trabalhar mais depressa. — Você está com a cabeça cheia, e entendo que esteja assustada, porque eu também fiquei, mas isso não vai influenciar o modo como Maria será tratada, isso eu asseguro. Eu vou amá-la e protegê-la com a minha vida, se preciso for, você tem a minha palavra.

— E o que acontece quando ela crescer e notar que todas as outras crianças têm um pai, exceto ela? Hã? Como você pretende explicar isso sem fazer com que ela se sinta inferior?

— Michelle...

— Os seus pais são casados, Lorena? — ela me cortou, impaciente.

Meneei a cabeça, porém, quando ela não disse nada, entendi que deveria fazer mais que apenas acenar.

— São, sim — reiterei. — Há mais de quatro décadas. Eles têm um casamento feliz e se amam muito.

— Você parece adorar isso.

— Eu adoro. Muito — admiti com o esboço de um sorriso despontando em meus lábios.

— Então por que não quer dar ao meu bebê a chance de ter o mesmo que você tem?

O sorriso morreu antes mesmo de nascer. Pisquei, estupefata, completamente pega de surpresa enquanto sentia minhas esperanças se esvaírem uma vez mais.

Como se não esperasse por uma resposta, Michelle me deu as costas, caminhando para longe de mim de novo até que encontrei minha voz.

— Porque um lar... — comecei, limpando a garganta em seguida antes de prosseguir: — uma família... essas coisas vão muito além de um casamento. Têm a ver com amor, comprometimento e...

— Claro, claro — escarneceu, sem nem ao menos me dar a chance de concluir o que pretendia falar. — Então você quer dizer que, durante todo esse tempo, Arthur nunca importou e sempre foi dispensável. É isso? Nesse caso, como posso ter certeza de que essa criança também não vai ser dispensável?

— Não foi isso o que eu quis dizer... — apressei-me em negar, surpresa pelo modo como ela distorceu minhas palavras.

— Como você vai cuidar dela? — interpelou, deixando claro que, naquele momento, ela não queria minhas explicações, mas, sim, deixar-me sem chance

de defesa. E eu odiava admitir, porém, ela estava conseguindo. — Obviamente, não vai poder deixar de trabalhar, caso contrário, quem vai assumir as despesas da casa? E quem vai cuidar do bebê enquanto você estiver trabalhando?

— E-eu ainda não pensei em todos esses detalhes — gaguejei em resposta, levando uma das mãos à têmpora como se o simples ato fosse capaz de dissipar a dor de cabeça que ameaçava instalar-se ali. — O término é muito recente, não...

— Então me deixe facilitar as coisas pra você, Lorena: você não tem que se preocupar com nada disso. Lide com seu término.

Outra vez, ela ameaçou escapar, todavia, fui mais rápida, agarrando seu pulso e compelindo-a a me fitar.

— Espera! — irrompi, arrastando-a comigo para o sofá onde estávamos sentadas há poucos minutos, a fim de alcançar minha bolsa. Peguei de dentro dela o celular, os dedos trêmulos lentos demais em realizar o seu trabalho. Quando finalmente consegui abrir o rolo da câmera, mostrei a tela do celular para Michelle, que olhou dela para mim com o cenho franzido em confusão. — Veja as fotos... essas coisas são de Maria.

Notei quando Michelle engoliu em seco e, em seguida, empinou o queixo, não querendo demonstrar titubeação. De qualquer modo, segurou o aparelho com uma das mãos, deslizando o polegar sobre a tela e tendo o vislumbre das fotos que Kim e eu tiramos há alguns dias.

— Esse é o quartinho dela. Ao lado do meu — consegui dizer com a voz embargada. Eu vinha fazendo um ótimo trabalho contendo as lágrimas até então, porém, não fui mais capaz de detê-las. As gotas espessas rolaram por minhas bochechas e senti o gosto salgado em meus lábios, onde elas caíram. Estiquei-me nas pontas dos pés, inclinando o corpo na direção do celular e sorrindo ante a foto que Michelle observava. — Esse berço é novo, mas se parece com o que eu tinha quando era bebê. O ursinho é pra fazer companhia pra Maria, assim ela vai poder dormir abraçada a ele todas as noites. O quarto já está com papel de parede de ursinhos e eu bordei inúmeras toalhinhas com o nome dela. — Um sorriso nervoso me escapou, e tentei disfarçá-lo. Com as mangas de meu suéter, enxuguei o rosto rudemente e peguei a sacola de papel que descansava no sofá, junto à minha bolsa. — Aqui. — Estendi a sacola para Michelle, que a aceitou com a mão livre, dando uma espiada no interior antes de voltar seu olhar para mim.

— O que é isso?

— Isso é pra Maria vestir quando sair da maternidade. Eu já lavei e passei, está prontinha pra usar.

Ela fechou os olhos, soltando uma lufada de ar como se sua paciência comigo estivesse se esvaindo.

— Lorena... — ela começou, devolvendo-me meu celular.

— Eu não estou dizendo que sou a sua melhor opção, Michelle. — Foi minha vez de tolher, ainda que dizer aquelas palavras me doesse na alma. Todavia, a quem eu queria enganar? Eu não passava de uma professora do jardim de infância enfrentando o que parecia ser o Armagedom da vida que conheci até então. — Mas falo sério quando digo que amo Maria como se ela já fosse minha, porque no meu coração ela é — prossegui, buscando dar um fim à minha expressão desolada para ao menos parecer confiante, já que não me sentia de tal modo. — Você gostou de mim, não foi? Porque sabe que eu vou dar o meu melhor pra ser uma ótima mãe.

— Não coloquei isso em dúvida, Lorena, mas, de verdade...

— Só estou pedindo pra que não se decida ainda — retorqui apressadamente. — Por favor. Pense a respeito com calma, e, então, nós voltamos a conversar. Você tem o meu número, me ligue quando quiser. É tudo o que estou pedindo. *Por favor* — enfatizei, e aquilo não soou como um pedido. Eu estava implorando e faria o que fosse preciso para que ela me ouvisse.

— Tudo bem — concordou, meneando a cabeça logo em seguida.

Esperei que ela dissesse mais alguma coisa, porém, aquilo foi tudo. Michelle me deu as costas pelo que me pareceu ser a milésima vez e tudo o que consegui fazer foi permanecer ali, estática, como se meu corpo pesasse uma tonelada e eu não possuísse um meio de movê-lo. As lágrimas vieram com tudo, o choro rasgando minha garganta.

“*Tudo bem...* ela disse *tudo bem*”, eu lembrei a mim mesma. Contudo, nada era capaz de me consolar naquele momento.



Assim que desembarquei em Nova Iorque, na volta de Indiana, não pude evitar a sensação de vazio que me assolou.

Diferentemente da última vez em que estive ali, meu coração estava pesado e repleto de desesperança. O que deveria ter sido a viagem que mudaria toda a minha vida para melhor acabou se transformando em uma das maiores tragédias que já tive o desprazer de experimentar, e era inevitável culpar Arthur e seu egoísmo por todas as coisas ruins que estavam me acontecendo.

No instante em que desliguei o modo avião do meu celular, recebi inúmeras notificações no aplicativo de mensagens, a maioria delas de Kim, perguntando a que horas eu pousaria e se oferecendo para me buscar no aeroporto. Era tarde demais para responder ao questionamento, visto que eu já estava ali, mas aquilo só poderia ser um sinal dos Céus para que eu colocasse em prática a cena que revivi desde o momento em que cheguei ao hotel, após a conversa com Michelle.

Com minha bagagem de mão, entrei num táxi na saída do aeroporto, porém, em vez de dar a ele o meu endereço, em TriBeCa, o que o motorista digitou em seu GPS foi o endereço para o qual Arthur me pediu que enviasse suas coisas, após ele ter me deixado.



Durante todo o tempo em que nos relacionamos, Arthur e eu comparecemos a inúmeros eventos sociais, assim sendo, eu conhecia cada um de seus amigos, dentro e fora do escritório de advocacia onde ele trabalhava como sócio júnior. Com seus clientes, por outro lado, eu não me familiarizava tanto, mas havia suas exceções.

E ali, naquele momento, eu me encontrava de frente a uma das tais exceções. Com 1.70 m de altura, esguia, lindos cabelos louros e olhos verdes penetrantes, Piper Richards me encarava boquiaberta, e sua expressão atordoada devia ser um mero reflexo da minha.

— Lorena... — ela deixou escapar junto a um ofego. Não era um cumprimento, eu sabia disso. Era surpresa nua e crua roubando-lhe o controle de suas palavras e ações.

Sendo bem sincera, eu estava com muita raiva. Há dias! A forma covarde como Arthur me deixou, minha inércia em lugar de gritos... tudo isso estava me consumindo de dentro para fora e eu precisava explodir em algum momento se quisesse manter minha sanidade. Porém, estar diante de Piper abria novas feridas para as quais eu não estava preparada. O que antes era apenas uma raiva sem fim transformou-se em ódio puro e visceral, correndo por cada pequeno recôndito do meu ser e fazendo-me apertar os punhos com força ao passo que eu trincava os dentes.

— Onde ele está? — questionei, mordaz, o corpo trêmulo tentando conter a gama de emoções que me assolou sem aviso prévio.

— Lorena... — Piper tornou a dizer, no entanto, suas palavras não passaram de um zumbido desconexo, porque tudo em que eu conseguia pensar, tudo de que conseguia me lembrar, eram as incontáveis vezes em que ela apareceu no apartamento que Arthur e eu costumávamos chamar de lar, desesperada, enfrentando um processo de divórcio que ameaçava levá-la à exaustão para se livrar de um relacionamento abusivo.

Eu ainda era capaz de puxar pela memória as vezes em que ela chorou com a cabeça apoiada em meu colo, com o corpo marcado pelas agressões do então marido, dizendo o quanto ela desejava colocar aqueles momentos dolorosos para trás e vivenciar um relacionamento saudável, embasado em amor, companheirismo e comprometimento... como o meu e de Arthur. Lembro-me de sentir a mulher mais sortuda do mundo por ter comigo um homem que me amava e valorizava acima de todas as outras coisas.

A questão era: há quanto tempo ele vinha fazendo com que Piper se sentisse da mesma forma? Há quanto tempo os beijos dele vinham fazendo com que o cérebro dela se desligasse de todas as coisas ruins, exatamente como faziam comigo? Há quanto tempo eu vinha sendo a idiota que não conseguia enxergava

um único palmo à frente do próprio nariz?

Afastei-a para o lado com meu antebraço pressionando seu peito, no intuito de ganhar espaço para enfim adentrar o cômodo. Quando o fiz, senti um nó se formar em minha garganta, porque, graças ao bom dinheiro que Piper conseguiu arrancar do ex-marido, com o divórcio, ela pôde bancar a cobertura dos sonhos no Upper East Side. Cobertura essa que ela dividia com Arthur. E, se eu fosse ser 100% sincera com os meus sentimentos, odiava o fato de que todo o ambiente fosse tão acolhedor. Um lar de verdade, que em breve teria um bebê para alegrar o lugar e preenchê-lo por completo.

— Arthur! — gritei, encontrando minha voz depois do que me pareceram horas enquanto permanecia ali, parada em meio à sala luxuosa de Piper.

Então eu esperei, e aquele íterim durou a eternidade e mais um dia, até que um Arthur incrédulo e esbaforido apareceu, justo quando eu estava a um único passo de chamar por ele de novo.

— Lorena... — murmurou num misto de estupefação e reconhecimento, seu olhar vacilando entre mim e Piper, medindo nossas reações. Quase como se ele quisesse checar se estava tudo bem, para ela, tê-lo caminhando até mim.

Por acaso ele já me olhou daquele modo? Perguntando-se se estava tudo bem dormir com ela e então voltar para casa, para os meus braços, para a minha cama, como se nada de mais tivesse acontecido e ele não tivesse defeito de caráter?

— Seu desgraçado! — foi o que irrompeu por meus lábios no momento em que ele se aproximou o bastante para que a palma de minha mão acertasse seu rosto.

O gesto foi acompanhado de um estampido que fez puro contentamento reverberar por meu corpo. Talvez fosse errado sentir tamanho regozijo ao agredir alguém, mas quem se importava? Certamente, não eu. Aquele único tapa nem mesmo chegava aos pés de toda dor que eu vinha sentindo graças à falta de princípios que Arthur apresentara.

Seus olhos se arregalaram em puro choque, notei, assim que ele consertou a postura, levando uma das mãos até o local onde o atingi. Piper, que antes estava um pouco atrás de mim, precipitou-se em minha direção, os dedos prendendo meu braço e arrastando-me para longe de Arthur.

— Ei, o que é isso?! Tá maluca? — questionou, sacudindo-me no processo.

— Me solta! — grunhi de volta para ela, rechaçando o contato como se ele pudesse me passar algum tipo de doença. — Você não tem o direito de encostar um único dedo em mim! — Apontei o dedo indicador em riste para ela, cética com o quanto ela poderia ser hipócrita e fingir que eu não tinha razões mais que suficientes para me comportar como vinha fazendo. — Como pôde? Como teve

coragem de ir até a minha casa e se sentar à mesa comigo quando, pelas costas, ia se deitar com o meu homem? — Odiei as palavras assim que elas saíram.

Meu homem. Eu conseguia ser mais patética que isso? E onde estavam todos os meus discursos prontos, que diziam que mulher traída não deve despejar sua raiva na amante, e sim no companheiro? Eles sempre fizeram muito sentido na minha cabeça, e eu realmente acreditava nisso, no entanto, era difícil ao extremo fitar Piper ali, logo à minha frente, e não me lembrar das vezes em que ela me disse quão sortuda eu era por ter Arthur. Aqueles não eram elogios ou palavras animadoras, nunca foram... eram apenas uma constatação e ela provavelmente se referia ao quanto *nós éramos* “sortudas” por nos revezarmos na cama com aquele cretino.

— Ele não era seu homem! Vocês nunca chegaram a se casar! — ela me lembrou, e a sensação que julguei não poder ser pior se agravou ainda mais.

— Esse é o seu argumento? Que o fato de não sermos casados não queria dizer que ele precisava me respeitar e ser fiel? É isso?

— Não foi o que eu disse...

— Então o que você disse?! — questionei, exasperada, detestando a ardência nos olhos, indicativo de que lágrimas estavam ávidas para transbordar. E como se esse sintoma não bastasse, minha voz pouco firme e meu queixo tremulando decidiram fazer parte da cena toda.

— Nós dois estávamos vivendo um momento difícil nos nossos relacionamentos. Não queríamos te enganar, Lorena, só que precisávamos de consolo e...

— Consolo? — testei, meneando a cabeça sem acreditar no que meus ouvidos captaram. Levando minha atenção para Arthur, mirei fundo em seus olhos castanhos, do modo que fazia quando buscava um pouco de alento em meio ao turbilhão que era nossa vida juntos. — Você me traiu porque precisava de *consolo*? — perguntei a ele, pronunciando a última palavra como se ela me provocasse asco.

— Sei que pode não fazer muito sentido na sua cabeça, porém...

— Não faz sentido algum! — eu o cortei, indignada, dando um passo em sua direção e vendo-o recuar outro. Uma risada zombeteira me escapou, foi inevitável, mas me recusei a mencionar uma única palavra sobre isso. — Você, dentre todas as pessoas, deveria entender! — foi o que escolhi dizer.

— Eu sentia a sua falta, Lorena! — devolveu, no mesmo tom irritadiço que vinha usando para falar comigo nos últimos tempos, e notei que aquela forma de se dirigir a mim soou bem mais natural e espontânea do que sua voz dizendo que ainda me amava, segundos depois de me contar que o resultado de sua traição fora um filho. — Será que não vê isso? Eu sentia sua falta! Desde que nós

perdemos o nosso bebê...

— Não se atreva a falar dele — tornei a interrompê-lo, e o que deveria ser uma ameaça mordaz não passou de um fio de voz. — Não se atreva a falar dele, ouviu? — reiterarei mesmo assim, valendo-me da repetição para dar ênfase. — Você não tem o direito de falar nele, seu imbecil!

— Lorena, por favor...

— Você arruinou tudo pra mim! Tudo! — acusei, lembrando-me do momento exato em que meu mundo desmoronou enquanto o de Arthur e Piper parecia nascer. As lágrimas inundaram meus olhos e pisquei, para que elas caíssem e já não pudessem embaçar minha visão. — Mesmo depois de ter ido embora da minha vida... você continua arruinando tudo!

Ele franziu as sobrancelhas, como se tudo aquilo fosse um absurdo e ele tivesse perdido parte importante da conversa.

— Do que está falando?

— Eu a perdi — soltei num sussurro, e aquela foi a primeira vez que tive coragem de dizer as palavras em voz alta. Mais lágrimas espessas vieram, e a dor no peito era incômoda e agonizante como algo físico que destroça de dentro para fora, aos poucos e de forma constante. — Maria — elucidei quando sua expressão confusa não se desfez. — Por sua culpa... Michelle voltou atrás na decisão.

— Eu... — Hesitou, gaguejou, arriscou um passo à frente, em minha direção, e aquela foi a minha vez de recuar, enquanto soluçava na tentativa de conter o meu choro. — Eu não fazia ideia. Juro que não — defendeu-se, sacudindo a cabeça para dar mais vigor às suas palavras.

Mas eu não queria ouvir nada daquilo, não foi por isso que o procurei. Ele era responsável por todos os meus infortúnios e eu só queria me garantir de esfregar os fatos na sua cara deslavada. De tal modo, eu lhe dei as costas, vislumbrando uma Piper estática em sua posição, provavelmente aguardando ser alvo do meu ódio.

— Lola, olha pra mim — Arthur pediu, e senti quando sua mão tocou meu ombro. Remexi-me inquieta, no intento de afastá-lo, virando-me para ele logo em seguida.

Como ele ousava se dirigir a mim de modo carinhoso depois de tudo o que vinha me fazendo passar?

— Você não tem o direito de me chamar assim! — protestei, com raiva e revolta modulando minha voz e, provavelmente, moldando meu rosto também.

— Só quero explicar — defendeu-se, após um suspiro resignado, erguendo as mãos com as palmas viradas para mim. — Piper e eu não queríamos que você se machucasse. Não queríamos que *ninguém* se machucasse, o fato é que...

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntei num rompante, tanto para fazê-lo abandonar toda aquela ladainha de “foi mais forte do que eu” quanto para sanar minha curiosidade. Eu já sabia que tinha bancado a idiota, só restava saber por quanto tempo. — Dois meses? Três?...

Então eles se entreolharam, e Piper acenou uma vez, em concordância, como se desse permissão para que Arthur continuasse falando. Não deveria, eu estava ciente disso, porém doeu ver tamanha cumplicidade entre os dois quando eu costumava ser a outra metade do relacionamento de Arthur. Mas isso, claro, antes de o relacionamento ser dividido em três partes, não em duas.

— Foi há pouco mais de um ano. A primeira vez — Arthur emitia baixinho, enterrando uma das mãos no bolso de seu jeans e levando a outra até o cabelo, do modo que fazia quando estava fatigado. Exatamente ali, com aquele gesto tão simples e impensado, eu me dei conta de que a única razão pela qual Arthur ainda conseguia machucar meu coração era por ainda ser dono dele. — Nós concordamos que seria melhor se parássemos de nos ver — emendou —, mas... — Deu de ombros, exibindo um sorriso amarelo. — Acabou acontecendo de novo. Há cinco meses.

Simples assim, quase como se estivesse confessando que se esqueceu de colocar o lixo para fora ou que era sua vez de preparar o jantar. Ele se valeu da mesma naturalidade à qual eu estava acostumada, e se eu já vinha me sentindo mal até então, a sensação que me assolou foi a de que aquele era o meu grau de importância, o mesmo de um lixo e um jantar esquecidos, coisas que eram superadas em, no máximo, cinco minutos.

— Uau! — foi tudo o que consegui dizer a princípio, acenando, por mais que não tivesse ideia do porquê. Machucava tanto estar ali e receber desculpas, na intenção de consolar, que até mesmo minha habilidade de articulação ruiu junto a boa parte do meu amor próprio.

De repente, eu estava de volta ao Brasil com Arthur, a fim de visitar Alberto em seus últimos dias de vida. Eu quase podia sentir sua mão segurando a minha, apertando-a de forma gentil ao passo que eu apoiava minha cabeça em seu ombro, ambos sentados num uber, a caminho do hotel.

Naquele dia, pela primeira vez, Arthur me perguntou o que seria dele sem mim. Eu respondi, só não fazia ideia de quão errôneas foram minhas palavras. Sem mim, Arthur era pai e tinha a vida que sempre sonhou. Sem ele, eu era alguém cujos sonhos e projetos foram ao chão da noite para o dia.

— Você fez *mesmo* sua lição de casa, Arthur Ferreira — emendei instantes depois, com uma risadinha amarga que era mais para mim mesma do que para ele. Minhas mãos rumaram até meu rosto, enxugando de qualquer jeito as lágrimas que o deixaram molhado. Então encarei o homem que um dia jurou me

amar bem fundo nos olhos, sabendo que o que estava prestes a dizer ira machucá-lo e ansiando que minhas palavras causassem um dano irreparável, porque, ainda assim, não seria nem mesmo metade do que ele causou em mim. — O mundo perdeu o seu pai, mas ganhou você, olha só que maravilha!

Pareceu surtir efeito, contudo, a onda de regozijo pela qual esperei não se formou em meu peito ante o olhar magoado e raso de lágrimas de Arthur. Ele cerrou os punhos aos lados do corpo, fitando-me com olhos injetados.

— Não vá por aí, Lorena, estou avisando — falou mordaz, arrancando de mim um bufar de escárnio.

— Ou o quê? — alfinetei, assumindo a postura mais confiante que consegui, o que não era grande coisa. — Vai me agredir? Processar? O que é de tão ruim que você pretende fazer comigo que já não tenha feito, Arthur? — provoquei, esperando levá-lo ao limite até que ele explodisse. — Você é igualzinho ao seu pai.

— Não, eu não sou! — bradou num rompante, dando passos largos em minha direção, e seu rosto era uma máscara indescritível de cólera que jamais vislumbrei antes. Esperei, quieta, prendendo o fôlego, pelo momento em que Arthur me devolveria o tapa com o qual o presenteei assim que pus meus pés ali. Todavia, ele parou a poucos centímetros de distância, a ponto de eu sentir sua respiração descompassada batendo em meu rosto. — Não sou igual a ele! — voltou a berrar, o peito subindo e descendo depressa à medida que seus pulmões trabalhavam.

— Tem razão — anuí, também num aceno de cabeça. — Você é bem pior — obriguei-me a dizer, pouco me importando com o impacto que a afirmação teria. Ninguém naquele cômodo dava a mínima para os meus sentimentos, por que eu deveria me importar com a dor que possivelmente infligiria em Arthur ou mesmo em Piper? Uma nova lágrima rolou por meu rosto e jurei para mim mesma que aquela seria a última que Arthur me veria derramar enquanto vida eu tivesse. — Para alguém que teve o lar destruído por uma traição e odiou tanto o pai por causa dela, você deveria ter pensado duas vezes antes de arruinar o nosso relacionamento. Ao menos o seu pai não engravidou a amante por acidente!

— É melhor você ir embora, Lorena — Piper interveio, seus passos se fazendo ouvir até que ela nos alcançasse, ocupando o espaço ínfimo entre mim e Arthur e obrigando-me a dar bons passos para trás, distanciando-me deles.

E ali estavam, logo à minha frente. Piper apoiando uma de suas mãos sobre o ombro de Arthur, enquanto a outra buscava a dele, apertando-a de modo a acalmá-lo, como me viu fazendo tantas e tantas vezes.

Ainda havia muitas coisas que eu queria dizer, que eu sentia precisar arrancar do peito. Entretanto, eu sabia ser incapaz de articular todas elas sem

lágrimas e soluços e optei por não me expor e ser vista como uma pobre coitada destrocada, por mais que eu fosse e me sentisse exatamente assim. Mas verdade fosse dita, eu daria o mundo para ter Arthur tão desolado quanto eu estava e arrancar a pose de porto seguro que Piper adotou. Desejava dizer-lhe quais foram as últimas palavras de Arthur antes de me deixar para viver ali. Que ainda me amava. Apesar de tudo, ele ainda me amava.

No entanto, quão ridículo seria? Arthur era um mentiroso e, entre mim e Piper, era eu quem recebia o maior número de inverdades e evasivas. Portanto, sem muito mais que pudesse fazer, tirei minha bolsa a tiracolo do ombro, apertando-a contra meu estômago ao abri-la e retirar de lá o anel de noivado com que Arthur me presenteou no meu aniversário de vinte e cinco anos, quando me prometeu o mundo. Agachando-me, eu depus a peça bonita e delicada no chão, a alguns centímetros de distância dos pés de Piper e Arthur.

Em seguida, sem forças ou disposição para erguer meu rosto a fim de encarar nenhum dos dois, apenas dei as costas, indo embora dali e colocando uma pedra sobre os dez últimos anos da minha vida, perguntando-me por que não notei antes que o mundo que Arthur jurou me dar viria recheado de dor, sofrimento e pesaria tanto sobre minhas costas.



— Você só pode estar de brincadeira! — Kim berrou à minha frente, colocando sua colher com cereal de volta à tigela enquanto seus olhos arregalados me encaravam perplexos. — Aquele filho de uma...

— Kim, não, por favor — interpelei baixinho, prendendo minha caneca de café entre os dedos. — Carmem não merece. — Sorvi um gole da bebida, sentindo o gosto característico e buscando a sensação de paz que um café forte logo pela manhã me trazia. Sem sucesso.

— Sei que não — ela bufou em resposta —, provavelmente a pobre coitada está se perguntando onde errou. E eu digo onde ela errou: no momento que decidiu dar a Arthur a chance de sobreviver. Aquele homem é um desperdício de esperma, óvulo e oxigênio, é isso que ele é! Argh! Eu estou com tanta raiva!

Soltei uma risadinha, por mais que não fosse um gesto de felicidade. Em meio à minha vida conturbada, ao menos eu me sentia contente por ter Kim para colorir os meus dias, nem que fosse um pouquinho só. Desde que ela soube do meu término com Arthur, praticamente se instalou em minha casa, onde dividíamos a cama de casal após conversar por horas sobre assuntos aleatórios, ou simplesmente adormecíamos no sofá em todas as nossas horas vagas de trabalho, graças à sua ideia de iniciarmos logo a nossa maratona anual de *Friends* na Netflix, algo sagrado nos últimos dez anos. Então, dado todo nosso histórico de amizade, eu entendia o motivo de Kimberly estar revoltada com a descoberta de que Arthur e Piper eram a nova família do ano, e foi assim que, após seu choque inicial, no qual seu rosto pálido assumiu um tom escarlate, ela explodiu impropérios.

— Mas o que exatamente você foi fazer lá? — perguntou, inclinando-se sobre a mesa da cozinha, à qual estávamos sentadas. — Quer saber? Esqueça. —

Fez um gesto de descaso com uma das mãos, sacudindo a cabeça como se o assunto tivesse perdido a importância de súbito. — Quero notícias sobre Maria. Como ela está?

Da mesma forma que acontecia com todos que falavam o nome de Maria, os olhos de Kim brilharam, e senti como se alguém tivesse dado um nó de marinheiro usando todas as minhas entranhas. Larguei o café de lado, apoiando as costas no espaldar da cadeira ao passo que encarava minha melhor amiga.

— Bem — foi o que escolhi dizer.

— Sua expressão facial não está exatamente combinando com o que sai da sua boca — Kim observou, erguendo sua sobrancelha loira em desafio.

Suspirei longamente. Em seguida, umedeci os lábios ressequidos com a ponta de minha língua, lançando meu olhar em direção ao meu colo, onde agora meus dedos pousavam retorcidos, como era de praxe acontecer sempre que algo me tirava da minha zona de conforto.

— Michelle sabe que Arthur e eu terminamos e não quer o destino de criança sem pai para Maria.

Se houvesse algum resquício de força em mim, eu teria dado de ombros na minha versão muda de “não é nada de mais”. Entretanto, de nada adiantava gastar energia tentando enganar a pessoa que me conhecia tão bem quanto à palma de sua própria mão.

— O quê? Mas como assim? Ela já tomou a decisão final? — Os olhos verdes de Kim estavam arregalados em minha direção, e eu soube disso antes mesmo de erguer os meus para fitá-los. Suas mãos se encontravam espalmadas sobre o tampo da mesa, o queixo pendendo e os lábios formando um “O”.

— Não — neguei, também num meneio de cabeça, agarrando-me às palavras de Michelle como um náufrago o faria com um bote salva-vidas. — Ela me prometeu que vai pensar. Mostrei a ela fotos do quartinho de Maria, para que ela tivesse ideia de quanto amor essa criança vai ter, sendo uma Rodrigues.

Esbocei um sorriso singelo, atendo-me à esperança e me recusando a deixá-la ir embora.

— Ela foi pega de surpresa, não é difícil de entender, mas vai mudar de ideia — Kim garantiu, estendendo sua mão sobre a mesa, a qual segurei com a minha, do modo que fazíamos desde a adolescência para garantir à outra que tudo ficaria bem.

— É o que eu espero — admiti, soltando uma lufada de ar generosa pela boca. — Só que ela levantou tantas questões, Kim. Por exemplo: quem vai cuidar de Maria quando ela chegar? O plano era que eu deixasse de trabalhar, Arthur manteria a casa pelo menos durante o primeiro ano. Nós guardamos cada centavo, abri mão de me casar porque sempre sonhei com uma festa gigantesca,

como nos filmes, e nós não poderíamos investir dinheiro em uma, sendo que precisávamos priorizar o apartamento. Por isso eu esperei, colocando cada ponderação e energia em um bebê que agora pode nunca existir. — Encarei Kim, bem no fundo de seus olhos gentis, e ela concordou com um movimento de cabeça, porque não era uma novidade para ela o que eu acabara de falar.

Enquanto todos diziam que eu estava fazendo as coisas na ordem errada, trocando os pés pelas mãos, por ser mãe antes de oficializar o casamento, Kimberly me apoiou na decisão. Ali, naquele momento, eu não poderia estar mais feliz por *ter atropelado a ordem de tudo*, como ouvi tantas vezes. A última coisa de que eu precisava, em meio a toda aquela confusão, era enfrentar um processo de divórcio, apesar de ter absoluta certeza de que Arthur e eu iríamos resolver essa questão o mais rápido que a situação permitisse. De qualquer modo, pela primeira vez em muito tempo, senti que eu não estava vivendo o pior cenário possível, e o pensamento me trouxe algum conforto.

— E o que você disse pra Michelle?

— O que eu poderia dizer? — Soltei uma risadinha irônica. — Eu planejei tudo e agora o centro de todo esse planejamento foi desfeito. Não posso deixar de trabalhar e meu salário, certamente, não é o bastante para todas as contas que virão com Maria. Sendo sincera, não tenho nem certeza se vai ser o suficiente para arcar com a manutenção desse apartamento e todas as despesas que agora são só minhas. Eu não sei o que fazer. Que tipo de mãe eu sou tendo esse tipo de pensamento? — questionei, exasperada, soltando a mão de Kimberly e afundando meus cotovelos sobre a mesa em seguida, apoiando a cabeça em minhas mãos, desolada.

— Um tipo maravilhoso que só quer o melhor para o seu bebê — Kim murmurou, tocando meu antebraço carinhosamente, tentando me passar conforto. — Nós vamos dar um jeito, Lorena. A gente *sempre* dá um jeito.

— Dessa vez é diferente. Meu mundo está desmoronando bem em cima da minha cabeça e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. *Absolutamente nada*.

— Ei, nada disso! — Kim protestou. — Olha pra mim. — Quando não o fiz, ela levou uma de suas mãos até meu queixo, obrigando-me a fitá-la. — Eu sei que você e Arthur estiveram juntos por muitos anos e que pode estar parecendo difícil, agora, ver uma solução pra todo esse tumulto. Acontece que ele não é o seu mundo, apesar de ter sido parte dele por bastante tempo. E quer saber? A partir de hoje nós não tocamos mais no nome daquele... — Hesitou, e, se eu bem conhecia Kim, isso se devia ao fato de ela estar procurando um xingamento que ofendesse só a ele e isentasse Carmem de culpa. — ... *canalha!* — cuspiu e fez careta, demonstrando não estar contente com a escolha de

palavras. — Enfim, agora vamos focar em resolver sua situação financeira.

— Claro — concordei com falsidade, bufando em seguida. — E como vamos fazer isso, exatamente? — Ergui as sobrancelhas, instigando-a, esperando pelo momento em que sua expressão murcharia quando as ideias lhe faltassem.

Contudo, não foi bem o que aconteceu. Todo o rosto de Kim se iluminou, e ela fez algo que lhe era muito típico e eu não estava certa se saberia como explicar. Ela estalou os dedos. Não do modo que fazemos quando estamos entediados ou simplesmente queremos relaxar as articulações, se é que isso existe. Tratava-se do som característico de quando atritamos o dedo do meio e o polegar. Kim fez exatamente isso, e o som culminou também em seu dedo indicador apontando para mim. *Estalo e dedo em riste*, era algo que Kim sempre fazia quando tinha uma ideia brilhante. Ou quando julgava ter tido uma, de qualquer modo.

— Posso falar com a minha chefe, ela está procurando alguém com as suas características...

— Kim... — eu a interrompi, levantando uma das mãos com a palma de frente para o rosto animado de minha amiga, reforçando com o gesto o pedido que estava prestes a fazer — não me leve a mal, mas sou professora do jardim de infância, não vejo como minhas habilidades possam ser úteis numa firma de advocacia.

Não era desdém, era apenas... a realidade. O salário de Kimberly era mesmo fenomenal, porém, eu não tinha habilidade alguma para trabalhar como secretária. Ou paciência. Ficar trancada em um cubículo nunca foi meu objetivo de vida.

— Não numa firma de advocacia, Einstein! — ela retorquiu do modo ácido que lhe era tão intrínseco, rolando os olhos. — Será que posso terminar de falar sem ser interrompida? Obrigada! — continuou, sem nem mesmo esperar por uma resposta. E, sendo franca, eu a conhecia bem demais para sequer cogitar que aquela pergunta não era retórica. — Heather Hardman está procurando uma babá para a sobrinha dela. A família precisa de alguém que cuide da criança na casa deles, porque acham que ela é muito novinha pra passar tanto tempo fora. Pensa comigo, o salário deve ser incrível! — falou animadamente, batendo palminhas e tudo o mais, fazendo-a parecer uns quinze anos mais nova do que de fato era.

— E eles nunca ouviram falar em agência de empregos?

— Você já ouviu falar em cinco babás demitidas quando a criança ainda nem aprendeu a falar? — devolveu, elevando uma das sobrancelhas em pura zombaria.

— Cinco? — Arregalei os olhos, estupefata, meneando a cabeça logo após. — Kim, esqueça, essa família deve ser louca! Já estou lidando com problemas

suficientes, não preciso acrescentar pais surtados à lista.

— Não se trata de *pais* surtados, essa é a questão. O irmão de Heather é pai solteiro, cuida da menina sozinho e tem que trabalhar. Precisa de alguém que o ajude, e as moças que contrataram até então, bem... — Ela torceu o lábio, lançando-me um olhar enviesado enquanto hesitava.

— O que tem elas?

— Meio que não conseguem se conter perto dele. — Sacudiu os ombros, cotovelos flexionados ao passo que ela incorporava sua expressão de “fazer o quê?”. — Mas preciso admitir, o cara é bem bonito. Até eu me candidataria a babá — brincou, com uma piscadela.

— Não sei, não. — Movi a cabeça de um lado para outro, mostrando dúvida, e cruzei os braços, tornando a apoiar as costas no espaldar da cadeira. — Isso me parece muito estranho.

— Não tem nada estranho — retorquiu. Todavia, ponderou por um instante antes de prosseguir: — Tudo bem, talvez seja um pouquinho estranho todo esse rodízio de babás — concedeu. — De qualquer modo, não temos nada certo, no momento. Façamos assim: converso com Heather, falo de você, da sua disponibilidade e do seu amor incondicional por crianças. Se ela gostar da propaganda, quiser te conhecer e acabar lançando uma proposta, você analisa o trabalho, a remuneração e vê se vale a pena deixar os seus alunos para se dedicar apenas a uma criança. Que tal?

Ali estava. A animação que só ela era capaz de esboçar em meio a um oceano de incertezas. Geralmente, seu bom humor sempre me contagiava. Mesmo assim, ali, sentadas à mesa do café da manhã com minha xícara de café frio logo à minha frente, eu não conseguia encontrar meu otimismo em lugar nenhum.

— Lola — ela chamou, a expressão alegre dando lugar a uma bem mais próxima à qual eu vinha esboçando —, eu sei que não é grande coisa, mas é um pequeno passo no longo caminho que temos que percorrer se quisermos trazer Maria para casa.

Maria. A simples pronúncia do nome fazia meus olhos se encherem de lágrimas e minhas entranhas se transformarem em nó de marinheiro de novo. Desviei o olhar, cansada de ter Kim assistindo ao meu choro dia após dia, apesar de saber que era inevitável. Tudo machucava, doía, e eu me perguntava como era possível, para mim, amar tanto uma pessoa cujo rosto eu não conhecia e nem sequer havia gerado.

Sem resposta para essa pergunta, em específico, acenei ligeiramente para Kim, dando-lhe sinal verde para que fizesse o que precisava ser feito.



Quando adentrei a firma *Hardman Dawson*, o nervosismo que se instalou dentro de mim, quando Kimberly ligou avisando que Heather Hardman concordou em me ver, cresceu exponencialmente.

Alisei minha saia lápis preta, mal me equilibrando sobre as sandálias de salto. Conferi, pela milésima vez, se o número de botões abertos de minha camisa social branca não era exagerado e, por fim, dei passos pouco confiantes até a recepção, segurando tão firmemente minha bolsa a tiracolo que os nós dos meus dedos deviam estar brancos pelo esforço.

Por um momento, obriguei-me a esquecer a mensagem de voz que deixei para Michelle, dois dias antes, à qual ela jamais respondeu. Foi uma atitude precipitada e eu deveria ter esperado uma boa notícia para lhe dar, antes de telefonar com as mesmas perguntas de sempre sobre Maria. Enxotando tais ponderações para o fundo da minha mente e cheia de inseguranças, optei por mandar uma mensagem para Kim, em vez de arriscar minha sorte com a recepcionista ao telefone.

“Já cheguei, onde você está?”

“Já está no prédio?”

“Não, já cheguei, mas ainda estou em casa... óbvio que estou no prédio. Vem logo!”

“Estou indo, alteza.”

Enfiei o celular de volta na bolsa, soltando uma risadinha pela resposta de

Kimberly. Alteza! Quem me dera. Se eu fosse mesmo, não estaria ali alisando minhas roupas a cada segundo, checando a limpeza delas e surtando com o esmalte descascado na pontinha da minha unha do mindinho.

Quando vi Kim, tão bonita e confiante em seu vestido tubinho de cor azul — que ela chamava de lápis-lazúli —, senti como se toda minha produção tivesse sido por nada. Eu estava arrumada, sim. Elegante, até. Mas segura de mim... não. Nem um pouquinho mesmo.

— Pronta? — foi o que Kim me perguntou, logo depois de me abraçar, segurando em meus braços enquanto me encarava.

Se fosse qualquer outra pessoa ali, que não Kimberly Rogers, eu teria vestido meu melhor sorriso, acenado em concordância e a acompanhado. Porém, era Kim. A minha Kim. Mentir para quê?

— Não.



— Você tem noção de quão trabalhoso seria ficar responsável por uma criança de segunda a sexta, durante todo o horário comercial? Sempre ao dispor dela, pronta para atender aos chamados e todas essas coisas? — Heather Hardman perguntou, e eu devo ter demorado demais a responder concomitante à minha análise do quanto ela se parecia com uma estrela hollywoodiana, já que ela tombou a cabeça, analisando-me, erguendo as sobrancelhas como se me apressasse a falar algo.

— Cla-claro — gaguejei em resposta, chutando-me internamente por não conseguir pronunciar um mísero dissílabo sem me atrapalhar toda pelo caminho.

Se Kim estivesse aqui, provavelmente teria revirado os olhos, desviado o olhar e escondido o rosto para não assistir a mim, da primeira fila, passando vergonha.

— Sou professora no jardim de infância — apressei-me em completar. Um dissílabo tartamudeado não era exatamente o tipo de resposta que me daria um emprego, certo? — Acredito que Kimberly tenha lhe dito. Bem, tenho muita experiência com crianças, sei lidar com elas, isso não será um problema.

— Entendo — ela murmurou com calma, lançando um sorriso complacente

que mais parecia ter saído de uma propaganda de creme dental. — Todavia, não é disto que estamos falando. — Ela se inclinou sobre sua mesa de vidro, os dedos longos cruzados sobre ela, enquanto sua atenção era toda minha e seus bonitos olhos azuis, que chamavam logo a atenção, me analisavam. — Juliet, minha sobrinha, tem apenas treze meses de idade. Ela usa fraldas, tem um vocabulário com menos de dez palavras, é 100% dependente e vai sugar todas as suas energias. Não é nada como os seus alunos, senhorita Rodrigues...

— Lorena — eu a interrompi, mordendo o lábio em seguida, sem saber se deveria tê-lo feito.

— Como disse?

Hesitei por um momento, engolindo em seco, sentindo o suor se acumulando nas palmas de minhas mãos. Disfarçadamente, enxuguei a umidade na minha saia, abrindo um sorriso que demonstrava uma confiança fajuta antes de voltar a falar.

— Disse que pode me chamar de Lorena, se assim desejar, senhorita Hardman.

Ela acenou em concordância uma vez, reclinando-se contra a cadeira confortável onde estava sentada, movimentando-a levemente de um lado para o outro ao passo que me analisava.

— Eu digo todas essas coisas sobre a descrição do seu trabalho, sem citar o montante que você vai receber por ele, e tudo o que me diz é que devo chamá-la pelo primeiro nome. É isso mesmo?

Assenti levemente, insegura até o último fio de cabelo. Eu deveria falar alguma coisa? Ou só esperar que ela falasse? Eu não sabia. Era fato que eu estava calada há tempo demais, porém, Kimberly me disse que descrição era uma característica importante naquele trabalho... eu deveria começar sendo discreta desde a entrevista?...

Que droga, Lorena!

— Eu tenho sobrinhos — decidi dizer, tentando mascarar parte da minha insegurança. — Onze sobrinhos, sendo bem exata. — Hesitei um instante, ponderando se aquelas informações eram o suficiente ou se deveria continuar. Como a senhorita Hardman não deu a entender se falaria algo, prossegui: — Sou a mais nova de cinco irmãos. Sob essa perspectiva, onze não é um número tão alto assim. Fui babá deles. De todos eles, na verdade. Sei bem como cuidar de uma criança e gosto de fazê-lo. A pouca idade de Juliet não será um problema para mim.

Certo, agora cale a boca, por um momento, você falou o bastante...

— Entendo — foi tudo o que ela disse, acenando num singelo movimento de cabeça.

Oi?! , meu lado ácido berrou para mim dentro da minha cabeça. Você fala por uma hora e meia e ela só diz “entendo”? Esquece, recolha nossa dignidade e vamos embora, esse emprego não é nosso.

Mesmo com meu lado pessimista aflorado, permaneci ali, estática, encarando a bela mulher à minha frente num jogo silencioso de quem iria desviar o olhar primeiro. Ela tinha muitas chances de ganhar, até porque, meu constrangimento já estava alto o bastante para fazer com que eu sentisse minhas bochechas ardendo e tingindo-se de escarlate.

— Você tem filhos?

Ah, não!, foi meu primeiro pensamento, segundos antes de eu engolir em seco. Remexi-me em meu assento, desconfortável com a pergunta, com o fato de estar e ali e até comigo mesma.

— Não, senhorita — respondi simplesmente, bem mais rápido do que julguei ser possível.

— Mas se gosta tanto de crianças, por que nunca...

— Tive um aborto espontâneo, há alguns anos, e já não posso gerar. Meu útero é inóspito para um feto. Estou na fila para adoção, no entanto, só não tive muita sorte, até o momento. — Abri um sorriso amarelo, sentindo o alívio que as palavras proferidas me trouxeram. Eu não me abria com estranhos, nunca, sob nenhuma hipótese. Não mesmo! No entanto, ali, as informações apenas saíram.

Pensei em Maria, e foi uma surpresa sem tamanho notar que não considerei falar nada como algo garantido.

Porque não é, a vizinha no fundo da minha mente me sussurrou.

E era verdade. Se não fosse, o que diabos eu estaria fazendo ali, naquela pseudoentrevista, sentindo-me acuada até o último nível?

Heather Hardman se mexeu na cadeira à minha frente, parecendo pouco à vontade. Estendendo uma de suas mãos, pegou uma caneta que parecia ser banhada a ouro de dentro de um suporte sobre sua mesa, girando o material entre os dedos, batendo com ele de leve contra o móvel à sua frente. Seu olhar pousou sobre mim e, depois do que pareceram horas intermináveis, ela finalmente disse:

— E o que a motiva a procurar este emprego? Já não está feliz com o jardim de infância?

Ótimo. Um assunto mais ou menos seguro. Voltamos ao profissional, certo?

— Estou sim, mas é claro. Acontece que... — *Rá! Nem tão seguro assim, ao que parece...*

Pigarreei, sem saber muito bem como prosseguir “sem partilhar informação privilegiada”, como Kimberly chamou meu possível salário, caso eu fosse aceita.

Desculpe, Kim, sussurrei em pensamento, esperando que, num futuro bem próximo, pudesse usar tal argumento para explicar para minha melhor amiga o

instante exato em que fiz tudo o que ela me disse que não deveria fazer.

— Meu noivo e eu estávamos no meio de um processo de adoção — comecei por fim, após uma respiração longa e profunda. — Mas ele me deixou e, agora, eu preciso provar para a moça que está gerando a minha filha que posso cuidar dela, caso contrário... — Dei de ombros, afinal, não era preciso ser um gênio para saber como aquilo terminaria. — Kimberly mencionou que o salário que sua família está disposta a pagar pode ser mais do que ganho atualmente — retomei, ignorando o caroço formado em minha garganta —, por isso concordei em vir até aqui, tentar a sorte.

Se Heather Hardman pareceu pouco confortável, minutos antes, não era bem isso que eu estava “capitando” de sua expressão séria no momento em que terminei de falar. Seus olhos se fixaram nos meus, e o que pude perceber foi um olhar simpatizante, algo que estranhei. Algo que estranhei muito, muito mesmo. Estava longe de ser pena, o que eu via ali, caso contrário, eu me sentiria encolher naquela cadeira. Em vez disso, era quase como se eu estivesse recebendo um tapinha nas costas de uma amiga de longa data, congratulando-me por alguma coisa.

— Perfeito — ela disse por fim, abrindo um sorriso diferente de todos os que já vi até então. Aquele era mais... cálido, de verdade. Não só por educação. E eu gostei. — Eu vou entrar em contato com o meu irmão para marcarmos um dia, a fim de eu te levar até a casa dele. Gostei muito de você, Kimberly não exagerou em nada em todos os elogios.

Nós se desatando dentro de mim. Foi o que senti. O que era engraçado, porque eu costumava saber bem quando estava um emaranhado em meu interior, e não havia percebido que era assim que me sentia, até então.

— Tem apenas um porém... — retomou baixinho, tombando a cabeça e fitando-me sob os cílios longos.

Meu sorriso morreu antes mesmo que eu pudesse esboçá-lo, e o alívio que eu sentira começou a se esvaír pouco a pouco.

— Estou ouvindo — respondi, e por um milagre a frase não se cortou em mil pedaços graças ao meu gaguejar nervoso, que já me era de praxe.

— Se a minha mãe perguntar, e ela *vai* perguntar... — garantiu, a ênfase não passando despercebida — você e o seu noivo estão em processo de adoção. Nada de termos. Nada que possa indicar, mesmo que remotamente, que você está disponível para um envolvimento amoroso.

Arregalei os olhos, incrédula. Era como estar de frente para Kimberly outra vez, ouvindo sobre todos os atributos do senhor Hardman, irmão de Heather, enquanto assistíamos a mais um episódio de *Friends*.

— Não estou disponível para um envolvimento amoroso, não é por isso que

estou aqui — apressei-me em dizer. Talvez tenha parecido que eu estava me defendendo de alguma acusação, mas eu não me importava. Eu meio que estava mesmo.

— Eu sei disso — ela me assegurou, lançando-me um novo sorriso e reforçando o que dizia com um aceno de cabeça. — Apenas quero me certificar de que minha mãe também saiba. Você vai entender melhor no momento em que conhecê-la, acredite em mim. — Então me lançou uma piscadela, como se mentir sobre aquilo não fosse nada de mais.

Mas para mim era. Eu não queria fingir que Arthur e eu ainda éramos um casal. Não quando a imagem dele e de Piper como a família do ano era a primeira coisa que me vinha à cabeça quando eu pensava nele. E a verdade era que eu pensava nele com frequência, porque, mesmo que me odiasse por isso, eu ainda não havia encontrado o botãozinho de “matar o amor após uma traição” que, supostamente, deveria ter vindo no “pacote Lorena”. Talvez eu fosse mesmo muito defeituosa e só estivesse descobrindo minhas falhas de fabricação por agora: estéril, cega para o óbvio, apaixonada por um traidor... eu só esperava que a lista de defeitos não fosse assim tão extensa.

— Tudo bem — sussurrei para a mulher à minha frente, que, ávida, esperava por uma resposta minha. — Como achar melhor, senhorita Hardman.

— Por favor, me chame de Heather — pediu, estendendo sua mão para mim, a fim de selarmos nosso acordo.



Era muito estranho que eu me sentisse tão à vontade com alguém que mal conhecia? Eu achava que não, apesar de algo dentro de mim insistir para que eu não me *abrisse* tanto com Heather, como vinha fazendo.

Heather.

Sempre achei tão engraçado que Kim chamasse a chefe pelo primeiro nome, e ali estava eu, fazendo exatamente o mesmo, dentro de um Audi luxuoso, com Jessie J cantando uma música cuja letra eu mal conhecia, enquanto ria de Heather me contando como foi a primeira vez que ela precisou trocar a fralda da sobrinha.

A *Hardman Dawson* foi nosso ponto de encontro e, de lá, seguimos até a casa que o irmão de Heather e sua sobrinha dividiam. A senhora Hardman também estaria presente. De acordo com Heather, ela iria garantir que eu era boa o bastante para Juliet e que não me insinuaria para o pai da garotinha. A princípio, fiquei apreensiva, contudo, concluí que seria melhor esvaziar minha cabeça das preocupações e me ater a mostrar para todos eles que eu poderia muito bem cuidar da pequena Juliet.

Já de frente para a casa onde eu iria trabalhar, se tudo corresse como o planejado durante aquela visita, não pude evitar que um pequeno “*uau!*” irrompesse por meus lábios. O lugar era enorme, com uma piscina de água cristalina, fachada imponente e um jardim bem-cuidado para completar a cena. O cenário era parecido ao das mansões de luxo que apareciam nos seriados que eu assistia na Netflix, exceto pelo fato de ali não estar acontecendo uma festa repleta de mulheres bonitas e trajando biquínis, com bebidas nas mãos... ou a cena de um assassinato na piscina e detetives de homicídio cercando o local e fazendo perguntas.

Sacudi a cabeça, como se, desse modo, fosse capaz de espantar os pensamentos desconexos. Eu precisava de foco e confiança, não devaneios. Aquele momento era muito importante para mim. Decisivo, eu diria. Jamais seria capaz de me perdoar se eu estragasse tudo.

Heather me lançou um sorriso acolhedor, assegurando-me, pela milésima vez, de que tudo daria certo, afinal, ela estava ali comigo e garantiria que tudo seguisse conforme o planejado.

No momento em que pus meus pés na sala de estar, os sinais de que ali morava uma criança já saltaram aos olhos. Havia um berço portátil, vazio de bebê e abarrotado de brinquedos, bem no meio do cômodo, ao lado da mesinha de centro, entre um sofá e outro. No chão, um bichinho de pelúcia que Heather se ocupou em pegar e depositar dentro do bercinho. Em seguida, ela me indicou o sofá de dois lugares, para que eu me sentasse, e assim o fiz. Enquanto ela desaparecia escada acima, a fim de chamar o irmão e a mãe, eu me ocupei em analisar o que estava vestindo, porque era o que eu fazia quando estava extremamente nervosa e insegura.

Odiando o fato de ter usado a roupa ideal para aquela ocasião no dia em que fui à *Hardman Dawson*, bufei de desgosto ao encarar meu vestido tubinho na cor na bege, uma das peças mais sem graça que havia no meu guarda-roupas. No entanto, eu tinha que ter em mente que deveria parecer o menos atrativa possível aos olhos da senhora Hardman. *Comprometida, desinteressante e talentosa com crianças...* era isso que ela precisava enxergar em mim, de acordo com Heather.

O barulho de vozes vindo do topo da escada fez com que eu endireitasse

minha postura, e eu não acreditava que alguma vez na vida minha coluna já tivesse estado mais ereta do que naquele instante. Sem ter coragem de erguer os olhos na direção do som, ajeitei um fio invisível que caiu do meu rabo de cavalo e, em seguida, pousei minhas mãos sobre meus joelhos, secando em meu vestido o suor que começara a brotar em minhas palmas.

A senhora Hardman foi a primeira a me saudar, estendendo-me a mão, a qual segurei, devolvendo o cumprimento.

— Adele Hardman — ela falou, e a voz de contralto soou firme e imponente. — Você deve ser Lorena Rodrigues. É um prazer conhecê-la, Heather falou coisas maravilhosas a seu respeito.

— Fico feliz em saber, senhora Hardman — eu disse honestamente, abrindo meu sorriso diplomático no momento em que nossas mãos desfizeram seu contato. — Me chame de Lorena, se preferir, a propósito.

Ela acenou levemente com a cabeça, concordando, apesar de eu achar que a olhadela que recebi não condizia muito com o gesto. De qualquer modo, não tive muito tempo para tentar interpretar as ações da senhora Hardman, já que, no instante seguinte, Heather depositou a garotinha mais adorável que já tive o prazer de vislumbrar no bercinho repleto de brinquedos. A menina deu um gritinho animado, agarrando-se ao ursinho que estava jogado no chão, no momento em que chegamos, e o sorriso que se abriu em meu rosto foi involuntário, enquanto eu lutava contra a vontade de ir até lá, pegá-la no colo e beijar as bochechas gordinhas e fofas intrínsecas a bebês.

— Vincent Hardman, muito prazer. — A voz rouca, grave e imponente veio acompanhada de uma mão estendida para mim. E eu deveria tê-la segurado, chacoalhado de leve, como manda a etiqueta, como fiz com Adele...

Contudo, tudo em que meu cérebro conseguia pensar... melhor: tudo que a voz irritante na minha cabeça conseguia gritar, da forma mais histérica possível, era:

Oh, meu Deus... oh, meu Deus! É Vincent King! Vincent King!



Anda, Lorena, segura logo a mão dele!

Foi o que eu fiz. De um jeito meio *completamente* descoordenado, forcei meu corpo petrificado a se mover e, enquanto apertava a mão do homem à minha frente, eu só conseguia imaginar como seria vê-la deslizando de modo frenético pelos teclados de um computador enquanto ele dava vida aos meus enredos favoritos de romance policial.

Mas estava errado... aquilo parecia muito errado *de verdade!* O rosto era o mesmo que eu estava acostumada a ver estampado nas orelhas dos livros, bem como o primeiro nome. Todavia, de que forma *Hardman* se transformara em *King*?

É uma coincidência, concluí por fim, sentindo meus ombros murcharem em desânimo. Poderia ser um sócio, não poderia? Era bem mais provável. O mundo era grande demais para que eu estivesse em uma entrevista de emprego com o meu autor favorito e best-seller do *The New York Times*.

— Ahn... será que você pode soltar a minha mão agora?

Ah, que droga!, resmunguei internamente, sentindo-me patética e não muito melhor do que todas as moças antes de mim que foram dispensadas porque não puderam se controlar em frente ao chefe.

— Desculpe, senhor Hardman, não foi a minha intenção, eu só... estou um pouco nervosa — confessei, na falta de algo melhor a dizer.

De súbito, o olhar de Adele sobre mim se tornou ainda mais incômodo, e senti minhas bochechas arderem em vergonha, a quentura irradiando desde a base do meu pescoço.

— Eu já disse que não precisa ficar nervosa, apenas relaxe — Heather falou ao meu lado, preocupando-se em afagar meu ombro, a fim de me confortar,

indicando-me o assento mais próximo a nós duas.

Eu me sentei com Heather ao meu lado. A senhora Hardman e seu filho se acomodaram à nossa frente, com expressões pouco felizes — para não dizer descontentes — e compenetradas.

— Então, senhorita Rodrigues, qual é mesmo a sua idade? — Adele questionou, enfatizando tanto o *senhorita Rodrigues* que concluí que pedir para que ela me chamasse de Lorena foi uma péssima ideia.

— Vinte e nove, senhora — respondi, e o olhar que recebi de volta não me deixou saber se a informação era mesmo relevante ou se ela estava apenas fazendo todas as perguntas de praxe.

— E qual sua ocupação atual?

— Dou aula para o jardim de infância. Eu...

— Então tem experiência com crianças, de fato — ela me interrompeu.

Balancei a cabeça em afirmativo, preparando-me para dizer algo. Porém, Heather foi mais rápida.

— Mãe, eu já fiz todas essas perguntas, gostei das respostas e por isso trouxe Lorena até aqui. Não tem nada realmente relevante que queira questionar?

Não me atrevi a fitá-la para sondar sua expressão, mas a julgar pela da senhora Hardman, esta não gostou muito da interrupção da filha.

— Certo, certo — concordou a contragosto, cruzando a perna direita sobre a esquerda e cravando seus olhos azuis profundos sobre mim. — Vinte e nove anos, sem filhos, solteira... — enfatizou, lançando uma olhadela para a minha mão esquerda e percebendo a falta de um anel de compromisso ou uma aliança de casamento. Eu odiava que ela fosse tão perspicaz. — Talvez formar sua própria família seja sua prioridade no momento, não? Você é tão jovem...

— Mamãe...

— Na verdade, senhora Hardman — intervim, por alguma razão, sentindo-me mal que Heather precisasse elaborar uma defesa para mim —, sem querer ofender, mas, durante toda a minha vida, escutei as pessoas dizendo que eu era nova demais para isso, nova demais para aquilo... — Dei de ombros, porque era mesmo verdade. — Não sou nova demais. Eu amo crianças, cuidar delas nunca foi e nunca será um problema para mim.

— Ainda assim, escolheu esperar para ter os seus próprios filhos. Ouça, querida, sei que trabalhar com o jardim de infância te deu uma boa experiência, no entanto, cuidar da minha neta requer muito mais disponibilidade. Ela é só um bebê, e é muito dependente. Tem noção de como seria?

De novo não, por favor, não!, a voz do meu subconsciente gemeu em desgosto, e, internamente, eu me encolhi em posição fetal enquanto me martirizava por precisar tocar naquele assunto mais uma vez.

— Não ter filhos não foi minha escolha. Cheguei a engravidar, mas sofri um aborto espontâneo. Não posso gerar.

Minha voz soou seca e inflexível até mesmo aos meus próprios ouvidos. Pela primeira vez, notei quando a expressão sisuda da senhora Hardman vacilou e seus lábios se entreabriram de leve. Meu olhar evitou focar o senhor Hardman, por alguma razão desconhecida. Eu preferia ignorar sua presença ali, provavelmente pela gafe de segurar-lhe por tempo demais.

— Oh... eu sinto muito — a senhora Hardman disse, e seu tom de pena foi uma facada em meu peito.

Diferente de me abrir com Heather, fazê-lo com a senhora Hardman incomodou e me deixou acuada. Meus olhos começaram a encolher involuntariamente, como se eu me fechasse dentro de um casulo, porém, demonstrar fraqueza não me faria bem algum, por isso ergui o rosto e empinei o nariz.

— Não sinta — murmurei de volta, tentando abrir um sorriso diplomático. — Causar pena jamais foi a minha intenção, só queria deixar claro que não gerar nunca foi uma escolha para mim. — Fiz uma pequena pausa, umedecendo os lábios ressequidos com a ponta de minha língua, um nó de marinheiro sendo moldado com minhas entranhas enquanto eu me preparava para contar uma mentira que ia contra tudo o que eu acreditava. — Na verdade, estamos na fila de adoção. Meu noivo e eu. — Adele Hardman ergueu as sobrancelhas, em surpresa, e eu me senti ainda mais suja pelas palavras que estava prestes a pronunciar. — Uma moça se interessou pela nossa ficha e decidiu nos entregar o bebê que ela está esperando. É uma menina e vai se chamar Maria.

Maria... o nome ressoou em meus pensamentos e não pude conter a onda de nostalgia que se espalhou em meu peito.

— Parabéns — foi o que a senhora Hardman escolheu dizer, parecendo bem menos avessa à ideia de ter-me ali do que a princípio.

— Obrigada.

— Mas temo que isso seja um ponto mais negativo... — ela ponderou, mais para si mesma, aparentemente. A cabeça tombou levemente, os olhos de um azul límpido igual ao de Heather me encarando atentamente. — Quer dizer, se você está prestes a ser mãe, o que vai ser da minha neta assim que a sua filha chegar?

É, Einstein! O que vai ser da pequena Juliet quando Maria chegar e você não conseguir soltá-la? Isso se ela chegar, claro...

Balancei a cabeça de leve, como se assim pudesse clarear a mente. Eu odiava ter aqueles pensamentos impróprios e mordazes o tempo todo, quase como se tivesse um alter ego que me odiava e adorava provocar.

— Bem... — comecei, sem saber ao certo o que dizer.

Que tal a verdade? Oh, não, espera, tarde demais pra isso!

— Nunca foi minha intenção trabalhar durante o primeiro ano de vida de Maria — confessei. Se eu precisava mentir sobre algo tão importante, tinha que me obrigar a ser honesta o máximo possível. — Eu estava decidida a me afastar do colégio. Mas... — *Meu ex-noivo vai ser pai do filho de outra, nós terminamos, e agora cada dólar é muito precioso!* Não. Eu não podia dizer isso. — Nosso orçamento está um pouco apertado — decidi dizer, em vez disso. — Meu noivo e eu acabamos de adquirir um apartamento e colocamos nele todas as nossas economias. O salário que vocês estão oferecendo aqui é muito, mas muito generoso, então pensei que eu pudesse unir o útil ao agradável. Talvez, por se tratar de uma situação tão informal, eu poderia trazer Maria comigo, se não for incomodar... — sugeri, dando de ombros e mordendo o lábio, esperando que eles não achassem uma ideia absurda, mesmo sabendo que provavelmente fosse.

— Um bebê? Aqui? Com Juliet? As duas sob sua responsabilidade? — A senhora Hardman ergueu uma sobrancelha para mim, aumentando meu já elevado desconforto.

Agir como se Arthur e eu ainda fôssemos noivos e estivéssemos esperando ansiosos pela chegada certa de Maria estava me matando. Minha vontade era de pedir desculpas e ir embora dali o mais rápido possível, porém não o fiz. Respirei fundo, calculando cada palavra que diria a seguir e torcendo muito para soar convincente.

— Sei como parece, senhora Hardman, mas, acredite, eu posso lidar com isso. Desde sempre, por toda a minha vida, eu cuidei de bebês. Dos meus sobrinhos, dos filhos de toda a minha vizinhança... quando eles precisavam de uma babá, a fim de sair num jantar romântico, ou simplesmente quando não conseguiam descobrir por que seus bebês não paravam de chorar, era a mim que eles procuravam. E é verdade que eu consegui essa entrevista me valendo da minha experiência com o jardim de infância, mas não é por isso que mereço esse emprego.

— Então por que é? — instigou, desnorteio estampando suas feições.

— Pelo simples motivo de que ninguém vai cuidar melhor da sua neta do que eu, e te dou a minha palavra — devolvi, e havia tanta certeza, tanta *verdade* em minhas palavras, que aquilo me encorajou a prosseguir com meu pequeno discurso. — Estar perto de crianças todos os dias, desde que saí da faculdade, é um excelente motivo para confiar Juliet a mim, não estou negando esse fato. Mas eu sou apaixonada por crianças desde que consigo me lembrar e acredito que esse seja o ponto decisivo, não?

Houve silêncio por algum tempo. Deveriam ter sido segundos, no entanto, eu os senti como horas, até que a senhora Hardman se moveu no sofá

confortável à minha frente, cruzando os dedos e os apoiando sobre um dos joelhos.

— Na verdade, eu...

— Eu não poderia concordar mais — Vincent Hardman a cortou. Ele esteve em silêncio por tanto tempo, que por um minuto ou dois eu até mesmo me esqueci de sua presença e de que era a ele que deveria convencer.

Não que Heather não tivesse me alertado, porém, eu precisava confessar que não acreditei que a senhora Hardman pudesse ser tão ferrenha como se mostrara.

— Quando Heather falou tão bem de você — ele prosseguiu, recebendo um olhar enviesado da senhora Hardman —, confesso que pensei que o desespero causado pelos rodízios nos cuidados de Juliet estava falando mais alto. Mas não, você é perfeita. Inteligente, articulada, sagaz e comprometida. Acho que você faria muito bem à minha filha. — Então ele sorriu, exibindo uma fileira de dentes brancos e perfeitos, o gesto se mostrando tão acolhedor que me senti até mesmo encabulada.

— Mesmo? — consegui perguntar, soando ansiosa e quase desesperada demais. Pigarreei, consertando minha postura enquanto ralhava comigo mesma internamente. — Quer dizer... sem sombra de dúvidas, eu daria o meu melhor — retifiquei, tentando soar mais profissional.

— Podemos fazer um dia de experiência, então? — ele sugeriu, arqueando as sobrancelhas. — Independente do resultado, você vai receber pelo dia trabalhado, não tem que se preocupar quanto a isso.

— Não estou preocupada — assegurei, reforçando o que dissera num meneio de cabeça. — Basta dizer quando e estarei aqui.

— Ahn... — Ele olhou para o relógio de pulso que trazia no braço esquerdo, logo depois, seus olhos azuis pousaram no meu rosto. Sua cabeça tombou para o lado levemente quando ele voltou a sorrir. — Que tal... agora mesmo? Eu tenho uma reunião importante de trabalho, minha mãe tem uma consulta com o médico e Heather...

— Nem sei por onde começar a nomear meus compromissos, para ser sincera — ela se manifestou ao meu lado, levando-me a fitá-la pela primeira vez desde que nos sentamos ali.

— E então? O que me diz? — o senhor Hardman questionou, roubando minha atenção para si novamente.

Observei os três rostos que me encaravam, e, por fim, meu olhar foi desviado para Juliet, entretida demais com seus brinquedos para dedicar um segundo de atenção sequer aos adultos que conversavam e decidiam sobre seu futuro.

— Podem ir para os seus respectivos compromissos. Fico feliz em tomar conta da pequena Juliet.



— E então? Eu cozinho bem?

Juliet me encarou com seus olhinhos doces que mais pareciam duas pedrinhas de safira. Um fio de espaguete pendia em seus lábios e ela o empurrou boca adentro com o auxílio de uma das mãos, esfregando-a no babador logo em seguida e retomando sua pseudomastigação.

Sorri para a cena, controlando minha vontade insana de beijar suas bochechas e apertá-la inteira num abraço.

Você é um caso a ser estudado, Lorena!, a vizinha chata no fundo da minha cabeça avisou, mas não lhe dei ouvidos. Eu não conseguia ter maturidade o bastante para estar perto de um serzinho tão lindo e inocente sem querer esmagá-lo com um abraço. Olhando por esse lado, eu meio que me assemelhava à personagem Felícia...

Rechaçando o pensamento, levei uma nova colherada de comida à boca de Juliet, que parecia ter gostado muito do almoço improvisado que preparei para ela e, ao contrário da maioria dos meus sobrinhos, não me obrigava a praticamente dar piruetas a cada nova porção de comida.

Após alimentar Juliet, passei algum tempo com a bebê ao ar livre, para que ela pudesse brincar um pouco na grama. Em poucas horas ao seu lado, aprendi que o ursinho marrom e um pouco gasto que vi jogado no chão, mais cedo, era seu brinquedo favorito, e eram raros os momentos em que ela decidia largá-lo para dar atenção a outra coisa.

Agradei o fato de ela não estranhar minha presença ou mesmo ficar chorosa ao ver o pai sair para trabalhar, mas então me lembrei de que cinco babás já passaram por ali, antes de mim, e desejei, de todo o coração, que nosso tempo juntas durasse. Por inúmeros motivos, dentre eles, estabilidade emocional para Juliet e financeira para mim.

Checando o horário no meu relógio de pulso, considerei que já estava perto da soneca da tarde de Juliet. Claro que a senhora Hardman não me deixou a sós

com a neta sem antes me passar uma lista com horário rígido que demarcava até mesmo os momentos em que eu deveria checar se a fralda de Juliet estava molhada. Senti-me um pouco ultrajada e desconfortável, sendo honesta, o que não significava que eu não a entendia. Se estivesse em sua posição, tendo que confiar os cuidados do meu bem mais precioso a uma completa estranha, eu também seria ao menos um pouco intransigente.

Lembrei-me das palavras da senhora Hardman e também de Heather, tentando alertar-me de todo o trabalho e dificuldade que cercavam o simples ato de tomar conta de Juliet, e não conseguia entender de onde elas tiraram que aquela criança seria capaz de fazer com que eu me desesperasse.

Era bem verdade que o vocabulário de Juliet era limitado e que ela não andava com muita destreza, contudo, era inteligente e até tivemos um pequeno diálogo acerca de seu ursinho de pelúcia. Eu não havia entendido uma única palavra do que Juliet dissera e deduzi absolutamente tudo o que murmurava, mas ela me encarava com tanta atenção e perspicácia que eu sentia que aquela conversa estava indo a algum lugar...

Depois de dar-lhe um banho caprichado, percebi que seus olhinhos se tornaram ainda mais pesados, e bastaram poucos minutos de uma canção de ninar e um abraço de seu brinquedo favorito para que Juliet começasse a ressonar tranquilamente em seu berço.

Minha vida estava uma bagunça e eu não fazia ideia de quando as coisas voltariam a entrar nos eixos. No entanto, ao estar ali com Juliet, assistindo-a dormir tranquilamente e escutando seus suspiros, fui inundada por uma sensação de paz que não experimentava há um bom tempo.



— Acha que pode voltar amanhã? — foi o que Vincent me perguntou enquanto eu recolhia minha bolsa, sobre o sofá, e me preparava para ir embora.

Eram quase 21h, ele parecia exausto, todavia, esboçou um sorriso singelo após seu questionamento. Eu o encarei, incrédula, sem ter certeza de que meus ouvidos captaram a mensagem real que saía de seus lábios.

— Voltar? — eu testei, na falta de algo mais inteligente que pudesse dizer.

Ele acenou em concordância uma vez, enfiando ambas as mãos nos bolsos de seu jeans e dando um passo em minha direção. Instintivamente, recuei outro, lembrando-me de não parecer emocionalmente disponível, o que de fato não estava.

— Prometo melhorar a questão dos horários, juro que não é sempre assim. Na maioria dos dias, eu nem mesmo saio de casa, trabalho aqui mesmo. Só preciso de alguém que me ajude a cuidar de Juliet para que eu possa focar 100% no trabalho.

— Então quer dizer... — A frase morreu no ar, para que ele a finalizasse.

Por dentro, no entanto, eu estava totalmente “*por favor, me contrate, por favor, me contrate!*”.

— Quer dizer que eu simplesmente concordo com todos os elogios que Heather fez e vou adorar se você ainda quiser ser a babá de Juliet. — Deu de ombros, esboçando tanta casualidade, provavelmente, ignorante à euforia que tomou conta do meu peito pelo fato de ter conseguido o emprego.

Poderia parecer insignificante, mas aquilo implicava tantas coisas... ficar perto de Juliet, a quem já estava afeiçoada, um salário melhor, a chance de prover uma vida confortável para Maria...

Maria...

— E quando a minha filha nascer? — apressei-me em perguntar, mordendo o lábio em apreensão. Ela era o motivo de eu estar ali, naquele exato instante, torcendo para que tudo desse certo e eu fosse escolhida para cuidar de Juliet.

— Se você garante que pode cuidar de Juliet e de um recém-nascido, quem sou eu para dizer o contrário?

Seu sorriso bonito se abriu de novo, e não pude conter o meu. O sangue brasileiro que corria por minhas veias queria abraçá-lo para dizer que aquele gesto significava o mundo inteiro para mim. Entretanto, me contive, e limitei-me a acenar em concordância.

— Nós nos vemos amanhã, nesse caso.

O senhor Hardman aquiesceu levemente com a cabeça, tateando em seu bolso até encontrar sua carteira e retirar algumas notas de lá de dentro, estendendo-as em minha direção.

— Esse é o pagamento pelo dia de hoje, amanhã começa o trabalho de verdade.

Meneei a cabeça, recusando a oferta, soltando um riso que esboçava o quanto seu gesto me parecia absurdo.

— Estarei aqui amanhã bem cedo, não se preocupe, sou extremamente pontual.

— Na verdade, nunca começo a trabalhar antes das 10h e gosto de passar

um tempo com Juliet. Por que não estabelecemos que esse vai ser seu horário oficial? — sugeriu, fazendo meu queixo pender um pouco. — Chegar às 10h não significa ir embora às 22h, se é o que está pensando... — ele brincou.

Apesar de acompanhá-lo no sorriso, eu não poderia negar que aquela foi uma preocupação real que me ocorreu. Eram muitas regalias, não havia como não ficar um pouquinho desconfiada que fosse.

— Certo — concordei, sem ter noção do que mais poderia dizer sem sair da linha profissional em que precisava me manter.

— Nós nos vemos amanhã, então. — Ele me lançou uma piscadela, e, mesmo sabendo que aquilo, nem de longe, poderia ser considerado um flerte, senti meu rosto queimar de embaraço. Então ele se foi, desaparecendo pela casa enorme e deixando-me ali, plantada bem no meio de sua sala de estar, sem saber ao certo como fazer minhas pernas se moverem depois de receber a notícia de que a ideia maluca e improvável de Kim de fato funcionara.

Girei sobre meus calcanhares, até que uma dúvida me ocorreu, fazendo-me hesitar em meio ao meu trajeto até a porta. Estaquei por um instante. Mordendo o lábio, pensei sobre o que fazer até me decidir que o melhor mesmo era procurar pelo senhor Hardman. Seguindo a mesma direção que ele e encontrando um corredor nem tão longo assim, eu o avistei enquanto espiava pela primeira porta com a qual me deparei, uma vez que ela se encontrava aberta.

Uau!, foi meu primeiro pensamento diante da biblioteca gigantesca que deixaria a Bela, de *A Bela e a Fera*, de queixo caído tanto quanto eu.

Você não acha que faz analogias demais a filmes infantis para uma mulher de quase trinta anos?

E ali estava ele. Meu lado ácido que nunca, sob nenhuma hipótese, me deixava em paz.

Ignorei o pensamento estúpido, batendo de leve à porta, a fim de anunciar minha presença.

Vincent Hardman se virou para me encarar, na mão, um exemplar espesso que identifiquei como sendo de Stieg Larsson.

Uhm... então ele lê...

— Algum problema? — ele quebrou o silêncio, quando não o fiz, ocupada demais encarando-o.

Por favor, que isso não se torne um hábito!

— Problema nenhum... — apressei-me em negar. — É só que... eu devo vestir algo em especial? — lancei, recebendo um erguer de sobrancelhas como resposta e só então notando a dubiedade por trás de minhas palavras. — Um uniforme... — corriji de pronto. — Vou receber um uniforme?

— Você quer um uniforme? — ele testou, enrugando o nariz numa

expressão divertida e desanuviando a tensão que ameaçara se formar.

Soltei um suspiro de alívio, relaxando os ombros.

— Bem, acho que sua mãe gostaria que eu tivesse um — apontei. A julgar pelo modo como Heather falara, eu tinha certeza de que a senhora Hardman adoraria me ver do modo menos atraente possível.

— É uma boa coisa que você vai trabalhar para mim, e não para ela. Honestamente, eu não me importo com o que você está vestindo, só preciso que cuide de Juliet para mim, enquanto escrevo.

Oi?

— Oi? — Dei voz ao pensamento, sentindo quando o sangue pareceu correr mais forte nas veias e meu coração deu um salto. *Não podia ser!* — Como assim, enquanto escreve?

— Eu sou autor — ele disse simplesmente, como se me dissesse que era um advogado, como a irmã, ou qualquer outra coisa. — Escrevo thriller, policial... à sua escolha. — Deu de ombros, banalizando ainda mais a informação, enquanto eu sentia que havia pouco oxigênio na sala, para que eu pudesse respirar normalmente.

— Autor? — testei, sem conseguir acreditar no que ouvira. — Do tipo que publica livros? Autor de verdade?

Ele soltou uma risada pirrônica, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, como se minha reação fosse... não sei. Eu não estava raciocinando muito bem para saber ao certo o que se passava pela cabeça dele.

— Aposto que pareço bem mais inteligente agora, huh? — gracejou, lançando-me uma nova piscadela. E se antes eu fiquei rubra de vergonha, agora sentia que minhas pernas eram feitas de gelatina. — Sabia que, quando você me viu pela primeira vez e ficou toda estática, parecendo uma estátua de gesso, eu pensei que você tivesse me reconhecido? — Ele fez um som engraçado com a boca, como se a ideia fosse absurda demais, em especial dita em voz alta.

Ah, mas você não tem ideia!

— Eu... — tentei falar, porém, foi em vão.

— Eu sei, eu sei — ele me cortou, fechando o livro que trazia nas mãos e devolvendo-o à estante, acenando em descaso logo após. — É que o título de *best-seller do New York Times* e os milhões de exemplares vendidos, às vezes, me dão a impressão de que meu fã-clubé é um pouco maior do que de fato é. Mas logo entendi que você só estava nervosa com toda a situação. Eu também ficaria, se tivesse que enfrentar um interrogatório da minha mãe.

Aquele era o momento exato de falar algo inteligente. E profissional, acima de tudo. Talvez parabenizá-lo pela carreira ou concordar que enfrentar a senhora Hardman foi o que me deixou com os nervos à flor.

— Mas... pensei que todos os Hardman tivessem seguido carreira jurídica — foi o que saiu por meus lábios, em vez da coisa mais sensata a se dizer.

Eu não podia me ver naquele instante, contudo, poderia apostar que a estupefação estampada em meu rosto era inegável.

— É, seria o mais comum — ele concordou, parecendo desconfortável pela primeira vez. — Eu bem que tentei. Me formei em Direito, em Harvard, como meu pai queria, mas... não. — Ergueu os ombros num gesto displicente, diminuindo a importância das informações que acabara de compartilhar comigo. — Por isso deixo o sobrenome da família fora dos meus livros e assino com o sobrenome de solteira da minha mãe. Na literatura, sou Vincent King.

Meus olhos se arregalaram, meu queixo pendeu e apoiei-me na parede, com medo de cair, graças às minhas pernas inúteis. Minha boca se abriu, todavia, nenhum som a deixou.

Vincent voltou a mexer na estante, porém, meus olhos não estavam focando direito, e não consegui discernir o que ele segurava em uma das mãos e caminhava até mim.

— Aqui, um exemplar — disse e me estendeu a primeira edição de seu livro mais recente, idêntico ao que eu possuía em casa e com o qual já passara uma noite toda acordada, enquanto o lia. — Para quando você não tiver nada melhor para fazer.

— E-eu... — Ensaiei uma resposta, busquei na mente qualquer coisa que pudesse dizer. *Qualquer coisa*. Mas não fui muito além de um gaguejar.

— Não precisa ler, se não fizer o seu estilo.

— Não é isso, é só que... — Hesitei. Só que o quê?

Só que eu já li esse livro...

Só que eu já tenho esse título...

Só que sou sua maior fã e tenho tudo que você já lançou até então...

— Uau! É meio estranho dar um exemplar do meu livro para alguém que não quer. Geralmente, as pessoas só... *pedem*.

Ah, que ótimo! Agora ele acha que você não gosta de ler! Pior ainda! Agora ele acha que você só lê Nicholas Sparks!

— Eu não leio só Nicholas Sparks! — defendi-me, percebendo tarde demais que cometera um erro tremendo ao dizer aquilo em voz alta.

— Nem eu disse isso — ele devolveu, franzido o cenho enquanto me encarava como se achasse que eu tinha graves problemas mentais.

— Então as pessoas te pedem livros? — desconversei, cruzando os braços em frente ao peito, tentando representar o papel de alguém centrado e profissional. Tudo que eu não estava sendo. — Pessoas aleatórias? Na rua? — insisti, no rosto uma expressão de quem estava atenta à sua resposta, quando

tudo o que eu queria era agarrar aquele exemplar e implorar por um autógrafo.

— Não, certamente não assim — ele negou, também num meneio de cabeça. — Mas... as babás de Juliet, algumas delas... — Titubeou por um instante, parecendo desconfortável. — A situação toda ficou um pouco estranha. Veja bem, eu não estou dizendo que sou um astro de Hollywood nem nada do tipo, é só que elas eram fãs. E fãs tendem a perder a cabeça quando encontram o ídolo e têm contato contínuo com ele. Gosto muito que você não tenha ideia de quem eu sou.

— Absolutamente — apressei-me em dizer. Pronunciei com tanto ímpeto, que a voz se elevou mais do que deveria, fazendo com que Vincent se sobressaltasse. — Não faço a menor ideia de quem você seja — continuei, controlando o tom para não parecer mais uma de suas fãs desesperadas e negando até a morte meu pertencimento à categoria. — Quer dizer, agora faço, mas só porque você fez o favor de me explicar. Caso contrário... — Dei de ombros, forçando um riso, e Vincent *King* Hardman estreitou os olhos para me fitar. — Você não vai autografar? — questionei, apontando para o livro em sua mão ao passo que fingia total indiferença.

No fim das contas, eu que merecia me tornar uma estrela hollywoodiana por toda aquela encenação...

— Nem começou oficialmente no trabalho e já está fazendo troça, é isso mesmo? — Ele ergueu as sobranceiras de modo irônico.

— O quê? Não! Só achei que vocês, autores, gostassem dessas coisas. Só isso — desconversei, mordendo a ponta da língua antes que ela me traísse e acabasse implorando um autógrafo ali mesmo.

Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse incrédulo com meu pedido, e, então, caminhou até a mesa mais ao fundo, apenas para buscar uma caneta, e me congratulei por não oferecer-lhe a que eu sempre carregava na bolsa. Porque, se o fizesse, pareceria um pouco desesperada, certo?

Vincent não procurou apoio na mesa para autografar o livro. Enquanto caminhava de volta até mim, segurando o exemplar aberto com apenas uma das mãos e apoiando-o no próprio antebraço, ele fez a caneta deslizar sobre o papel pólen por tempo demais para estar assinando apenas seu nome.

— Aqui — ele disse, após fechar o livro e entregá-lo a mim. Vencida pela curiosidade, eu abri meu mais novo exemplar autografado, ávida para saber o que havia escrito ali. — Ei! — ralhou, fechando o livro com uma das mãos ao passo que me encarava seriamente. — Não se lê o autógrafo na frente do autor. A gente não gosta. — Então, mais uma vez, ele me lançou uma piscadela, esboçando um sorriso indefectível que só julguei ser possível em fotos com uso de Photoshop. — Boa noite, Rodrigues.

— Boa noite, senhor Hardman — murmurei de volta para ele, girando 180° enquanto me encaminhava para ir embora dali, apertando contra o peito meu tão sonhado exemplar autografado por Vincent King.

Hoje é seu dia de sorte, Lorena!



Vincent possuía covinhas nas bochechas e seus olhos esboçavam pequenas rugas quando ele sorria, algo que fazia constantemente. Em geral, a aparição de seus dentes brancos era automática sempre que ele vislumbrava Juliet, deixando claro que ela representava o mundo inteiro para ele. Como o pai, Jules também adorava sorrir, mas, diferente dele, não tinha tantos dentes assim para deixar à mostra, o que não diminuía em nada a beleza e a veracidade do gesto.

Após duas semanas inteiras convivendo com ela praticamente todos os dias, eu sempre costumava fazer algo para provocar uma de suas gargalhadas gostosas e contagiantes, porque não havia infelicidade no mundo capaz de resistir àquele som banhado de alegria. E a verdade era que eu precisava de todos os artifícios do mundo para que meus pensamentos não migrassem para coisas negativas. Óbvio que eu ainda pensava na minha situação com Maria, e a recusa de Michelle em atender os meus telefonemas ou mesmo retornar minhas mensagens não facilitava as coisas, porém, estar constantemente perto de Juliet me ajudava a ter pouco tempo para sentir pena de mim mesma.

— Rodrigues, você ainda está aí? — Vincent perguntou, estalando os dedos em frente ao meu rosto, exigindo minha atenção enquanto estendia uma Juliet completamente molhada em minha direção.

— Desculpe, senhor Hardman, eu me distraí por um momento, não vai se repetir — apressei-me em dizer, trazendo Juliet para os meus braços sem me preocupar com o fato de ela estar grudenta graças ao suco que derramara.

Era impressionante como ela se comportava comigo, sem exceção, ao passo que provocava acidentes quando o pai tentava alimentá-la. Realmente acreditei que tudo corria bem, daquela vez, com nós três sentados à mesa da cozinha, Jules em sua cadeirinha enquanto o pai fazia aviõezinhos para que ela

concordasse em abrir a boca e almoçar, mas eu estava equivocada, ao que parecia.

— Por que ela sempre precisa fazer isso comigo? — ele reclamou, e foi impossível não sorrir de sua expressão de desgosto.

Caminhando com Juliet no colo de volta à sala, onde eu havia deixado a bolsa que levamos ao nosso passeio pelo parque, no período da manhã, eu a posicionei sobre um trocador de plástico e comecei a despi-la da roupa encharcada de suco, escutando o barulho da torneira da cozinha.

— Em defesa de Juliet, ela fez isso a si mesma, o senhor não passou de um efeito colateral — brinquei. Poderia soar estranho, contudo, apesar da formalidade ao sempre chamá-lo de senhor Hardman e tê-lo usando meu sobrenome para se referir a mim, agradecer era algo que eu me sentia à vontade para fazer na presença dele. Contanto que a senhora Hardman não estivesse por perto, claro.

— Essa é a terceira camisa arruinada apenas essa semana, graças ao fato de eu ser repetidamente um *efeito colateral* — resmungou, mesmo que, no fundo, ele não se importasse realmente com quantas camisas fossem destruídas, contanto que o sorriso de Juliet ainda existisse.

E ele existia. Logo ali, à minha frente. Ela soltou gritinhos animados enquanto remexia as perninhas, inquieta, concomitante à minha tentativa de limpá-la com a ajuda de lenços umedecidos.

— Não se preocupe, eu vou dar um jeito na sua camisa e prometo que ela vai ficar novinha em folha.

O barulho de água na cozinha cessou e, em seguida, escutei passos em direção ao local onde eu estava com Juliet. Escutamos, na verdade, já que ela girou o rosto e abriu um lindo sorriso de poucos dentes, remexendo-se e dificultando o processo de fechar sua fralda descartável.

— Tudo bem, deixa para lá — Vincent murmurou em tom de descaso, perto o bastante para que eu sentisse sua presença às minhas costas. Havia vestígio de um sorriso em sua voz, de modo que me virei para fitá-lo.

Eu gostava de vê-lo sorrindo. Era... *diferente*. Ainda que eu não tivesse ideia do que diferente significasse nesse contexto. No entanto, eu não estava preparada para vislumbrar seu torso nu a menos de um metro de distância de mim. Talvez tenha sido o fato de ele ser meu chefe, ou o fato de ser meu autor favorito em todo o mundo, quem sabe o fato de eu ter estado apenas com Arthur pela última década e nem mesmo me lembrar de como era ter outro homem seminu tão perto de mim, mas... eu resfoleguei. Ao menos acreditava ter resfolegado. Senti o calor se apossando de meu rosto e eu poderia jurar que estava tão vermelha quanto um pimentão bem maduro. Ainda assim, não desviei

o olhar. Apenas o encarei, sem conseguir desviar minha atenção para algo além do abdome definido — extremamente definido, aliás — e de todos aqueles músculos.

Ah, por favor, pare de encarar, você está passando vergonha, Lorena!

Foi aí que eu desviei o olhar, perguntando-me o que havia de errado comigo, e a voz da minha consciência pareceu mudar de ideia no instante em que decidi obedecê-la, compelindo-me a observá-lo um pouco mais enquanto ele se abaixava no chão ao meu lado. Minhas mãos voltaram a trabalhar nas roupas de Juliet, e uma vez que ela estava vestida com algo limpo e seco, engatinhou em direção ao pai, usando os braços dele como apoio para se colocar de pé.

E que braços!

Então o sorriso estava lá de novo. De uma hora para outra, *diferente* já não era uma palavra boa o bastante para descrevê-lo. *Acolhedor*. O adjetivo ainda estava longe de fazer jus ao gesto, porém, eu sentia que estava progredindo.

— *Papa...* — Juliet murmurou, abraçando o pai ao passo que roubava para si minha atenção, que ainda se dividia entre o sorriso e o abdome de Vincent.

O pensamento me fez corar outra vez, por isso tratei de recolher a roupa suja de Jules e fechar sua bolsa, após guardar ali o trocador, o pacote de fraldas e os lenços umedecidos.

— Eu vou com Juliet para a cozinha, para que ela termine de almoçar. Imagino que o senhor queira vestir uma camiseta limpa?

Isso soou como uma pergunta? Ou sugestão? Ele entendeu que eu estava apenas afirmando?

— Você está me fazendo uma pergunta, sugestão ou lançando uma afirmativa?

Ah, que ótimo! Se ele lê pensamentos, nem precisa se preocupar em enxugar a baba que deixou escorrer pelo queixo, Lorena!

Poderia ser uma grande bobagem, de qualquer modo, levei a mão ao canto dos lábios, suspirando em alívio ao notar que ele estava seco, sem vestígios de que eu estivesse literalmente babando pelo meu autor favorito. E chefe, é claro, disso eu não poderia me esquecer.

— Bem, eu... estou só tentando fazer o meu trabalho, que é cuidar de Juliet — murmurei constrangida, evitando encará-lo e trazendo nas mãos a roupa e a fralda descartável de Jules, ambas molhadas. Pensei em estender os braços para ela, que não costumava desapontar e sempre aceitava meu colo, no entanto, pela forma como estava aninhada ao pai, eu não acreditava que ela trocaria *aqueles* braços pelos meus.

Quem, em sã consciência, faria isso?

Vincent também se levantou, com a filha no colo, negando com um meneio

de cabeça.

— Não, tudo bem. Eu cuido disso. Só espero que te sirva de lição. Afinal, você está prestes a ser mãe, certo? Também vai virar *efeito colateral*, eventualmente. — Deu de ombros, num gesto tão casual que eu me perguntei se ele se dera conta de que estava sem camisa logo à minha frente, sendo encarado com pouca discrição.

Todavia, a menção ao assunto sobre o qual eu não queria mesmo falar desviou meu foco. Nada que remetesse à minha vida pessoal era um tópico confortável, já que optei por mentir sobre quase tudo.

— Uhm... sim — sussurrei em resposta, após certa hesitação combinada a lábios retorcidos. — Sim, eu estou. — Tentei abrir um sorriso, que ameaçava partir meu rosto em dois. Pareceu tão falso, entretanto, que logo tratei de tirá-lo de lá. — Mas sou acostumada a cuidar de crianças, então... — Abanei uma das mãos, minimizando o assunto. Quem sabe, assim, ele pararia de falar sobre ele?

— É diferente. Muito diferente. Eu tenho você para me ajudar, certo? Mas quando o expediente encerra e você vai para casa, relaxar, beber um bom vinho e ficar com o seu noivo, somos apenas Juliet e eu aqui, e eu me pergunto o que você colocou na mamadeira para que ela fique com tanta energia. Por mais que você dedique tanto tempo a Juliet, quando seu bebê chegar... — Meneou a cabeça, comprimindo os lábios numa linha dura, como se estivesse prestes a me dar uma péssima notícia. A mãozinha de Juliet alcançou-lhe a barba, e ele girou a cabeça um pouquinho, apenas o bastante para alcançar a palma pequenininha com os lábios e depositar um beijo ali. — Bem, com o seu bebê não vai existir expediente. Um horário fixo onde você começa a cuidar dele e outro em que termina. Não vai existir fins de semana livres ou férias. Muito menos noites de sono ininterruptas.

Ele acariciou os cabelos de Juliet, uma réplica quase perfeita do seu, com a diferença dos cachinhos que começavam a se formar em sua nuca e também ao redor do rosto rechonchudo, deixando-o ainda mais adorável.

Tombei a cabeça para o lado, analisando a cena à minha frente, porque ver a interação de Vincent com a filha me aquecia o coração de um modo indizível.

— Está tentando me desencorajar, senhor Hardman? — testei, erguendo uma única sobrancelha para ele.

— Claro que não — negou, fazendo um som com a boca que demonstrava que aquela suposição era ridícula. — Juliet foi a melhor coisa que já me aconteceu e, sendo sincero, eu queria que todo mundo tivesse a chance de encontrar um amor incondicional assim. Só é... — Ele hesitou, franzindo o cenho numa expressão que teria deixado a maioria das pessoas bem menos atraente. Mas não ele. — É difícil — concluiu, na falta de algo melhor a dizer.

— Como assim? — inquiri, verdadeiramente interessada. Afinal de contas, tirando o fato de ele ser um *efeito colateral* com certa frequência, quando o assunto eram as peraltices de Juliet, ele me parecia muito confortável no papel de pai.

— Criá-la sozinho. — Notei quando seus ombros murcharam e sua atenção se voltou completamente para Juliet. Meu coração se apertou em pura angústia, porque era isso que eu via nos bonitos olhos azuis do homem à minha frente. — Eu me pergunto se estou fazendo um bom trabalho ou se ela sempre vai ter um buraco a ser preenchido pela ausência da mãe.

Engoli em seco, incerta sobre o que poderia dizer, apesar de desejar segurar-lhe a mão e garantir que tudo daria certo, no final. Eu realmente acreditava que daria. Ele não era o único pai solteiro no mundo, apesar de eu não conhecer nenhum outro. Verdade fosse dita, eu tampouco conhecia mulheres que criaram seus filhos sozinhas, à exceção de Carmen, e, pensando por esse ângulo... tal criação resultara em Arthur. Um traidor mentiroso de primeira. Ainda assim, eu me recusava a crer que seu comportamento repulsivo tenha sido gerado por algo que Carmen possa ter feito de errado, porque eu sabia que ela fez o melhor tentando acertar e suprir a falta de Alberto.

Bem, ao que parece, todo o esforço dela não foi o suficiente.

Rejeitei o pensamento, meneando a cabeça como se, assim, pudesse enxotá-lo. Eu não queria pensar no que poderia acontecer no futuro se eu não fosse suficiente para Maria.

— O senhor é um pai incrível, não precisa se preocupar com o fato de ser o único responsável pela educação de Juliet. Está fazendo um excelente trabalho, se quer mesmo saber. — Abri um sorriso reconfortante, despejando sinceridade em cada palavra do que escolhera dizer, ignorando a voz insistente que me sussurrava nos pensamentos que nem sempre um excelente trabalho resultava em sucesso.

— Essa é sua opinião profissional ou está apenas me bajulando? — lançou, no rosto uma expressão de divertimento que era muito comum vindo dele.

— Depende. — Franzi o cenho, fingindo ponderar a respeito. — Eu recebo um bônus no fim do mês se começar a afagar seu ego?

Foi sua vez de agir como se estivesse de fato considerando o assunto. Com a mão apoiada nas costas de Juliet, de forma despretensiosa e até mesmo inconsciente, ele balançou a cabeça, numa falsa avaliação.

— Podemos negociar, se estiver disposta.

— Vou pensar a respeito. — Dei de ombros, deixando-o ainda com Jules e me encaminhando até a lavanderia, a fim de colocar as roupas sujas para lavar. Pensei em me oferecer para levar sua camiseta também, no entanto, por alguma

razão, acabei desistindo. Uma vez de costas para ele, era melhor seguir assim, em vez de me virar e correr o risco de encarar seu torso nu por tempo demais.

Apesar de que uma olhadela de nada não faria mal a ninguém...

— Rodrigues? — Vincent chamou, e como eu sempre fazia a cada vez que ele utilizava aquele vocativo, lutei contra o impulso de pedir para que me chamasse de Lorena. Era estranho admitir, contudo, por algum motivo, eu gostaria de saber que som teria meu nome saindo pelos lábios dele.

— Sim, senhor — respondi, virando-me para fitá-lo diretamente nos olhos, sem conseguir evitar que minha visão esbarrasse em sua seminudez meio desconcertante.

Você sabe que ele é quem deveria estar com vergonha, certo, Lorena? Bom...

— Ter um bebê vai ser a melhor experiência da sua vida. E você é muito sortuda por poder dividi-la com alguém que ama e que vai estar ao seu lado o tempo todo. Saiba disso.

Então ele se retirou, retornando para a cozinha, onde, provavelmente, retomaria o almoço com Juliet. Quanto a mim? Fiquei ali parada por alguns instantes, absorvendo o impacto de suas palavras e me sentindo uma bagunça por enganar as pessoas à minha volta. De repente, todos os medos e inseguranças de Vincent também eram os meus. Apesar de até o momento ter estado confiante de que poderia dar a Maria tudo de que ela precisasse, se conseguisse resolver a questão financeira que Michelle apontara, o que eu faria com o resto?

Vincent temia que ter apenas um pai não fosse suficiente para Juliet. E para Maria? Ter apenas uma figura materna seria o bastante? Eu sabia que possuía muito amor para dar a ela e não tinha a menor dúvida disso. Porém, eu também tinha tanto amor para Arthur... e ele não bastou. Havia coisas que eu não pude dar a ele e elas foram mais importantes do que todo o resto que construímos juntos. E se as coisas que eu não pudesse dar a Maria sobrepujassem as outras?



— Eu não sei o que te dizer, filha. Digo... você e Arthur... meu Deus! Juro que pensei que fossem ser para sempre.

Minha mãe levou uma das mãos ao peito. A que exibia sua aliança de casamento. A outra segurava a minha, sobre a mesa, apertando-a a fim de passar-me algum conforto. Encarei-a, sentada ao lado do meu pai, observando o quanto eles pareciam bonitos juntos, mesmo depois de tantos anos de casados. Sempre achei que um casamento longo seria meu destino com Arthur, todavia, estava enganada. Esperava ao menos que fosse o destino dele e Piper, para o bem do bebê que logo viria ao mundo.

Poderia parecer magnânimo, porém se tratava de culpa. Eu não me orgulhava do meu comportamento de quando vi Arthur pela última vez e gostaria que aquela cena ridícula fosse eclipsada pela felicidade deles, ainda que ela tenha sido alicerçada na minha tristeza.

— Pois é. Eu também. Mas não aconteceu. O que posso fazer? — Dei de ombros, recolhendo a mão que mamãe segurava para continuar a comer os biscoitos que ela preparara para mim enquanto saboreava o café tipicamente brasileiro que eu tanto amava.

— Vou te dizer o que *não* fazer — papai interveio, o rosto muito mais sério do que eu estava acostumada a vislumbrar. — Não vai se culpar e ficar pensando que algo que você tenha feito levou Arthur a isso, entendeu? Você não é responsável pela falha de caráter dele. E, se quer mesmo saber, foi ele quem saiu perdendo um bem precioso.

Foi impossível não sorrir. Estar com meus pais, recebendo tanto apoio e amor e inteirando-os sobre os novos caminhos que minha vida seguiu me fazia um bem sem igual.

— Eu sei. Obrigada, pai. É só que...

— Maria — foi a vez de mamãe atalhar, e concordei com um aceno de cabeça.

— Eu já a amo. Eu a amo, como amei o filho que perdi. Amo sem ao menos conhecer o rosto dela, sem gerá-la. Como isso é possível? — instiguei numa retórica, recebendo um sorriso acolhedor vindo de minha mãe.

Seus olhos castanhos, tão iguais aos meus, me encararam de forma ainda mais doce enquanto ela tombava levemente a cabeça para o lado.

— Se fosse diferente, então não seria da minha Lorena que estamos falando — apontou, erguendo os ombros brevemente. — Vai dar tudo certo, Lola. Sei que pode não parecer agora, mas acredite quando digo que as coisas vão se resolver para o melhor.

— Mas eu estou com medo — confessei numa voz pequena, e o olhar que recebi de volta me fez sentir uma garotinha de novo, carente de colo e proteção. Em resposta a esse sentimento, encolhi-me em meu lugar, abraçando-me.

— Está tudo bem sentir medo — mamãe assegurou. — Você só não pode

deixar que ele te impeça de ir atrás dos seus sonhos.

— Medo nunca te parou antes — meu pai me lembrou —, não deixe que ele faça isso agora. Além do mais, pelo que entendi, algumas coisas mudaram para melhor, não? Como vai no emprego novo?

E então, como se o sol tivesse acabado de surgir após uma tempestade horrenda, meu coração foi aliviado do peso que vinha suportando.

— Bem. Tenho um chefe excelente e poder cuidar de uma criança é... fantástico. E muito diferente do jardim de infância. Em tese, eu deveria ensinar e ajudar Juliet a andar melhor, falar e se desenvolver, mas é ela quem vem me ajudando. Me apeguei tão depressa, é assustador sentir falta do meu trabalho nos meus dias de folga.

Recebi um aceno em concordância vindo de minha mãe e um sorriso acolhedor vindo do meu pai.

— Esse é o benefício de trabalhar com o que se ama — ela murmurou suavemente. — Tenho esse mesmo sentimento com relação à floricultura. E, falando nisso, tem uma coisa que eu trouxe por saber que você viria. — Então ela se levantou, com o semblante tão iluminado que meu olhar a seguiu enquanto ela deixava a cozinha e desaparecia do meu campo de visão.

Segundos depois, meus olhos foram atraídos para o movimento de papai, que se levantava de seu lugar e vinha para perto de mim, sentando-se ao meu lado concomitante ao abraço que me prendia contra ele. Como se tivesse lido meus pensamentos, ele me abraçou e acalentou como a garotinha que eu já não era, da mesma forma que fazia desde quando conseguia me lembrar ao meu menor sinal de medo.

— Ei, eu te amo. Nada disso é sua culpa, ouviu? — sussurrou contra meus cabelos, depositando um beijo ali.

Encolhi-me contra seu peito, minha bochecha enterrada ali enquanto eu soltava um suspiro longo.

— Também te amo, pai.



“Ei, sou eu de novo. Sei que já deixei outras duas mensagens de voz, mas como não obtive resposta, resolvi deixar mais uma. Por favor, Michelle, mande notícias. Nunca fiquei tanto tempo assim sem ouvir de você ou de Maria, estou preocupada, com o coração prestes a sair pela boca. Preciso saber como estão, não aguento mais esse silêncio do lado daí. Responda apenas dizendo se está tudo bem por aí, okay? É tudo o que estou pedindo.”

Terminei de gravar a mensagem de voz para Michelle e encerrei a ligação. Juliet estava tomando banho de sol no jardim, sob minha supervisão, claro, e vê-la sorrindo de felicidade com uma parte tão simples do seu cotidiano encheu o meu coração de amor e também sofrimento. Amor pela pequena Juliet, que já tinha a *Lollipop* — como ela costumava me chamar — nas mãos, e triste por Michelle simplesmente ter desaparecido, privando-me de novidades sobre Maria.

Desde minha última viagem a Indiana ela estava incomunicável, e por mais que eu tivesse lhe dado espaço, a princípio, para ponderar melhor a respeito da adoção, minha ansiedade me traiu e acabei telefonando, ao ter minhas mensagens ignoradas. Não obtive sucesso algum nessa empreitada, por isso deixei mensagem na secretária eletrônica. Há três dias, telefonei novamente, mas de novo Michelle não atendeu a ligação, tampouco respondeu a mensagem de voz. Com o peito apertado enquanto assistia a Juliet brincar com seu balão cor-de-rosa, no jardim, tornei a insistir e deixar uma nova mensagem de voz na secretária eletrônica.

Eu entendia o posicionamento de Michelle, porém, ela precisava entender o meu. Maria era minha filha, por mais que eu não fosse a mulher a gerá-la. Eu já a amava e só queria saber se ela estava bem, assim como ter a certeza de que, quando nascesse, era para os meus braços que ela viria. Certeza, essa, que

Michelle se recusava a me dar.

— *Lollipop* — Juliet balbuciou, cambaleando em minha direção. Nem um mês inteiro havia se passado de nossa convivência, e meu coração já inflava e um sorriso enorme se abria em meus lábios a cada vez que Jules pronunciava meu nome.

Bem, não exatamente meu nome, todavia, Lollipop era como ela me chamava, deixando-me impressionada por ter uma palavra gigante dentro do seu vocabulário limitado.

Parando à minha frente, Juliet esticou o balão murcho em minha direção, fazendo um biquinho mal-humorado que a deixava tão lindinha quanto um sorriso.

— O que houve com o seu balão, princesa? — perguntei, já familiarizada com a cena que viria a seguir.

Juliet soprou o ar, imitando o barulho de quando seus balões estouravam, e, em seguida, movimentou as mãozinhas, como se estivesse se eximindo da culpa. Alcançando a bolsinha dela ao meu lado, retirei de lá um balão vazio, estufando as bochechas de modo exagerado enquanto o enchia de ar, tendo o movimento imitado por Jules, que deu um gritinho animado quando viu a bexiga azul-bebê que ofereci a ela.

— *Bigada* — ela agradeceu, caminhando em passos trôpegos enquanto sacudia seu novo “brinquedo” no ar, distraíndo-se com ele e com seu fiel ursinho de pelúcia, roubando-me um sorrisinho bobo.

— Quantos desses você costumava encher por dia? — A voz de Vincent atrás de mim me sobressaltou, arrancando um ofego.

Ele tinha essa mania irritante de aparecer no nada, especialmente quando eu estava distraída, e me presentear com um mini-infarto todas as vezes.

Claro, claro, é por isso que você fica alarmada todas as vezes, meu lado ácido me lembrou, e eu odiei que ele sempre resolvesse surgir junto a Vincent.

— Decidi parar de contar — respondi, ao mesmo tempo em que ele se sentou ao meu lado na grama, seus olhos fixos em Juliet e um sorriso contemplativo brincando neles e em seus lábios.

Eu o encarei, como vinha fazendo muito nos últimos dias, quando acreditava que ele não poderia me ver. Era involuntário, afinal de contas, eu o admirava há tanto tempo, pelo seu trabalho como escritor, que queria absorver ao máximo tudo o que ele era, não apenas enquanto profissional, mas também como pai de Juliet e homem.

Okay, essa última parte ficou um pouco estranha.

Desviei o olhar, sentindo as maçãs do meu rosto arderem em constrangimento.

— Ela te ama... sabe disso, não é? — Vincent inquiriu, muito confortável em seu jeans e camiseta, sentado na grama de forma despreocupada e trazendo o par de olhos incrivelmente azuis para mim.

Foi impossível não fitá-lo de volta, com uma onda de contentamento crescendo em meu interior. Eu amava Jules e sentia que ela nutria um carinho especial por mim, porém, ouvir o pai dela dizendo que aquela garotinha adorável que iluminava os meus dias me amava... era surreal. Para dizer o mínimo.

— Eu também a amo — confessei, recebendo um sorriso em resposta.

— Quando Maria chega? Você deve estar morrendo de ansiedade...

E, tão fácil quanto surgiu, meu sorriso se dissipou. Vincent gostava de falar em Maria. Não era a primeira vez que ele tentava trazê-la à conversa, e talvez fosse essa sua insistência a me motivar ligar para Michelle três vezes num intervalo de quinze dias.

— Ainda vai demorar um pouquinho — foi o que respondi, a voz saindo muito mais incerta do que deveria. Se eu fosse sincera comigo mesma, o silêncio de Michelle estava me deixando aterrorizada, apesar de Kim insistir no fato de que notícias ruins chegavam rápido, as boas que demoravam.

— Quanto tempo, mais ou menos? Um mês? Dois? Três? Sou escritor, mas também sei trabalhar com números. — Lançou-me uma piscadela, dobrando os joelhos ao passo que apoiava os pés no chão, a mão direita fechada sobre o pulso esquerdo, dando-me acesso para contemplar os músculos firmes de seu braço, os mesmos que costumavam me desconcertar vez ou outra, quando esbarravam em mim, ou quando me impediram de cair, na vez que Jules derrubou uma banana no chão e escorreguei ao pisar em cima.

— Você é ótimo enchendo as pessoas de perguntas, senhor Hardman, mas não é tão bom assim para respondê-las — desconversei, esperando que ele aceitasse a deixa para encerrar o assunto.

Era estranho, porém, ele parecia ser contra silêncios, como se ficar parado perto de alguém indicasse que era necessário manter a pessoa falando sobre qualquer coisa.

— Sou muito bom com respostas, para a sua informação, senhorita Rodrigues, acontece que você nunca me fez nenhuma pergunta. — Deu de ombros.

— E se eu fizer alguma pergunta pessoal, o senhor vai me responder, por acaso? — Ergui uma sobrancelha para ele, em desafio, duvidando muito que ele fosse ceder sobre algo assim, por mais que eu desejasse que ele o fizesse.

— Depois de todas as perguntas extremamente pessoais que minha mãe fez, acho que um precedente foi aberto... — Foi sua vez de erguer as sobrancelhas, como se me convidasse a dar o meu melhor, ou o meu pior.

Havia muitas coisas que eu queria perguntar e, por mais que ele fosse o meu maior ídolo e eu sempre tenha dito que leria até sua lista de compras, a primeira pergunta que me veio à mente era sobre a mãe de Juliet. O nome dela não era citado. Nunca. *Ela* não era citada, sob nenhuma hipótese. Era como se a tal mulher jamais tivesse existido, e eu precisava dar tudo de mim para me impedir de questionar a respeito disso, cogitando explicações para um comportamento tão estranho.

Ela pode ter morrido num acidente trágico... Jules deve ser adotada... Vincent provavelmente contratou uma barriga de aluguel...

Espantei as ponderações, ciente de que tocar naquele assunto não seria nada inteligente no momento.

— Então... — comecei, limpando a garganta em seguida, ganhando alguns instantes para alinhar os pensamentos. — Por que ser um escritor? Quando descobriu que era isso que queria?

Vincent já não me fitava, e sim Juliet, que se atrapalhou em sua pequena corrida e acabou tropeçando, usando as mãos de apoio para não bater com tudo no chão. Ela se levantou em seguida, esfregando as mãozinhas para limpá-las e arrancando um sorrisinho do pai, o qual observei de soslaio.

— Não sei. — Deu de ombros. — Por que professora do jardim de infância? — devolveu, trazendo seus bonitos olhos azuis para fitar-me.

— Por acaso vai responder todas as minhas perguntas com novas perguntas?

— Não sei. Eu vou? — Ergueu a sobrancelha, algo que ele fazia muito quando lançava um desafio, e eu bufei, incrédula, rolando os olhos e deixando de dar atenção a ele.

— Fácil me deixar fazer perguntas quando não pretende respondê-las, senhor Hardman — observei num tom quase ácido, mas ele apenas sorriu para o meu ato meio malcriado, meneando a cabeça.

— Meu ponto é: como se escolhe algo assim? — Não respondi, pois na minha concepção tratava-se de um questionamento retórico. — Quer dizer... ao menos comigo as coisas simplesmente aconteceram. Não acordei e pensei no quanto queria isso para a minha vida. Na verdade, o plano era cursar Direito e assumir a firma quando meu pai se aposentasse, junto a Heather. E eu cheguei a concluir a parte A do plano, mas a vida não aconteceu do jeito que planejei. A sua, por acaso, aconteceu exatamente como você programou?

Não havia sobrancelhas erguidas, agora, e sim um cenho franzido, indicando que aquilo não se tratava de um desafio, senão de uma curiosidade genuína. E se alguém tivesse me feito aquela pergunta pouco tempo antes, no momento em que Michelle me avisou que estava pronta para assinar os papéis da

adoção, eu diria que sim, mesmo sabendo que adoção não fazia parte dos meus planos iniciais. Foi algo que Arthur e eu inserimos em nossas vidas. Na verdade, foi algo que eu o forcei a inserir em sua vida, e o resultado disso foi catastrófico, para dizer o mínimo. Então não... eu não planejei ser traída e abandonada pelo homem que amava, sofrer tanto por filhos que nunca cheguei a conhecer e tampouco ser a babá da filha do meu autor favorito.

Porém, de todos esses não-planejamentos que mudaram a minha vida, esse último era o único dentre eles que me fazia bem.

— Não — respondi um tempo depois, enfatizando o que dizia com um meneio de cabeça e fazendo-me mais confortável, ao abraçar minhas próprias pernas. — Minha vida não poderia estar mais longe da forma que planejei tudo.

Ele concordou com um aceno de cabeça, lançando uma olhadela na direção de Juliet antes de fixar os olhos em mim outra vez.

— Eu sempre gostei de ler. Aprendi aos cinco anos de idade e não parei mais, desde então. Aos dez, já criava minhas próprias histórias, todas elas envolvendo dragões, um sem-fim de seres mágicos e muita, mas muita aventura mesmo. Eu gostava, apesar de nunca achar bom o suficiente para mostrar a ninguém. Escrevi por toda a infância e adolescência, até Carlie descobrir sobre isso, quando estávamos na faculdade, e me incentivar a procurar uma editora.

— Carlie? — testei, arrependendo-me em seguida quando ele soltou uma risadinha, que consistia numa lufada de ar expulsa de seu corpo através das narinas.

Dentre tantas coisas para perguntar, você precisava demonstrar curiosidade pela tal Carlie? Sério?

Tentei disfarçar a expressão de interesse, já preparada para lançar uma nova pergunta, no intento de eclipsar a anterior, mas Vincent foi mais rápido.

— Minha ex-namorada. A primeira séria de fato, sabe? A qual levei para conhecer os meus pais, com quem passei festas de fim de ano e com quem viajava junto nas férias. A verdade é que sempre gostei de escrever cartas para ela, na época em que as pessoas podiam expressar os seus sentimentos sem precisar usar a internet, então eu o fazia sempre. Carlie costumava dizer que eu era romântico, mas nunca me vi assim. Eu só... — Titubeou, parecendo escolher a palavra certa. Deveria ser um tique de escritor, porque ele fazia bastante isso, e eu achava fofo. — ... gostava dela — decidiu-se por fim. — E queria demonstrar. Foi quando comecei a escrever romances. Sendo muito honesto, nunca levei aquelas coisas melosas que eu escrevia a sério.

Okay, nem tão fofo assim...

Revirei os olhos e bufei internamente. Ao que parecia, Vincent não era tão melhor do que os outros homens. Ele havia ganhado crédito com a história das

cartas, mas, graças ao seu arroubou de honestidade, seu placar se tornou negativo.

— Se não acreditava em nada disso, então por que decidiu escrever? — Franzi as sobrancelhas, em confusão.

— Amor à primeira vista, sentimentos construídos num único fim de semana... — Enrugou o nariz, numa careta engraçada. — Você acredita nessas coisas? Acha possível se apaixonar por alguém sem nem mesmo conhecê-lo direito?

Pensei por um momento na resposta. Quando conheci Arthur, ele não poderia ter sido mais encantador. Pouco tempo depois, disse-me que se apaixonou por mim assim que me viu. Eu acreditei, porque me sentia da mesma forma. Todavia, depois de tudo pelo que passamos...

— Não. Claro que não. — Soltei o ar pela boca, emitindo um som que indicava que aquela mera hipótese era ridícula. Contudo, por algum motivo, meu coração se apertou de um modo estranho.

— Mas Carlie, sim. Não só acreditava como também gostava, então achei que escrever uma noveleta para ela, algo que só ela leria, isso, sim, seria romântico de verdade. Ela leu e adorou. Meio que se tornou minha fã número 1. A única, naquela época — ele se corrigiu, abrindo um sorriso nostálgico. — Ela me incentivou a buscar uma editora. Recebi inúmeros nãos como resposta. Foi horrível. Eu era jovem demais para entender como o meio funcionava, só tinha 19 anos, eu nem mesmo sabia como a vida em si funcionava. Depois disso, passei bastante tempo sem escrever, cerca de um ano, até me dar conta de que reconhecimento nunca foi a força motriz para que eu escrevesse. Eu gostava. Era o meu escape da realidade, então acabei retomando. Mas precisava de algo novo, desafiador, por isso mergulhei de cabeça no gênero policial.

— Uma escolha muito inteligente, diga-se de passagem — apontei.

De novo, ele sorriu, o som singelo de sua respiração deixando os pulmões com um pouco mais de força. Os olhos azuis me encararam e ele tombou a cabeça, de modo a observar-me melhor.

— Diz a pessoa que não tinha a menor ideia de quem era Vincent King — provocou. — Falando nisso, você já começou a ler seu exemplar autografado?

Enrubesci na hora, engolindo em seco logo em seguida, sem saber o que poderia falar.

Ah, você não faz ideia...

Eu jamais admitiria isso, mas a verdade é que havia lido o livro duas vezes. Assim que lançou e, então, quando Vincent me presenteou com um exemplar. *Autografado!* Eu reli o autógrafo todas as vezes em que abri o livro para dar continuidade à leitura da história. Era verdade que eu já sabia absolutamente

tudo o que iria acontecer, mas o jeito como ele escrevia, parecendo calcular cada mísera palavra usada... eu não tinha ideia do que fazer para ser menos fã daquele homem.

— Eu li, sim — admiti, limpando a garganta antes de continuar: — É um livro excelente, se quer mesmo saber. Você escreve muito bem, me impressionou de verdade.

— Impressionei? As expectativas eram tão baixas assim? — Ele ergueu a sobrancelha, e, a cada vez que fazia isso, era como se um letreiro com a palavra “DESAFIO” piscasse logo à minha frente.

— Prefiro esperar pouco e me surpreender positivamente — devolvi, dando de ombros num gesto tão displicente que me senti digna de um Oscar por melhor interpretação.

— Espera! — Havia confusão e incredulidade em seu rosto, e ele falou, apontando em minha direção com o indicador: — Quer dizer que você leu, gostou e decidiu não me contar? Só ia manter todos esses elogios aí pra si mesma? Jura? — testou, perplexo, os olhos apertados em minha direção evidenciando as ruguinhas ao redor deles. — E a minha curiosidade, como fica?

— Até parece — lancei em descaso, evidenciando a intenção com um bufar escarninho. — Você tem milhões de fãs ao redor do mundo, senhor Hardman, que diferença faria a minha opinião? Não é nada que já não tenha escutado ou lido milhões de vezes.

— Mas nunca li nem escutei elogio algum vindo de você.

Eu duvidada que aquela tivesse sido sua intenção, no entanto, a profundidade no olhar de Vincent e o tom baixo e rouco de sua voz fizeram com que meu estômago se revirasse em nervosismo. Era uma sensação engraçada, nem de longe algo ruim, apesar de ser... diferente. Eu não me lembrava de sentir aquilo há tanto tempo, que poderia jurar que minhas bochechas coraram de imediato, porque meu rosto esquentou como se eu tivesse 40°C de febre. Não apenas meu rosto, se eu quisesse ser sincera comigo mesma.

— Isso não é verdade — murmurei em resposta, sem nem mesmo saber como fui capaz de encontrar minha voz. — Já disse milhões de vezes que o senhor é um pai maravilhoso para Juliet.

— Esse é um elogio para o Vincent pai — observou. — Talvez os *outros Vincents* também anseiem por um *feedback* positivo vindo de você.

— Por quê? — apressei-me em perguntar, sentindo a boca seca em nervosismo.

Vincent abriu a boca para responder, no entanto, não o fez, parecendo considerar o que diria a seguir. Seu olhar ainda estava sobre mim, e mordi o lábio em espera, a fim de impedir-me de lançar uma nova pergunta com o

pretexto de desconversar.

Talvez fosse coisa da minha cabeça, mas eu poderia jurar que vi o momento exato em que os olhos de Vincent buscaram meus lábios, assistindo ao momento em que meus dentes prenderam o inferior e o deixaram escapar logo em seguida, quando meu queixo pendeu ante a possibilidade do homem à minha frente estar demonstrando algum tipo de interesse em mim.

— Nada em especial — ele disse logo a seguir, os olhos focando em Juliet. Soltei o ar que nem sabia estar prendendo, inalando com força e sentindo o perfume amadeirado e masculino adentrando minhas narinas. — Está tarde, eu vou preparar o almoço — continuou enquanto se levantava, batendo as mãos na parte de trás de seus jeans, exatamente sobre... uhm... suas nádegas, para limpar qualquer possível terra e grama que tenham ficado presas ali.

— Senhor Hardman — chamei, e ele me encarou sobre o ombro, sem se virar totalmente em minha direção —, eu não pensei que tivesse que dizer isso, mas o senhor é um homem incrível. — Sorri para ele, mesmo desconcertada pelo que acabara de dizer. Era estranho admitir em voz alta justo para ele algo que vinha guardando inteiramente para mim. — Enquanto Vincent Hardman ou Vincent King, não importa. Eu admiro todos os *Vincents* que conheci até aqui.

Ele concordou com um aceno de cabeça, os lábios repuxados num sorriso de lado.

— Nós a admiramos também, senhorita Rodrigues.



A conversa com Vincent foi inspiradora, para dizer o mínimo. Escutar sobre sua trajetória me fez lembrar da minha paixão por livros não apenas ao lê-los, mas também ao escrevê-los. Tudo bem que eu jamais tenha terminado um único romance na vida, contudo isso se devia ao fato de que eu gostava de escrever ficção mesclada à realidade. Todos os meus mocinhos, por exemplo, eram inspirados em Arthur, e os momentos de romance eram releituras de coisas que ele e eu vivemos juntos.

Eu queria escrever um final feliz e clichê, onde o casal alcançava a felicidade plena e tinha uma porção de bebês. Tudo bem, um já serviria. Mas um

filho era algo que Arthur e eu não tínhamos, então fiquei adiando o final, adiando e adiando, e agora... agora nada.

Assim que cheguei em casa, após o trabalho, tomei um longo banho, descongelei uma lasanha industrializada que deveria servir a duas pessoas e fiz dela o meu jantar, permitindo-me tomar duas taças de vinho enquanto assistia a um episódio de *Orphan Black* na Netflix, chorando litros quando um dos meus personagens favoritos morreu.

Em seguida, fui correndo para o quarto, abrindo um arquivo em branco no programa de edição de texto do meu notebook, decidida a me lançar na escrita de algo inédito e deletando todas as histórias começadas tendo Arthur como inspiração.

Há anos eu não me arriscava a escrever, porque, em minha cabeça, aquilo não passava de um hobby pueril, e outras prioridades chegaram, como me casar e ser mãe. Todavia, após a conversa com Vincent, naquela tarde, eu quase sentia as pontas de meus dedos coçando. Ainda havia muitas coisas que eu queria perguntar a ele, questões prontas na minha cabeça que só não ganharam voz graças ao clima que se instalou. Espantando o pensamento e inspirada pela leitura do livro de Vincent King, descansando no criado-mudo ao lado da minha cama, me lembrei do seu autógrafo:

“A literatura é um mundo novo no qual podemos viajar, por isso, enquanto lê esse livro, segure a minha mão na certeza de que nada irá lhe acontecer enquanto estiver ao meu lado.

Vamos?

Vincent King.”

Mordi o lábio a fim de esconder o sorriso que se formava e me pus a escrever o meu primeiro livro oficial.



Depois que Arthur e eu nos separamos, sempre que o despertador tocava e eu me encontrava naquele momento imediatamente anterior à plena consciência, eu sempre levava minha mão direita até o outro lado da cama, a fim de acariciar as costas de Arthur antes de me levantar da cama e seguir para a minha higiene matinal.

Nos primeiros dias, minha mão encontrava o espaço frio e vazio ao meu lado, repetida e incansavelmente, vez após outra. Depois, ela se detinha no ar, antes de completar o movimento, minha mente me lembrando de que aquele era um gesto sem propósito. Há exatos três dias, entretanto, meus braços apenas se esticavam, enquanto eu me espreguiçava e saltava da cama segundos depois.

Sem movimentos inconscientes à procura de Arthur. Sem gestos corriqueiros para me lembrar de que não estávamos juntos, porque eu sabia que já não estávamos. O silêncio dentro do apartamento e o fato de eu só escutar as vozes de personagens vindo da televisão deixou de me incomodar. Voltei a viver, e não apenas suportar minha vida como ela era.

Bebendo um gole de café após engolir minha torrada com geleia de morango, chequei meu relógio de pulso para me certificar de que não estava atrasada. Era domingo, e apesar de não ter trabalho, havia um compromisso em família ao qual eu não poderia faltar.

Mauro, meu irmão mais velho, convocou toda a família para um churrasco na casa dele, e conhecendo sua habilidade na cozinha, só mesmo se eu fosse muita louca para me recusar a ir.



Nós todos estávamos bebendo, rindo e comendo quando Mauro pediu nossa atenção, ao elevar a voz. As cabeças se viraram em sua direção, as risadas diminuindo e as conversas cessando ao passo que ele trazia a esposa, Katie, para mais perto de si, num meio abraço.

— Primeiro, eu quero agradecer a disponibilidade de todo vocês para virem até aqui — começou, erguendo a garrafa de cerveja que trazia na outra mão.

— É um churrasco grátis em pleno domingo, claro que ninguém ia perder! — Pedro, o segundo irmão mais velho, como costumávamos chamá-lo, gritou logo atrás de mim, recebendo uma onde de “Shhhhhhhhh” para que ficasse quieto e não atrapalhasse, mesmo que algumas pessoas tenham sorrido de seu comentário inoportuno.

— Que seja — Mauro continuou, não se permitindo abalar. — Eu queria agradecer de qualquer jeito, porque esse é um momento importante para mim e para Katie. — Meu irmão fitou a esposa, recebendo o olhar dela sobre si em resposta. Havia tanto amor ali que era impossível não notar, mesmo à distância. — O fato é que a família vai aumentar... — De novo, ele ergueu sua cerveja no ar, bebendo um gole logo em seguida, enquanto Katie rolava os olhos pela falta de tato do marido em dar notícias.

— O que Mauro quer dizer — ela prosseguiu, os olhos brilhando em animação — é que o nosso quarto filho está a caminho! — Bateu palminhas animadas, e o barulho de vozes se sobressaindo a outras foi intenso, junto a aplausos e ao protesto de Davi, o único dos meus irmãos na casa dos quatro filhos, que mostrou-se indignado por Mauro ter se atrevido a alcançá-lo no número de crianças. Palavras dele, não minhas.

Nós praticamente fizemos fila para parabenizar meu irmão e minha cunhada. Uma fila bem desorganizada, verdade, ainda assim, a intenção era das melhores. E quando todo o alvoroço se desfez, foi a vez de Laura anunciar que seu segundo filho estava a caminho. Minha irmã apertou minha mão com força enquanto dava a notícia, desculpando-se com o olhar, provavelmente, por ser capaz de gerar mais uma criança quando eu não o era.

Fui a primeira a parabenizá-la, envolvendo-a num abraço apertado, meu coração comprimindo-se num sentimento que fez com que eu me sentisse

envergonhada. Seria aquilo inveja? Não... não podia ser.

Eu amava todos os meus irmãos, mas minha conexão com Laura era diferente. Ela era apenas dois anos mais velha que eu, então vivenciamos muitas coisas juntas. Pedi a ela conselhos sobre o meu primeiro beijo, ela escolheu a roupa que usei no meu primeiro encontro e me instruiu quando julguei estar pronta para perder minha virgindade. Quando finalmente consegui engravidar, descobri que ela também estava esperando um bebê, e foi impossível conter a alegria que nos assolou ao pensar que nossos filhos ou filhas seriam inseparáveis como ela e eu éramos. Porém, a vida aconteceu.

Laura tinha uma filha linda, Leah, a quem eu amava, e agora estava prestes a ser mãe de segunda viagem. Eu estava feliz por ela. Muito feliz. Mas isso não apagava a tristeza que sentia por mim mesma.

Assim que nosso abraço se desfez, pedi licença e corri para dentro de casa, trancando-me no banheiro enquanto fazia mais uma ligação para Michelle.



— Quer fazer o favor de largar esse celular e dar atenção pra sua irmã favorita? — Laura perguntou, lançando-me um olhar de pura provocação.

Soltei o ar com força pela boca, desistindo de esperar por uma ligação de Michelle, em resposta à última mensagem de voz que deixei em sua secretária eletrônica, poucas horas atrás. Laura e eu nos encontrávamos no quarto de hóspedes da casa de Mauro, aonde fomos para que ela pudesse dar um banho em Leah, que estava toda suja de sorvete, a fim de colocá-la para dormir logo em seguida.

Depositei o celular sobre o criado-mudo, sentando-me na cama junto a Laura e assumindo o trabalho de vestir uma Leah caindo de sono.

— Você é minha única irmã — lancei de volta para ela, rolando os olhos num gesto exagerado, apenas para ser abraçada brevemente pelos ombros e ter a bochecha beijada.

— Sabe que eu também te amo, não sabe?

— Sei, sim — admiti num sorriso, finalizando meu trabalho de vestir Leah e colocando-a em sua posição favorita para dormir, de lado, enquanto a

balançava num ritmo lento e constante, vendo-a fechar os olhinhos doces e suspirar longamente, aconchegando-se ao travesseiro.

— E eu sei que já disse isso antes, Lola, mas sobre Arthur...

— Não quero falar sobre ele — interrompi-a, pouco confortável. — Sei que sua intenção é a melhor do mundo, Laura, mas, sinceramente, esse é o último assunto sobre o qual desejo falar.

— E eu entendo, de verdade. Mas a mamãe disse que isso dificulta as coisas, com relação a você conseguir adotar Maria.

Meu desconforto foi visível, porque Laura me fitou com expressão de dor no rosto, e eu sabia que ela estava se chutando internamente pelo que acabara de dizer.

— Quer saber? Esqueça. — Sacudiu uma das mãos, mudando de assunto ao passo que se colocava mais confortavelmente na cama, apoiando-se sobre um cotovelo. — Hoje é um dia feliz, não quero ficar te forçando a falar sobre coisas que te deixam triste. — Ela estendeu sua mão esquerda, a mesma que trazia sua aliança de casamento, até a minha perna, afagando num gesto terno. O círculo dourado em seu dedo fez-me lembrar da ausência de um no meu próprio, o que consequentemente trouxe à memória tudo o que eu gostaria de esquecer.

— Meu novo emprego é excelente — desconversei, levando meu olhar para uma Leah adormecida e acariciando os cabelos lisos e negros iguais aos meus e aos de Laura. — O salário é muito melhor do que o anterior e Juliet é encantadora. Não dá trabalho nenhum.

— Fico feliz, irmã. Você sabe que sim. — Sorriu. — Mas não é da Juliet que quero saber, apesar de você fazê-la parecer adorável. Me conta como é trabalhar pra Vincent King! — Seu sorriso assumiu uma pontinha maliciosa, como sempre acontecia quando minha irmã se referia aos meus namoradinhos do passado.

Mas Vincent não era meu namoradinho. Estava longe de ser, e a única razão para ela estar insinuando algo era o fato de ele ser famoso, e eu, uma fã assumida.

— Para mim é senhor Hardman, você sabe. — Dei de ombros, num sinal fingido de indiferença. — E ele é um cara legal. Pai excelente, um ótimo chefe. Às vezes trabalho nuns horários loucos, mas o acréscimo no pagamento quando isso acontece... — Soltei um assobio, como se dissesse “é algo fenomenal”. Era algo que sempre acontecia entre mim e Laura, substituir palavras por olhares ou gestos. Eram mais eficazes, às vezes, além de serem uma coisa só nossa.

— E ele é tão bonito pessoalmente quanto nas fotos do Instagram? — questionou, mexendo as sobrancelhas de um jeito engraçado, fazendo-me cair na risada.

— Não fiquei reparando nisso... — tentei mentir, mas ao fitar minha irmã de soslaio, vi quando ela se preparou para refutar, então me rendi antes mesmo que ela pudesse dizer algo. — Tudo bem, tudo bem. — Rolei os olhos, num gesto dramático em excesso. — Ele... uhm... é bem bonito pessoalmente. Mais até que no Instagram, às vezes. — Ergui um único ombro para completar, como se dissesse que aquilo não era grande coisa.

Laura, no entanto, se empertigou em cima da cama, empoleirando-se mais perto de mim, inclinando-se em minha direção enquanto dava um nó nos cabelos longos bem no alto de sua cabeça.

— E aí? O que mais?

Franzi o cenho.

— Como assim, o que mais?

— Você sabe, Lorena! Sobre o que vocês conversam? Além de qual é o seu tipo de fralda preferido ou marca de leite, é claro. Assuntos pessoais. Ele não é casado, você nunca esteve mais solteira na vida...

— Não estou pensando nessas coisas, Laura. Arthur e eu... — Fiz uma careta desgostosa por ter sido praticamente forçada a mencionar o nome dele. — Ainda é recente. Além do mais, estou prestes a ser mãe — falei, com menos confiança do que gostaria, ao me lembrar das minhas ligações para Michelle, todas elas devidamente ignoradas. — Não vou ter tempo para pensar em nada disso.

— Mas, Lola...

— E mesmo se tivesse — eu a cortei, erguendo um dedo em riste em sua direção. — Certamente não seria com Vincent.

— Por que não? Ele cheira mal ou algo assim, pra você ser avessa à ideia de se relacionar com ele?

— Ele cheira maravilhosamente bem, obrigada. — Arrependi-me do que dissera no momento em que Laura mordeu o lábio e me lançou um olhar dissimulado. — O que não vem ao caso — retifiquei-me, tentando soar o mais enfática possível, apesar do calor que senti instalando-se desde a base do meu pescoço até minhas bochechas. — Ele é meu chefe, meu autor favorito... é tudo muito profissional entre a gente para que haja brecha pra outro tipo de envolvimento.

— A menos que ele seja comprometido, de verdade, não vejo por que não. Você é uma mulher bonita e inteligente, ele seria louco se não te olhasse com interesse.

— Você acha mesmo? — inquiri, inclinando-me na direção de Laura de forma inconsciente, apreensiva por sua resposta.

De súbito, a lembrança de Vincent e eu, sentados no jardim enquanto

conversávamos sobre sua experiência com a Literatura me assolou. Era coisa da minha cabeça, tinha que ser, porém senti que havia algo mais ali...

— Por quê? Tá a fim que ele olhe com interesse? — Lançou uma piscadela, em pura provocação, e eu me arrependi imediatamente de ter aquela conversa justo com a minha irmã desvairada, a única pessoa que conseguia ser pior do que Kim e seus conselhos amorosos todos tortos.

— Para de falar besteira! — pedi, exasperada. — Além do mais, ele acha que sou comprometida.

Laura piscou repetidas vezes, a boca se abrindo, o queixo pendido em estupefação, no momento em que ela sacudiu a cabeça de um lado para o outro, como se duvidasse do que acabara de ouvir.

— Oi? O quê? Por quê?

— A irmã dele me aconselhou a mentir — expliquei, envergonha. Laura poderia ter muitos defeitos, mesmo assim, ela era uma Rodrigues, o que significava que uma inverdade era algo que abominávamos. Eu não queria ver seu olhar de decepção ao se dar conta que eu me tornara algo que detestávamos tanto. — A mãe de Vincent é a intransigência em pessoa, ela jamais permitiria que uma mulher solteira, sem compromisso algum, trabalhasse dentro da casa do filho dela. Odiei a mentira, odeio mais ainda sustentá-la dia após dia, mas preciso do emprego, se quiser a menor chance que seja de trazer Maria pra casa.

Minha irmã me olhou consternada, suspirando alto enquanto tombava a cabeça para o lado.

— Mas que droga, Lola!

— É, eu sei.

— Então quer dizer que nada rolou? Nadinha? Nem um flerte inocente? — insistiu, estreitando os olhos em minha direção como se aquilo tudo fosse um absurdo.

— Você perdeu a parte em que eu disse que ele acredita que tenho um noivo? — devolvi, impaciente.

— E daí? A gente não controla interesse só de olhar para o dedo anelar de alguém e ver que ele já está ocupado. — Ela ergueu a mão esquerda, movendo os dedos para chamar minha atenção para o gesto. — Você ficaria surpresa se soubesse quantas cantadas já recebi mesmo usando essa belezinha aqui. — Para exemplificar, depositou um beijinho rápido sobre sua aliança.

Em resposta, apenas rolei os olhos, pegando o travesseiro que se encontrava atrás de mim, no qual eu me apoiava, apenas para jogá-lo em Laura, dando o assunto por encerrado.



O que deveria ser um almoço de domingo na casa de Mauro transformou-se também em jantar de domingo, porque em meio a tantas conversas e risadas ninguém parecia muito disposto a ir embora tão cedo.

Katie e eu acabamos ajudando meu irmão a preparar o jantar, que consistia em arroz branco, salada de maionese e vinagrete, enquanto ele reascendia a churrasqueira e se ocupava dela. Quando nos reuníamos, comida brasileira estava sempre no cardápio, o que não era segredo algum.

A família jamais caberia toda ao redor da mesa, então nos sentamos de forma espalhada, em grupinhos, até, com uma porção de conversas paralelas, como de costume. Ao término da refeição, uma vez que já estava tarde, decidi não me demorar muito mais, afinal de contas, eu não morava tão perto assim, tinha um caminho considerável até em casa e precisava trabalhar no dia seguinte. Mesmo não tendo que chegar à casa de Vincent logo cedinho, eu preferia não abusar de sua boa vontade.

Despedi-me de todos e, quando estava de saída, lembrei-me de ter deixado o celular no quarto de hóspedes, enquanto conversava com Laura, mais cedo. Indo até lá, encontrei o aparelho no criado-mudo e acabei conferindo minhas chamadas apenas por desencargo de consciência. Havia exatas cinco chamadas perdidas, uma de Kim, três da casa de Vincent e uma de Michelle. Foi quando senti meu coração falhar uma batida, ao ver as mensagens na minha caixa de postal.

Bons segundos se passaram, talvez até mesmo um minuto inteiro, até que eu tivesse coragem de dar início à primeira mensagem. Com o coração ameaçando sair pela boca e a ansiedade me assolando, não pude começar por outra mensagem, senão a de Michelle. Minha mão trêmula levou o celular ao ouvido, e suspendi a respiração enquanto esperava a voz conhecida soar do outro lado da linha.

Ela estava rouca, aparentemente cansada, e eu senti a preocupação sendo instaurada dentro de mim assim que percebi tantos sinais de fadiga.

“*Ei, sou eu, Michelle*”, ela começou, meio hesitante, num tom de voz baixo. Prendi a respiração, como se o simples ruído do ar entrando e saindo dos meus pulmões pudesse me atrapalhar a ouvir com clareza. “*Eu... uhm... estou*

ligando para dar notícias sobre a bebê. Ela nasceu, Lorena. É uma garotinha linda e de choro forte, muito saudável.” Meus olhos encheram de água, e levei a mão à boca para impedir que qualquer som passasse por ali. Era como se meu coração inflasse e se apertasse ao mesmo tempo. Maria já estava aqui, do lado de fora, com saúde, mas longe dos meus braços, e isso causava um misto de emoções controversas. *“Por um momento, eu até mesmo me arrependi da adoção, sabe? Queria tê-la pra mim, apesar de tudo, mas sei que não posso. Eu a amo, Lorena, e por isso estou desistindo dela. Por amor, jamais pense o contrário. Eu a amo tanto que quero que tenha a maior e melhor chance de ser feliz, dentro de uma família de verdade, que vá amá-la e protegê-la acima de tudo. Família que nunca tive, mas que você tem. Você sabe como é ser parte de algo assim tão... grande. Tão bonito. E não me entenda mal, de verdade, porque eu sei que você é uma pessoa maravilhosa, fruto de pais amorosos que estiveram sempre ao seu lado para apoiá-la em todos os momentos da sua vida.”*

Meus lábios esboçaram um sorriso que não era nada condizente com o aperto que assolava o meu coração. Eu sentia que havia algo de errado, por mais que Michelle não tivesse tido, ainda.

“É isso que quero para ela”, continuou, e ouvi nitidamente quando ela fungou do outro lado da linha. Sua voz estava embargada e falhou antes que pudesse continuar. *“Para Maria. Porque, sim, esse é o nome dela. Maria. Como você escolheu. E se é verdade que a ama tanto quanto diz, eu imploro, Lorena, deixe que ela seja feliz com uma família que você e eu jamais poderíamos proporcionar a ela. O casal que a acolheu é tudo, até mais do que eu poderia sonhar para a minha filha. Eu quero que ela tenha uma vida feliz, um lar sólido, e tudo o que podemos oferecer para ela no momento, você e eu, são cacos e feridas não cicatrizadas.”*

— Não... — eu murmurei no silêncio que se seguiu, num tom de voz quase inaudível, meneando a cabeça como se, assim, minha única palavra proferida pudesse ganhar força.

“Ela está bem”, Michelle prosseguiu segundos depois, a voz tremulando em cada maldita sílaba. *“É amada e vai ser muito, mas muito feliz. De verdade. Vai ser a irmã caçula de um casal de gêmeos também adotados e que amam os pais mais que tudo no mundo. Eu vi a felicidade nos olhos deles, sabe? Os olhos de crianças não mentem, e eu quero aquela felicidade nos olhos de Maria também.”*

Obrigada por toda a sua ajuda e apoio durante a gravidez. Você me ajudou a seguir em frente, sabe? A olhar para o futuro e ter esperanças para o meu bebê. Sinto muito que as coisas não tenham acontecido como você esperava, mas sei que elas aconteceram da melhor forma possível.

Por favor, não tente entrar em contato. Vou desativar esse número, seguir em frente. Você deveria fazer o mesmo.

Seja feliz, Lorena. Tão feliz quanto Maria vai ser... quanto ela já está sendo. Você merece.”

As palavras de Michelle pareciam ecoar em meus pensamentos, e, ignorando as demais ligações e mensagens deixadas para mim, no tempo em que me obriguei a ficar longe do celular, como Laura pediu, retornei a ligação de Michelle, apenas para escutar, repetidamente, que aquele número estava fora da área de serviço.

Ela não me atenderia. E eu já deveria saber disso, meses antes, quando Michelle me acusou de estar tirando de Maria a chance de ter uma família perfeita ao oferecer-lhe a minha, completamente arruinada.

Eles mantiveram o nome, Maria, mas tiraram de mim o que mais importava: a felicidade de ter minha filha nos braços e ouvi-la me chamar de mamãe.



Abrir os olhos na manhã de segunda-feira foi a coisa mais difícil que tive que fazer em muito tempo.

Os acontecimentos da noite anterior vinham em flashes, como se minha memória tivesse sido fragmentada por toda a dor que senti dilacerar meu peito. As palavras de Michelle ainda martelavam em meus pensamentos, e por mais que eu tentasse esquecê-las ao acordar daquele pesadelo... não se tratava de um. A dor era real. Crua. Aguda. Lancinante. Incapacitou-me a ponto de Laura precisar me levar em casa, ligando para Kim no caminho, para saber se ela poderia ir até o meu apartamento, para que elas passassem a noite comigo.

O que Laura achava que eu faria se fosse deixada sozinha, por acaso? Eu não tinha forças para nada além de chorar e sentir pena de mim mesma. As vozes dela e de Kim soavam tão longe, tão débeis, que eu não conseguia discernir muito bem o que elas estavam falando. As coisas se transformavam em borrões, depois entravam em foco e, então... borrões de novo.

Mesmo assim, convenci Laura a ir embora para a casa dela. Ou talvez tenha sido Kim a fazer isso... eu só sabia que minha irmã tinha Leah com quem se preocupar e também o bebê.

Bebê...

A palavra fez uma dor aguda assolar meu ventre e soltei um gemido baixinho, encolhendo-me em minha cama. Eu me lembrava de como me senti, anos atrás, ao perder meu filho. O desespero, o vazio, a sensação de impotência... jamais pensei vivenciar todas aquelas coisas de novo, contudo, ali estava eu. E era ainda pior do que em minhas memórias. Muito mais visceral. Talvez porque, agora, meu bebê tinha um nome. Maria. Havia um quarto, ao lado do meu, pronto para recebê-la, apenas aguardando pelo momento certo. Um

momento que jamais chegaria.

Porque eu a perdi. E tudo, absolutamente tudo saiu do meu controle naquele momento. Eu não era mãe. Nunca fui. Jamais seria.



— Ei, Lola, o que está fazendo? — Kim perguntou ao meu encalço.

Laura havia ido embora na noite anterior, mas Kim se recusou a fazer o mesmo. Ela dormiu comigo e me abraçou quando meu choro saiu do meu controle, acariciando meus cabelos até que o calmante que ela e Laura me deram começou a surtir efeito e por fim adormeci.

— Nada de mais — devolvi com minha voz rouca e apática, pegando o telefone na mesinha ao lado do sofá e discando o número da casa de Vincent. — Vou só avisar o senhor Hardman de que não posso comparecer ao trabalho hoje.

Sentando-se ao meu lado, Kim me estendeu uma caneca de café e um prato com pães de queijo quentinhos, acabados de sair do forno, mas apenas neguei num meneio de cabeça, em recusa.

— Você precisa comer, Lola. E esse é o seu café da manhã favorito. Além do mais, era o último pacotinho de pão de queijo congelado que você trouxe da casa da sua mãe. Não pode desperdiçar — ela incentivou, pegando um pãozinho e estendendo para mim, até encostá-lo em meus lábios fechados.

Apenas virei o rosto, balançando a cabeça em negação logo após.

— Pode comer, não estou com fome.

Kim bufou ao meu lado, derrotada, levantando-se e voltando para a cozinha enquanto o telefone chamava.

— Alô — um Vincent esbaforido falou do outro lado da linha, sua voz seguida de um grito agudo de Juliet, provavelmente protestando quanto a algo. E eu quase sorri. *Quase*.

— Senhor Hardman, sou eu, Lo...

— Lorena, graças a Deus! — ele me cortou de pronto, num suspiro que parecia ser de puro alívio. O barulho de algo caindo no chão soou alto, e então ouvi quando Vincent soltou uma imprecação, algo que jamais presenciei antes, e o choro de Juliet irrompeu em seguida. — Eu já estava ficando louco aqui sem

notícias suas. Por que não tenho o número da sua casa? — Abri a boca para responder, todavia, ele foi mais rápido. — Não importa. Você já está chegando?

— Chegando? Não, eu... — Chequei meu relógio de pulso, franzindo o cenho no processo, em confusão, porque estava ciente de que precisava avisar que me ausentaria antes do meu horário de entrada no trabalho. — Ainda são 9h, eu entro às 10h, estou...

— Sim, eu sei, mas tive uma reunião de emergência agendada e acabei me enrolando todo. Eu tentei falar com você ontem, mas foi sem sucesso. Mandeí uma mensagem, esperando que você pudesse me retornar depois, mas... nada.

Como se a dor no meu coração já não fosse o bastante, minha consciência também doeu. Vincent murmurou alguma coisa do outro lado da linha, para Juliet, e julguei que ele pedia para que ela se acalmasse.

— Eu... ahn... — Titubeei, sem saber ao certo o que poderia falar para amenizar a situação e desejando, mais que tudo, ter sido profissional o bastante para retornar as chamadas de Vincent assim que as vi. Eram três, afinal, eu deveria ter suposto que era mesmo importante. — Ontem eu estava na casa do meu irmão — justifiquei. — Acabei chegando bem tarde, me desculpe. Na verdade, eu...

— Tudo bem, não importa mais. Por favor, me diz que ainda está em casa.

Uni as sobrancelhas.

— Estou sim, por quê?

— Ótimo! Nesse caso, me envie a localização, que estou indo até aí deixar Juliet com você.

— O quê? — praticamente gritei, tamanho foi meu espanto.

— Já estou atrasado, não posso te esperar nem mais um minuto. Você ligou no momento certo, sabia?

— Mas eu só liguei pra dizer...

— Não precisa se explicar, de verdade. Mande logo a localização que já estou saindo de casa. Até daqui a pouco. — E desligou, sem nem mesmo me dar a chance de falar o que planejava, quando decidi fazer aquela ligação.

Bufei, frustrada, arremessando minha cabeça contra o encosto do sofá, como faria uma criança malcriada.

— Você sempre gagueja assim quando está falando com o seu chefe ou apenas por telefone? — Kim questionou, andando até mim e tentando soar divertida, mas tudo o que conseguiu foi receber um olhar atordoado.

— Ele não me deixou falar — defendi-me, cruzando os braços em frente ao peito. — Estava esbaforido, até me chamou de Lorena, em vez de Rodrigues, e disse que está vindo pra cá, trazer Juliet, porque tem um compromisso importante.

— Achei que você fosse dizer que estava doente, indisposta, algo assim...
— apontou, franzindo o cenho.

— Era a intenção. Mas ele foi mais rápido, não me deixou falar absolutamente nada.

— Talvez seja melhor assim, afinal. — Deu de ombros. — Tenho que ir trabalhar agora, fico mais tranquila sabendo que Juliet vai te fazer companhia. Venho pra cá depois do trabalho, tudo bem?

— Kim, você tem uma vida, não precisa pará-la só porque a minha é uma droga.

— Ei, não diz isso! — repreendeu-me, estendendo a mão para tocar um de meus braços, que seguiam cruzados, e afagá-lo. — Você é minha melhor amiga, eu me preocupo com você. Além do mais, estamos atrasadas com a maratona de *Friends* — ela me lembrou com uma piscadela cúmplice. — E não se preocupe com o jantar, vou trazer alguma massa daquele restaurante italiano que você gosta. Até mais tarde.

Kim se levantou de pronto, pegando sua bolsa e as chaves do carro em cima da mesa de centro, lançando-me um beijo no ar ao alcançar a porta. Então ela se foi, e os braços que eu mantinha cruzados em frente ao peito me apertaram, como se, assim, eu pudesse me proteger de todos os desastres que insistiam em me acontecer.



Enquanto esperava por Vincent e Juliet, tomei um longo banho, aproveitando para lavar os cabelos cheirando a gordura, graças ao almoço em família na casa de Mauro, e quando Juliet e seu pai bateram em minha porta, vinte minutos após Kim ter saído, eu os recebi de cabelos molhados e roupão, porque perdi a noção do tempo.

Vincent não percebeu que eu era um lixo humano no momento em que seus olhos pousaram sobre mim, pois me preocupei em esconder as olheiras, fruto da noite anterior, com corretivo e atribuí a culpa de olhos e nariz vermelhos a um resfriado.

— Acho que não foi uma boa ideia ter trazido Juliet — ele comentou,

procurando disfarçar o desconforto em me ver de roupão. Se fosse qualquer outro dia, eu já estaria vermelha de vergonha também, mas naquele instante... eu não conseguia sentir muita coisa além do meu sofrimento. — Por que não me disse que estava doente? Eu teria dado um jeito.

Bem, eu meio que tentei, mas quem disse que você deixou?, era o que eu queria dizer. Em vez disso, abri um sorriso que pouco convencia, estendendo os braços e recebendo Juliet entre eles, que me deu um abraço apertado, como se sentisse que eu precisava daquilo.

— *Lollipop* — murmurou, apoiando a cabecinha em meu ombro. Depositei um beijo sobre os cabelinhos loiros e macios, afagando-os em seguida.

— Estou feliz que ela esteja aqui — foi o que eu disse em resposta, apoiando a bochecha contra a cabeça de Juliet e estendendo uma das mãos para que Vincent me passasse a bolsa de Jules. — Eu ia passar o dia sozinha, agora tenho companhia.

Ele sorriu brilhantemente para mim, acenando uma única vez.

— E seu noivo? Ele não vai se importar? — quis saber, estreitando os olhos em minha direção.

Engoli em seco, desviando o olhar do seu, odiando cada maldita palavra do que diria a seguir, porém, ciente de que não havia outro jeito.

— Absolutamente. Arthur adora crianças.

— Acho que vou estar livre depois do almoço, daí passo aqui para buscá-la e você fica com o restante do dia para descansar.

— Mas e quanto à sua escrita? Essa é a razão principal de ter me contratado para ficar com Jules, para que possa escrever.

— Deixe que eu me preocupo com isso, está bem? Você já está fazendo demais por mim e por Jules nesses últimos dias, deixe-me ao menos agradecer.

— Agradecer? — testei, incrédula. — Claro que não, é só que...

— Estou atrasado — ele me interrompeu, apontando para seu relógio de pulso. — A gente se vê daqui a pouco.

Vincent se inclinou para depositar um beijo na bochecha de Jules, a que não estava contra meu ombro. Eu desconfiava que ela não tivera uma boa noite de sono, porque parecia mais quieta do que o normal. E havia também toda aquela choradeira que escutei pelo telefone.

O movimento de Vincent trouxe seu perfume para minhas narinas, e eu as senti queimar à medida que o cheiro bom passava por elas. Quando ele ergueu a cabeça, ao término do contato com Juliet, seu rosto estava a apenas poucos centímetros do meu, e nós nunca estivemos tão próximos antes. Seus olhos azuis, notei, eram ainda mais lindos quando vistos assim tão de perto.

Ele se afastou e foi embora sem dizer nem mais uma palavra. Escutar o

barulho da porta batendo atrás de Vincent pareceu como se eu tivesse acabado de acordar de um transe. Pisquei repetidamente, tentando ajustar meus olhos para a realidade, então me mexi, por fim, trazendo Juliet e sua bolsa comigo para que pudesse dar início ao dia de forma eficaz.



CAPÍTULO 12

Aquele, definitivamente, não era o melhor dia de Juliet. Ela estava enjoada, chorando muito e não queria se alimentar direito. Uma pequena observada por todo seu corpo, me levou às gengivas inchadas, indicando o nascimento de novos dentinhos. Eu tentei animá-la ao colocar os *Ursinhos Carinhosos* na Netflix e até mesmo enchi uma porção de balões coloridos, mas nada surtiu efeito.

Tudo o que ela queria era colo, carinho e, vez ou outra, alguma coisa gelada, que amenizava a sensação de dor nas gengivas. Pensei em ligar para Vincent e dizer para que não se preocupasse em ir buscar Juliet tão cedo, mas achei que seria o melhor, porque assim ele poderia levá-la ao médico e conseguir que lhe prescrevessem alguma pomada anestésica que ajudaria Jules a passar pelo processo tão doloroso.

Depois de conseguir fazer com que ela comesse alguns legumes bem amassados, na hora do almoço, esperei pelo tempo da digestão e me arrisquei a dar um banho nela, para ajudar a baixar a temperatura que ameaçava subir. Levei Juliet comigo até o quarto que deveria ser de Maria, perfeitamente equipado para recebê-la. Meu peito doeu de forma ainda mais intensa, os olhos marejaram, contudo, não me permiti chorar. Eu jamais desmoronaria em frente a Jules, sendo que ela precisava tanto que eu fosse forte por ela.

Preparei o banho de Juliet na banheirinha rosa própria para crianças, colocando lá dentro um patinho de borracha para que ela pudesse brincar, e aquele pareceu ser o melhor momento de seu dia. A temperatura de seu corpo cedeu, então a vesti, e ela estava pronta para a sua soneca da tarde. Olhando ao redor do cômodo bem decorado, avistei o bercinho cor-de-rosa e o ursinho que repousava lá dentro. Sem pensar duas vezes, deitei Juliet ali, que pareceu

confortável ao apoiar a cabecinha no travesseiro. Coloquei o ursinho ao seu lado, e ela o abraçou quase que imediatamente, apertando-o contra si com todas as forças de que dispunha.

— *Lollipop* — ela murmurou, uma das poucas palavras que saiu de seus lábios desde que chegara ali.

— *Shhh* — sussurrei em resposta, afagando os cabelos extremamente lisos da raiz até o queixo, e que formavam cachinhos logo nas pontas. — Está tudo bem, princesinha, sua Lollipop está aqui.

Ao lado do berço, havia uma mesinha com porta-retratos vazios, que deveriam ser preenchidos com fotos de Maria. Ignorando-os, tomei o iPod que se encontrava sobre o móvel em minhas mãos, colocando a playlist de ninar para reproduzir. As lágrimas vieram sem que eu pudesse fazer nada para controlar, todavia, não emiti um único ruído enquanto tentava fazer com que Juliet dormisse.



Quando Juliet pegou no sono e começou a roncar baixinho, ativei a babá eletrônica e fui correndo em direção à sala, onde me joguei no sofá e me rendi ao choro. Eu havia acabado de fazer o que sonhei desde o momento em que colocara os pés naquele apartamento: assisti a uma garotinha linda adormecer enquanto a ninava no quarto que planejei com tanto carinho. Todavia, apesar de amar Juliet ao extremo, ela não era minha filha. Assim como Maria também não era.

Num rompante, disquei o número de Michelle, uma, duas, três vezes... não houve resposta, o que só aumentou o meu desespero. Prestes a realizar uma nova tentativa, fui impedida com o som da campainha. Se fosse em qualquer outra situação, eu teria apenas ignorado, mas eu não queria que acordassem Juliet, de modo que me apressei em direção à porta, encontrando Vincent parado à soleira.

O sorriso que ele trazia nos lábios morreu assim que seus olhos pousaram sobre mim, dando lugar a uma expressão alarmada. Meu celular ainda estava em minha mão, e eu o apertei firmemente, como se o gesto pudesse me trazer algum equilíbrio. Não funcionou, contudo.

— O que aconteceu? — ele quis saber, adentrando o apartamento e fechando a porta atrás de si, os olhos passando pelo ambiente ao redor, atordoados, buscando algo. — Onde está Juliet?

— E-ela está bem — gaguejei às pressas, para tranquilizá-lo, enxugando o rosto com as mãos rudemente e depositando meu celular sobre a mesa de centro. — Está dormindo no quarto de... — *Maria*, era o que eu iria dizer, porém, me detive. De ninguém. O quarto não pertencia a ninguém.

— Então o que houve? Por que está assim? — perguntou, caminhando para junto de mim, fitando-me preocupado.

— Nada — menti, fugindo de seu olhar perscrutador, forçando um sorriso e falhando miseravelmente.

— Lorena — Vincent chamou, segurando-me pelos braços e impelindo-me a fitá-lo.

O olhar atordoado ainda estava ali, analisando cada recôndito do meu rosto, em busca pela resposta verdadeira que eu me negava a dar.

Foi quando desabei, os joelhos cedendo com o peso do meu corpo, o que teria me levado ao chão, se os braços de Vincent não tivessem me amparado e impedido minha queda. Minhas pernas estavam moles como gelatina, de modo que fui praticamente arrastada até o sofá, onde Vincent me sentou, fazendo o mesmo logo em seguida, as mãos buscando meu rosto e tomando-o entre elas.

— Lorena, o que houve? — insistiu, o olhar consternado examinando minha expressão.

Um soluço engasgado irrompeu por minha garganta, sacudindo meu corpo de forma violenta, sem que eu pudesse fazer nada para controlar. Eu queria falar, porque estava cansada demais de guardar segredo, mas era difícil encontrar minha própria voz.

— E-eu perdi... e-eu perdi a minha fi-lha... — gaguejei, minha voz se quebrando a cada maldita palavra em meio ao meu choro incontrolável. — *Maria*... — sussurrei, sem saber ao certo por que o fazia. Não era como se eu precisasse explicar para Vincent a quem me referia.

Assisti ao seu rosto congelar, e ele permaneceu inerte pelo que me pareceu uma hora inteira antes de piscar, balançando a cabeça no intuito de clarear as ideias.

— O que quer dizer com isso? Como assim, você a perdeu? Não estou entendendo — admitiu, confusão genuína estampada em suas feições bonitas.

Explicar toda aquela bagunça era o que eu mais queria naquele momento, porque já bastava meu próprio transtorno, eu não queria presenciar o de Vincent também, e era exatamente o que ele esboçava, ao passo que seus olhos me esquadrihavam, como se eu fosse frágil demais e estivesse prestes a me

despedaçar inteira por fora como já estava por dentro.

— Maria... — comecei, engolindo a saliva com dificuldade. Forcei-me a controlar minha voz ao máximo, mesmo sabendo que não teria tanto sucesso assim em minha empreitada. — Ela... ela tem outra família, Vincent — lamentei, fechando os olhos com força e sentindo mais lágrimas espessas rolarem por todo meu rosto, alcançando meu pescoço e colo. A dor de cabeça se instaurou ali novamente, graças à choradeira toda, piorando o que já era suficientemente ruim. — Ela tem uma nova família — pude, enfim, prosseguir, sugando uma longa lufada de ar entre os dentes. — Michelle, a mãe biológica, entregou Maria para uma família de verdade.

— Como é possível? Eu achei que a adoção estivesse totalmente acertada. Que você e seu noivo...

— Não tem noivo nenhum! — confessei, tomada por uma vergonha que parecia ser capaz de me afogar. Senti-me pequena, insignificante ao pronunciar tais palavras. Entretanto, nada se comparava ao constrangimento de concluir a informação que me sentia compelida a dividir com Vincent. — Arthur tem outra pessoa — disse, num fio de voz, escondendo o rosto entre minhas mãos, e as de Vincent caíram em seu colo. — Ele me deixou quando descobriu que iria ser pai.

Silêncio...

Por tempo demais, tudo o que consegui escutar foi minha própria respiração, ruidosa e descompassada. Senti quando Vincent se moveu no sofá, aproximando-se de mim, e no instante seguinte ouvi a voz rouca que aprendi a reconhecer, num tom baixo que não lhe era familiar.

— Então... você mentiu? Mentiu para mim sobre... tudo?

A pergunta fez-me encará-lo de pronto, boquiaberta. Minhas mãos caíram inertes em meu colo, no processo, para logo em seguida buscar a de Vincent, que repousava sobre seu joelho. Sua expressão era... eu não sabia dizer com certeza, mas aquilo que eu via em seus olhos só poderia ser ultraje.

— Eu não queria — defendi-me, assistindo ao momento exato em que seu olhar se afastou de mim. Foi como levar uma nova punhalada no coração.

Ele está decepcionado com você, sua tonta!, gritei comigo mesma internamente, desesperada. Eu não queria que aquilo acontecesse. Não queria que Vincent me desprezasse. Eu não aguentaria acrescentar isso à minha pilha de fracassos

— Vincent, olha pra mim, por favor — supliquei, a voz tão débil que nem estava certa de ele ter me ouvido. Ainda assim, foi exatamente o que fez. Os olhos azuis me fitaram, estreitos, talvez na busca de compreender o que me motivara a trair sua confiança antes mesmo de adquiri-la. — Eu não sou uma mentirosa, acredita em mim, por favor. Nunca foi a minha intenção enganar

ninguém, mas eu precisava desesperadamente do emprego na sua casa, pra conseguir sustentar a mim e ao bebê sem a ajuda de Arthur — elucidei, torcendo para que ele acreditasse no que acabara de ouvir, mesmo não tendo motivos para tal. — Eu não sou uma mentirosa, não sou... — reiterei, enxugando minhas lágrimas com uma de minhas mãos ao passo que seguia apertando a de Vincent com a outra.

— Ei! — ele fez, os dedos afastando uma lágrima teimosa que rolou por minha bochecha, concomitante ao meneio de sua cabeça. — Tudo bem, eu entendo. Pais fazem qualquer coisa pelo bem dos seus filhos, sei disso e admiro sua coragem. — Abriu um sorriso, e ainda que suas palavras e seu gesto tivessem o intento de me consolar, causaram o efeito reverso.

Poderia parecer controverso, contudo, mesmo não querendo decepcioná-lo e ser alvo do seu ódio, tampouco sentia merecer benevolência e conforto, não quando vinham de Vincent. Por isso chorei, meu corpo estremecendo nos pés à cabeça, no processo, entregando-se ao aperto no meu coração.

— Está tudo bem, Lorena, tudo bem — ele tornou a assegurar, puxando-me para um abraço que fui incapaz de resistir.

Os braços fortes me apertaram contra seu peito, e escondi o rosto ali, encolhendo-me inteira junto ao corpo de Vincent, sentindo o calor convidativo que ele emanava e suspirando ao mesmo tempo em que apertava sua camisa a ponto de os nós dos meus dedos ficarem brancos.

— Não... — neguei, também num meneio de cabeça. — Não está nada bem. O que eu faço agora? Eu mudei a minha vida inteira pra ser mãe... abri mão de todos os outros sonhos em prol desse. E agora... — A voz falhou, então desisti de usá-la.

Enterrei o nariz no peito de Vincent, inalando seu perfume quase com sofreguidão. Seus braços me apertaram um pouco mais, embalando-me, e a sensação era de ter minha dor sufocada, de modo que ela não conseguia se esgueirar e me atingir. Não ali, nos braços receptivos e protetores. Sua mão direita afagou meus cabelos, as pontas dos dedos resvalando em meu couro cabeludo repetidas vezes, fazendo-me puxar uma respiração profunda.

— Você não precisa desistir desse sonho, Lorena — sussurrou ao pé do meu ouvido, e se meus olhos já não se encontrassem fechados, eu certamente os fecharia naquele momento, apenas para apreciar o sopro do hálito de Vincent contra meu pescoço, o que me provocou um arrepio que fez com que os dedos dos meus pés se contorcessem. — Ainda é jovem, tem tanto tempo pela frente. Talvez... — hesitou, e lutei contra a vontade de instigá-lo a continuar falando, apenas para sentir sua respiração contra minha pele novamente. — Talvez você deva procurar satisfação em realizações menores, que dependam exclusivamente

de você — retomou, fazendo um arrepio delicioso percorrer toda a minha espinha quando seus dedos traçaram a linha da minha coluna num passeio preguiçoso. — Eu imagino que deve estar doendo demais agora, mas você não está sozinha, ouviu? Tenho certeza de que tem uma porção de gente que se importa com você. Como Juliet e eu. Nós estamos aqui, ao seu lado, para tudo o que precisar, está bem?



Ele segurou meu queixo com o polegar e o indicador, erguendo-o para que eu pudesse fitá-lo. Seu sorriso acolhedor estava lá de novo, para alentar e reiterar suas palavras de agora há pouco. O mais provável era que aquilo se devesse ao fato de que eu acabara de chorar em seu ombro, literalmente, molhando sua camisa, de qualquer modo, eu não conseguia afastar a sensação de intimidade. A sementinha fora plantada há alguns dias, e era possível que eu a estivesse regando, desde então, mesmo de forma inconsciente... meio sem querer, de modo 100% unilateral. Nesse caso, não haveria nada de mais em seus gestos. Nenhum significado oculto ou uma intenção que fosse além do consolo que ele me fornecia.

Sentir o olhar de Vincent sobre mim e seu hálito batendo contra meu rosto, em meio a uma respiração ofegante, no entanto, não se tratava de um devaneio. Os olhos azuis estavam brilhantes, e meu coração deu um salto dentro do peito quando os meus próprios vislumbraram o que mais parecia um par de safiras. Engoli em seco, examinando o conjunto que era o rosto de Vincent, permitindo-me fazê-lo sem culpa pela primeira vez desde que nos conhecemos. Seu polegar afagou meu queixo devagar, e tomei a liberdade de levar uma de minhas mãos até seus cabelos, apenas para saber se eles eram tão macios ao toque quanto pareciam, quanto sempre imaginei.

Muito melhor, constatei, enlaçando meus dedos nos fios dourados e sedosos, surpresa com quão prazerosa a simples carícia se mostrou.

Completamente fora de controle, sem saber ao certo o que estava fazendo, inalei profundamente quando Vincent exalou o ar pelos lábios entreabertos e rompi a distância que separava sua boca da minha. O contato simples enviou

uma onda de prazer por todo meu corpo, e o que deveria ser apenas um toque de lábios se transformou em um beijo no momento em que minha língua buscou passagem e ele cedeu, acariciando-a com a sua e soltando um gemido rouco no processo. Guiada apenas pelas sensações, levei minha mão direita para a nuca de Vincent, como se, assim, pudesse aprofundar o contato. Eu não sabia muito bem como havia acontecido, contudo, segundos depois, eu estava sentada no colo de Vincent, de frente para ele, beijando-o com tanta sofreguidão que era quase como se minha vida dependesse disso. As mãos dele apertaram meus quadris com força, e por algum motivo interpretei o gesto como incentivo.

Minhas mãos afoitas apertaram seus ombros, descendo para os braços, sentindo os músculos que tanto admirei secretamente nas últimas semanas. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo ali, sabia apenas que não queria parar. Beijar Vincent... ser beijada por ele... eclipsava todas as outras sensações. Nem mesmo me lembrava da última vez em que desejei tanto um beijo, tampouco da existência de uma boca mais cálida e macia que a de Vincent. Quando mordisquei seu lábio inferior, sugando-o em seguida, meus pensamentos convergiram apenas para todas as coisas que eu queria fazer com ele. Beijar-lhe a mandíbula perfeitamente quadrada e coberta por uma camada de pelos macios, o pescoço, os ombros, o peito...

Era o que eu iria fazer, em especial após sentir as mãos másculas apertando minhas coxas, como se me puxassem mais para ele, a fim de tornar o contato ainda mais íntimo.

Porém, um som agudo irrompeu, sobressaltando a mim e a Vincent. Nós nos afastamos de pronto, ofegantes pelo beijo sôfrego e, possivelmente, pela surpresa. O choro de Juliet invadiu meus ouvidos com força total, fazendo com que minha cabeça latejasse e com que eu me desse conta de que ainda estava sentada sobre o colo de Vincent.

Meu rosto inteiro se tingiu de vermelho, dada a sensação de calor — muito diferente da de agora há pouco — que se espalhou até meu pescoço e colo. Afastei-me de pronto, como se tivesse sido eletrocutada, levantando-me e correndo em direção ao quarto onde Juliet estava, deixando Vincent ainda no sofá, de olhos fechados, recusando-se a olhar para mim.



Quando o despertador soou, na manhã de terça-feira, eu já estava acordada há um bom tempo. Ainda assim, me recusei a sair da cama, com medo de que Kim acordasse com o meu movimento, já que seu sono era leve e ela ressonava tranquila ao meu lado.

Como prometido, ela foi para o meu apartamento, depois do expediente, nós jantamos comida italiana e assistimos a cinco episódios de *Friends* enquanto tomávamos sorvete e conversávamos.

O choque pelo meu interlúdio com Vincent fez com que meu choro cessasse. No entanto, em vez de agradecer pela pequena dádiva, Kim insistiu em saber por que eu estava tão aérea. Usar o fracasso da adoção de Maria não funcionou nem um pouco.

— Isso te deixaria triste e chorosa, não aérea, como se você estivesse desconfortável em sua própria pele — ela dissera, e por mais que eu quisesse contar-lhe o que acontecera e pedir algum tipo de conselho sobre como agir, apenas dei de ombros, desconversando enquanto focava num diálogo engraçado passando na TV. — Sabe que pode sempre contar comigo, certo? — perguntara ante meu silêncio, tocando minha mão com a sua e apertando-a.

Em resposta, acenei em concordância, abrindo um sorriso fraquinho para Kim.

Não era exatamente do meu feitio esconder as coisas dela. Na verdade, eu confidenciava tudo a Kim. *Absolutamente* tudo. Era estranho guardar segredo dela, mas eu sentia que era o certo a se fazer. A julgar pela expressão de Vincent, após o nosso interlúdio, na tarde passada, não era inteligente compartilhar o que houve com mais ninguém. Já foi estranho o bastante com apenas nós dois cientes do ocorrido, colocar mais pessoas naquela equação não ajudaria nada.

Eu ainda conseguia vislumbrar a expressão de Vincent, que era um misto “a situação toda está estranha, mas estou tentando agir naturalmente”. Era mais ou menos a mesma expressão que eu trazia, talvez, exceto que eu nem mesmo conseguia pronunciar uma frase completa sem gaguejar.

Quando entreguei uma Juliet ainda chorosa para Vincent, ela murmurou algumas coisas que mal pude entender, às quais respondi de forma gaguejante e inarticulada que mal podia me lembrar. Depois que ele foi embora, contudo, e me vi sozinha ali, meus lábios seguiram com aquela sensação deliciosa pós-beijo, e levei uma das mãos até eles, lançando-me de volta ao sofá ao passo que fechava os olhos e me lembrava da sensação de ter minha boca contra a de Vincent. Era tudo tão vívido, como se ele ainda estivesse ali. Beijando-me, tocando-me, aproveitando o contato tanto quanto eu... porque essa era a verdade. Vincent não me rejeitou. Não se esquivou do meu beijo, não se mostrou insatisfeito... ao contrário. E isso, de certo modo, apenas me apavorou ainda mais, causando-me uma noite insone, na qual não parei de pensar em Vincent e no quanto apreciara o gosto de seu beijo e o toque de suas mãos. Sobretudo, no quanto gostaria de ter tido a chance de desfrutar do contato por mais tempo que apenas um par de minutos.



— O que faz aqui? — a senhora Hardman questionou assim que pus os pés na sala de estar da casa de Vincent, cruzando os braços em frente ao corpo com os olhos estreitos em minha direção.

Engoli em seco sob seu olhar perscrutador, sentindo-me um pouco mais diminuta a cada instante.

— V-vim trabalhar — balbuciei incerta, com ódio de mim mesma por ter gaguejado. Mas aquele era o poder da senhora Hardman sobre mim. Eu me sentia, na maior parte do tempo, uma adolescente bobinha, em busca constante por uma aprovação que jamais iria acontecer.

— Estranho. — Ela franziu o cenho. — Vincent ligou pedindo ajuda com Juliet. De acordo com ele, você não estaria disponível.

Um arrepio gelado perpassou toda minha coluna, mantendo-me estática em

meu lugar.

Ela sabe?, perguntei a mim mesma, cogitando a hipótese de Vincent ter contado a ela sobre o nosso... uhm... deslize do dia anterior.

— Bem, eu... — Busquei as palavras certas para responder, tentando encontrar uma desculpa perfeita, porém nada muito bom me veio à mente, de modo que tentei ser o mais sincera possível. — Ontem eu estava indisposta, tanto que trabalhei em horário reduzido, mas já me sinto melhor.

— Indisposta? Está doente ou cansada demais do trabalho com Juliet?

Essa resposta pode custar o nosso emprego, Lorena, não diz besteira, por favor, meu lado ácido implorou, bem menos hostil do que costumava ser.

— Nem uma coisa nem outra, senhora Hardman. Foi um problema pessoal. Eu expliquei ao seu filho, provavelmente por isso ele imaginou que eu não viria trabalhar hoje. Mas estou aqui para tomar conta de Juliet — menti. Bem, era ao menos uma meia verdade. Eu odiava esconder as coisas de Vincent, o que não significava que me sentia confortável tendo a mãe dele me analisando constantemente e fazendo perguntas invasivas como se isso fizesse parte da minha descrição de emprego.

— Que tipo de problema pessoal? — questionou, estreitando os olhos, ainda em sua postura introvertida

Invasiva, invasiva, invasiva, invasiva...

— Do tipo que gostaria de manter assim. *Pessoal* — frisei, endireitando os ombros e buscando não me deixar intimidar. — O senhor Hardman está com Juliet?

— Meu filho está no escritório, Juliet acordou, mas logo voltou a dormir. Teve uma noite difícil, graças à nova dentição.

Acenei em concordância, lembrando-me de todas as vezes em que meus sobrinhos atravessaram aquela fase de ter os dentes nascendo e me condoí, em especial por ter presenciado o quanto Juliet parecia estar sentindo dor no dia anterior.

— Tudo bem. Vou avisar ao senhor Hardman que estou aqui para assumir o meu posto. Se a senhora me der licença...

Imitando meu gesto, a senhora Hardman aquiesceu, movendo a cabeça e sacudindo uma das mãos como se me encorajasse, apesar de seu semblante não ser *nada* encorajador.

De qualquer modo, fiz conforme havia dito que faria. Caminhando a passos largos e firmes até o escritório, senti meus batimentos acelerando na medida em que ia me aproximando do local de destino. Estaquei à porta, incerta sobre o que fazer ali. Ajeitei minha bolsa sobre o ombro, agarrando as alças com a mão direita como se dependesse daquilo para me manter de pé. Levei a mão esquerda

até o meu cabelo preso em um rabo de cavalo, tentando deixá-lo com uma aparência melhor e menos desleixada, apesar de aquela ser a minha intenção quando me enfiei em jeans surrados, camiseta puída e desisti de camuflar os círculos roxos sob meus olhos.

Bati à porta, hesitante, escutando um “entre” vindo de lá de dentro.

— Com licença — murmurei timidamente, adentrando o ambiente quase como se não quisesse de fato fazê-lo.

Vincent digitava freneticamente ao computador, lançando-me um olhar de relance sem interromper o que fazia, até se dar conta de quem era a pessoa a invadir seu espaço.

— Lorena — ele emitiu em reconhecimento, deixando o computador de lado por um instante para me dar total atenção, parecendo surpreso por me ver ali.

— Oi — cumprimentei, mal reconhecendo minha própria voz. — São 10h em ponto, achei que não começasse a escrever antes desse horário. — Tentei um sorriso, por mais que os músculos de meu rosto parecessem travados.

Era estranho estar de frente para Vincent, tentando agir naturalmente quando da última vez em que nos vimos eu estava jogada em seus braços.

E não se esqueça da parte em que quase foi capaz de tocar a garganta dele com a ponta da língua, foi o que soprou em meus pensamentos, não me ajudando na tentativa de parecer casual.

— Estou abrindo uma exceção, já que Juliet está dormindo e não consegui produzir nada ontem.

Levando os olhos de volta para o seu computador, Vincent tornou a digitar freneticamente, e foi impossível evitar que a vergonha pelos acontecimentos recentes me assolasse.

— Por causa do meu horário reduzido, suponho. — Murchei os ombros. — Sinto muito, eu...

— Não — apressou-se a negar, reforçando o gesto com um meneio de cabeça, ainda que sua atenção não fosse minha. — Levei Juliet ao médico e passei o resto do dia cuidando dela. Além do mais, não estava com cabeça para trabalhar.

Acenei em concordância, buscando algo sagaz para dizer. *Nada*. Engolindo em seco, retorci os dedos das mãos uns nos outros — olhando para todo e qualquer lugar, exceto na direção do meu chefe — como se o gesto infantil pudesse me trazer alguma epifania. Não trouxe.

— Ouça, sobre ontem, eu... — Hesitei, por mais que soubesse que agir como se nada tivesse acontecido não era a melhor opção. Eu precisava me retratar, mesmo sabendo que tocar naquele assunto era o que fazia minhas

bochechas arderem em puro constrangimento naquele exato instante. — Eu sinto muito. Quer dizer, eu não deveria... — Busquei as palavras, que me faltaram. Assim sendo. — ... você sabe. — Dei de ombros. — É que eu estava tão confusa. Desolada, carente, e você foi tão simpático comigo, eu pensei... digo, eu sei que não foi nada. Que não significou nada, eu só...

— Lorena — a voz macia e rouca de Vincent me interrompeu, e meu olhar foi atraído para ele como um pedaço de metal para um ímã. Com os olhos azuis e hipnotizantes focados em meu rosto, ele continuou: — Por que você não vai pra casa?

— Porque esse é o meu trabalho e sou profissional. Sei que nenhuma das minhas atitudes ontem formam uma boa defesa, mas a verdade é que...

— Você passou por muita coisa — tornou a me cortar, abrindo seu sorriso condescendente para mim, o que levou meu peito a se revirar em pura euforia. — Devia ir pra casa. Eu não a esperava por aqui hoje, de qualquer forma, tenho tudo sob controle.

— Quer que eu volte amanhã, então?

Ele parou para pensar por um momento, que me pareceu longo demais. O rosto bonito se franziu em confusão, antes de ele voltar a falar como se titubeasse.

— Na verdade, eu também não a esperava aqui amanhã... ou depois de amanhã...

— Está me demitindo? — perguntei num só fôlego, pânico genuíno correndo por minhas veias. Minha vida já estava um caos completo, se Vincent me tirasse a única estabilidade que tinha no momento... — Eu sei que fui estúpida ontem e que por muito menos tantas outras babás foram despedidas antes de mim, mas eu juro que não vai acontecer de novo.

— Lorena...

— Pode aumentar a minha carga horária! — apressei-me a continuar. — Reduzir o meu salário... qualquer coisa, mas, por favor, não tire Juliet de mim — supliquei, a um único passo de me dismantelar inteira em lágrimas logo à sua frente. — Eu já perdi tanto, não sei se vou aguentar...

— Pelo amor de Deus, é claro que não estou te demitindo! — Vincent objetou, quase exasperado, fitando-me como se eu tivesse acabado de pronunciar o maior dos absurdos. Ele se levantou, dando a volta por sua mesa e caminhando até mim, ficando a pouquíssimos passos de distância, de modo que fui capaz de sentir o mesmo cheiro espetacular que inalei tão profundamente, no dia anterior, direto de seu pescoço. — Só imaginei que você pudesse precisar de alguns dias de folga, pra colocar a cabeça no lugar. Depois de ontem, acho que seria o melhor a se fazer. — Ele cruzou os braços, e meus olhos, por vontade própria,

correram para analisar o movimento.

— Não preciso de tempo.

— Precisa, sim — contra-atacou, erguendo uma sobrancelha em provocação. — Tire essa semana pra você, vá ler um livro, maratonar alguma série na Netflix... sei lá. Você passou por muita coisa, precisa começar a processar tudo. — Então seu olhar se tornou condescendente, e até mesmo pensei que Vincent levaria uma de suas mãos até meu braço, para afagá-lo, mas não o fez. Manteve a distância segura entre nós, o que foi até bom. Eu não andava lá muito confiável.

— Então, segunda-feira, eu posso voltar? O emprego ainda vai ser meu?

Vincent sorriu brilhantemente em resposta, bagunçando o compasso do meu coração e fazendo com que eu me sentisse como uma adolescente em frente à sua celebridade masculina favorita.

— Te vejo segunda às 10h. Juliet e eu vamos estar esperando.



— E essa é a última caixa, oficialmente. A mudança mais rápida do século!
— Kim decretou, balançando uma caixa de papelão vazia à minha frente e fazendo uma dancinha um pouco estranha... para dizer o mínimo.

Seu ar sempre animado me arrancou uma risada, e eu me senti feliz pela primeira vez desde que... bem, me senti feliz pela primeira vez em um bom tempo. E isso me bastava.

Fazer com que Kim se arrastasse até o meu apartamento carregado de lembranças dolorosas já não era mais necessário, e eu não poderia me sentir mais satisfeita por isso. A decisão de me mudar foi a melhor que eu poderia ter tomado, afinal de contas, agora eu teria a melhor colega de quarto que poderia pedir aos céus e a chance de recomeçar a vida num lugar que não me remetia às minhas decepções recentes.

Eu me sentia livre, essa era a verdade.

— Obrigada por me deixar ficar aqui — agradei, e Kim interrompeu sua dancinha estranha, colocando as mãos na cintura para me analisar melhor.

— Está brincando? Desde que Chloe foi embora esse lugar ficou grande

demaís só pra mim. Por que acha que eu dormia tantas noites na sua casa?

— Achei que fosse porque eu estava vivendo um momento delicado e você queria estar por perto, pra me apoiar em tudo o que eu precisasse.

— Não me lembro de ter dito nenhuma dessas coisas e não sou responsável pelo que você *acha*. Odeio ficar sozinha — lançou, dando de ombros ao passo que fingia completa indiferença, ao melhor estilo Kimberly de ser.

— Você bem que podia arrumar um namorado, então — sugeri, recebendo um olhar mortífero como resposta. — Ou podemos apenas ligar a TV e voltar à nossa maratona de *Friends* — desconversei, indo até a cozinha buscar o pote de sorvete enquanto Kim se ocupava de entrar em sua conta na Netflix para que pudéssemos ver *Aquele com o Chandler na caixa*.



Assistir a Arthur caminhar em minha direção, depois de todo o tempo em que ficamos sem contato, era estranho, para dizer o mínimo. Ele ainda era tão bonito quanto eu conseguia me lembrar, mas vê-lo já não me trazia euforia, não me deixava ansiosa, ávida por um beijo ou mesmo um simples toque... absolutamente nada.

Depois de mais de uma década ao seu lado, amando-o desesperadamente como se não houvesse sentimento maior que aquele, Arthur era só um cara bonito como qualquer outro que eu não poderia ter e tampouco gostaria de ter.

— Ei... você veio mesmo — foi o que ele disse quando se sentou à mesa da cafeteria onde marcamos de nos encontrar.

Até cogitei ir até a casa dele para que pudéssemos ter aquela conversa, porém, depois da cena que fiz em meio à sua sala de estar, achei mais seguro que nos falássemos em um lugar neutro e impessoal.

— Claro que eu vim. Eu que entrei em contato, esqueceu? — devolvi, sorvendo um longo gole do meu café quentinho.

— Eu sei. É só que faz um tempo desde que nos vimos pela última vez. Você está linda. — Abriu um sorriso, fitando-me com tanta atenção que foi quase desconcertante.

Para fugir de seu olhar, acenei para que a atendente do local fosse até a

nossa mesa, apenas para anotar o que Arthur sempre costumava pedir: café com creme e cookies.

— Como estão Piper e o bebê de vocês? — voltei a falar, bebendo mais um gole de café e fingindo ter esquecido completamente o elogio sem propósito que me foi ofertado.

— Bem. Estão bem — Arthur respondeu, parecendo desconfortável ao extremo ao ter que fazê-lo. — É um menino — continuou, mesmo não estando à vontade. — Nós vamos chamá-lo de Luke.

Franzi o cenho, esperando a atendente — que viera trazendo o pedido de Arthur — se retirar e nos dar privacidade outra vez antes de prosseguir.

— Mudou de ideia quanto a Victor?

O semblante de Arthur mudou. Seu olhar buscou meu rosto, e parecia igual às vezes em que ele ia me contar algo que o deixava chateado... não. Essa não era a palavra. *Impotente*. Isso! Arthur odiava se sentir impotente ante qualquer situação.

— Victor era o nome que eu queria dar ao filho que teríamos juntos, você e eu. Lembra?

Engoli em seco e me remexi em meu assento. Foi a minha vez de ser levada ao desconforto, de modo que bebi um novo gole de café apenas para ganhar tempo e pensar no que poderia dizer.

— Um filho hipotético que nunca vai existir. Você poderia ter batizado o seu filho real como bem desejasse. É só um nome. — Dei de ombros, fingindo casualidade, algo que estava bem longe de sentir.

Arthur aquiesceu uma vez. Não como se concordasse comigo, e sim como se não quisesse de fato discutir nada daquilo ali.

— Maria nasceu? — quis saber, repuxando os lábios num meio sorriso, e meu desconforto atingiu a estratosfera em milésimos de segundo.

Que ótimo!

— Sim — respondi simplesmente, arrematando meu café e depositando a xícara vazia sobre o pires logo à minha frente. — Escuta, eu não tenho muito tempo — lancei, desviando sua atenção da pergunta para algo que não me deixasse tão incomodada assim. Minha garganta parecia prestes a se fechar, porque era o que acontecia sempre que o nome Maria era pronunciado.

Pegando minha bolsa, sobre o espaldar da cadeira onde eu estava sentada, retirei de lá as chaves do apartamento em TriBeCa, colocando-as sobre a mesa de madeira que me separava de Arthur.

— Aqui — falei, empurrando o molho de chaves em sua direção.

— O que é isso? — perguntou, o semblante confuso mirando do objeto para mim.

— Suas chaves do apartamento. Você não levou quando foi embora e acho que vai precisar delas.

— Por quê? — insistiu, as sobrancelhas espessas unindo-se.

— Porque não moro mais lá. E eu sei que contribuí com um valor simbólico na aquisição daquele imóvel, mas eu realmente preciso do dinheiro de volta. Pensei que talvez você pudesse vender o apartamento. Alugar, não sei, qualquer coisa. Só quero o valor que investi pra comprar meu próprio imóvel — expliquei, sem graça.

Verdade fosse dita, evitei ao máximo que pude aquela tomada de decisão e, consequentemente, aquela conversa. No entanto, a minha conta bancária não me permitia ser a mulher independente que saía de um relacionamento — ou era expulsa dele, no caso — e nem mesmo olhava para trás, não aceitando absolutamente nada do ex que se mostrou um completo crápula. A minha realidade era aquela: desocupar o apartamento que dividimos e tentar reaver meu dinheiro de volta.

— Eu te disse que o apartamento é seu, Lorena. Seu e de Maria. Para tentar reparar o mal que eu fiz...

— Acha que um bem material vai amainar a gravidade do que você fez? — eu o interrompi, abismada com seu modo simplório de resolver as coisas.

— Lorena...

— Eu não me revoltei porque você está construindo uma vida perfeita, Arthur — eu o cortei, incrédula, antes que ele pudesse dizer mais um de seus absurdos. — Minha revolta consiste no fato de ter sido feita de boba. Se você estava infeliz... era só ter dito. Eu teria desaparecido da sua vida muito antes.

Ele me encarou, parecendo em choque. Piscou demoradamente algumas vezes, meneando a cabeça em seguida.

— Nunca quis que você desaparecesse — ele se defendeu, arrancando de mim um bufar incrédulo.

Havia uma porção de coisas que eu queria dizer a ele. Nenhuma delas seria agradável de ouvir. Em vez disso, optei por permanecer com o resquício de dignidade e amor próprio que toda aquela situação me permitiu ter.

— Me avise quando puder me passar o dinheiro, okay? — emití num suspiro cansado, preparando-me para ir embora dali. — Só isso. Tenha um bom dia.

Arthur, no entanto, breou meu movimento, agarrando meu pulso e fazendo com que eu permanecesse sentada.

— Como ela é? — inquiriu, e eu não precisava que ele fosse mais articulado que aquilo para saber a quem se referia. — Maria. Quero saber como ela é.

Senti como se ele, de novo, cravasse um punhal em meu peito e o girasse. Será que ele achava divertido assistir ao meu rosto assumir uma expressão de dor? Porque, sério, aquela era a única explicação.

— Eu não sei, Arthur. Pergunte aos pais dela.

Ensaiei levantar, contudo... nada. Claro que Arthur não deixou. Eu tinha certeza de que ele vira o lampejar de incômodo e tristeza que perpassou meus olhos, de qualquer modo, não me deixou ir embora.

— O quê? Como assim? Você desistiu da adoção? Por quê? Se o problema era dinheiro, Lorena, era só ter dito, eu te ajudaria.

Eu o encarei estupefata. Havia preocupação e certa nota de simpatia em seu tom de voz, o que só tornava a situação ainda mais ultrajante.

— Você só pode estar louco se acha mesmo que eu iria atrás de você exigir algo a que não tivesse direito. Só quero o que investi no apartamento, Arthur. Nada além disso. Não quero seu dinheiro, sua ajuda... apenas o que é meu.

— É o seu direito, Lorena — refutou, os dedos se fechando com mais força ao redor do meu pulso, de modo que o puxei para longe do contato, ao que Arthur tentou segurar minha mão. O que, claro, não permiti que acontecesse. — Você me apoiou durante o período de faculdade, quando consegui meu atual emprego e trabalhava cerca de 13h por dia para provar o quão valioso seria para a firma. Nada mais justo que...

— Michelle desistiu da adoção, não eu — eu o cortei. Não queria ouvir nada daquilo. Aquela história não era exatamente novidade para mim, então, qual seria o ponto? — Quando soube que eu seria mãe solo, ela escolheu um novo casal para receber Maria — informei, como se não fosse nada de mais, quando, na verdade, me matava por dentro tocar no assunto. Em especial com Arthur.

— Eu... — ele tentou, e, pela primeira vez, assisti a Arthur Ferreira, o proeminente advogado, titubear. — Sinto muito...

— Não sinta. — Meneei a cabeça. — Foi melhor assim. Melhor pra você, que vai ter seu filho biológico, como sempre sonhou. Melhor pra Maria, que vai ter pai, mãe e irmãs pra cuidarem dela. Melhor pra mim, que... — Minha voz embargou e hesitei, até porque, não havia um cenário onde ter Maria arrancada de mim pudesse ser *melhor* de algum modo. — Melhor pra todo mundo.

— Lorena...

— Só tirei as coisas do meu quarto, todo o resto continua no apartamento — apressei-me em falar, e desta vez minha tentativa de me levantar foi bem-sucedida. — Laura e Katie estão grávidas, então, vai levar umas duas semanas, mais ou menos, para que eu tire todas aquelas coisas de bebê de lá também. Quero saber se uma delas vai ter uma menina, pra que eu possa repassar o

enxoval, ou se devo apenas doar para outra pessoa.

— Lola...

— Preciso ir trabalhar, Arthur — eu o cortei, nada disposta a ouvir o que quer que fosse que ele poderia ter a me falar. — Me avise quando tiver um posicionamento sobre o meu dinheiro.

Então eu fui embora, sem olhar para trás, orando internamente para que aquela fosse a última vez que Arthur e eu precisaríamos estar num mesmo ambiente.



CAPÍTULO 14

“Você consegue fazer isso, Lorena, você consegue fazer isso...”

Eu vinha repetindo essa bendita frase como um mantra, a fim de acalmar-me e também convencer-me de todo meu autocontrole. Sem sucesso. Soltando uma longa lufada de ar, ajeitei uma mecha de cabelo atrás da orelha, segurei com mais firmeza o ursinho de pelúcia que trazia na mão esquerda e, com a direita, ajeitei a alça de minha bolsa sobre o ombro, tocando a campainha da casa de Vincent logo após.

Sendo muito honesta comigo mesma, eu estava uma pilha de nervos, porque aquele era o meu primeiro dia de volta ao trabalho depois de ter agarrado o meu chefe e ter pensado naquele beijo por todos os dias que se seguiram. A sensação era estranha, apesar de não ser ruim, mas me deixava sem saber como me comportar quando a porta da frente fosse aberta.

Então eu sorri, assistindo a um Vincent de expressão sisuda abrir a porta e me dar passagem. O rosto sempre leve e divertido era apenas uma memória distante no momento em que ele me desejou bom dia e orientou que eu entrasse. Senti meu estômago se contorcendo ainda mais em apreensão.

— Eu ia ligar para dizer que você não precisava vir hoje, se não se sentisse bem, mas acabei me esquecendo — ele disse após fechar a porta atrás de si e virar-se para me encarar.

Uma onda de decepção me atingiu.

Como assim ele se esqueceu de mim? Por pior que tenha sido o beijo, ao menos disso ele precisava se lembrar, não?

— Nós combinamos que eu viria hoje e aqui estou. Além do mais, estar ao lado de Juliet vai me ajudar a não pensar nos problemas — admiti, esboçando um leve sorriso, mas não recebi o mesmo em cortesia.

Ignorando completamente esse fato e entendendo que Vincent, provavelmente, levantara-se da cama com o pé esquerdo, naquela manhã, voltei minha atenção para o mini ser-humano no berço portátil, o qual interrompeu sua brincadeira e ficou de pé, com seus olhinhos azuis me encarando e esboçando um sorriso bem menos banguela.

— Oi, princesa — eu a cumprimentei, me encaminhando para junto dela e tomando-a no colo, recebendo um abraço afetuoso em seguida.

— *Lollipop* — ela murmurou em resposta, roubando de mim uma risadinha e ganhando um beijo demorado em sua bochecha rosada e fofinha.

— Isso. A *Lollipop* está de volta e trouxe um amiguinho novo que sentiu sua falta. — Então eu lhe mostrei o ursinho, o mesmo com o qual ela dormira abraçada na tarde que passou no meu apartamento, e, como fez anteriormente, apertou-o contra o peito e soltou um gritinho de apreciação.

— *Usinho!* — emituiu em reconhecimento, e o que mais eu poderia fazer além de sorrir para ela? Beijá-la e abraçá-la, talvez, afinal de contas, estava morrendo de saudade, e foi exatamente isso que fiz.

— Eu vou voltar ao escritório — a voz de Vincent soou, interrompendo meu momento com Juliet. — Estou no meio de uma reunião importante com a minha agente.

— Claro, tudo bem — aquiesci, e então Vincent se afastou, ainda sisudo demais para o meu gosto, desaparecendo logo em seguida no corredor.

— O papai não parece muito feliz, Jules — cochichei para ela, que não me deu muita atenção, porém, analisava minuciosamente seu ursinho de pelúcia novo, os dedinhos miúdos apertando as orelhinhas dele, bem como o focinho e todo o resto. — Ao menos você está feliz, pelo visto — prossegui, meneando a cabeça, abismada com a felicidade que aquela garotinha conseguia plantar no meu coração apenas por existir. — Senti tanto a sua falta, pequenininha. Espero que saiba disso — admiti, depositando um beijinho demorado em seus cabelos loiros, nem um pouco pronta para deixar Juliet longe dos meus braços.



— É impossível conversar com você, Vincent! Sua falta de

comprometimento me irrita profundamente! Nós temos um prazo a cumprir, sabia? Sua editora está me pressionando, droga! — a voz da agente de Vincent soou, enquanto Juliet e eu permanecíamos brincando na sala.

Há alguns minutos, as vozes dos dois haviam se exaltado, no entanto, aquela foi a primeira frase que pude ouvir tão nitidamente, e eu poderia jurar que qualquer um na casa seria capaz de ouvir aquela discussão *tão* nitidamente, a partir dali, e o olhar assustado que Juliet me lançou apenas corroborava minha teoria.

— Falta de comprometimento? Do que está falando? Essa é a primeira vez em todos esses anos que eu atrasei um manuscrito. Na verdade, eu nem mesmo atrasei! Ele vai estar pronto, vou fazer de tudo para que sim, só estou com algumas dificuldades, achei que tivesse entendido! — Vincent devolveu, num tom tão exasperado quanto o que sua agente utilizara.

— *Dificuldades?* — a agente lançou, e seu tom era de pura descrença. — Que dificuldade há em se sentar e escrever? Você já fez isso inúmeras vezes antes, não me parece ser algo com o qual você não possa lidar!

— Estou com bloqueio, Carlie. Será que é tão difícil assim de entender? Estou tentando, mas tenho coisas demais na cabeça. Simplesmente não consigo me concentrar, me falta inspiração, o que não quer dizer que eu não venha me esforçando. — Eu podia imaginar a expressão severa de Vincent mesmo não estando habituada a ela, apenas pelo seu tom de voz, que não soava nem um pouco satisfeito com aquela conversa. Além disso, o nome Carlie me soou familiar, ainda que eu não soubesse precisar o porquê.

— Inspiração? Te falta inspiração? Pare de romantizar o processo criativo, Vincent. Não existe essa conversa de inspiração. O que existe é você se sentar e escrever, porque temos um prazo a cumprir.

Ouch. Essa doeu até mim, que nunca sequer consegui concluir um livro na vida.

— Que porra! — Vincent bradou, e eu arregalei os olhos de pronto, fitando Juliet boquiaberta, que devolvia meu olhar com expressão assustada. — Eu sei que tenho um prazo a cumprir! Por acaso...

Okay, Lorena, chega de ouvir. Chega de deixar Juliet ouvir, meu lado sensato ordenou, e obedeci mais que depressa, cantando a música dos dedinhos mais alto do que seria necessário, apenas para abafar o som da discussão que vinha do escritório. Logo fui acompanhada por Juliet, que não apenas sabia toda a letra — no seu próprio linguajar de bebê — como também a coreografia com as mãozinhas.

Sim, era culpa da minha curiosidade que nós ainda estivéssemos ali, porém, era hora de sufocar o desejo de saber o desenrolar daquela conversa e levar Jules

para brincar no jardim. Pegando-a no colo, enquanto cantávamos juntas, e tomando alguns brinquedos, seus inseparáveis balões e sua bolsa, que ficava sempre a postos, nós nos sentamos na grama, ao ar livre, e eu espalhei uma quantidade generosa de protetor solar em sua pele branquinha, mesmo sabendo que o ideal era fazê-lo alguns minutos antes da exposição ao sol.

Contudo, a discussão acalorada no escritório, que podia ser ouvida por toda a casa, me impediu de ser tão sensata, porque eu só poderia proteger uma dessas coisas de imediato: os ouvidos de Juliet ou sua pele sensível. Escolhi priorizar os ouvidos e fazer o meu melhor por sua pele, uma vez que sua audição estivesse segura de toda a gritaria e da possível enxurrada de palavrões que se seguiria a partir dali.

Por isso, colocando *mesmo* minha curiosidade de lado, após encher alguns balões coloridos, Juliet e eu começamos a entoar *Seu Lobato Tinha um Sítio*, e ela adorava imitar as partes dos bichos enquanto dançava e balançava seus balões no ar, tentando segurar seu novo ursinho de pelúcia ao mesmo tempo em que fazia todas as outras coisas, ao mesmo tempo em que, acima de tudo, me fazia feliz.

Algumas músicas depois, o suficiente para Juliet e eu termos um CD demo, a moça que julguei ser a agente de Vincent entrou em seu carro esportivo parecendo nada satisfeita e saiu cantando pneus. Sem querer ser tachada de curiosa, já que Vincent assistia à cena da porta de entrada, não ousei mais do que um simples olhar naquela direção e continuei interpretando o repertório corriqueiro com Juliet. Recebemos a companhia de Vincent logo em seguida, que depositou um beijo sobre a cabecinha da filha e se sentou no chão ao meu lado, ao passo que Jules seguia balbuciando nossa última canção, ainda brincando com seus balões e ursinhos.

— Quanto você ouviu? — a voz grave cortou o silêncio que se instaurara, soando introspectiva, de modo que não me atrevi a olhar na direção de onde ela vinha.

— Acreditaria se eu dissesse que não ouvi nada? — arrisquei, afinal, não custava tentar, e eu não queria que ele se sentisse impelido a conversar comigo sobre aquilo, se não quisesse.

— Posso fingir que acredito e deixar o assunto morrer — sugeriu. — Mas não quero.

Foi impossível não fitá-lo depois disso. Ensaiei um sorriso casual, contudo, quando meus olhos pousaram sobre Vincent e viram seus dentes prendendo seu lábio inferior, foi impossível não me lembrar do fato de que, dias atrás, eram os *meus* dentes fazendo aquilo. Enrubesci na mesma hora, desistindo de sorrir e emudecendo.

Não, não, não! Nada disso. Fale alguma coisa, ele deu abertura para isso. Vamos lá, não me mate de desgosto!

— Bloqueio criativo, hã? — foi o que soltei, chutando-me internamente pelo quão estúpida havia soado.

— Você também acha que isso é uma estupidez e que na verdade o que tenho é síndrome de estrelismo?

Franzi as sobrancelhas, não acreditando nem um pouco no que ouvira.

— Claro que não! — Sacudi a cabeça de um lado para o outro, enfatizando o que dissera. — Acho que todos nós temos problemas e precisamos nos afastar de tudo, às vezes, pra conseguirmos colocar a cabeça no lugar. Por que deveria ser diferente com você?

— Porque... — Titubeou, fazendo uma expressão engraçada enquanto ponderava. — Bem, não sei. Mas Carlie tem esse dom de me fazer sentir culpado quando o assunto é a entrega dos meus manuscritos. Ela quer que eu produza todos os dias, impreterivelmente, e que apresente resultados satisfatórios. Era mais fácil quando eu não era pai, sabe? Só que agora meu mundo todo gira em torno Juliet, e eu não estou bem se ela não está bem. Essa última semana foi difícil.

Ele bufou, apoiando os pés sobre a grama, de modo que seus joelhos ficaram flexionados, os antebraços sobre eles e a cabeça baixa. Engoli em seco, lutando contra a vontade de estender minha mão e acariciar seus cabelos. Da última vez que um de nós tentou consolar o outro as coisas não terminaram tão bem assim.

— Agora sou eu quem se sente culpada por ter faltado ao trabalho pela última semana — admiti constrangida. — Sinto muito...

— Não. — Meneou a cabeça, fitando-me. — Não foi sua culpa. Se você estivesse aqui, poderia cuidar de Juliet, é verdade, mas a minha cabeça ainda não estaria no lugar certo. Ela não tem estado no lugar certo já há algum tempo...

Engoli em seco ante a profundidade do olhar que Vincent me lançou. Fui capaz de sentir as maçãs de meu rosto esquentarem, só esperava que elas não tivessem ficado rosadas também. O coração pulsou forte, um friozinho me veio à barriga. Era como se eu fosse uma adolescente outra vez, cara a cara com o garoto por quem eu nutria uma paixão platônica.

Ah, não, olha só o que você acabou de pensar!

Não podia ser... podia? Claro que não. Não podia. Ah, mas não podia mesmo.

Se bem que rolou um beijo... e agora você está aí, com cara de tacho sem dizer absolutamente nada. Se não for paixão, o diagnóstico é idiotice, nenhum dos dois é tão legal, mas voto no primeiro, a Lorena sarcástica sussurrou em

meus pensamentos, e, se possível, fiquei ainda mais desconcertada do que já estava.

— E onde ela está, então? — eu me peguei perguntando, não apenas para preencher o silêncio, como também por estar mesmo curiosa. Talvez fosse apenas o fato de que estive em um relacionamento por tempo demais, mas o olhar que Vincent me lançou e o fato de ter correspondido ao beijo... será que aquilo queria dizer que ele estava flertando comigo?

— Deixa para lá. Você já tem muitas coisas acontecendo agora, não quero acrescentar novos problemas — desconversou, abrindo o primeiro sorriso do dia e me fazendo murchar como os balões de Juliet quando eram estourados.

— Okay — murmurei em resposta, ainda que eu não estivesse *okay* com nada daquilo. — Mas e sobre o bloqueio? O que pensa em fazer?

— Continuar escrevendo por mais que ache tudo uma completa porcaria. — Ele bufou, sarcástico, demonstrando seu desgosto.

— Carlie concorda com o fato de estar uma porcaria? — eu quis saber, o nome saindo estranho pelos meus lábios.

— Não. Mas não acredito que a opinião dela seja totalmente imparcial. Ela gostava até mesmo das poesias baratas que eu escrevia para ela quando a gente ainda namorava.

— Oh... — emití em surpresa, esperando não ter deixado transparecer minha decepção.

Por isso o nome soara familiar, então. Ela era a namorada que o inspirou a escrever romances. E era verdade que eu não pude prestar muita atenção em Carlie, mas pelo pouco que vi, aliado ao pouco que eu sabia, ela era uma ruiva escultural, inteligente, bem-sucedida e uma vez detentora do coração de Vincent. Eu não sabia por que, porém, a imagem que fiz dela causou um incômodo em meu peito que eu não sabia compreender muito bem.

— Eu não sabia que vocês ainda mantinham contato — instiguei, querendo saber como funcionou toda essa questão de “não somos namorados, mas quer trabalhar para mim?”.

— Nós deixamos de nos amar, mas como profissionais nos dávamos bem, então não vimos por que mexer num time que estava ganhando.

Okay, então o certo seria: “não somos mais namorados, mas quer continuar trabalhando para mim?”.

As duas versões soavam igualmente ruins, aos meus ouvidos.

— Entendo. — Não, eu não entendia, porque a simples ideia de continuar convivendo com Arthur, mesmo a nível profissional, me embrulhava o estômago. Claro que isso se devia ao fato de ele ter engravidado Piper enquanto ainda éramos noivos, ainda assim, o nível de maturidade alcançado por Vincent e

Carlie era invejável, para dizer o mínimo. — E se você pedisse uma opinião que não fosse dela? — sugeri, desesperada para mudar de assunto e não deixar que minha expressão facial denunciasse a estranheza que se instalara no meu peito mesmo que eu não soubesse a razão daquilo.

— De quem, por exemplo? Na verdade, a opinião que me importa é a dos meus leitores, e não é como se eu pudesse distribuir cópias para alguns deles só para saber o que estão achando.

Se vivêssemos em um dos desenhos animados aos quais Juliet amava assistir, uma lâmpada teria se acendido acima da minha cabeça naquele exato momento.

— Eu posso ler — ofereci-me, mordendo o lábio em expectativa ao passo que Vincent erguia uma de suas sobrancelhas de modo meio descrente.

— Você? — testou, estreitando os olhos em minha direção. — Você quer ler algo meu, é isso?

Aquiesci devagar, balançando a cabeça, a ideia parecendo perder um pouco de sua genialidade graças ao olhar incrédulo que recebi de Vincent.

— E quanto isso iria me custar?

Oi?

— *Oi?* — nós duas testamos, eu e a Lorena meio descompensada, presa em meus pensamentos e que se referia a mim em terceira pessoa, como eu também fazia com ela. — Nada! — apressei-me em dizer, mortificada por ele pensar que eu estava me candidatando a uma vaga de emprego que ele nem mesmo pensou em abrir. — Só quero ajudar, te passar minhas impressões. Como uma *betareader*, sabe? Só isso.

— Sei... — devolveu, ainda cético. — E você não quer nada em troca? Absolutamente nada?

Então, quando você coloca as coisas assim, caro Vincent, nós meio que conseguimos pensar em algo que desejamos em troca...

— Um exemplar autografado, talvez — lancei, dando de ombros, como se não fosse nada e eu nunca tivesse cogitado a possibilidade de passar horas na fila esperando por uma assinatura dele.

— Só isso? — Tornou a içar a sobrancelha, esperando novas exigências.

Fingi ponderar, batendo a ponta do meu dedo indicador no queixo, no processo, os olhos em fenda na direção de Vincent logo em seguida.

— Uma dedicatória não cairia nada mal, se quer mesmo saber.

Então ele riu de novo. Não, gargalhou. E o som era tão bonito, tão melódico, espontâneo e verdadeiro... que acabou me levando junto, e tudo em que eu conseguia pensar no momento era no fato de que precisaria fazer um esforço hercúleo para não me apaixonar por Vincent Hardman do mesmo modo

que era apaixonada por Vincent King.



Eu não sabia como aquilo havia acontecido, ao certo, mas estava agradecida demais ao universo para reclamar. Jogando as ponderações para o fundo de minha mente, apenas aproveitei enquanto Vincent tomava meus lábios com os seus e suas mãos deslizavam para minha cintura, alcançando meus quadris logo em seguida e puxando-os contra os seus.

Agarrei seus cabelos, sorvendo seu sabor e apreciando a sensação de ter sua pele seminua em contato com a minha. Tampouco soube precisar em que momento nossas roupas foram arrancadas de nossos corpos, porém, o importante mesmo era o fato de podermos experimentar o contato de pele com pele. Meu lábio inferior foi puxado por seus dentes e eu inspirei o ar, sendo melhor acomodada sobre os lençóis macios. Vincent me beijou com urgência, suas mãos grandes explorando meu corpo, tomando-o para si.

— Vincent... — gemi seu nome, prolongando as sílabas em minha língua, perdida no turbilhão de sensações que seus toques que me causavam. — Por favor...

Ele depositou um beijo úmido em meu pescoço, o que, se possível, me fez ainda mais afoita. Seus olhos me encararam, e, então eu...

— *LORENA!*

O berro de Kim praticamente rasgou os meus ouvidos no mesmo instante em que fui atingida por um travesseiro. Acordei assustada, sentando-me na cama de uma vez, a respiração completamente ofegante e o coração batendo tão forte que ameaçava quebrar minhas costelas com o impacto.

— O que foi? — apressei-me em perguntar, gemendo em frustração por ter tido meu sonho interrompido. Enterrei as mãos em meus cabelos revoltos, não acreditando no timing de Kim.

Se eu tivesse ao menos mais cinco minutos!

— Pra quê? Pra consumir a diversãozinha que você e Vincent estavam tendo dentro da sua cabecinha pervertida?

Eu a encarei de pronto, estupefata, a boca abrindo e fechando diversas vezes enquanto, catatônica, eu tentava formular um pensamento coerente, sem acreditar que havia narrado o sonho que acabara de ter com Vincent... e também o meu desejo de mais cinco minutos dele. Kim caminhou para fora do meu quarto, não sem antes me deixar ver seu sorrisinho presunçoso.

— Não é o que você está pensando! Não é *nada* do que você está pensando, Kim, eu juro! — apressei-me em dizer, jogando as cobertas para o lado e correndo atrás da minha melhor amiga.

— E como sabe o que eu estou pensando? — ela se fez de desentendida, assim que chegamos à cozinha, e se serviu de um copo de suco. — Na verdade, eu não precisei pensar nada, porque o que eu ouvi vindo daquele quarto... — Apontou na direção de onde havíamos acabado de sair.

Gemi em pura vergonha, escondendo o rosto entre as mãos, mortificada. Que maravilha! Kim nunca mais me deixaria esquecer aquilo.

— Mas me conta... rolou beijo real ou você só está fantasiando por enquanto? — ela quis saber, sentando-se em uma das banquetas posicionadas sobre a bancada que dividia sala e cozinha.

Claro que eu preferiria mil vezes mentir. Até cheguei a cogitar a hipótese. E se fosse outra pessoa ali, qualquer outra em todo o mundo, era exatamente o que eu faria. Negaria até a morte e me fingiria de ofendida. Contudo... era Kimberly ali, minha Power Ranger rosa, como ela gostava de lembrar sempre, minha companheira de maratona de *Friends*... como mentir justo para ela?

— Rolou, sim — confessei, sentando-me ao seu lado e me servindo de uma panqueca, ciente de que ela não me deixaria em paz enquanto eu não contasse absolutamente tudo o que queria saber. — Foi uma única vez, um só.

— Ei, eu ainda não comecei a fazer minhas perguntas! — protestou.

— Estou adiantando para que não se anime tanto — retorqui, acrescentando ovos mexidos ao meu prato.

— Você anda ranzinza demais para alguém que está caindo de amores por um cara como Vincent...

Engasguei com a comida, tossindo incessantemente enquanto Kim soltava uma gargalhada ao meu lado.

Seria uma longa conversa, para a qual eu não estava preparada.



— Liguei pra lembrar que sábado é o aniversário de John — Laura falou do outro lado da linha, apesar de eu já saber dessa informação.

Mamãe fizera o favor de me telefonar e avisar, pedindo para que eu deixasse meus problemas de lado e comparecesse ao almoço de aniversário do meu cunhado. Poderia soar insensível, mas eu conhecia minha família bem o suficiente para saber que aquilo se tratava de uma tentativa de resgate. No caso, eles queriam me resgatar de mim mesma, que havia tirado um tempo só para mim, no intuito de superar todas as coisas ruins que me aconteceram nos últimos meses.

— É, eu soube — devolvi, trocando o celular de ouvido enquanto me agachava para recolher os brinquedos de Juliet do chão, apenas para jogá-los dentro de seu bercinho portátil, que possuía lugar cativo na sala de estar. Ela tinha um quarto de brinquedos, no entanto, não era nele que passávamos a maior parte do nosso tempo.

— Maravilha! A que horas você chega, então?

Aquela não era uma pergunta sem propósito. Laura não queria saber *a que horas* eu chegaria, ela queria saber *se* eu chegaria, porém, claro que minha irmã jamais me questionaria de forma direta.

— Ainda não sei, Laura. Vou ver aqui e te falo.

— Fala quando? Hoje já é quinta-feira — ela me lembrou. Como se fosse preciso.

— Amanhã à noite — falei a primeira coisa que veio à cabeça, o que não pareceu ser bom o bastante para Laura.

— É que preciso de ajuda. Tenho uma porção de coisas pra organizar sozinha, queria alguém que me ajudasse com as sobremesas, então pensei que você poderia chegar mais cedo, no sábado. Melhor ainda: dormir aqui amanhã. O que acha?

Acho que é uma péssima ideia... uma ideia terrível!

— Acho... — Hesitei por um momento, buscando mil formas diferentes de dizer a Laura que não me sentia pronta para enfrentar toda a nossa família e amigos, especialmente quando esses últimos iriam querer detalhes da minha separação com Arthur. Por mais que, para mim, a notícia fosse velha, afinal,

quatro meses inteiros haviam se passado, eu sabia que para eles aquele ainda seria o assunto da vez. — Acho que tudo bem — menti, apertando os olhos em desgosto, sem saber que desculpa precisaria inventar para me livrar daquele compromisso indesejado.

— Perfeito! — ela comemorou alegremente, do outro lado da linha. — O quarto de hóspedes vai estar arrumadinho te esperando chegar, okay? E não ouse jantar antes, por favor. Até amanhã, te amo. — E desligou, não me dando chances de refutar nem mesmo se eu quisesse. E eu não queria.

Contudo, no dia seguinte, talvez, eu ficasse resfriada. Com dores no corpo, coriza, indisposição e febre... isso deveria ser o bastante para que ela me deixasse ficar em casa por todo o fim de semana.

Balançando a cabeça como se, assim, pudesse espantar os pensamentos, terminei de recolher os brinquedos de Juliet, mesmo sabendo que, quando ela acordasse, desfaria toda aquela organização na qual me empenhei. Aproveitando o momento de folga, fui até o escritório de Vincent, batendo à porta ao chegar lá, como fazia todas as tardes, enquanto Juliet dormia. Então eu lia o que ele havia produzido até o momento e nós conversávamos sobre o enredo, personagens e a forma primorosa com a qual ele passava a história para o papel. Melhor dizendo: editor de texto.

E óbvio que nunca usei a palavra *primorosa* para me referir à habilidade dele enquanto escritor, não queria deixar transparecer que, na verdade, eu era uma fã alucinada que sonhava em poder ler até mesmo a lista de supermercado de Vincent King. Foi decepcionante saber que não era ele quem a escrevia, a propósito.

— Pode entrar — ele murmurou ao som dos meus dedos contra a madeira da porta, e foi exatamente o que fiz. Vincent se levantou da cadeira onde estava sentado, com seu Kindle em uma das mãos e o notebook na outra, e nós nos encaminhamos até o sofá localizado mais próximo às prateleiras abarrotadas de livros, com ele parecendo extremamente animado.

— Dia produtivo? — eu quis saber, acomodando-me em meu lugar ao passo que Vincent fazia o mesmo, sentando-se de frente para mim, o notebook sobre as pernas, pronto para retomar a escrita enquanto me observava ler.

Era essa nossa rotina, e apesar de ter achado estranho, no começo, eu me acostumei e até gostava. Além do mais, de acordo com ele, era inspirador me observar lendo e poder captar minhas expressões enquanto o fazia.

Aquilo soou extremamente lisonjeiro, e se antes eu já tinha essa tendência de sonhar com Vincent e relembrar nosso beijo, bom... tudo só piorou ao passar as tardes ao lado dele, conversando, tendo a verdade irrefutável de que ele era o homem mais inteligente e atencioso que eu já conhecera sendo jogada

diariamente na minha cara.

— Muito — Vincent respondeu, uma expressão animada no rosto que nada a tinha a ver com meu estado de espírito. E ele pareceu notar, porque franziu o cenho em minha direção, inclinando-se para mais perto.

— Você está aborrecida com alguma coisa? — perguntou, analisando-me atentamente, e baixei a cabeça, com medo de ele descobrir a pequena mentira que eu estava prestes a soltar.

— Claro que não.

— Por que está mentindo para mim? — devolveu, pegando-me de surpresa, meus olhos buscando sua expressão enquanto minha boca se abria em incredulidade.

— Eu não... — tentei, no entanto, o íçar de sobrancelhas que recebi em resposta fez com que eu emudecesse, e suspirei, derrotada. — Tenho um almoço de aniversário em família no sábado — escolhi dizer, recebendo um olhar confuso em resposta.

— Achei que você amasse sua família mais que tudo e gostasse dessas reuniões.

— Eu amo. E gosto. Gosto muito. É só que... — Busquei as palavras mais adequadas, sem sucesso. — Alguns amigos da família vão estar lá também, meio que estou com medo de que eles queiram falar sobre Arthur — admiti.

Vincent moveu a cabeça, aquiescendo, colocando o notebook de lado e entrelaçando os longos dedos de suas mãos sobre o seu colo.

— E você não quer falar sobre ele porque ainda dói? — ele inquireu, o olhar atento preso ao meu, deixando-me desnorteada por um instante ou dois.

Deveria ser crime ter um par de olhos tão lindos quanto o dele.

— Não dói — devolvi, e era mesmo a verdade. Deixara de doer há algum tempo, notei, agradecendo aos céus por isso. Maria era minha ferida ainda em processo de cicatrização, mas eu evitava falar e pensar nisso.

— Então por que...

— Não quero ser alvo da pena de ninguém — eu o cortei, dando de ombros. — Não quero escutar as pessoas me chamando de *pobre Lorena* e dizendo que vou encontrar alguém que me dê valor. Eu não sou digna de pena.

Vincent abriu um sorriso brilhante, o mesmo que instalava covinhas em suas bochechas e fazia com que pequenas ruguinhas adoráveis se formassem em seus olhos.

— Não, não é — concordou. — Mas é digna de uma admiração sem limites — emendou, fazendo meu coração se aquecer e um sorriso bobo brincar em meus lábios. — Não acho que você deva se esconder. Apenas pareça lá e mostre que você está bem, que superou Arthur.

Meneei a cabeça.

— Ainda não sei se é uma boa ideia. Não consigo fazer isso sozinha, não ainda.

— Posso ir com você — lançou, como se não fosse absolutamente nada.

Será que dá para repetir, por favor?

— O quê? — eu quis me certificar num fio de voz, a garganta, subitamente seca.

— Eu disse que posso ir com você — reiterou. — Se quiser, claro — apressou-se em retificar, parecendo um pouco constrangido logo após.

— Eu quero! — respondi no ímpeto, soando ansiosa demais, como se tivesse medo de que Vincent mudasse de ideia ou algo assim. — Digo... — Limpei a garganta, vestindo uma expressão mais casual e menos desesperada, tentando sufocar a agitação que se apossara de mim. — Se você quiser ir e estiver livre, porque não quero te atrapalhar nem nada do tipo.

E lá estava o sorriso dele outra vez, ao passo que Vincent meneava a cabeça, ainda que eu não soubesse o que aquilo significava.

— Certo. Estamos combinados assim, então. Quer que eu passe na sua casa?

Ponderei por um momento, sem saber ao certo o que responder. Aquilo era um encontro?

Não é um encontro se toda a sua família vai estar lá...

Okay. Mas não pareceria que ele e eu... quer dizer... se me vissem chegando com Vincent, o que todo mundo iria pensar? Que éramos amigos? Eu não sabia se éramos amigos ou não, tudo o que eu sabia era que Vincent era o cara que pagava o meu salário e, coincidentemente, o mesmo que se recusava a sair dos meus sonhos *calientes* de quase todas as noites.

— Lorena? — ele chamou, ante minha demora em responder, e umedei os lábios com a ponta da língua, sentindo a boca ressequida ao extremo.

— Eu não sei — deixei escapar, constrangida, porque aquela resposta não condizia com uma mulher adulta.

Mas você volta à adolescência perto de Vincent, esqueceu?, lembrei a mim mesma, em mais um dos meus monólogos internos.

— Como não sabe? — questionou, desentendimento estampado em seu rosto.

— É que... bom... — Engoli a saliva. — O que as pessoas vão pensar se chegarmos juntos? — expus meu temor, mordendo o lábio em expectativa.

— Nós somos amigos, Lorena, mas não podemos mandar no que os outros pensam. Se chegarmos juntos, se eu chegar depois... vai mesmo fazer tanta diferença assim?

Sacudi a cabeça de um lado para o outro, sentindo-me uma boba perto de toda a praticidade de Vincent. Com o rosto ardendo ao passo que eu corava até o último fio de cabelo, obriguei-me a encarar o homem à minha frente mesmo assim, abrindo um sorriso que deveria exibir uma confiança que eu não sentia.

— Tem razão — concordei, anuindo também com um gesto de cabeça. — Podemos ir juntos, se você não se importar de chegar um pouco mais cedo. Laura quer a minha ajuda numas coisas.

— Só me diga o horário em que preciso passar para te buscar e estarei lá.

Assenti, tentando conter o sorrisinho bobo que ameaçava se instaurar em meus lábios.

— Tudo bem. Vou verificar e te falo depois. Agora tenho um livro pra ler. — Peguei o Kindle pousado sobre o colo de Vincent, balançando-o no ar para elucidar o que acabara de dizer, recebendo um novo sorriso dele e um gesto de anuência.

— Vou ficar esperando ansiosamente — ele murmurou, abrindo seu notebook e dedicando toda sua atenção a ele, deixando-me sem saber se o motivo de sua ansiedade era o meu parecer com relação ao livro ou algo relacionado ao nosso compromisso no sábado.

E, por mais que eu quisesse perguntar, não tinha coragem suficiente para algo assim.



CAPÍTULO 16

Encarei o relógio na parede da cozinha, assistindo ao ponteiro dos minutos se arrastar lentamente. Muito lentamente mesmo. Tão lentamente que considerei que estivesse com defeito.

— Você vai acabar quebrando esse negócio se não parar de olhar assim pra ele — Kim me advertiu, e fiz uma careta.

Ela não me deixava fazer absolutamente nada para tentar combater a ansiedade. Eu não podia roer as unhas, não podia mastigar minhas cutículas, não podia ficar procurando pontas duplas no meu cabelo a fim de puxá-las... e também não podia encarar o relógio de parede enquanto esperava que ele marcasse 10h, horário que combinei com Vincent para ele passar no meu novo apartamento. Meu e de Kim, na verdade.

— Fácil para você dizer, quando sou eu que estou cometendo a loucura de sair com o meu chefe depois de a gente ter se beijado — bufei, cruzando os braços, emburrada.

Depois de tê-lo atacado, você quer dizer, não?, lembrei a mim mesma, o que só fez com que minha apreensão aumentasse.

— Ei — Kim chamou, pousando sua mão em meu ombro e atraindo minha atenção para o seu rosto bonito. — Se Vincent se ofereceu pra ir com você é porque é isso que ele quer, Lola, não precisa ficar nervosa. E, okay, rolou um beijo, mas antes disso rolou um clima pra que o beijo acontecesse, certo? E, acredite em mim, Vincent foi parte importante disso também.

— Mas não tomou a liberdade de me beijar — apontei, pouco contente, odiando meu *timing* para decidir ser corajosa e dar o primeiro passo, para variar.

— E daí que tenha sido você a tomar iniciativa? — inquiriu, fazendo um som de descaso com os lábios. — Ele não se esquivou. Muito pelo contrário.

— Mas nós estamos fingindo que nada daquilo aconteceu, e você sabe disso.

Ela aquiesceu uma vez, encarando-me muito seriamente logo em seguida, sagacidade estampada em seu olhar.

— E se Vincent decidir parar de fingir?

— Como assim? — Franzi o cenho, em confusão.

— E se hoje... — Kim procurou pelas palavras certas ao enrolar uma mecha de seu cabelo loiro entre os dedos. — Sei lá, e se ele decidir que gostou mesmo do beijo e que quer repetir? Você vai continuar se martirizando por ter tomado a iniciativa, se ele demonstrar interesse?

Ponderei por um momento, sem ter ideia de como agiria se fosse aquele o caso. Mas era loucura cogitar algo assim, eu bem sabia. Era Vincent. Claro que ele jamais traria o assunto à tona, o propósito de se esquivar dele era justamente para não criar um clima desconfortável e, assim, me demitir. Não havia interesse mútuo... certo?

— Bem, eu... — comecei, meio incerta e pouco confiante, sob o olhar perscrutador da minha melhor amiga. — Ele é meu chefe, Kim! — eu a lembrei, a um único passo da exasperação. Por que ela não podia simplesmente deixar esse assunto para lá?

— Rá! Resposta errada! — devolveu, uma expressão convencida ganhando espaço no rosto bonito ao passo que ela fazia uma dancinha da vitória muito, mas muito esquisita mesmo. — Lola... — retomou um segundo depois, vestindo sua máscara de condescendência — você é linda, inteligente, divertida... Vincent seria louco se fechasse os olhos para todas essas coisas depois do que houve entre vocês. E você seria ainda mais louca se não aproveitasse essa oportunidade de viver uma nova paixão.

— Não estou dizendo que não quero viver uma nova paixão — refutei, pouco confortável com as palavras que Kim decidiu usar. — É só que Vincent... — De novo, vi-me inarticulada para explicar o que se passava em minha mente, até porque, meus pensamentos eram um turbilhão confuso e não se mostravam claros nem mesmo para mim, que dirá para outras pessoas. — Não posso sair com Vincent e ser funcionária dele ao mesmo tempo — admiti, os ombros murchando no processo.

Quão louca eu havia sido por aceitar sua proposta de comparecer comigo no almoço de aniversário de John? Meus olhos buscaram o relógio novamente e pensei se, talvez, não seria melhor ligar para Vincent e desmarcar.

— Então arranje um novo emprego — Kim sugeriu simplesmente, como se aquela fosse a solução mais óbvia de todas.

— Simples assim? — provoqueei, erguendo a sobrancelha em escárnio. —

Claro, por que eu não pensei nisso antes? — Soltei todo o ar que tinha nos pulmões pela boca, rolando os olhos em incredulidade.

— Engraçadinha! — Kim fez uma careta, me mostrando a língua em seguida, em um gesto deliberadamente infantil, mas sem se abalar com meu comentário ácido. — Na verdade, seu problema é pensar demais. Você já está problematizando o fato de trabalhar pra Vincent e ser namorada dele quando tudo o que vocês trocaram foi um beijo.

— Eu não falei nada sobre ser namorada dele! — defendi-me, horrorizada com sua capacidade de colocar palavras comprometedoras em minha boca.

— Tanto faz. — Deu de ombros, em descaso. — Eis o que você vai fazer: vai sorrir, se divertir, ser a Lorena adorável que todos sabemos que você é e esquecer o fato de que trabalha pra Vincent. Hoje vocês são *amigos*, lembra? — Ela ergueu e baixou as sobrancelhas repetidas vezes, provocando-me pelo uso da palavra “amigos”, a mesma que Vincent escolheu para nos definir.

De repente, não éramos mais patrão e funcionária, e sim amigos. Kim adorou essa informação.

— Juro que não sei por que ainda te conto as coisas — confessei, descontente por minha inabilidade de guardar segredo quando Kimberly me pedia detalhes.

— Porque sou sua melhor amiga. E também porque, mesmo não gostando tanto assim das verdades que eu esfrego na sua cara, você sabe que eu estou sempre certa, afinal, e que meus conselhos são os melhores — elucidou, ao seu melhor estilo Kimberly de ser.



— Por que não me disse que ia trazer alguém? — Laura cochichou ao meu lado, lançando uma olhadela para Vincent, sentado na varanda com nossos irmãos e o marido dela. — Eu teria... — Sua boca permaneceu aberta enquanto ela pensava, mas nenhum som saiu por ela. — Ah, sei lá! — impacientou-se, batendo em mim com o pano de prato e colocando as mãos na cintura, assumindo uma expressão brava. — Por que não me contou que estava de namorado novo?

Segui colocando os ingredientes para o mousse de maracujá no liquidificador e guardando as latinhas no canto da pia. Eu tinha certeza de que Leah gostaria de raspá-las com uma colher, depois.

— Não estou de namorado novo, Laura. Ele é... um amigo. — Dei de ombros, como se não fosse nada de mais. No entanto, eu sabia bem que era. — Ele se ofereceu para me acompanhar hoje, só pra que eu não viesse sozinha — expliquei. Ao menos aquela parte era inteiramente verdadeira.

— Sei... — concordou falsamente, olhando-me de soslaio ao passo que continuava picando o bacon para a farofa. — Só isso? — insistiu. — Nenhuma intenção oculta por trás desse gesto tão cavalheiresco?

— Você e Kim são impossíveis! — bufei em resposta, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Nós queremos te ver felizes, isso sim. Além do mais... — Ela lançou uma nova olhadela na direção de Vincent, sem se preocupar em ser discreta, e acabei fazendo o mesmo, recebendo um sorriso em resposta, quando fui pega no flagra observando-o, seguido de uma piscadela que me fez engolir em seco e me deixou com as pernas bambas. — Uau! — Laura emitiu baixinho ao meu lado, assobiando logo após. — Você foi bem seletiva dessa vez. Ele é muito lindo. Muito, muito lindo — enfatizou, levando-me a rolar os olhos e voltar a me concentrar na minha tarefa. — E o melhor: tá caidinho por você.

— Ele não está caidinho por mim — refutei. Contudo, sentia-me impelida a confessar: desejava avidamente estar equivocada.

— Bem, tenho uma opinião um pouquinho diferente da sua, mas não vamos discutir isso. — Lançou-me um sorriso cínico. — Agora dê o fora daqui, vá ficar com o seu amigo, dê atenção pra ele — disse, tentando tomar de minhas mãos a espátula de plástico com a qual eu vinha trabalhando em minha sobremesa.

Esquivei-me, dando-lhe as costas, decidida a terminar a tarefa. Até porque, o que eu diria a Vincent no meio dos meus irmãos e do meu cunhado? Eu preferiria ficar ali, num local completamente seguro, onde não pudesse cometer nenhuma gafe, apesar de Laura estar cheia de insinuações e eu saber que tudo só pioraria quando minhas cunhadas se cansassem de observar as crianças na piscina e viessem nos fazer companhia na cozinha.

— Ele está se sentindo à vontade em meio a toda aquela testosterona, não quero atrapalhar.

— Meu Deus, você perdeu uma década inteira de flertes e agora está enferrujada. — Laura me fitou com horror estampado em seus olhos, como se eu fosse alguma espécie de aberração. — Eu entendo, então vou te ajudar. — Rapidamente, ela se encaminhou até a geladeira, voltando de lá com uma garrafa de cerveja na mão e estendendo-a para mim. — Aqui.

Olhei meio duvidosamente para ela, incerta sobre o que fazer.

— Obrigada, mas eu não quero. — Meneei a cabeça, dando ênfase ao que dissera, recebendo um bufar exasperado em resposta.

— Não é pra você, gênio! É pra Vincent — explicou, tornando a empurrar a garrafa contra meu peito, fazendo com que eu me sobressaltasse graças ao contato gélido contra minha pele.

— Mas eu nem sei se ele gosta de cerveja e... — comecei um protesto, entretanto, o olhar fulminante que recebi em resposta fez com que eu me calasse. — Tudo bem — concordei, engolindo em seco. — Não custa perguntar, certo? — Forcei um sorriso, e Laura ergueu os polegares para mim, em sinal de aprovação.

Dando meia-volta e respirando fundo para não mudar de ideia, caminhei até Vincent, oferecendo-lhe a bebida gelada, que ele agradeceu de bom grado e logo começou a sorver. Era impressionante como aquele homem conseguia ser sexy com gestos tão casuais e inconscientes. Porque precisavam ser inconscientes, não era possível que ele estivesse se esforçando tanto assim para me impressionar, em especial enquanto bebia uma simples cerveja.

Uma vez livre dos serviços na cozinha — já que Laura deixou claro que meu lugar era na varanda, flertando com Vincent, apesar de eu não ter certeza se ainda levava jeito para isso — e vendo que Vincent já pegara o jeito de como jogar dominó, eu me ofereci para fazer dupla com ele, quando Mauro foi escalado para vigiar as crianças na piscina, ao passo que Katie ia ajudar Laura a terminar o almoço.

À medida que os minutos iam se arrastando, mais convidados chegavam, até que deixamos o jogo de lado (apesar de Vincent e eu estarmos ganhando) e fomos dar atenção a eles. Obviamente, fiquei uma pilha de nervos, com medo de que, mesmo com Vincent ali, as pessoas insistissem em falar sobre Arthur. Porém, a mão forte espalmada na base das minhas costas e os dedos longos colocando meus cabelos atrás de minha orelha durante uma simples conversa deviam tê-los intimidado, porque, se alguém cogitou falar do meu ex, não passou disso: cogitação.

Tudo estava correndo bem. Na verdade, bem até demais. Minha família adorou Vincent, e apesar de eu ter recebido alguns comentários maliciosos sobre sua presença no almoço de aniversário de John, precisava admitir que havia gostado de as pessoas acreditarem que ele pudesse estar interessado em mim. Sendo honesta, até eu estava começando a acreditar...

Ser traída bagunçava toda a nossa autoestima, isso era fato incontestável, por isso os outros acharem que Vincent e eu tínhamos algo a mais que apenas uma amizade — e um beijo compartilhado — massageava meu ego um

pouquinho. E seus olhares e a forma íntima como ele conseguia fazer parecer um simples toque de mãos ou mesmo no braço... levava meu estômago a se revirar em expectativa sem que eu pudesse controlar.



Encarei Vincent por um tempo muito maior do que o necessário enquanto permanecíamos parados à entrada do meu prédio. Estarrecida... mortificada... as maçãs do meu rosto ardiam e minha vontade era de cavar um buraco fundo o suficiente para me enterrar nele, de modo que a quentura do meu rosto fosse graças ao magma, e não ao constrangimento que me invadiu.

— É verdade, não é? Você é minha fã... — ele tornou a falar, e lutei bravamente contra a urgência de dar-lhe as costas e sair correndo.

Minha boca, pendendo em um perfeito “O”, estava também ressequida, o que só piorava a sensação de desconforto. Vincent, por outro lado, continuava tão atraente e inabalável quanto de costume, esperando que, por um milagre, eu redescobrisse minha voz e dissesse algo.

— Mais ou menos? — lancei, e o som que ecoou em meus ouvidos me deu a certeza de que aquilo soara como uma pergunta, e nada como uma afirmação, o que não me ajudou em nada no processo de acessar os resquícios de confiança dentro de mim.

A quem você quer enganar? Não há resquício nenhum de confiança aqui. Apenas vergonha.

— Você quer que eu te responda ou foi uma pergunta retórica? — Vincent tornou a falar, para o meu completo desespero, fazendo-me parecer ainda mais idiota do que já havia conseguido sozinha.

Não inteiramente sozinha. Sua família é mesmo demais, parabéns para ela!, meu lado ácido me lembrou, revoltado com cada integrante da família Rodrigues, apesar de não saber ao certo qual deles deu com a língua nos dentes e contou para Vincent que eu era sua fã de carteirinha e vivia postando trechos de seus livros nas redes sociais.

E era bom que eu não soubesse quem foi capaz de tamanha crueldade, porque seria bem possível que eu esganasse a pessoa em questão sem a menor

misericórdia, mesmo sabendo que, de certa forma, aquilo também era minha culpa. Mas quando eu poderia imaginar que o assunto profissões surgiria, Vincent diria que era um autor best-seller e minha família ficaria instigando até esmiuçar o assunto por completo?

Okay, eu deveria mesmo ter imaginado, o que só me fazia sentir ainda pior. E tudo bem que mentiras supostamente tinham pernas curtas, no entanto, as que eu contava para Vincent deviam estar batendo algum tipo de recorde...

— Bem, eu... — tentei articular, gaguejando no processo e falhando miseravelmente na minha empreitada. — Eu disse que não lia apenas Nicholas Sparks — eu o lembrei, e aquela foi a pior defesa que poderia ter vindo à minha mente.

Ainda assim, Vincent sorriu. Daquele jeito que eu simplesmente adorava e fazia meu coração bater mais forte. Os dentes brancos estavam à mostra numa fileira indefectível, as covinhas se fizeram presentes e as ruguinhas ao redor de seus olhos também. Engoli em seco, o ar deixando meus lábios num arquejo.

— Sim, você disse — ele anuiu, e uma de suas mãos colocou uma mecha dos meus cabelos atrás de minha orelha, como fez outras vezes ao longo do dia. No entanto, ali, Vincent não desfez o contato de pronto, ao contrário. As pontas dos seus dedos brincaram com o lóbulo de minha orelha, resvalando abaixo dele logo em seguida. Sua mão ficou apoiada em meu pescoço e o polegar acariciou minha bochecha brandamente. — E isso é bom, porque eu poderia sentir ciúmes... — Ergueu um dos ombros, num gesto de pura casualidade. O sorriso permanecia ali, bem como o contato de sua mão com meu rosto, e Vincent rompeu em poucos passos a distância que nos separava. — Quando ia me contar que sou o seu maior ídolo? — ele quis saber, estreitando os olhos em pura provocação, o que me arrancou um risinho nervoso.

— Não sei — escolhi dizer, a voz saindo num murmuro débil, meio rouca, até, incerta. Pigarreei, a fim de limpar a garganta, porém, de nada adiantou, porque não havia muito mais que eu pudesse dizer.

— Eu gostei de descobrir isso. Quer dizer que a admiração que sinto por você não é unilateral... certo?

Pisquei demoradamente algumas vezes, a fim de clarear as ideias. Era difícil pensar e sentir o cheiro do hálito de Vincent concomitante aos carinhos que ele fazia em meu pescoço. O fato de meu corpo responder a todas essas coisas com muito mais animação do que seria aconselhável também não ajudava em nada.

— Você me admira? — consegui perguntar, por mais que minha voz ainda estivesse me traindo, meus olhos sendo atraídos para os de Vincent e se perdendo ali.

Meu Deus, se ele fosse ao menos um pouquinho menos bonito, eu até conseguiria parar de me derreter inteira...

— Mais ou menos? — respondeu, do mesmo modo que fiz minutos antes, e eu sorri em resposta, apesar de não me sentir capaz de articular nada. Vincent tampouco parecia a fim de quebrar o silêncio, e apesar da expectativa que me tomou para que ele dissesse algo, não foi nem um pouco desconfortável estar ali com ele, enquanto sua mão seguia acariciando-me e nossas respirações se misturavam.

Entretanto, no momento em que seu polegar traçou o contorno de meus lábios e seus olhos os encararam mais demoradamente, foi impossível sufocar a lembrança já nem tão latente de ter minha boca contra a sua.

— Vincent... — murmurei, na esperança de que, uma vez que seu nome irrompesse por meus lábios, algo muito racional também o fizesse a seguir.

— Shhh... — ele emitiu em resposta, e o próximo som que distingi foi o de nossos gemidos se mesclando no momento em que os lábios de Vincent tomaram os meus num beijo sôfrego.

A sensação foi sublime... mil vezes melhor do que eu me lembrava, infinitamente melhor...

Com a mão que descansava em meu pescoço, Vincent segurou os cabelos de minha nuca, angulando meu rosto enquanto nossas línguas se buscavam e encontravam, ansiosas. O gemido de deleite que rasgou minha garganta foi impossível de conter, mas não me importei. De jeito nenhum ficaria presa em ponderações enquanto recebia o melhor beijo que já havia provado na vida. Apoiando a mão na base de minhas costas, Vincent puxou meu corpo para junto do dele, de modo a eliminar o mais ínfimo espaço entre nós. Seus lábios sorviam os meus, e me deliciei com seu gosto ao mesmo tempo em que minhas mãos se deleitavam com as costas de músculos firmes e os cabelos sedosos, os quais amei agarrar.

Meu lábio inferior foi mordido e sugado, um segundo depois, a boca de Vincent se ocupava de beijar meu pescoço também, os pelos de sua barba resvalando no local e fazendo com que os arrepios que tomaram meu corpo desde o instante em que ele me tocou se intensificassem. Não pude fazer muito mais além de arfar, enquanto o sentia puxar os cabelos de minha nuca com mais firmeza e enterrar seus dedos em meu quadril.

— Venho querendo fazer isso há tanto tempo — Vincent soltou ao meu ouvido. Sua voz estava baixa e rouca como nunca ouvi antes, e tive a certeza de que adoraria ouvi-la soando daquele modo mais vezes. — Agora que fiz, é difícil parar... — Seus dentes prenderam uma porção de pele do meu pescoço, os lábios fechando-se sobre aquele ponto e sugando-o lentamente. — Sua pele é tão

macia...

— Você ainda não viu nada... — Arrependi-me de ter aberto a boca assim que o fiz, e teria corado de vergonha, se minhas bochechas já não estivessem rubras graças às sensações que Vincent despertava em mim com aqueles beijos.

Ele me olhou de pronto, os olhos brilhando em expectativa, um sorriso se formando nos lábios macios que eu tanto adorava beijar.

— Você pode me mostrar amanhã à noite. O que acha? Quer sair para jantar comigo? — inquiriu numa piscadela.

Meu coração seguia batendo desenfreado no peito e Vincent não parecia disposto a deixá-lo voltar ao normal, era a única explicação que eu conseguia encontrar para aquele convite. Seus braços estavam ao meu redor, sua boca, quase colada à minha, e sua respiração batia no meu rosto como um convite para um segundo *round* do que eu acabara de experimentar.

Lembrei-me de Kim e agradei imensamente pelos conselhos que pela manhã pareciam absurdos, mas que, naquele momento, com todos os meus sentidos entorpecidos, pareciam a coisa mais certa em todo o mundo.

— Eu adoraria sair pra jantar — respondi, assistindo ao sorriso de Vincent crescer, lamentando ter que dar um fim a ele para que pudesse voltar a beijá-lo sofregamente como havia feito segundos atrás.



CAPÍTULO 17

Era engraçado como eu conseguia mudar de opinião quando Vincent não estava por perto. Eu jamais teria tido coragem de negar o seu pedido para jantar enquanto me encontrava em seus braços, ao passo que dediquei toda a noite após o convite para rolar de um lado para o outro na cama, sem conseguir dormir. Um sorrisinho bobo brincava em meus lábios vez ou outra, quando a lembrança dos beijos trocados vinha com força total, e acabei desistindo da minha boa noite de sono, que foi transformada em *minha noite de pensar ininterruptamente em Vincent Hardman*.

Como resultado da noite insone, domingo acordei muito mais tarde do que estava acostumada, apenas para encontrar duas ligações não atendidas de Vincent e uma mensagem de voz pedindo para que eu retornasse a chamada assim que possível. E foi exatamente o que fiz, ainda que estivesse morrendo de medo do que ele precisava me dizer de tão urgente.

Quando a voz dele soou do outro lado, meu estômago entrou em polvorosa e, de novo, a sensação de ter sido transportada de volta à adolescência me assolou com força total.

— Está tudo bem? — perguntei mais que depressa, mordendo o lábio em apreensão e cutucando minhas cutículas enquanto aguardava a resposta.

— Sim, mas...

Ah, não! As coisas nunca terminam bem quando tem um “mas”...

— Mas o quê? — eu o cortei, ansiosa ao extremo, e desejei me chutar internamente por isso.

Vincent soltou um riso baixo e rouco, e eu até poderia imaginá-lo meneando a cabeça para o meu rompante.

— Talvez a gente precise remarcar nosso encontro — ele disse, dividindo

meu coração em dois: uma parte triste pelo fato de possivelmente precisarmos agendar um novo dia, e outra que começou a pulsar de felicidade com o uso da palavra “encontro”, em vez de “jantar”. — Eu pedi à minha mãe para que ficasse com Jules essa noite e a resposta não foi muito favorável.

Claro que não seria favorável. Não seria a senhora Hardman se ela fizesse qualquer coisa para me ajudar.

— E o que ela disse? — perguntei, por mais que já fizesse ideia da resposta.

— Algo sobre eu dever te ligar e ver sua disponibilidade...

Então eu ri, porque... bem, o que mais eu poderia fazer? Aparentemente, aquele era um risco que se corria ao decidir convidar sua babá para sair: ter que desmarcar porque não havia ninguém para ficar de olho na criança.

— Até que você recebeu a notícia melhor do que imaginei, por um momento eu pensei que você fosse surtar e falar que se tratava de um sinal divino, porque nós trabalhamos juntos e...

— Nós não trabalhamos juntos — eu o corriji de pronto, interrompendo o que quer que ele estivesse prestes a dizer. — Eu trabalho *pra* você, o que é bem diferente — elucidei. — E, sim, o pensamento me ocorreu em vários momentos desde que eu te beijei pela primeira vez. — A confissão deixou meus lábios num tom mais baixo, e retorci os dedos das mãos, inquieta.

— Desde que *nós* nos beijamos pela primeira vez, você quer dizer — foi sua vez de retificar, e eu precisava admitir que recebi suas palavras de bom grado. — Eu correspondi. Você sabe disso, estava lá.

— Estava, sim. Mas...

— Odeio esse “mas” — cortou-me num tom exasperado, soprando o ar com força, o que me divertiu e ajudou a quebrar a tensão. — Considere bem o que vai vir depois dele, por favor.

Mordi o lábio inferior, titubeando, apesar de estar ciente de que precisava dar voz ao pensamento que vinha me inquietando.

— Juliet teve inúmeras outras babás antes de mim e todas foram despedidas porque se insinuaram pra você — eu o lembrei e fiz uma pausa, torcendo para que ele decidisse me interromper bem ali. Não aconteceu, por isso prossegui: — Bem, acho que nós dois concordamos com o fato de que levei toda essa história de insinuação a um novo patamar.

Vincent soltou uma gargalhada gostosa do outro lado da linha, que me pegou completamente de surpresa. Rolei os olhos para sua reação, ainda que ele não pudesse ver, apesar de ter sorrido também.

Ao menos ele acha engraçado, e não trágico. Isso explica por que você ainda tem um emprego...

— Você está rindo, mas não consegui encontrar a diferença entre mim e

nenhuma dessas outras moças — retomei, internalizando o fato de que ele estava ocupado demais achando graça da minha pessoa para que pudesse me responder.

— Acontece que eu não estava apaixonado por nenhuma delas — lançou, de forma tão natural e espontânea, que até mesmo julguei que meus ouvidos tivessem me traído.

O quê? O que ele disse? O que isso significa?

— O que isso quer dizer? — consegui perguntar num fio de voz, depois do que me pareceu uma eternidade, com o coração batendo tão alto que acreditei que Vincent também conseguia escutá-lo do outro lado da linha.

— Eu preferiria ter essa conversa pessoalmente, por isso te convidei para jantar... — devolveu em tom sério, e não havia um único traço do humor de outrora em sua voz.

— Okay... — murmurei incoerente, sem saber ao certo o que mais poderia dizer. — E se eu for até a sua casa? — sugeri, lamentando tê-lo feito logo após. Não queria soar desesperada, carente nem nada do tipo. Todavia, como conviver com aquela curiosidade me corroendo?

— Você quer vir jantar aqui? — ele testou, soando surpreso ao extremo.

— Não... — neguei de pronto, fazendo uma careta de descontentamento logo após. Qual era o meu problema, afinal? — Quer dizer... — busquei emendar —, não, se você não achar uma boa ideia.

— Acho uma ideia excelente — respondeu, e soltei o ar dos pulmões em puro alívio. — Que tal às 21h? É um pouco tarde, eu sei, mas nesse horário tenho certeza de que Jules já vai estar dormindo.

Balancei a cabeça positivamente, mesmo sabendo que ele não poderia me ver.

— Às 21h soa perfeito pra mim. Até mais tarde.



Estar em frente à casa de Vincent, naquela noite, foi diferente de todas as outras vezes, apesar de minha presença ali ter sido constante nos últimos meses. Foi impossível conter o nervosismo que se apossou de mim, porém, não deixei que isso me detivesse. Quando o par de olhos azuis bonitos me encarou, ao abrir

a porta para que eu entrasse, a certeza de que enfrentar meu medo de estar ali valera a pena me inundou com força total, especialmente quando Vincent me cumprimentou selando meus lábios com os seus num contato demorado.

Como já era de se esperar, Juliet estava dormindo, no entanto, de acordo com o pai dela, não foi tão fácil assim dobrá-la, de modo que nosso jantar acabou atrasando um pouco. De qualquer modo, eu estava nervosa demais para sentir fome, por isso assegurei a Vincent que eu não me importava com a demora. Ele pediu licença para tomar um banho rápido e se livrar de toda a farinha que caiu sobre si durante o preparo de nossas pizzas, não sem antes compartilhar que, apesar de ser fim de semana e ter estado ocupado com Juliet, ele conseguiu escrever quatro novos capítulos do livro no qual vinha trabalhando, porque teve um surto de inspiração. Perguntei-me secretamente se o tal surto atendia também pelo *meu* nome, contudo, óbvio que não dei voz ao questionamento, apesar de querer muito saber a resposta.

Entregando-me seu Kindle para que eu pudesse me distrair em sua ausência, Vincent me deixou na sala e foi correndo para o banho. Enquanto eu lia, foi impossível não me ater a todos os detalhes e suspirar com as descrições que Vincent empregava em cada palavra do que escrevia e também com as metáforas utilizadas. Se eu já não fosse completamente apaixonada por seu trabalho como escritor, tinha absoluta certeza de que não demoraria muito mais a cair de amores por ele durante a leitura de seu novo suspense. Ainda presa na magia de ser leitora beta do meu autor favorito de todo o mundo, fui pega de surpresa pela sensação de *déjà vu* ao ir passando as páginas, até me dar conta de que vários diálogos entre Luke e Veronica, o casal protagonista do livro, eram muito parecidos com os meus e de Vincent.

Luke, assim como Vincent, era pai solo e se desdobrava nos cuidados com o filho pequeno e seu trabalho como detetive da divisão de homicídios, ao lado de sua parceira e também detetive, Veronica Herrera. Luke nutria uma paixão secreta por ela, mas sabia que um relacionamento entre os dois jamais seria possível, uma vez que Veronica já tinha um compromisso.

Estava tudo ali, todas as similaridades, porém, não notei nenhuma delas — ou será que decidi simplesmente ignorá-las? — até aquele momento. O término de Veronica ao descobrir que o namorado não era nada do que ela julgava, o beijo trocado entre ela e Luke após uma noite de bebedeira... e todas as coisas que os levaram à cena que eu lia naquele exato instante.

Claro que eu estava acostumada ao modo de Vincent contar histórias. Eu havia lido todos os seus livros já publicados e relido a maioria deles. Sabia que ele era adepto a descrever cenas um pouco mais... uhm... *calientes*. Entretanto, nada, nada mesmo, me preparou para aquele nível de descrição que eu via ali.

Veronica e Luke estavam em sua primeira noite juntos e, ao ler o que Vincent narrava, sobrava pouquíssimo espaço para a imaginação, porque ele se preocupou em ser bem detalhista e retratar cada pequeno toque, cada arquejo, cada palavra sussurrada...

E, nossa! Talvez eu não devesse estar lendo aquilo, de verdade, porque como eu daria meu feedback a Vincent? E essa nem mesmo era a pior parte, mas, sim, o fato de que, na minha cabeça, Luke e Vincent dividiam a mesma aparência, então não pude me impedir de pensar se, por acaso, o excelente desempenho sexual de Luke correspondia aos talentos de seu criador e...

— Terminou? — Vincent questionou com sua voz baixa e provocante soando logo ao meu ouvido, ao se abaixar atrás de mim, debruçando-se sobre o sofá para que pudesse espiar em que página eu estava no Kindle.

Sobressaltei-me, fechando a capinha do dispositivo no ímpeto e forçando um sorriso para disfarçar o embaraço.

— N-não — gaguejei em resposta, detestando o fato de não ter soado segura como gostaria.

— Em que parte parou? — inquiriu, dando a volta no sofá e sentando-se ao meu lado. Seu perfume amadeirado e característico inundou as minhas narinas, inebriando-me enquanto eu o inspirava com força. Talvez por isso eu não tenha sido tão ágil quando Vincent tentou pegar o Kindle sobre o meu colo.

Ainda assim, fui rápida o bastante para segurá-lo e impedir que Vincent o tomasse para si.

— Não! — protestei, os olhos arregalados, e meneei a cabeça para dar ênfase. — Não quero que você veja.

Ele me encarou com os olhos estreitos, sem deixar de segurar a outra extremidade do aparelho, bem como eu fazia.

— Você sabe que escrevi tudo o que está aí, certo? — perguntou com um sorriso, puxando o Kindle por acreditar que, graças ao seu argumento, eu deixaria que isso acontecesse.

Mas não mesmo!

— Só que não quero que veja onde parei — admiti, arrancando o aparelho de suas mãos e marchando até a cozinha. — A pizza está com um cheiro ótimo, a propósito — desconversei —, deixe que eu tiro do forno pra você!

— Ei — ele chamou, levantando-se mais que depressa e segurando meu braço para puxar-me ao seu encontro. — De jeito nenhum, você é minha convidada, eu faço isso. — E então apontou para o Kindle. — Por que não me dá isso para que eu possa guardar? Depois você termina de ler...

Apertei o aparelho contra o peito, engolindo em seco e meneando a cabeça. Eu não era estúpida, ele não iria me dobrar assim tão fácil.

— Tem a minha palavra de que não vou espiar, só quero guardar antes do jantar. Prometo. — Avaliei-o por um momento, medindo se ele falava sério ou se estava apenas mentindo para mim, até decidir que Vincent não era o tipo que fazia joguinhos. Assim sendo, entreguei-lhe o Kindle e fui muito forte ao não pedir que ele me enviasse aquele último capítulo por e-mail para que eu pudesse ler em casa. Eu queria mesmo saber como a noite dos protagonistas terminaria. — Obrigado pelo voto de confiança — ele murmurou, depositando um beijo em minha bochecha e indo em direção à cozinha. — Apesar de eu saber que você já começou a ler a cena de sexo...

Então ele sorriu, deixando-me de pé no meio da sala, completamente boquiaberta.



Que Vincent era excelente na cozinha não era nenhum segredo, mas descobrir que massas eram sua especialidade, sem sombra de dúvidas, foi uma surpresa mais que bem-vinda.

O berço portátil de Juliet havia desaparecido da sala, de modo que, com o espaço extra, Vincent organizou nosso próprio piquenique com pizza e vinho. Nós comemos no chão, sobre uma manta quentinha, o que ajudou a eliminar o nervosismo e instaurar um clima casual e descontraído. Falamos por um bom tempo e, surpreendentemente, não parecíamos perto de dar nosso assunto por encerrado, apesar de não termos entrado, ainda, no tópico que mais me interessava.

Houve um breve silêncio onde nós nos encaramos, como se quiséssemos dizer algo e não tivéssemos a certeza de que a ocasião era perfeita para tal.

— Então... — comecei, quando Vincent se mostrou pouco disposto a quebrar o silêncio e me livrar da minha agonia. Claro que eu não fazia ideia de como continuar aquela conversa, esperava não ter que fazê-lo, todavia, ao receber um arquear de sobrancelhas em resposta, entendi que dependia de mim fazer com que nosso diálogo fosse a algum lugar. — Sobre o motivo de eu não ter sido demitida por ter te beijado... — Tomei o último gole do meu vinho, apenas para manter a boca ocupada e deixar claro que eu não diria mais nada e

esperava por uma resposta audível.

— O que tem isso? — ele se fez de desentendido, franzindo as sobrancelhas e tomando minha taça vazia de minhas mãos, colocando junto à sua sobre a mesinha de centro ali perto.

De jeito nenhum você vai arrancar de mim as palavras exatas, Vincent Hardman!

— É o que espero que você me diga.

— Na verdade, eu já disse: não estava apaixonado por nenhuma delas.

E ali estava outra vez, o palpitar descontrolado do meu coração, que ameaçava querer sair pela boca. Em contrapartida, Vincent permanecia com sua expressão inabalável, e tão bonito que era até mesmo revoltante.

— E o que isso significa? — insisti, impacientando-me com sua demora em responder. — Que está apaixonado por mim? — lancei no ímpeto, antes que tivesse tempo de considerar o que iria dizer.

Parece que ele arrancou as palavras exatas de você, Lorena, parabéns!

Vincent abriu um sorriso preguiçoso, os olhos azuis grudados em meu rosto, provavelmente observando o rubor que se apossava dele.

— Significa que é uma possibilidade, sim — anuiu, e se meu coração já batia desenfreado antes, depois dessas palavras ele passou a se chocar contra as minhas costelas furiosamente, como se tentasse quebrá-las no processo.

— Mesmo você nunca tendo demonstrado interesse? — arrisquei perguntar, tentando empregar casualidade em minha voz ao mesmo tempo em que hiperventilava.

— Na minha cabeça, você era uma mulher comprometida, esqueceu? — defendeu-se. — Eu não podia fazer muita coisa com a vontade insana que tinha de te beijar, quando acreditava que havia outro homem realizando com você os meus desejos secretos e impróprios. — Ele me lançou uma piscadela que me tirou dos eixos por um momento ou dois, e agradeci pelo fato de estar sentada, porque seria constrangedor desfalecer na frente de Vincent.

— *Impróprios...* — frisei, atendo-me àquele ponto — porque trabalho pra você...

Ele fez uma careta, bufando em seguida, cético.

— Porque achei que você estivesse emocionalmente indisponível, não porque pago seu salário.

— Bem, o fato de você pagar o meu salário importa. E muito. Fale a verdade, sua mãe não teria aceitado que eu fosse contratada se não tivesse omitido a verdade sobre o fim do meu relacionamento — aponteí.

— E o que você sugere? — inquiriu, cruzando os braços e erguendo uma sobrancelha para mim. Meus olhos vacilaram entre focar no rosto de Vincent e

observar os braços de músculos bem delineados, que ganharam evidência graças à nova posição. — Quer que eu te demita para que a gente possa se beijar sem culpa, é isso?

Minha boca se abriu em surpresa, e soltei uma risadinha nervosa, meneando a cabeça e estreitando os olhos na direção de Vincent.

— Você não teria coragem...

— Se a outra opção for me manter afastado de você, acredite, eu teria, sim — refutou. Preparei-me para contra-atacar, porém, Vincent ergueu uma das mãos, a palma virada para mim, indicando que ele não tinha terminado de falar e pedindo que eu esperasse. — Escuta... foi difícil me manter afastado e agindo de modo profissional quando acreditava que você era noiva e estava perdidamente apaixonada por outro homem, mas agora é impossível. Eu te disse: esperei demais para conseguir um beijo seu, não consigo simplesmente parar agora.

— Mas, Vincent... — tentei argumentar, no entanto, ele foi mais rápido.

— Okay, você trabalha para mim, eu entendi essa parte, Lorena, acredite — assegurou. — E daí? Se, por acaso, nós dois trabalhássemos na Hardman Dawson, você estaria assim tão reticente?

Minha boca se abriu para que eu pudesse responder de imediato, mas não pude. Não quando sabia que o meu “sim” não era a resposta verdadeira. Depois de mentir tanto para Vincent, mesmo dizendo a mim mesma que o fazia pelas razões certas, eu não podia seguir com isso.

— Acho que não... — dei o braço a torcer.

— Então por que essa relutância quanto ao nosso arranjo? Só quero um motivo, um motivo real, não simplesmente porque disseram que é errado a gente se envolver quando você é a pessoa que cuida da minha filha.

Pensei a respeito, enquanto fitava os olhos azuis que me deixavam toda boba, e ali, naquele momento, em especial, nada me parecia bom o bastante para corroborar a ideia de que Vincent e eu deveríamos colocar um fim à nossa troca de beijos sôfregos.

— Bem, eu... — comecei, tentando ganhar tempo para que algo convincente surgisse em meus pensamentos. Sem sucesso.

— Não consegue pensar em nada, consegue? — inquiriu, esboçando uma expressão convencida e recebendo em resposta um meneio de cabeça. — Eu confiei a você Juliet, o meu bem mais precioso, será que não mereço algum crédito? — Ele sorriu, levando-me junto, e acenei em concordância, porque, ao que parecia, minha capacidade de articular qualquer coisa havia desaparecido. — Ótimo — comemorou, e uma de suas mãos foi para o meu cabelo, enrolando uma mecha nas pontas de seus dedos. — Só preciso fazer uma pergunta antes e quero que seja sincera, tudo bem? — Tornei a aquiescer, sugando o ar para os

meus pulmões ao passo que Vincent se arrastava para mais perto de mim, aniquilando a pouca distância que havia entre nós. — Por que você tomou a iniciativa do nosso primeiro beijo?

Os olhos dele estavam nos meus, a mão em meu cabelo passou a acariciar meu pescoço e o aroma delicioso de seu perfume mesclado ao hálito cheirando a vinho me inebriaram a ponto de me fazer suspirar em deleite.

— Você sabe o porquê — acusei, pouco disposta a articular qualquer coisa quando ele estava tão próximo e parecia querer me beijar.

— Não — negou, também em um meneio de cabeça. — Eu imagino... mas não posso ter certeza, a menos que você me diga.

— Por que você me beijou ontem à noite? — devolvi, então, pois aquele jogo dois podiam jogar.

— Eu já te disse.

— Então não tem problema repetir, tem? — provoquei, e uma de minhas mãos rumou para seus cabelos, adorando a textura macia entre meus dedos. Vincent se inclinou em direção ao toque, fechando os olhos e demonstrando que o apreciava, e exultação se apossou de mim instantaneamente. — De uma forma mais articulada, se não se importar, afinal de contas você é bom com palavras... — completei, um sorriso brincando em meus lábios.

Em resposta, Vincent girou a cabeça, buscando meu pulso com seus lábios e depositando um beijo demorado ali, que me fez engolir em seco e levou uma onda de arrepios por todo meu corpo. Quando seus olhos se abriram e encontraram os meus, a sensação foi ainda mais aterradora. Eles pareciam desejosos, talvez tanto quanto eu me encontrava.

— São muitos motivos — começou, a voz não passando de um murmúrio rouco. — Eu precisaria ser alucinado para conviver com você por todo esse tempo e não me sentir atraído pela mulher maravilhosa que você é. Por dentro e por fora.

Não havia muito mais que eu pudesse fazer além de jogar meus braços ao redor de seu pescoço e beijá-lo desesperadamente, como se não houvesse amanhã, e foi exatamente o que fiz. Provei o beijo de Vincent, cujo gosto estava diferente do que eu me lembrava, graças ao vinho, porém, tão bom quanto. Na verdade, infinitamente melhor do que eu seria capaz de relembrar. Ali, eu tive a certeza de que minhas lembranças jamais fariam jus ao desempenho de Vincent.

— Ei... — chamou, interrompendo o beijo e afastando-se minimamente, nossos lábios resvalavam contra o do outro —, você me deve uma resposta — ele me lembrou, mordiscando meu queixo em seguida.

— Quem toma a iniciativa do primeiro beijo não deve absolutamente nada... — retorqui, puxando-o para um novo beijo, ao passo que um riso gutural

ecoava dos lábios de Vincent em direção aos meus.

Como fiz da primeira vez, acomodei-me em seu colo, porque beijá-lo me fazia entrar em frenesi e era como se eu nunca pudesse ter o bastante dele. As mãos grandes e tenras se afundaram na carne de minhas coxas, puxando-me mais para si, como se Vincent tampouco pudesse lidar com algum espaço entre nós, por mais ínfimo que fosse. Minhas mãos se ocuparam em explorar seus braços sobre o tecido de sua camisa, mas aquele contato ainda não era o bastante, de modo que me pus a desabotoá-la, arrancando alguns botões no processo. Vincent não pareceu se importar com o estrago que fiz, pois apenas me ajudou a livrá-lo do tecido, permitindo-me acariciar-lhe a pele cálida e macia sobre os músculos firmes.

Exatamente como desejei desde o momento em que o vi sem camisa pela primeira vez, apalpei todo o corpo de Vincent ao meu alcance, deleitando-me com as sensações provocadas pelo contato. Suas mãos subiram meu vestido, que se transformou num amontoado em minha cintura, e Vincent explorou toda a pele recém-descoberta, provocando-me também com as pontas de suas unhas curtas, arranhando minhas coxas e quadris, ao passo que sua barba fazia o mesmo com meu pescoço e colo.

Nossas respirações vinham em arquejos e minha garganta estava completamente seca, o que não impedia que gemidos de deleite passassem por ela. Os dedos de Vincent brincaram com o zíper do meu vestido, às minhas costas, e eu o agradei internamente pela iniciativa de me ajudar a livrar-me dele.

— Lorena ... — ele chamou com a voz sôfrega, em vez disso, acariciando minhas costas, o rosto enterrado na curvatura de meu pescoço — você precisa me parar...

Talvez fosse a excitação, mas as palavras dele não fizeram o menor sentido.

— *Parar?* — forcei-me a dizer, minha voz soando rouca ao extremo até mesmo aos meus próprios ouvidos, com uma ponta de indignação.

Ele não podia estar falando sério sobre parar. De jeito nenhum!

— Isso... — confirmou, apesar de não parecer nem um pouco disposto a interromper os beijos e o passeio de sua língua em meu pescoço, o que agradei. — Precisa dizer que estou indo muito rápido... avançando o sinal vermelho... que é melhor pararmos por aqui... — prosseguiu, a respiração entrecortada, a frase quebrando-se ao meio a cada vez que sua boca sugava minha pele.

— Por que eu preciso dizer isso? — eu quis saber, apertando os cabelos de sua nuca e segurando sua cabeça firmemente onde estava, para que Vincent não colocasse um fim àquelas carícias.

— Pra me convencer... — soltou num suspiro pesado — sozinho eu não

consigo. Pode fazer isso?

Aquiesci, porque... bem, eu não sabia bem o porquê. Talvez me sentisse incapaz de negar o que fosse a Vincent quando era ele a me despertar as sensações deliciosas que se apossaram de meu corpo.

— Claro que posso... — menti — me dá só mais um minuto — pedi, sabendo que, no fundo, precisaria de bem mais que um minuto para conseguir voltar a pensar com clareza.

Puxando a boca de Vincent para a minha outra vez, eu tornei a beijá-lo com a mesma volição que sempre se fazia presente quando nossas línguas se encontravam na fronteira de nossas bocas. A de Vincent acariciou a minha ao passo que ele me apertava ainda mais contra si, e o movimento fez com que nossas excitações friccionassem uma contra a outra, arrancando-me um gemido ainda mais desejoso e arrastado. Num movimento instintivo, girei os quadris sobre os de Vincent, e a sensação foi ainda mais aterradora.

Os dedos, que antes apenas brincavam com o zíper do meu vestido, o puxaram até o final de minhas costas, e eu me apressei a livrar-me do tecido desnecessário. No minuto seguinte, Vincent e eu éramos apenas um emaranhado nu de braços e pernas sobre a manta que ele estendeu no chão, e, acomodado entre minhas pernas, ele tocava meu ponto de maior necessidade com os dedos enquanto acariciava um de meus seios em sua boca e eu me contorcia de prazer sob ele, incapaz de conter os gemidos que indicavam o quanto eu estava adorando aquele contato.

Minhas mãos tatearam as costas de Vincent, apreciando poder fazê-lo, e suas carícias apenas potencializavam a sensação prazerosa em meu baixo-ventre, em especial quando seus dedos me penetravam, entrando e saindo do meu corpo numa provocação deliberada que ameaçava roubar o último resquício de coerência que havia em mim.

— Vincent — eu chamei, a voz machucando minha garganta, e ele sugou meu mamilo túrgido com mais afinco antes de finalmente trazer seus olhos para mim.

— Eu sei — murmurou, seu tom espelhando o meu enquanto ele engolia a saliva com dificuldade, antes mesmo que eu pudesse concluir o pensamento. — Estou dividido entre prolongar o momento aqui, com você, ou ir até o quarto buscar o preservativo e te dar a chance de se arrepender do que estamos fazendo...

Então ele resvalou a ponta da língua no vão entre os meus seios, e o gesto se mostrou prazerosamente agonizante em mais níveis do que eu poderia colocar em palavras. Eu não queria que ele se afastasse, era verdade, tampouco queria ter um pensamento racional. Não ali, depois de meses questionando minha

capacidade de me envolver intimamente com um homem, outra vez, em completa abstinência.

— Não precisamos de preservativo — eu me peguei dizendo, e Vincent me encarou de pronto, os olhos azuis desejosos fitando-me com atenção. — Só tive um único parceiro pela última década e sei que não vou engravidar... — eu o lembrei, assistindo à compreensão assumir o controle de suas feições, seguida por contentamento.

— Isso é bom — ele respondeu, os antebraços apoiados próximo à minha cabeça, a pélvis perigosamente perto da minha. — Da última vez que fiz sexo sem proteção, veio Juliet — gracejou, arrancando-me uma risadinha que morreu no segundo em que sua boca desceu sobre a minha.

Nós nos beijamos esfomeadamente, nossas mãos se explorando, conhecendo cada pequena curva de nossos corpos, até o momento sublime em que Vincent me presenteou com sua invasão, fazendo-me sentir como se pudesse flutuar. Ele trouxe os quadris para mais perto dos meus, aprofundando o contato e me arrancando um gemido. Havia tanta lascívia no olhar que ele me lançou em seguida, que me senti como a mulher mais desejada de todo o mundo, porque era isso que os toques dele faziam comigo.

Os movimentos de quadril assumiram um novo ritmo, e a sensação era de que Vincent estava medindo minhas reações, à procura do que me agrava mais e incitava sons de apreciação mais profusos, o que, para ele, não parecia ser nada difícil de conseguir. As investidas tornaram-se mais rápidas, os toques, mais vorazes, os gemidos, mais entrecortados, e os arquejos, mais frequentes. A sensação em meu baixo-ventre crescendo, o suor se acumulando em nossos corpos, até o momento inevitável em que explodi em uma milhão de pedaços, atingindo o clímax da sensação ao passo que Vincent seguia arremetendo-se em meu corpo, à procura de sua própria liberação, até alcançá-la, um gemido que mais se assemelhava a um rosnado soando ao meu ouvido quando seus dentes foram cravados em minha pele.

Eu o abracei, mantendo-o ali, exatamente onde eu queria que estivesse. Onde precisava dele. Inalei seu perfume com força, porque era apaixonada pelo cheiro dele de forma irrevogável, e poder aspirá-lo enquanto desfrutava dos beijos de Vincent em meu pescoço, completamente saciada pelo momento que partilhamos, era a única coisa que faltava para fazer com que a noite fosse perfeita.



Estar com Vincent era o oposto de tudo o que eu poderia imaginar ou mesmo esperar. Sendo muito sincera comigo mesma, eu não me imaginava mergulhando de cabeça em outro relacionamento sério por um bom tempo, não depois de ter passado dez anos dentro de um cujo fim foi uma catástrofe total. Esperei que minha confiança nos homens se abalasse e que meu coração não batesse depressa ante palavras doces e toques gentis, bem como eu poderia apostar o que fosse que todas essas coisas seriam a mais absoluta verdade, se fosse outro homem ali comigo, senão Vincent.

Com ele tudo mudava de figura, porque Vincent era diferente. Poderia soar estranho, todavia, apesar de estarmos num relacionamento há apenas três meses, a sensação era de que eu o conhecia desde sempre. Nós sabíamos absolutamente tudo um sobre o outro: pratos preferidos, séries preferidas, bandas e músicas preferidas, autores preferidos... tivemos longas conversas sobre cada um de seus enredos e senti meu ego inflar quando ele admitiu que a personagem de seu novo suspense, Veronica, era inspirada em mim, desde a personalidade até as características físicas. E, claro, eu não pude me sentir menos que lisonjeada quando Vincent admitiu que vinha nutrindo sentimentos por mim muito antes de eu ter tomado a iniciativa de beijá-lo.

Era bom estar com ele. Mais que isso... era *excelente*. E, ao mesmo tempo, assustador, por inúmeros motivos, dentre eles, o fato de que, apesar de estarmos juntos há pouco tempo, eu estava completa e perdidamente apaixonada por Vincent. Não, eu não sabia como ou quando aconteceu, porém, o sentimento estava ali. Fosse pelo modo terno como ele me olhava, os toques despropositados que me causavam arrepios por todo o corpo, a forma esplêndida como ele sorria, os beijos que me faziam esquecer o mundo ao redor, o modo

entregue como ele fazia amor comigo... e por que não dizer o jeito que ele tratava Juliet? Ou talvez fosse ele todo, porque eu não conseguia escolher algo que amasse mais nele. E era essa a verdade. Muito mais que apenas paixão, o que eu sentia por Vincent era amor, como nunca experimentei antes.

Eu o amava, como também amava Juliet, que era detentora de um pedaço tão grande do meu coração que chegava a doer o simples pensamento de que, talvez, sua mãe biológica decidisse reavê-la. Não apenas ela, como também Vincent. Esse era o assunto sobre o qual nós não falávamos, nunca. Eu bem que tentei, no entanto, tudo o que recebi foram evasivas e um sem-fim de “não estou preparado para falar disso”, portanto deixei de tocar no assunto, o que não significava que minha curiosidade não me instigasse a fazê-lo. Porém, eu respeitava o espaço de Vincent e esperaria pelo momento em que ele se sentisse confortável o bastante para se abrir comigo inteiramente, assim como fiz com ele.



— Eu grifei as minhas partes favoritas, e tem diálogos muito bons aqui. Você precisa ter um pouco mais de cuidado com a forma como vem expressando os sentimentos. Gosto do suspense e de todas as ideias, mas talvez você tenha deixado muitas pistas sobre quem é o assassino, porque acho que já descobri a identidade dele... — Vincent tagarelou, apontando na tela de seu Kindle as partes em destaque que mencionara.

Nós estávamos no jardim, enquanto falávamos sobre o primeiro suspense que eu vinha escrevendo, com sua ajuda. Em uma de nossas inúmeras conversas, desde que começamos a namorar, acabei confessando a Vincent que ser leitora ávida meio que plantou em mim a vontade de criar minhas próprias histórias, mas que nunca levei nenhuma delas adiante. Ele disse que todo mundo deveria viver a experiência de escrever um livro, então, naquela tarde, nós nos sentamos em seu escritório e ele me incentivou a criar o esboço de um roteiro. E foi o que fiz. Vincent gostou da ideia e disse que, assim como eu vinha ajudando-o com seu livro em andamento, ele faria o mesmo por mim. Desde então, eu me pus a escrever, de forma despropositada, apesar de estar adorando o processo. Em

especial escutar os elogios de Vincent e suas sugestões de melhoria.

— É mesmo? E quem você acha que é? — desafiei, erguendo minha sobranalha de modo presunçoso e virando-me um pouco para fitá-lo. Estávamos os três sentados no chão: Vincent, Juliet e eu. Jules estava com a atenção em seu tablet, assistindo aos vídeos de musiquinhas infantis, mas sem desgrudar de Lolli, o ursinho de pelúcia que lhe dei de presente.

Acomodada entre as pernas de Vincent, recebi seus olhos divertidos sobre mim, seguidos de um beijo estalado em minha bochecha, porque ele nunca economizava quando o assunto era demonstração de afeto.

— Tasha. Acertei? — Ele inclinou a cabeça, de modo que pudesse me fitar melhor, e soltei o ar pela boca com força exagerada, demonstrando minha irritação.

Por que ele sempre precisava adivinhar tudo?

— Odeio o fato de nunca conseguir te surpreender — murmurei, fingindo aborrecimento, e Vincent soltou uma gargalhada gostosa antes de depositar um beijo em meu pescoço, o que chamou a atenção de Juliet, que também começou a rir.

Não importava o fato de ela não ter ideia do que estava acontecendo, se Vincent gargalhava, Jules espelhava o gesto, exibindo os dois dentinhos novos que ganhara recentemente. Ela era tão linda, por isso não tentei lutar contra o ímpeto de puxá-la para mais perto e beijar o seu rostinho de boneca. Ela se acomodou em meu colo, sem deixar o tablet nem Lolli de lado, e eu apoiei minha cabeça sobre o ombro de Vincent, suspirando em puro contentamento por estar ali com eles.

Poderia ser um pensamento impróprio, mas eu não conseguia detê-lo, então dedicava muitas horas do meu dia imaginando como seria se a mãe biológica de Juliet ressurgisse e roubasse de mim o que eu tinha de mais precioso. Eu sabia que era egoísmo desejar que aquilo não acontecesse, mas não conseguia evitar.

Minha mão esquerda rumou aos cabelos de Juliet, acariciando-os, e fechei os olhos, levando minhas narinas para mais perto do pescoço de Vincent, inalando profundamente, como se, assim, me certificasse de que tudo aquilo era real demais para ser arrancado de mim de uma hora para outra.

— Você é tão cheiroso — sussurrei.

Vincent apoiou o Kindle no chão e seus braços se fecharam mais ao meu redor, apertando-me contra si, ao mesmo tempo em que ele afundava o nariz em meus cabelos.

— Não mais que você, disso tenho certeza — retrucou, colocando um sorriso bobo em meus lábios.

— Sabe... eu nunca te disse isso, mas... — Mordi o lábio, meio hesitante,

entretanto prossegui. — Nunca fui tão feliz antes como sou agora, tendo você e Juliet — admiti, buscando fitá-lo no fundo da imensidão azulada que eram seus olhos. — Amo estar aqui com vocês, essa é a verdade. — Suspirei, incerta sobre o uso de palavras, porém ciente de que deveria deixar Vincent saber o que ele e Juliet representavam para mim.

Ele exalou o ar com força pelo nariz numa risadinha que alcançou seus olhos, instalando ali as ruguinhas pelas quais eu era completamente louca.

— Nós também te amamos, *Lollipop* — devolveu, usando o apelido que, antes, era exclusivo a Juliet, mas que agora pertencia aos dois, tornando-o ainda mais especial, porque agora era o vocativo que os dois amores da minha vida usavam para se referir a mim.

Isso por si só já seria o bastante para que eu me derretesse toda entre os braços de Vincent, contudo, aliado ao homem que eu amava dizendo que me amava de volta... meu coração parecia prestes a explodir dentro do peito. Eu conseguia até mesmo ouvir a música ao fundo, como nos filmes...

A música é real, é Seu Lobato Tem um Sítio tocando no tablet de Juliet... de novo, constatei para mim mesma, ao passo que recebia de muito bom grado os lábios de Vincent contra os meus, beijando-me com tanta doçura e cuidado que me senti uma tonta por não ter percebido antes que também havia uma porção generosa de amor naquele simples contato.



Vincent me amava. Vincent “King” Hardman me amava, e eu era a mulher mais feliz do mundo. Tudo bem, ele não disse “eu te amo, Lorena”, e sim “nós também te amamos, Lollipop”, mas isso era ainda melhor e mais romântico, porque a vida seria bem menos colorida sem a minha Jules, e eu gostava de todo o espectro de cores que se apresentou em frente aos meus olhos desde o momento em que coloquei os pés na casa dos Hardman.

Lógico que, quando cheguei ali, estava quebrada e submergida em problemas demais, nunca passou pela minha cabeça que algum dia eu acordaria na cama do meu chefe, com ele ao meu lado e nós dois completamente nus. Ainda assim, era exatamente o que vinha acontecendo nos últimos meses, e eu

adorava cada uma daquelas manhãs nas quais Vincent era a primeira pessoa que meus olhos vislumbravam ao se abrirem. Adorava também o fato de não precisarmos nos esconder, como se estivéssemos cometendo um crime. A senhora Hardman não gostou muito da ideia de ter o filho se envolvendo com a babá de sua neta, todavia, em momento algum me destratou, o que foi uma surpresa muito bem-vinda. Apesar de que seria necessário muito mais que a desaprovação de Adele para que eu abdicasse de viver os dias incríveis que Vincent me proporcionava.

Tendo em mente quão feliz ele me fazia e aproveitando-me do fato de ele estar dormindo de bruços, deposei uma porção de beijos em suas costas, tocando-lhe a pele macia com as pontas dos meus dedos, sentindo-a cálida sob eles e contornando as pintinhas marrons espalhadas ali. Tracei o caminho até sua nuca com meus lábios, sugando pequenas porções de pele no caminho e enterrando minha cabeça na curvatura de seu pescoço, inspirando seu cheiro delicioso e sentindo seu gosto ao resvalar minha língua no local.

— Continue com isso e nunca mais eu te deixo sair dessa cama, Lollipop — ele murmurou, a voz extremamente rouca, como sempre era ao acordar, fazendo-me soltar uma risadinha.

— Bom dia, Vince — devolvi, depositando um beijo em seu ouvido e aninhando-me a ele, adorando a ideia de não sair da cama, ou ao menos poder demorar um pouco mais para fazê-lo. — Como passou a noite?

— Muito bem. Sonhei que tinha uma mulher muito linda dando em cima de mim e a gente acabou indo para a cama depois de um jantar romântico...

Gargalhei, porque foi exatamente como terminamos a noite anterior. Nós saímos para jantar, ele repetiu diversas vezes o quanto me achava linda e se considerava sortudo por ter-me ao seu lado, e passamos boa parte da noite nus e entregues nos braços do outro, até o cansaço e o sono vencerem e dormirmos abraçados e satisfeitos.

Eu estava pronta para dar-lhe uma resposta engraçadinha, no entanto, fui interrompida pelo toque do meu celular, descansando sobre o criado-mudo do meu lado da cama. Afastei-me de Vincent e me estiquei, a fim de pegar o aparelho, mas meu namorado — e como eu adorava me referir a ele desse modo — foi mais rápido, brecando meu movimento e prendendo-me contra a cama, suas mãos segurando meus pulsos acima de minha cabeça enquanto sua boca buscava a minha para um beijo cheio de volúpia. Minhas pernas se afastaram instintivamente, e Vincent se encaixou entre elas, tornando o contato aterrador. Gemi em deleite durante o beijo, exigindo de volta o controle de minhas mãos. Quando Vincent as soltou, elas rumaram para os seus cabelos e costas, explorando o corpo bem-esculpido que me prendia contra o colchão.

— Vince — eu o chamei no momento em que seus lábios se ocuparam de beijar o meu pescoço —, pode ser importante, me deixe atender — pedi, dividida entre me deixar levar pelo momento e checar a última chamada recebida.

— É sábado de manhã — ele protestou ao pé do meu ouvido. — O que pode ser tão importante?

— É isso que pretendo descobrir — devolvi. — Assim que você me soltar.

Ele emitiu um muxoxo insatisfeito, porém, rolou para o seu lado da cama, deixando-me livre para alcançar meu celular. Quando o fiz, sentei-me na cama e desbloqueei a tela, apenas para sentir a garganta seca e lançar um olhar desconfiado para Vincent.

Era uma ligação de Arthur, e apesar de eu querer deixar para lá e retornar apenas na segunda-feira, nós tínhamos negócios a tratar. Se ele queria conversar comigo sobre isso, eu precisava retornar a ligação. Antes, contudo, abri o aplicativo de mensagens instantâneas, visualizando as que Arthur me enviou naquela manhã.

“Preciso conversar com você. Está livre durante o almoço?”

“Isso é um não? Posso telefonar para marcamos alguma coisa, então?”

Pensei em algo para responder, mas por algum motivo estava nervosa demais para tal.

— Aconteceu alguma coisa? — Vincent inquiriu ao meu lado, o cenho franzido em preocupação.

Meneei a cabeça, forçando um sorriso para ele.

— Não aconteceu nada — assegurei, porém, era provável que não tivesse soado nada convincente, já que ele se sentou na cama, ajeitando os travesseiros contra a cabeceira e apoiando as costas ali.

— Lorena, sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe? — Acenei em concordância, engolindo em seco. — E então? O que houve?

— É só Arthur querendo me encontrar pra um almoço. — Abanei uma das mãos, em sinal de descaso, ainda assim, a expressão de Vincent não se aliviou.

— Para quê?

— Para conversar, é claro — apontei, indicando em meu tom de voz quão óbvia era a resposta.

Ele rolou os olhos, impaciente, lançando-os sobre mim logo em seguida.

— O que quero saber é sobre o que ele quer conversar — elucidou, assumindo uma expressão sisuda que em nada combinava com seu semblante descontraído de sempre.

— Bem, ele não disse, mas só pode ser pra resolver a questão do

apartamento em TriBeCa. Eu te falei que pedi a ele a parte que investi — lembrei-o, mas Vincent não pareceu satisfeito.

— E não deveria ser um advogado a entrar em contato com você? — inquiriu, franzindo a sobrancelha e cruzando os braços em frente ao peito.

Oficialmente, acho que nunca vamos nos acostumar a esses braços, Lorena, meu lado ácido se fez presente, honrando sua fama de aparecer sempre nos momentos mais impróprios.

— Você se esquece de que Arthur é advogado e provavelmente está cuidando de tudo pessoalmente.

— Eu sei que *você* não é uma advogada, então não precisa cuidar disso pessoalmente. — Sua expressão séria ainda estava lá, inabalável, intensificando-se no momento em que Vincent levou uma de suas mãos para tocar a barba por fazer. — Sabe que Heather pode lidar com Arthur, certo? Ela pode te representar. Na verdade... — Ele moveu a cabeça, como se ponderasse e chegasse à resolução de um impasse. — Eu posso lidar com Arthur, como seu advogado. Não exerço a profissão, mas não quer dizer que eu seja ruim nela.

Balancei a cabeça, cética quanto à sua sugestão. Rompi o espaço entre nós dois e pressionei meus lábios na linha de sua mandíbula, pousando minha mão esquerda sobre seu rosto e impelindo-o a me encarar com atenção.

— Não consigo te imaginar sendo ruim em absolutamente nada que se proponha a fazer — confessei num sorriso, esperando receber um parecido em retorno. Não aconteceu, no entanto. — E agradeço a ajuda — prossegui, quando minha tentativa de aliviar o clima se mostrou falha —, mas acho que isso é algo que eu mesma tenho que fazer.

Vincent aquiesceu uma vez, o maxilar trincado e um vinco se formando entre suas sobrancelhas.

— Você ainda gosta dele? — irrompeu, pegando-me completamente desprevenida com a pergunta.

— Quê? — Estupefação moldava cada linha do meu rosto e pingava de minhas palavras. De onde saía aquela pergunta?

— Quero saber se você ainda é apaixonada por Arthur — Vincent repetiu, e sacudi a cabeça de um lado para o outro, com os olhos fechados, no intuito de clarear as ideias.

Olhei para ele, ainda afogando em tamanha perplexidade.

— Vincent... — comecei, tentando formular algo que soasse irrefutável — claro que não! — foi o que consegui emitir, dado meu ceticismo. — Se fosse, eu não estaria aqui com você. Mas que pergunta!

— E se ele não quiser falar sobre o apartamento? — insistiu, erguendo as sobrancelhas em desafio. — E se ele te quiser de volta?

Pisquei algumas vezes, completamente aturdida pelo rumo que aquela conversa estava tomando. De tantas coisas que pensei quando decidi acordar Vincent com beijos, falar sobre Arthur e seu improvável desejo de reconciliação não era uma delas.

— Arthur não me quer de volta — lancei, reassegurando o que dissera com um meneio de cabeça meio atônito. — Ele tem uma família, um filho — eu o lembrei. — O que a gente tinha acabou.

— Acabou porque ele te traiu, não porque você deixou de amá-lo. Se a traição não tivesse acontecido... — Ele meneou a cabeça. — Se você não tivesse descoberto sobre a traição — reconsiderou —, não estaria aqui comigo, e sim com ele.

Okay, qual é o problema desse homem?

Um sorriso nervoso se apossou de meus lábios sem que eu nada pudesse fazer para evitar. Analisei o rosto de Vincent com atenção, buscando ver ali algum sinal de que ele só estava me provocando a troco de nada. O que encontrei, entretanto, foram feições muito sérias, que o faziam parecer mais velho do que realmente era.

— Talvez eu estivesse com ele, talvez não — cogitei, porque negar os apontamentos de Vincent se mostrara inútil. — Quem sabe? Nosso relacionamento estava desgastado há tanto tempo que é difícil dizer — reconheci.

Verdade fosse dita, Arthur não conseguiria me enganar para sempre. Os sinais estiveram lá por todo o tempo, no fundo, era bem possível que eu tivesse escolhido fechar os olhos para eles. Arthur já não era o mesmo homem por quem me apaixonei anos atrás, por mais que para mim fosse impossível admitir, enquanto ainda estávamos juntos.

Soltando o ar com força pela boca, Vincent tornou a levar a mão até a barba, raspando-a através dos pelos e, em seguida, pressionando também a ponte do nariz, parecendo lindo até mesmo em sua expressão transtornada.

— Não é difícil dizer — negou, também em um meneio de cabeça. — Vocês estavam prontos para formar uma família. Estavam em processo de adoção.

— *Estávamos* — frisei, a um único passo da exasperação. — No passado. Não formamos uma família, não temos filhos juntos. Nossas vidas não estão mais interligadas.

— De novo: não por uma escolha sua — insistiu, impacientando-me inenarravelmente. — Se você pudesse voltar atrás e mudar tudo, vai me dizer que não mudaria? Que não escolheria a vida que estava prestes a construir com Arthur e Maria?

O choque pelo que Vincent dissera foi a primeira coisa que me atingiu, seguido de uma revolta sem precedentes, que me fez cerrar os punhos com força e trincar o maxilar a ponto de doer. Talvez eu devesse manter minha língua dentro da boca, respirar fundo, contar até um milhão e não dar voz ao pensamento que me ocorreu. Mas claro que não foi isso que fiz. Ao menos não quando estava sendo injustamente acusada de usar Vincent como prêmio de consolação por não estar com Arthur.

— Por quê? Você mudaria as coisas entre você e a mãe de Juliet? — retruquei, assistindo à surpresa tomar as feições bonitas do homem à minha frente, desmanchando sua carranca. — Se ela ressurgir, quer dizer que o que nós temos acaba e você volta correndo pra ela?

— Não foi o que eu disse...

— Foi o que eu entendi — atalhei, sem a menor paciência de ouvi-lo tentar me dissuadir do meu argumento.

— Lorena...

— Vincent — tornei a cortá-lo, exasperada —, eu não quero discutir com você — confessei, soltando um longo suspiro que demonstrava o quanto aquela conversa me desgastara. — Muito menos por causa de Arthur ou da mãe de Juliet — reiterei. — Mas se você se sente desconfortável com a ideia de eu ainda nutrir sentimentos pelo meu ex-noivo, sendo que fui sincera com você desde o começo e contei toda a nossa história, como devo me sentir com relação à mãe de Juliet, se até mesmo o nome dela é um mistério pra mim?

Uma pontada de dor perpassou os olhos de Vincent antes que ele os fechasse, soltando uma imprecisão sob o fôlego que eu sequer compreendi. Ele jogou a cabeça para trás, esfregando os olhos cerrados e encarando o teto em seguida, exalando o ar com força.

— Tem razão — emitiu num murmúrio, sua voz demonstrando tanto cansaço quanto sua expressão. — Sinto muito, eu... — Ele oscilou, como sempre, à procura das melhores palavras possíveis para se fazer entender, algo corriqueiro e tão dele... — Eu não gosto da ideia de vocês dois saindo para almoçar juntos, quando, provavelmente, já fizeram isso milhares de vezes antes, como um casal. Tenho ciúmes — admitiu, fazendo uma careta de desgosto.

Ciúmes? Ciúmes no sentido de se sentir inseguro? É isso?, perguntei a mim mesma, porque aquilo não fazia o menor sentido para mim. Vincent era confiante e decidido, não entrava na minha cabeça que ele pudesse se sentir ameaçado por Arthur. Nem por ninguém.

— Almoçar com Arthur não vai trazer de volta todos os sentimentos que eu nutria por ele, Vince — assegurei, aproximando-me dele e pousando minha cabeça em seu peito. A chateação se dissipara tão facilmente quanto se instalou,

e, naquele momento, tudo o que eu queria era estar entre os braços dele outra vez e nunca mais sair. — Eu segui em frente e já não estou mais emocionalmente disponível. Não pra ele, ao menos — corriji-me ao passo que apoiava minha mão sobre o estômago de Vincent, traçando formas aleatórias ali.

Seus braços se fecharam ao meu redor, seus dedos se embrenhando em meu cabelo, flexionando e relaxando repetidas vezes num carinho. A mão direita brincou com a pele nua de minhas costas, causando arrepios prazerosos que se espelharam por todo meu corpo, fazendo com que eu me aninhasse ainda mais a Vincent, com a perna esquerda jogada displicentemente sobre seus quadris.

— Tudo bem — soltou junto a uma longa lufada de ar. — É só que... — Outra titubeação, e me segurei para não deixar uma risadinha escapar por reconhecer as manias de Vincent. — Eu estou apaixonado por você, Lorena, não quero te perder.

Suspendi a respiração por alguns segundos, sem saber com certeza se estava alucinando ou se Vincent de fato dissera o que eu julguei ouvir. Expirei devagar, ainda que não pudesse precisar o porquê, enquanto escutava meu coração batendo em meus ouvidos. Ou seria o de Vincent?

Como se tivesse levado um choque, eu me ergui, apoiada sobre o cotovelo, apenas para fixar os olhos que eu tanto amava e transmitiam tanta paz, vendo-os transbordar. As palavras pareciam me faltar, meu coração, definitivamente, batia desenfreado no peito, e um sorriso gigantesco esticou meus lábios o máximo possível.

— Você não vai me perder — prometi, sacudindo a cabeça de um lado para o outro repetidas vezes. — Não quando sou completamente apaixonada por você também — confessei, e Vincent sorriu para mim, daquele modo incrível que tocava seus olhos e me aquecia o peito.

Eu não estava certa sobre quem tomou a iniciativa, mas, àquela altura, não importava. Nós apenas nos beijamos, desesperadamente, como se jamais pudssemos ter o suficiente um do outro, e eu soube, naquele momento, que nada se comparava ao amor que eu sentia por Vincent.

Meu coração era dele. Irrevogavelmente dele.



— Eu ainda te amo, Lorena. Essa é a verdade. Eu te amo e não sei mais o que fazer pra te tirar do meu coração e da minha cabeça.

Pisquei demoradamente algumas vezes, esperando que, em uma delas, Arthur desaparecesse da minha frente numa cortina de fumaça. Ou que eu acordasse daquele pesadelo. Onde estava Kim quando eu mais precisava dela?

Num gesto infantil que não condizia em nada com os meus quase trinta anos, afundei minhas unhas nas palmas de minhas mãos, no intuito de causar-me dor o suficiente para que eu despertasse daquele pesadelo. Mas nada aconteceu.

Arthur continuava ali, de terno e gravata, os olhos castanhos sondando minha expressão e a cabeça tombando levemente para o lado esquerdo, como se de tal modo pudesse me observar melhor. Suas mãos estavam pousadas sobre a mesa do restaurante brasileiro onde ele marcou nosso almoço, e Arthur as estendeu, a fim de segurar as minhas. Mais que depressa, recolhi-as e torci meus dedos sobre meu colo, sem conseguir acreditar que ele de fato tivera coragem de me falar aquilo.

— Você não vai dizer nada? — ele quis saber ante meu silêncio, e segui calada, os lábios travados numa linha dura. — Lola, por favor... — pediu, os olhos sofridos em minha direção — não me torture assim, eu não mereço isso.

Ultraje e cólera me assomaram num rompante, e fuzilei Arthur com o olhar querendo mais que tudo esganá-lo até o momento em que ele, enfim, caísse em si e percebesse o tamanho dos absurdos que acabara de me dizer.

— Não tenho absolutamente nada pra dizer — despejei entre dentes, dando o meu melhor para manter a voz baixa, quando minha vontade era esbravejar com Arthur e lhe infligir dor física até que ele desmaiasse aos meus pés. — Você se ouviu, Arthur? Ouviu o que acabou de me falar? — questionei, inclinando-me

levemente sobre a mesa e estreitando os olhos em sua direção.

— Que te amo? — ele testou. — Que não consigo parar de pensar em você?

Senti meu sangue ferver nas veias e o rosto arder de puro ódio. Não fosse o fato de termos uma plateia, Arthur teria recebido minha mão espalmada em sua bochecha como resposta às suas palavras sem nexos.

— Como tem coragem de me dizer todas essas coisas depois de tudo o que me fez? Hein? — perguntei através de meus dentes trincados, o corpo trêmulo devido à força da ira que percorrendo minhas veias e se espalhando por todo meu corpo. — Estamos separados há meses! *Meses!* — eu o lembrei, com indignação transbordando de minhas palavras. — Você está vivendo com Piper, devem até mesmo ter data marcada para o casamento — supus, e a boca de Arthur se abriu para que ele pudesse dizer algo, porém, fui mais rápida. — E mesmo que não tenham... — continuei, erguendo minha mão no ar, a palma virada para o rosto de Arthur, num claro sinal de que eu ainda não havia terminado meu argumento e que ele deveria se calar, por ora — quem você acha que eu sou? — instiguei, estupefata. — Vocês têm um filho juntos, que é só um bebê e precisa de uma família estável. Pelo amor de Deus!

Exato! Pelo amor de Deus!, bradei em pensamento para mim mesma. Afinal de contas, qual era o problema de Arthur? Ele não podia simplesmente acreditar que, depois de todo esse tempo, eu estaria disponível para uma nova tentativa no nosso relacionamento fracassado, em especial dada a forma como as coisas terminaram entre nós dois. Isso sem contar o que aquilo implicava: eu me metendo no meio de uma família.

Nem em mil anos!

— Acha que meu relacionamento com Piper é estável? — escarneceu, balançando a cabeça em negação. — Nunca houve amor, Lorena. Você é a única mulher que amei em toda a vida, e ainda amo. Não consigo mudar isso.

Soltei uma risada pirrônica e rolei os olhos em exasperação, porque não havia muito mais que eu pudesse fazer, além de protagonizar um completo escândalo.

— Faça-me o favor, Arthur!

— Não! — retorquiu, apontando o dedo indicador em minha direção. — Você faça o favor de me escutar. Não estou dizendo que vou abandonar o meu filho, claro que não. Mas o melhor pra ele não é assistir, todos os dias, a uma nova discussão dos pais — articulou, como se ninguém no mundo jamais tivesse dito algo tão sensato quanto aquilo. — Eu voltei a morar no nosso apartamento em TriBeCa, e o que já era ruim piorou ainda mais. — Seus olhos estavam pesarosos, enquanto eu permanecia embasbacada com a enxurrada de coisas que Arthur insistia em despejar sobre mim. — Lola, eu não sei ficar sem você...

— Não sabe ficar sem mim? — interferi, franzindo o cenho na minha melhor expressão de sarcasmo. — Engraçado, porque enquanto estávamos juntos, enquanto você tinha a mim ao seu lado em todos os momentos, incondicionalmente, sua escolha foi ir pra cama com Piper e me fazer de idiota bem debaixo do meu nariz — escarnei, lançando um sorriso falso para Arthur, em vez de fazer o que eu de fato desejava. No caso, arrancar-lhe a língua, para que ele parasse de dizer heresias.

— Eu não *escolhi*, isso — defendeu-se, com cara de poucos amigos. — Aconteceu.

Minha boca se abriu em puro choque, e pisquei aturdida, sem acreditar que aquilo era mesmo realidade e não se tratava de um universo paralelo em que Arthur era uma vítima, porque ele personificava o papel muito bem.

— *Aconteceu?* — testei, perplexidade moldando cada sílaba. — Pobre Arthur... — emendei, levando uma das mãos ao peito e vestindo uma máscara de pura dissimulação. — Aposto que estava concentrado em ser o noivo dos sonhos, fiel até o último fio de cabelo, quando Piper decidiu que o queria pra si e fez de tudo pra enganá-lo e enredá-lo.

Ele estalou a língua, desviando o olhar do meu rosto e tamborilando os dedos sobre a mesa, demonstrando insatisfação.

— Foi isso? — insisti, inclinando-me de modo que pudesse visualizar sua expressão, apesar de ele se recusar a me encarar. — Porque se a resposta for sim, então eu entendo... a culpa é toda da Piper. Eu deveria ir até lá agora mesmo, dizer quão baixa ela foi por seduzir o meu noivo. — Estalei os dedos, como se tivesse acabado de ser atingida por uma epifania. — Oh, espere. Não posso fazer isso. — Abri um sorriso zombeteiro. — Porque *você* era o meu noivo, *você* jurou me amar, *você* me devia respeito e consideração. Não foi Piper quem me pediu em casamento. Não foi a ela que dediquei dez anos do meu amor. Foi a *você*, Arthur. E de que adiantou? No momento em que as coisas ficaram difíceis, *você* agiu como um perfeito crápula e me deixou sozinha.

— Escuta... — Arthur atalhou, o rosto vermelho em pura revolta. Aparentemente, além de não ser fã de falar a verdade, ele também não era muito fã de ouvi-la. — Eu sei que te machuquei, não estou dizendo o contrário. Mas acha que eu não sofri? — Apoiando os antebraços sobre a mesa, ele se inclinou em minha direção, os olhos castanhos parecendo tão ternos que era quase impossível que o detentor deles fosse capaz de machucar tanto uma pessoa. — Quando te dei a notícia de que Piper estava grávida, quando *você* apareceu no apartamento dela e, depois, quando me disse que Michelle desistiu de ceder a guarda de Maria pra *você*, eu...

— Não ouse tocar no nome dela! — bradei em fúria, espalmando minha

mão sobre o tampo da mesa e chamando atenção para nós. Arthur olhou disfarçadamente ao redor antes de trazer seus olhos para mim novamente, porém não vacilei, segui encarando-o. Havia muitas coisas que eu era capaz de suportar, mas ter Arthur falando de Maria... bem, não era uma delas. — Não ouse agir como se de fato se importasse com o que eu passei — prossegui, um dedo em riste em sua direção. — Se você se importasse comigo ao menos um pouco, teria sido honesto quando as coisas começaram a desandar.

— Eu não posso ter sido o único que notou a diferença no nosso relacionamento, Lola. Nós estávamos no mesmo barco.

— Até que deixamos de estar, quando você viu que ele estava furado, entrou num bote salva-vidas com Piper e deixou que eu me afogasse sozinha. — Meus olhos arderam, repletos de lágrimas que eu não pretendia derramar, não na frente de Arthur. Prometei a mim mesma que ele jamais voltaria a me quebrar ou me ver minimamente fragilizada que fosse. Não por sua causa.

— Lola — ele chamou, tomando uma longa respiração e fechando os olhos por um momento, antes de emendar: —, eu não queria que nada disso tivesse acontecido. Sei que vai soar irrisório, mas a verdade é que eu me senti sozinho. *Fragilizado*. Depois da perda do nosso bebê, de todos os tratamentos infrutíferos... — Sua boca se moveu, e não emitiu um mísero som sequer.

Por uns bons segundos, nós apenas nos encaramos, emudecidos, e agradei pelo silêncio. Eu precisava de algum tempo, porque se Arthur continuasse com suas desculpas esfarrapadas, talvez eu até mesmo vomitasse sobre meu prato intocado. E eu aprendi, da pior forma possível, que escrúpulos não eram seu ponto forte, contudo, tocar no bebê que perdi era desumano até mesmo para ele.

— Eu queria o mesmo que você — retomou, depois do que me pareceu uma eternidade. — Exatamente a mesma coisa. Uma família, filhos, te ver entrando na igreja vestida de noiva enquanto eu te esperava no altar. — Arthur abriu um sorriso saudosos, o que normalmente me faria estender uma das mãos para acariciá-lo. Não dessa vez. Malmente conseguia olhá-lo, que dirá tocá-lo. — Só que, de uma hora pra outra, nossa vida se resumiu à sua vontade absurda de ser mãe.

Bufei em resposta, umedecendo os lábios com a língua.

— Minha única vontade absurda foi a de dividir minha vida e todos os meus sonhos com você.

— Não diz isso — ele pediu, com expressão sofrida, meneando a cabeça —, porque nós fomos felizes. Nós fomos muito felizes, Lola, você não pode negar isso.

— Eu não estou negando — apressei-me em dizer, após respirar fundo. Eu não queria estar ali, muito menos tendo aquela conversa ridícula e sem

propósito. Queria ir embora, desabafar com Vincent e dizer que ele estava certo sobre Arthur. — Nós fomos felizes. *Fomos* — frisei. — Eu só queria que as coisas tivessem acabado de uma forma justa. Sem mentiras ou traições. Queria que a gente tivesse tido a chance de sentar e conversar, como dois adultos. Se essa oportunidade tivesse sido apresentada, Arthur, tenha a certeza de que eu teria feito tudo pra salvar o nosso casamento. Porque não, não éramos casados no papel, mas era como eu me sentia. E eu faria qualquer coisa pra não te perder, porque a vida longe de você me parecia inimaginável. Só que agora é tarde.

Os olhos de Arthur estavam vermelhos e marejados. Seu queixo estremeceu, ele prendeu os lábios numa linha fina e, como eu não via há muito tempo, mais do que conseguia me lembrar, ele chorou. Começou com uma única lágrima, que verteu e escorregou por sua bochecha, morrendo em seus lábios. Ele a enxugou, mas outras vieram, e ele piscou algumas vezes, inspirando devagar.

Entretanto, não me comovi, como sempre acontecia. Não senti a urgência de abraçá-lo e confortá-lo, dizendo que tudo ficaria bem. Porque, diferente dele, eu fazia de tudo para manter uma promessa, e não pretendia ficar por perto para me assegurar de que as coisas terminariam bem para Arthur.

— Claro que não é tarde — murmurou um tempo depois, enxugando o rosto com as palmas das mãos disfarçadamente, a fim de que as pessoas ao redor não notassem seu choro hipócrita. — Eu estou aqui pra te pedir perdão por tudo, pra dizer que as coisas vão ser diferentes a partir de agora. — Mexendo no bolso de seu paletó, Arthur tirou de lá uma joia que eu conhecia muito bem, por tê-la usado durante anos.

Ainda me parecia tão bonita quanto da primeira vez em que a vi, apesar de não ter feito com que meus olhos brilhassem e tampouco tocado meu coração, como no dia em que ele me pediu para passar o resto dos meus dias ao seu lado, e eu, estupidamente, disse sim.

Arthur estendeu meu antigo anel de noivado em minha direção e, pela primeira vez, corri meus olhos pelo restaurante, certificando-me de que ninguém observava o que acontecia em nossa mesa.

— Vamos nos casar — Arthur retomou, roubando minha atenção para si novamente. — Como deveríamos ter feito há muito tempo. Vamos construir a nossa família.

Ele abriu um sorriso incerto e, ao mesmo tempo, esperançoso, o que me causou uma revolta imensurável.

— Você já tem uma família, Arthur — eu o lembrei entre dentes.

— Sei que as coisas são diferentes agora, por causa de Peter, mas, Lola... eu amo você. E sinto muito por ter te magoado. Juro que voltaria no tempo, se

pudesse, e faria tudo diferente. Mas não posso. O que posso fazer é prometer que, de agora em diante, vou ser tudo o que você sempre sonhou. Tudo de que precisa, como deveria ter feito desde o princípio.

— As coisas são diferentes porque você me enganou — eu o corriji, e uma lágrima pesou em meu olho direito, seguida de outra e mais outra. Eu as enxuguei com as pontas de meus dedos, cruzando os braços em frente ao peito, num gesto claro de que sob nenhuma hipótese levaria minha mão para pegar o anel que Arthur estendia para mim. — Peter é só uma criança inocente que merece que seus pais se esforcem pra proporcionar um lar de verdade pra ele. Voltar atrás e mudar o curso das coisas aniquilaria a existência dele — apontei. — E se nossa vida juntos significou tanto pra você, como insiste em falar, e mesmo assim você decidiu arriscar tudo pra se envolver com Piper, eu preciso acreditar que isso quer dizer que ela é importante na sua vida.

— É você que eu amo — insistiu, encarando-me seriamente —, não Piper.

Aquiesci uma única vez, cansada demais daquela discussão.

— Então trate de aprender a amá-la, caso contrário, sua vida vai se resumir a dormir com uma mulher que não ama, enquanto deseja uma que um dia teve, mas já não pode ter. — Preparei-me para me levantar, no entanto, Arthur foi mais rápido, agarrando-me pelo pulso, de modo que fui compelida a permanecer sentada.

— Você tem alguém, não é? — inquiriu, fuzilando-me com o olhar, o maxilar trincado.

Estreitei os olhos em sua direção pela milésima vez naquela noite, descrente com sua falta de bom senso. Como Arthur ousava me questionar sobre algo assim? Justo ele?

— Isso não é problema seu! — devolvi, mal-educada, puxando meu pulso para longe de sua mão. Mas ele não me soltou.

— Se você não me responder, vou tomar como um não, e minhas investidas não vão parar por aqui — ameaçou, e soltei uma risada de incredulidade por tamanha audácia.

Ele não tinha o direito de querer saber absolutamente nada sobre minha vida, não mais. Nossa história havia acabado, eu já não o amava e meu coração estava preenchido por um sentimento muito mais forte e intenso.

Meus pensamentos me levaram até Vincent, seu sorriso gentil, a voz rouca sussurrada em meu ouvido, nossas longas conversas sobre tudo e nada ao mesmo tempo, a forma como eu me sentia como uma completa adolescente apaixonada perto dele. Invariavelmente, lembrei-me também de Juliet. Sua vizinha doce e aguda me chamando de Lollipop, a risadinha gostosa que ela soltava por coisas tão simples de seu dia a dia...

— Eu tenho alguém — admiti, reiterando o que dizia com um gesto de cabeça. Eu tinha Vincent e Juliet, e não sobrava espaço para as investidas de Arthur ou de quem quer que fosse quando meu coração estava transbordando amor. — Mas mesmo se não tivesse, o que eu não tenho mais, nem nunca vou voltar a ter, é confiança em você — esclareci. — E não há relacionamento ou mesmo amor que sobreviva à falta dela. Valorize a família que você tem agora, Arthur. Você foi vítima de um homem que não conseguia olhar além de seus próprios interesses, então não seja pro seu filho o que seu pai foi pra você. E se de fato você e Piper não funcionarem juntos... — Dei de ombros. — Seja sincero com ela e procure um novo amor, tendo o cuidado de não fazer com que Peter sofra no processo, porque ele é inocente e não merece uma única gota de sofrimento.

Livre-me do toque de Arthur. Dessa vez, ele não me impediu, apenas observou, impassível, o momento em que peguei minha bolsa e me encaminhei para fora dali.

Foi uma conversa longa e desgastante, porém libertadora, e eu me sentia leve de uma forma impagável enquanto ia para casa.



Quando cheguei à casa de Vincent, pronta para o trabalho, naquela manhã de segunda-feira, fiquei surpresa por não encontrar Juliet em seu berço portátil, à minha espera, ou ainda à mesa do café da manhã. Foi estranho, uma sensação ruim me revirou o estômago, mas, mesmo assim, descansei minha bolsa no sofá e me encaminhei até o escritório, à procura de Vincent.

— Vince? — chamei, porém, sem me dar ao trabalho de bater na porta. Quando adentrei o ambiente, acabei me deparando com Carlie, o que não foi uma surpresa muito agradável.

Não era segredo algum, ao menos não para mim, que eu não era uma de suas pessoas preferidas no mundo.

Isso é o que eu chamo de eufemismo... ela te detesta, Lollipop!

Encarando-me como se quisesse apagar minha existência apenas com o olhar, Carlie ergueu uma de suas sobrancelhas perfeitas, demonstrando seu desagrado por ter sido interrompida e fazendo com que eu desse um passo atrás, em pura hesitação.

— Eu não sabia que você estava ocupado, desculpe — falei meio sem jeito, dirigindo-me a Vincent e sentindo o clima tão pesado que minha vontade era sair dali correndo.

E era o que eu teria feito, se tivesse tido a chance. A um único passo de girar sobre meus calcanhares, me retirar e fechar a porta atrás de mim, a voz de Carlie soou, alta e imponente, barrando meu movimento.

— Você fica, Lorena. Nós precisamos conversar.

Estaquei em minha posição, concordando com um aceno de cabeça, ainda que eu não fizesse ideia do que ela e eu poderíamos ter para falar. Minha relação com Carlie sempre foi baseada em poucas palavras trocadas, mais por cortesia e

educação que qualquer outra coisa. Não me incomodava, até porque, eu não tinha a pretensão de me tornar a melhor amiga da ex-namorada do meu atual namorado, ainda que Vincent insistisse em dizer que o relacionamento amoroso dele e Carlie acabou há anos e tudo o que restou foi o profissional. Eu não era um ser humano evoluído àquele ponto, ao que parecia, porque nem sequer era capaz de cogitar aquele tipo de envolvimento entre mim e Arthur.

— Algum problema? — perguntei, rechaçando as ponderações e dando passos pequenos para o centro do cômodo, o olhar vacilando entre Carlie, de pé em frente à mesa de madeira, e Vincent, sentado em sua confortável cadeira de couro, com o cotovelo praticamente fincado sobre o braço do móvel e a mão amparando a fronte.

A expressão dele... era diferente de tudo o que já presenciei. Eu conhecia o Vincent divertido, preocupado, sisudo, compenetrado, relaxado, apaixonado e profissional... mas o Vincent *transtornado*... não, aquele eu não conhecia, contudo, tinha essa estranha sensação de que estávamos prestes a ser apresentados e de que eu não gostaria nem um pouco de conhecê-lo.

— Vince? — tornei a chamá-lo, notando que ele não me olhou uma única vez desde que pus meus pés naquele escritório. — Você está bem? — eu quis me certificar, indo ao seu encontro.

— Ele parece bem, Lorena? — Carlie irrompeu, pegando-me de surpresa e fazendo com que eu breasse meus passos em meio à biblioteca, alternando meu olhar entre a bela mulher à minha frente e o homem que eu amava. — Algum de nós dois parece bem para você? Qual é o seu problema, afinal?

Fitei Carlie com aturimento agarrado a cada pequena linha do meu rosto, sem entender por que raios de motivo ela estava gritando comigo em resposta a uma pergunta inocente. Fitei Vincent de relance, esperando sua intervenção, entretanto, não recebi absolutamente nada em resposta.

— Aparentemente, não — retorqui meio incerta, meu cenho franzido. — O que houve? Eu posso ajudar em alguma coisa? — E então, como se de uma hora para outra uma luz se acendesse em minha mente, ignorei a insegurança e corri até a mesa, as palmas das mãos apoiadas ali enquanto eu me inclinava na direção de Vincent. — Onde está Juliet? O que aconteceu, Vince? Me diga onde ela está! — exigi, a um único passo de perder o controle.

— A menina está bem, Adele a levou para dar uma volta enquanto Vincent e eu conversávamos — Carlie quem respondeu, já que Vincent não se moveu um único milímetro.

O ar deixou meus pulmões num suspiro trêmulo de puro alívio, então me endireitei em minha posição logo em seguida, incomodada com o fato de Vincent permanecer calado concomitante às respostas atravessadas que Carlie

insistia em me lançar. Tudo bem que ela não gostava de mim, mas aquela era a primeira vez que ela se mostrava tão impaciente e mal-educada. Na frente de Vincent, pelo menos.

— Então o quê? — lancei para Carlie, que cruzou os braços em frente ao peito e inclinou a cabeça para o lado, analisando-me de cima a baixo.

Franzi as sobrancelhas, impacientando-me, e foi minha vez de cruzar os braços e esperar por sua boa vontade de me dizer algo. Com um sorriso zombeteiro brincando em seus lábios, ela alcançou o notebook de Vincent, aberto sobre a mesa, em frente a ele, e girou a tela, de modo que eu pudesse fitá-la.

Analisei-a com atenção, apesar de não conseguir entender o que nada daquilo significava.

— O que é isso? — inquiri, inclinando-me para mais perto do computador, ainda sem ter a menor ideia do que queria dizer o que eu estava vendo.

— O que é isso? — Carlie repetiu debochada, ao meu lado, estalando a língua. — Sua namorada quer saber o que isso significa, Vincent. Eu conto ou você conta? — Foi a primeira vez que Vincent alçou seus olhos. Não em minha direção, e sim na de Carlie. Seu maxilar estava trincado e um sorriso de escárnio repuxou os cantos de seus lábios no momento em que ele se levantou, andando a esmo pelo cômodo e levando uma das mãos à nuca, num claro sinal de preocupação e impaciência. — Okay — ela retomou, quando ninguém disse mais nada —, eu conto, então. Esses são os números de downloads que o novo suspense de Vincent King atingiu — lançou, apontando em direção ao notebook, fitando-me como se esperasse algum tipo de resposta que eu não tinha para dar.

— Downloads? — testei, confusa, unindo as sobrancelhas. — Mas o livro ainda nem foi pra editora. — Afastei-me de Carlie, dirigindo-me diretamente a Vincent, apesar de ele parecer indisposto a me dar atenção. — Achei que você estivesse fazendo os ajustes finais — murmurei.

— Ao que parece, ele não precisa mais se incomodar, já que o manuscrito vazou e milhões de PDFs foram baixados nesse fim de semana. — De novo, foi Carlie quem me respondeu, e rolei os olhos para sua intromissão. Será que ela não percebia que o assunto havia abalado Vincent? E que eu, certamente, queria conversar com ele e confortá-lo sem que ela fosse nossa plateia? Sobretudo: será que ela não conseguia simplesmente calar a boca? — Sabe de quem foi minha primeira ligação do dia? Hã? — Carlie voltou a questionar, dando-me a certeza de que não, calar a boca era algo que ela simplesmente não conseguia fazer. — Da editora, querendo rescindir o contrato de Vincent por ele ter descumprido a cláusula que o impedia de compartilhar o conteúdo inédito.

Levei uma das mãos à boca, o queixo pendendo em estupefação. Ignorando

Carlie, o aparente mau humor de Vincent e todo o resto, caminhei até ele, colocando-me à sua frente e analisando seu rosto de feições endurecidas. Mas quem poderia culpá-lo? Eu conhecia Vincent e sabia o que a literatura significava para ele. Ele deveria estar devastado com a possibilidade de perder o contrato editorial...

— Isso é verdade? — eu quis saber. — E agora? O que nós vamos fazer?

— O que *nós* vamos fazer, Lorena? — ele inquiriu, e havia tanto escárnio em sua voz que fui pega completamente de surpresa, porque jamais escutara a voz de Vincent soar daquele modo. Seus olhos, em geral divertidos ou apaixonados, estavam tão endurecidos que era até mesmo difícil descrever. Senti como seu meu coração gelasse sob seu olhar, e um arrepio incômodo perpassou minha espinha. — O que podemos fazer? Preciso de um livro inédito e o único manuscrito no qual vinha trabalhando por meses já foi baixado milhões de vezes de forma gratuita e ilegal! — ele me lembrou entre dentes, ainda fitando-me daquela forma inflexível.

Engolindo em seco e lutando contra o desconforto, estendi minha mão para tocar-lhe o braço.

— Ei, nós vamos dar um jeito nisso, está bem? — Forcei um sorriso, a fim de confortá-lo, e acariciei a linha de sua mandíbula com a mão livre. Eu só não esperava que Vincent rechaçasse o contato como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

— Que jeito? — esbravejou, alterado, fazendo com que eu me sobressaltasse. — Não acha que já fez o bastante?

— Não estou entendendo... — confessei atordoada, meneando a cabeça.

— Não está entendendo... — Carlie interveio, em escarnecimento, e uma vez que Vincent se recusou a continuar me fitando e me deu as costas, voltei minha atenção para ela, que parecia mais do que disposta a continuar tagarelando. — Apenas três pessoas tinham acesso a esse manuscrito, e todas se encontram nessa sala. Se eu não vazei, por razões bem óbvias, e tampouco Vincent, por razões ainda mais óbvias, isso nos leva... — Ela ergueu uma de suas sobrelanceiras indefectíveis para mim, instigando-me a concluir a linha de raciocínio.

Quando a compreensão me atingiu, pisquei demoradamente algumas vezes, a boca se abrindo em pura estupefação.

Não, não, não! Ela não pode estar insinuando o que eu acho que ela está insinuando...

Minha boca se moveu, contudo, não consegui formar uma única palavra sequer. A menos que as incoerências que tartamudeei contassem, mas eu achava que não. Meus olhos correram para observar a expressão de Vincent, e tudo o

que eu conseguia ver ali era descontentamento... talvez até mesmo uma pontada de decepção.

— Vincent — chamei, esperando que o gesto fizesse com que ele destinasse a mim sua atenção, porém, não foi o que aconteceu. — Vincent, eu não fiz nada! — praticamente berrei, enérgica, todavia, ele continuou me ignorando.

— Não fez nada? — a voz de Carlie soou, impacientando-me a níveis estratosféricos. Eu queria que ela desaparecesse, no entanto, tudo o que conseguia era que ela continuasse se intrometendo no diálogo que eu tentava estabelecer com Vincent. — Então como você explica os milhões de downloads nas últimas 48h? Hein?

— E como eu vou saber? — bradei de volta para ela, gesticulando com as mãos de modo incoerente e exasperado, a pulsação aumentando concomitante à minha irritação. — Já disse que não tenho ideia do que aconteceu, só sei que não é minha culpa!

— Eu avisei a Vincent que não deveria confiar em você a esse ponto! — cuspiu, a máscara de deboche ainda em seu rosto, fazendo-me detestá-la mais do que julguei possível. De repente, meu desafeto para com Arthur e Piper havia sido reduzido a nada, porque eles ao menos tinham a decência de... sei lá! De não serem Carlie, o que já contava vários pontos positivos sob minha perspectiva.

Desistindo de dar atenção a alguém que claramente não tinha o interesse de ouvir minhas explicações, dei as costas para Carlie, decidida a ignorar sua existência por completo, e me virei para Vincent, disposta a fazer com que ele me escutasse e tratasse de falar comigo, em vez de deixar que sua agente o fizesse.

— Vincent, olha bem pra mim! — exigi, porém, o que ele fez foi esfregar o rosto com ambas as mãos, levando-as até os fios dourados de seus cabelos e exalando o ar com força pelas narinas. — Não fui eu — assegurei mesmo assim.

— Não acredito que você vai cair nessa, Vincent, francamente! — Claro que Carlie não perderia a chance de interferir... pela milésima vez.

Cerrando os pulsos ao lado do corpo, preparei-me para mandá-la calar a boca, nem que fosse por um minuto, e estava prestes a fazer exatamente isso, quando Vincent decidiu emergir de seu estado de inércia autoimposto e se manifestar.

— Carlie, nos dê licença, por favor.

— Sou sua assessora, eu...

— Eu pedi por favor, não ouviu? — Vincent repetiu, mordaz, o tom de voz elevando-se e deixando claro que, apesar de ter escolhido usar palavras educadas, aquilo estava longe de ser um pedido, e sim uma ordem.

— Dane-se tudo isso! Vou tentar conter os danos que essa aí causou — ela disse, apontando para mim em desdém com uma das mãos, pegando sua bolsa sobre a mesa e se encaminhando para fora dali. A porta se fechou com um estrondo, no entanto, ao menos Vincent e eu estávamos finalmente sozinhos, e ele parecia disposto a iniciar um diálogo.

Um riso descrente me escapou, porque aquela mulher... ela era simplesmente inacreditável!

— Ela me odeia — afirmei, sem o menor remorso de estar fazendo uma suposição injusta. — Carlie nunca gostou de mim, e você sabe disso. Ela ainda é apaixonada por você, Vincent, vai fazer qualquer coisa pra...

— Para com isso, Lorena, pelo amor de Deus! — ele me cortou, impaciente. — Carlie trabalha comigo desde o momento em que decidi encarar a escrita como uma profissão e tudo o que consegui foi graças à ajuda dela. Eu sei que ela não é perfeita, mas eu também não sou. Você não é. Então não tente se defender falando mal dela.

Abri a boca para responder, mas fechei-a antes de externar o pensamento que me acometeu. Eu sabia que estava certa, e Vincent era cego se não percebia as olhadas furtivas de Carlie em sua direção e tivesse ignorado por completo a forma como ela me acusou, sem provas, diga-se de passagem, de ter sido responsável pelo vazamento do suspense no qual vínhamos trabalhando. Talvez ódio tenha sido uma escolha de ruim de palavra, mas era certo dizer, ao menos, que Carlie não se importaria se, por acaso, eu tivesse um ataque fulminante e caísse morta aos seus pés.

— Desculpe — murmurei a contragosto. — É que ela me dá nos nervos! Eu simplesmente não consigo...

— Por que fez isso? — atalhou, e, pela primeira vez, seu olhar estava sobre mim.

Eu deveria ter ficado feliz, porque desde que pus os pés ali, minutos antes, queria que Vincent me fitasse para que pudéssemos conversar. Entretanto, não me trouxe um único grama de regozijo o fato de estar sendo observada tão atentamente. Ao menos não quando Vincent trazia aquele semblante de desapontamento.

— O quê? — testei, apesar de saber o que sua pergunta significava. Eu não podia acreditar que aquela fosse uma pergunta séria.

Tudo bem se Carlie me acusasse, porque ela não representava nada para mim, de modo que sua desconfiança, por mais estúpida e injusta que fosse, não tinha o poder de me atingir diretamente. As coisas mudavam de figura quando se tratava de Vincent, no entanto.

— Por que vazou o manuscrito? O que você ganha com algo assim? —

Meneou a cabeça, como se desistisse daquela pergunta e quisesse lançar outra. — Melhor: o que eu fiz pra merecer essa merda? — questionou, feições e tom de voz austeros de um modo que jamais presenciei antes. Nem mesmo meses atrás, quando estive naquela casa pela primeira vez e era uma completa desconhecida à procura de um emprego que pudesse salvar mesmo que em partes o planejamento que fiz para minha vida.

— Vincent... — sussurrei num fio de voz, sentindo a garganta apertada — eu já disse que não fui eu.

— Então quem foi? — berrou, sobressaltando-me, e dei um passo atrás por puro reflexo. — Ahn? — insistiu, os olhos em fenda em minha direção. — Éramos os únicos com acesso àquela porra de manuscrito! Os únicos! Como ele pôde ter vazado? Só me diz isso!

Agradei por Juliet não estar em casa, caso contrário, ela acabaria escutando aqueles gritos e ficaria assustada, como aconteceu quando Vincent e Carlie discutiram, naquele mesmo escritório. A diferença seria que, dessa vez, eu não estaria ao lado de Juliet para acalmá-la com canções infantis, Lolli e balões coloridos.

— Pela milésima vez, Vincent, eu não sei! — repeti, indignada, tendo que me controlar ao máximo para não elevar o tom de voz, algo que sempre acontecia quando eu me sentia injustiçada, como era o caso ali. — Eu não sei, tá legal?! — reiterei, desejando que, de tal modo, ele conseguisse compreender. — Claro que eu não faria algo assim, você enlouqueceu? Nunca te dei motivos pra desconfiar de mim, por que não consegue acreditar no que estou dizendo?

Uma risada escarninha irrompeu do fundo de sua garganta, e Vincent apoiou uma de suas mãos na nuca, apertando o local como se, assim, pudesse dissipar a tensão que se formara ali. Então ele meneou a cabeça, tornando a encarar-me.

— Nunca me deu motivos? — inquireu, mordaz, o cenho franzido em ceticismo. — Você mentiu pra mim desde o segundo que colocou os pés nessa casa, Lorena! Inventou uma vida que nem era sua pra ganhar empatia e conseguir o emprego — acusou, e suas palavras foram como um golpe certo em meu estômago.

— Não inventei coisa nenhuma! — neguei, após o que pareceram horas enquanto seguíamos fitando os olhos um do outro. Eu, à procura de algum vestígio de arrependimento em Vincent, ele, aparentemente, buscando uma confissão ou sinal de culpa. — Eu tinha um noivo! Uma filha a caminho, eu tinha tudo, Vincent, e você sabe — eu o lembrei, odiando o modo como minha voz tremulou ao final da frase. Por mais que não incomodasse falar sobre Arthur, Vincent sabia que trazer Maria à conversa instalava lágrimas em meus olhos

automaticamente.

— O que eu sei é que você disse ter um noivo que já estava vivendo com outra mulher e uma suposta filha cuja mãe biológica se negou a entregá-la a você, por acreditar que a criança não seria feliz ao seu lado — devolveu, pouco se importando com o efeito que suas palavras teriam em mim.

Meus olhos arderam e marejaram, meu peito se apertando em agonia.

— As coisas não são bem assim... — tentei argumentar.

— As coisas são *exatamente* assim. Você mentiu sobre estar comprometida, mentiu sobre ser mãe, mentiu sobre não fazer ideia de quem eu era... — enumerou, usando os dedos para fazê-lo. — O que diabos era verdade sobre você? O que você ganha com tudo isso? — questionou, os olhos injetados esboçando toda sua revolta.

— Nada! — devolvi, exaltando-me. — Não ganho nada! Os livros estão gratuitos, como vou ganhar qualquer coisa? Não faz sentido, e você sabe — elucidei.

— O que eu sei, Lorena, é que a editora está ameaçando revogar o meu contrato. Eu tenho exatos trinta dias para entregar algum material e nós dois sabemos que isso é impossível, simplesmente impossível!

Balancei a cabeça de um lado para o outro, engolindo a saliva com dificuldade e dando um passo para mais perto de Vincent.

— Nós vamos dar um jeito — prometi, forçando um sorriso no intuito de abrandar toda a situação.

— *Nós?* — enfatizou, pirrônico, torcendo o nariz. — Que jeito *nós* vamos dar? Por acaso você tem uma fórmula de escrita expressa? — zombou, negando num meneio de cabeça. — Preciso de um roteiro consistente, personagens marcantes, um mistério de fato instigante. Como vou fazer isso na porra de um único mês? Você sabe que não tenho nada encaminhado, absolutamente nada.

— Vincent...

— Não fala nada — ele me cortou, a palma de sua mão erguida em minha direção. — Eu não quero ouvir nada — tornou a dizer num suspiro, esfregando o rosto e caminhando para longe de mim, em direção à prateleira onde guardava todas as edições de seus suspenses publicados, correndo os dedos pelas lombadas, o que me cortou o coração. — Só quero ficar sozinho, ter espaço pra pensar. Vá embora, por favor.

Eu queria retrucar, defender-me de todas as acusações que, sem sombra dúvidas, tiveram origem na cabeça de Carlie. Eu conhecia Vincent bem o bastante para saber que ele jamais me atacaria sem provas de forma tão intransigente, como fizera, se não houvesse uma terceira pessoa fazendo sua cabeça contra mim. E era estranho pensar assim, porque Vincent jamais me

pareceu influenciável, ao contrário: ele era forte, decidido e tinha suas próprias crenças inabaláveis. Eu não sabia quais argumentos Carlie utilizara para fazê-lo ao menos cogitar que eu seria capaz de algo tão baixo, porém, sabia que, com ele naquele estado, nada do que eu pudesse iria convencê-lo de minha inocência.

Por isso, e também pelo fato de que eu estava a um único passo de verter lágrimas de pura contrariedade, apenas fui embora, sem me preocupar em deixar algum sinal verbal de que o faria, pois tinha medo de que minha voz falhasse e Vincent percebesse o estado catatônico em que fiquei graças à nossa discussão.



Eu odiava demonstrar fraqueza em frente a quem quer que fosse. Possivelmente, essa foi a herança que meu relacionamento com Arthur deixou. Eu sempre era o esteio dele, nunca podia vacilar, com medo de que ele desabasse, então aprendi a esconder minha fragilidade e ser um poço inabalável de confiança. Ao menos em frente aos outros.

Acreditei, todavia, que uma vez que demonstrara minhas fraquezas para Vincent, eu jamais precisaria escondê-las dele. Nossa discussão pela manhã me mostrou estar errada, de modo que engoli meus argumentos e tristeza e marchei de volta para minha casa, dando a ele o espaço que alegou precisar. Eu conseguia entender sua atitude, apesar de não aceitá-la, porque me coloquei em seu lugar e imaginei toda a revolta pela qual ele devia estar passando no momento em que cheguei ao seu escritório. Tampouco ajudou o meu caso o fato de Carlie ter tido tempo suficiente para plantar ideias mirabolantes na cabeça de Vincent contra mim. Sendo muito honesta, não me espantaria que ela já viesse fazendo isso desde o momento em que ficou sabendo do nosso namoro.

Diferente de Piper, Carlie não escondia suas reais intenções. Não de mim, ao menos. Ou talvez fosse justamente a experiência com Piper o que me fez bem mais alerta do que antes.

Enxugando minhas lágrimas, deitada em minha cama, decidi que já havia sentido pena de mim mesma o bastante, então coloquei a cabeça para funcionar, a fim de encontrar uma solução que ajudasse Vincent a manter seu contrato com a editora. Não significava que minha chateação havia passado, apenas que eu a colocaria de lado por um momento para ajudar o homem que eu amava.

Foi quando a ideia mais mirabolante de todas me veio à mente. Estava longe de ser o ideal, eu bem sabia, no entanto, poderia funcionar. Levantei-me

num rompante, com esperança renovada, esperando poder plantar o mesmo sentimento em Vincent.



O bercinho portátil de Juliet na sala foi meu indício de que ela esteve em casa, em algum momento após eu ter saído, apesar de o silêncio ensurdecedor ser o sinal de que eu precisava para saber que ela já não estava mais ali, o que era compreensível. Vincent ainda deveria estar perturbado e com mil pensamentos rondando sua mente, e uma vez que cuidar de Juliet era meu trabalho e eu não o estava executando... bem, eu não precisava ser um gênio para somar tudo e concluir que Jules provavelmente estava na casa dos pais de Vincent.

Senti o clima pesado, ainda mais do que já estava quando saí dali, pela manhã. Foi uma sensação incômoda, a qual ignorei. Dessa vez, não chamei por Vincent, apenas caminhei até seu escritório, batendo à porta e recebendo seu consentimento para entrar.

Ele estava com os cotovelos fincados em sua mesa, a testa apoiada sobre os dedos cruzados e o notebook aberto à sua frente. Ao som da porta se abrindo, Vincent içou os olhos para me fitar, parecendo nada contente por ter visto justo a mim, dentre tantas outras pessoas.

— O que faz aqui? Achei que tivesse pedido para que fosse embora — ele quebrou o silêncio e, no processo, matou cerca de 50% da minha coragem de estar ali. Engoli em seco, apegando-me aos 50% que restaram e fechando a porta atrás de mim, caminhando até alcançar as duas cadeiras posicionadas em frente a Vincent, sentando-me em uma delas, com minha bolsa em meu colo e meus dedos nervosos brincando com o zíper apenas para se ocuparem de algo, no intento de amainar minha agitação.

— Sei que quer ficar sozinho e que está chateado com toda a situação — considere, tentando fazer com que minha voz saísse o mais natural possível, apesar de eu nunca ter me sentido tão apreensiva na presença de Vincent quanto naquele momento. — Mas eu tenho uma ideia. — Remexi no interior de minha bolsa, retirando de lá um *pendrive* e depositando-o sobre a mesa, empurrando-o

de modo a levá-lo para mais de perto de Vincent. — Aqui.

Ele uniu as sobrancelhas espessas, demonstrando desentendimento, enquanto encarava o objeto.

— O que é isso?

— Meu primeiro suspense — contei, esperando alguma reação vinda dele. Qualquer uma, por menor que fosse, mas não recebi absolutamente nada. — Sei que não está nada parecido com o seu estilo de escrita — retomei, meio incerta —, mas você foi meu mentor e minha maior inspiração. Leu cada capítulo, me ajudou a moldar... no mínimo gostou, certo? — Mordi o lábio, apreensiva. — Se trabalhar nele, nesse prazo de um mês, pode deixá-lo com a sua cara.

Seus olhos azuis buscaram os meus, apesar de não demonstrarem nenhuma emoção. O rosto sempre leve e divertido, com sorriso fácil e ruguinhas nos olhos sempre que ele surgia não pareciam pertencer a Vincent quando ele me fitava daquele jeito impassível, como se nem mesmo me conhecesse. Era indiferença o que eu via estampado neles, e ela machucava tanto que fez com que minha coragem de estar ali sofresse uma nova queda, atingindo 30%.

— Você quer que eu apresente seu livro à editora? Quer ser minha *ghost writer*? — perguntou, enfatizando as últimas palavras como se elas lhe causassem incômodo. Não, não isso. Asco. Essa era a palavra certa para descrever.

Tornei a engolir em seco e inclinei-me para frente, apoiando os braços no tampo da mesa, a fim de me aproximar de Vincent o máximo que a mesa entre nós me permitia, apesar de ele não parecer ávido para estar perto de mim nem nada do tipo, e sim o oposto.

— Não — neguei mais que depressa, fazendo uma careta que evidenciava o quanto a ideia soava irrisória. — Eu excluí o arquivo do meu computador e também deletei os e-mails que trocamos com os anexos. A única cópia está aqui, nesse *pendrive*, e ela é sua. É o mínimo que posso fazer.

— Achei que tivesse dito que não foi você quem vazou meu manuscrito — foi o que recebi em resposta, ao passo que Vincent erguia uma de suas sobrancelhas para mim, em desafio.

— Não importa o que eu disse. Se você acredita que fui eu... — As palavras me faltaram, então ergui os ombros, fazendo pouco caso do fato de Vincent duvidar de mim quando, na verdade, doía tanto. — Não sei como provar que sou inocente, mas se apresentar uma solução fizer com que você se acalme, pense com mais clareza e volte a confiar em mim, então tudo bem. Eu só não quero que a gente brigue — admiti, levando uma de minhas mãos para tocar a de Vincent, que tamborilava ao lado do *pendrive* sem de fato tocá-lo.

Ele não rechaçou meu toque, mas ficou olhando para a junção de nossas

mãos demoradamente, sem dizer uma única palavra, e foi uma sensação tão estranha que eu mesma tomei a iniciativa de quebrar o contato com a desculpa de colocar uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha.

— Então é isso que você ganha, certo? — falou, como se tivesse ponderado e chegado a algum tipo de conclusão. No entanto, uma vez que ele não dera voz aos seus pensamentos, eu não poderia estar mais alheia ao que ele estava dizendo.

— O quê?

— Eu levo isso até a editora — retomou, apontando em direção ao *pendrive* para elucidar o que dizia —, e a próxima coisa de que me dou conta é que estou sendo processado por plágio, enfrentando disputas judiciais, porque publiquei algo cujos direitos autorais não me pertenciam.

Eu o olhei, perplexa, sem conseguir conceber que aquilo tudo era mesmo realidade, e não um pesadelo do qual eu não conseguia acordar. Colocando em prática meu teste infalível, finquei minhas unhas nas palmas de minhas mãos, recebendo a dor aguda e esperando acordar daquele sonho ruim, o que não aconteceu.

Bufei, sentindo-me infantil e estúpida ao extremo.

— Escuta... — comecei, respirando fundo no processo, na tentativa de me acalmar e não perder a cabeça, do mesmo modo que Vincent fizera — eu tolerarei as ofensas de mais cedo porque sei que você estava confuso e desnortado, mas acho que isso tudo já está indo um pouco longe demais.

— Longe demais? — ironizou, e lá estava ele outra vez, o sorriso escarninho que em nada combinava com o meu Vincent e tanto me machucava, quando dirigido a mim. — Você mentiu pra entrar na minha casa, arruinou o meu trabalho de meses e agora quer me fazer acreditar que suas intenções são as melhores? — Então ele riu, mas estava muito longe de ser uma risada feliz. Na verdade, era tão perverso que fazia com que meu coração doesse e a vontade de me debulhar em lágrimas me assaltasse com força. — Como vou acreditar em alguém que desde o primeiro momento só tem mentido pra mim? Me diz! — exigiu, espalmado a mão direita sobre a mesa e provocando um ruído ensurdecedor para demonstrar toda sua irritação.

O som fez com que eu piscasse e ofegasse, assustada, recuando até que minhas costas estivessem grudadas ao espaldar da cadeira na qual eu permanecia sentada. Engoli as lágrimas, sufoquei-as, melhor dizendo, porque não queria que em seu surto Vincent me acusasse de estar tentando comovê-lo com elas.

— Eu contei a verdade! *Eu!* — lembrei-o em minha defesa, porque não era justo ser acusada daquele modo quando tudo o que eu estava tentando fazer era colocar minha vida caótica de volta nos trilhos.

— Claro que contou, caso contrário, de que outro modo teria ganhado minha confiança e se enfiado na minha cama?

O choque que me tomou ante as palavras de Vincent foi tão forte, que as minhas próprias pareceram se esvair. De pronto, tudo o que consegui fazer foi fechar os olhos e repassar o que ele dissera em minha cabeça, porque não me parecia possível que dentre todas as pessoas do mundo, justo Vincent, a quem eu admirava de forma inenarrável, estava armado com um caminhão de ofensas e acusações descabidas para jogar sobre mim.

— Muito cuidado, Vincent — eu o alertei, assim que recuperei minha capacidade de dizer alguma coisa. Havia cólera crescendo em mim, por isso cerrei os punhos, concentrando ali minha indignação, porque não queria explodir e dizer coisas das quais me arrependeria. — Cuidado com as palavras, por favor — repeti, praticamente implorando para que ele não me machucasse mais do que havia feito até ali. — Você sabe que menti porque estava desesperada, não no intuito de te seduzir. Eu tinha acabado de sair de um relacionamento que me deixou em pedaços, romance era a última coisa que se passava pela minha cabeça. E se continuei tomando conta de Juliet, mesmo depois de você e eu termos nos envolvido, é porque nada disso muda o fato de que eu a amo e me importo com ela.

— Mas é claro que se importa — ele despejou, mordaz, ainda esboçando aquele sorriso que me matava aos poucos. — Eu te pago para que se importe, afinal de contas. E sabe o que é o pior de tudo? Eu queria mesmo levar o seu trabalho até a minha editora. Porque você tem talento, potencial... é uma pena que tente fazer as pessoas de degrau para subir na vida.

Uma lágrima teimosa me escapou, sem permissão. Mas não havia muito o que eu pudesse fazer ao sentir alguém que eu amava enfiar uma adaga em meu peito, mirando o meu coração, deslizando-a tão fundo, como se também quisesse ferir minha alma com ela. Essa era a sensação exata que as palavras de Vincent me proporcionaram, e em meio à minha dor, eu apenas me calei, pois se tentasse articular uma mísera palavra que fosse, naquele momento, tinha absoluta certeza de que seria acometida por um choro eterno, e não era isso que eu queria.

Ofeguei em meio à minha respiração descompassada, prendendo firmemente a alça de minha bolsa entre minhas mãos, como se também prendesse minhas lágrimas dentro de mim. Meus olhos estavam marejados, então os desviei dos de Vincent, para que ele não pudesse vê-los, e tentei respirar fundo, piscando depressa a fim de que as lágrimas não caíssem.

Meu lado ácido parecia dormente, porque nenhum comentário impróprio me acometeu, nem mesmo um que eu pudesse dizer em voz alta para mascarar minha aflição ao usar sarcasmo como um escudo protetor. Garantindo a mim

mesma que ter ido até ali naquele momento fora um erro, eu me levantei, ajeitando minha bolsa em meu ombro e dando as costas para Vincent. Lágrimas espessas rolaram pelas minhas bochechas, e foi um alívio inenarrável saber que Vincent não poderia vê-las de onde eu estava agora.

— Você está completamente fora de si — murmurei, a voz soando débil aos meus próprios ouvidos. Porém, parabeneizei a mim mesma por não ter permitido que soasse trêmula. — Não acredito que esteja se ouvindo, eu me recuso a acreditar — entoei baixinho, mais para mim mesma do que para ele, abraçando-me no processo para impedir o tremor que ameaçava me acometer.

— Eu estou me ouvindo, você é a única pessoa que parece não levar a sério o que digo — retorquiu, implacável. — Mas está dispensada, senhorita Rodrigues, seus serviços não são mais necessários.

Não pensei que eu pudesse me surpreender mais, contudo, o nível de estupefação ao qual a sentença de Vincent me levou fez com que eu me virasse de pronto para ele, sem me importar com as lágrimas que ainda molhavam meu rosto. Eu já não dava a mínima para o que ele diria a seguir, porque duvidava de que mesmo ele conhecesse mais formas de me ferir com palavras, apesar de ser obrigada a admitir que ele fez um excelente trabalho.

— Você está me demitindo? — testei, atônita, com lágrimas nublando minha visão. Pisquei com força, e elas correram por meu rosto, sendo enxugadas rudemente um segundo depois.

— Não fui claro o bastante? Achei que eu fosse bom com palavras...

— Se eu passar por aquela porta agora, Vincent — cortei-o, apontando para a porta de madeira imponente —, não volto mais. Você entende isso? — eu quis me certificar, inclinando a cabeça para observá-lo melhor. — Juro por tudo o que é mais sagrado que não vou te procurar, não vou me rastejar aos seus pés depois de todas as coisas que acabou de me dizer. Você nunca mais vai colocar os olhos em mim — assegurei por entre dentes cerrados, o corpo inteiro tremendo em fúria. — Está me ouvindo?! — gritei, sem o menor controle, após ter sufocado minha indignação por tempo demais.

Sem se preocupar em se levantar, sem a menor demonstração de arrependimento, os olhos azuis de Vincent, os mesmos que eu tanto amava e que costumavam me fitar com adoração, mas que agora eram duas poças gélidas, me encararam, impassíveis.

— Não apenas ouvindo, estou contando com isso. — E então, apontando para a porta, continuou: — Apenas vá embora.

Meu queixo tremeu, provavelmente meu corpo inteiro o fez, e eu aquiesci, uma vez, trincando os dentes para impedir-me de verter mais lágrimas para que Vincent pudesse ver. Com o coração em frangalhos e a alma ferida, juntei o

último grama de brio que encontrei dentro de mim e respondi:

— Como quiser, *senhor Hardman*. — Então eu lhe dei as costas, lutando para que minhas pernas não me traíssem, mas, sim, me levassem para longe dali, onde eu não precisasse fingir ser forte e pudesse desmoronar livremente.



CAPÍTULO 22

Por um bom tempo, acreditei que me separar de Arthur desencadeara as piores experiências de perda que eu poderia experimentar em toda minha vida. Entretanto, quando Vincent me mandou ir embora da casa dele, após despejar sobre mim todos os tipos de atrocidades nos quais conseguiu pensar, eu descobri que estava errada.

Arthur foi o meu primeiro amor, e depois que ele foi embora do nosso apartamento, eu mal tinha forças para ir trabalhar, porém, fazia isso todas as manhãs, dia após dia. Quando Michelle me deu a notícia de que Maria teria uma família da qual eu não faria parte, senti meu peito sendo comprimido e maltratado outra vez, mas usei a força que nem sabia possuir e segui em frente, encontrando logo depois o que julguei ser o sentido da minha vida. De repente, todos os problemas, empecilhos e decepções... absolutamente tudo fez sentido quando me descobri apaixonada por Vincent. Ele era lindo, atencioso, carinhoso, romântico e sempre tinha uma forma de me fazer sentir especial. E havia Juliet, que iluminava os meus dias com um sorriso meio banguela e que, ainda assim, era o mais lindo em que eu já pus os olhos em toda a minha vida.

Claro que não era segredo que eu amava bebês mais que tudo no mundo, e talvez esse fosse o motivo de eu ter me encantado por Juliet à primeira vista. Porém, certamente não era por isso que eu tinha uma playlist de músicas infantis no meu celular, à qual ouvia todas as noites antes de ir para a cama, e assistia aos *Ursinhos Carinhosos* na Netflix e a tantos outros desenhos que a minha pequeninha amava.

Não é sua pequeninha, Lorena, caso contrário, você não precisaria ter de lidar com a saudade que sente dela dia após dia, a voz no fundo da minha mente me lembrou, e não pude fazer nada além de concordar.

Ser forçada a me afastar de Juliet causava-me uma dor lancinante, e não ajudava muito o fato de eu também sentir falta do pai dela. Era estúpido pensar no quanto me apeguei a eles, e em tão pouco tempo, a ponto de não ter forças nem mesmo para levantar-me da cama. Nos primeiros dias, apenas fiquei jogada em meu estado vegetativo, comendo e cuidando da minha higiene pessoal unicamente quando Kimberly me obrigava a fazê-lo, ocupada demais sentindo pena de mim mesma, apesar de sempre defender que não era digna da pena alheia. O que fazia todo o sentido do mundo, já que a minha própria me bastava.

Depois da primeira semana longe de Vincent e Juliet e sem saber nada sobre eles, Kimberly entrou em meu quarto antes de ir para o trabalho, numa manhã de segunda-feira, abrindo as cortinas e fazendo com que a luz do sol invadissem o cômodo e me cegasse momentaneamente. Cobri a cabeça com o edredom e me recusei a me levantar, no entanto, Kim não se deu por vencida.

— Você vai sair dessa cama nem que eu tenha que te arrastar, entendeu? Chega! Uma semana se passou, eu deixei que você curtisse a sua fossa, mas agora é o momento de mudar de fase. Anda logo! — ela berrou, puxando minhas cobertas e arrastando-me para o banheiro, apesar dos meus protestos, enfiando-me no box e sentando-se na tampa do vaso sanitário, apenas para se certificar de que eu concluiria meu banho com sucesso.

Lavei os cabelos demoradamente, ouvindo-a tagarelar sobre assuntos banais, e após o banho nós fomos até a cozinha, onde Kim me serviu de pães de queijo que acabara de tirar do forno e de uma caneca generosa de café com leite, como sabia que eu gostava.

— Sabe qual é a minha parte favorita de ter você morando aqui? — puxou assunto, e entupi minha boca de comida apenas para não precisar responder. — Na verdade, são várias — continuou, ignorando minha recusa em conversar. — Agora sempre temos pão de queijo e coxinhas congelados no freezer, além do fato de que, convenhamos, nada melhor do que assistir às nossas séries favoritas com alguém tão alucinado por elas quanto a gente.

Permaneci em silêncio, apesar de ter aberto um sorrisinho fraco para Kim. Ela era mesmo a melhor amiga do mundo todo, e eu não sabia o que seria de mim sem o seu bom humor e companheirismo de sempre.

— Não estou pedindo que você finja estar feliz quando sei que não está, Lola — retomou, e dessa vez não havia sinal de divertimento em seu rosto. — Mas não vou apenas observar enquanto você desiste de seguir em frente e continuar lutando. Sei que ainda dói e que pode não parecer, mas você não está sozinha. Nunca vai estar, ouviu?

Brigando com a vontade de chorar, apenas acenei em concordância, recebendo um sorriso encorajador de Kim.

Enquanto ela se arrumava para ir ao trabalho, algo que eu não tinha mais, a propósito, corri até o meu quarto, a fim de fazer minha cama e distrair minha cabeça do turbilhão de pensamentos pessimistas que me assolavam dia e noite.

Ao abrir a gaveta do meu criado-mudo, no intuito de pegar meu carregador e voltar a dar vida ao meu celular, deparei-me com algo que não me pertencia, e sim a Vincent: seu Kindle, dentro da case preta de couro. Com dedos trêmulos, eu o tirei de lá, e, a um único passo de ligá-lo para conferir a última página que eu havia lido, desisti, encaminhando-me com ele até o quarto de Kim.

Ela estava aplicando um pouco de pó compacto no rosto e sorriu ao me ver entrando.

— Pode entregar isso a Heather e pedir que ela devolva a Vincent, por favor? — pedi, estendendo o aparelho em sua direção e assistindo ao sorriso de Kim morrer, ao passo que ela aquiescia, tomando o Kindle de minhas mãos e guardando-o em sua bolsa sem dizer uma única palavra. — Obrigada — agradei, girando sobre meus calcanhares e marchando de volta para o meu quarto.



Escrever foi um hobby para mim durante muitos anos, apesar de eu jamais ter conseguido concluir livro nenhum, antes de conhecer Vincent. Sua ajuda foi essencial para que eu obtivesse disciplina, foco e aprendesse a passar para o meu editor de texto o que visualizava com tanta perfeição em minha mente. Era muito trabalhoso, no entanto, ao final, era satisfatório em mais níveis do que eu poderia explicar.

Assim sendo, a escrita foi o que escolhi para distrair minha mente. Pensei num enredo, fiz um cronograma de escrita e esbocei o planejamento do meu novo suspense, mas era penoso demais o processo de escrever cada mísera palavra. Eu sentia falta dos comentários de Vincent, de saber o que ele achava sobre o que eu havia produzido, das suas ideias mirabolantes que me desafiavam ao extremo, porém, no final, extraíam o melhor de mim. Sentia falta dele, dos meus momentos como sua leitora beta, dos beijos, dos abraços, da voz... eu sentia falta de Vincent e me odiava por isso.

Sem parar para pensar no que estava fazendo, deletei absolutamente tudo o que havia desenvolvido do livro novo. Não satisfeita, excluí também todos os arquivos e todas as histórias que algum dia já considere escrever na vida. Aquilo não era para mim... em vez de me distrair, apenas fazia com que as memórias de Vincent não desvanecessem e, assim, a dor de perdê-lo nunca diminuía. Foi estupidez acreditar que fazer sozinha algo que nós dois fazíamos sempre juntos me ajudaria a superá-lo.

De volta à estaca zero, recolhi-me de novamente à minha dor, disposta a vivê-la e nutri-la por mais alguns dias. Foi quando Kim voltou do trabalho com uma sacola de papel e me entregou, enquanto eu era apenas uma bolha enrolada sobre a minha cama.

— O que é isso? — eu quis saber, unindo as sobrancelhas e fitando-a sem entender.

— Coisas que você deixou na casa de Vincent. Ele foi até a firma e me pediu pra te devolver.

Vincent foi até a firma? Como ele está? Juliet estava com ele?, foram as perguntas que se formaram automaticamente em minha cabeça, e quase dei voz a elas, mas me recusei. Eu amava Vincent e Juliet mesmo à distância, manter-me atualizada sobre suas vidas não ajudaria meu processo de cicatrização. A verdade era que eu precisava esquecê-los, de um jeito ou de outro, porque não poderia vegetar para sempre.

— Jogue tudo fora — murmurei de volta para Kim, rolando para o outro lado da cama ao dar-lhe as costas, no intuito de que ela não visse que meus olhos estavam rasos de lágrimas.

— Você nem sabe o que tem aqui — ela me lembrou, dando-me uma chance de arrependimento.

— Jogue tudo fora — repeti, um pouco mais alto do que da última vez, puxando meu cobertor.

— Tudo bem — emitii num suspiro, saindo do meu quarto e batendo a porta atrás de si.

Naquela noite, Kimberly não me obrigou a comer, tampouco a assistir a um episódio de série com ela. Apenas deixou que eu chorasse pelo resto da noite e madrugada adentro.



Eu não estava feliz. Semanas se passaram desde que minha vida virou do avesso pela última vez, e eu ainda não conseguia ser feliz. Contudo, graças a Kim, eu estava lutando e seguindo em frente. Nós saíamos para jantar num lugar diferente todo fim de semana, íamos sempre ao cinema às quartas-feiras, mesmo que não houvesse um filme em especial que quiséssemos ver... ou mesmo que fosse o mesmo filme da semana anterior. Pedíamos pizza num dia aleatório da semana, experimentando toda a cartela de sabores da nossa pizzaria favorita, e até mesmo saíamos para dançar.

Não, eu não era feliz... *ainda*. Mas, graças a Kimberly, minha melhor amiga, minha Power Ranger rosa, que, às vezes, mais parecia um Megazord... eu tinha momentos felizes, onde a tristeza era apenas uma lembrança longínqua que não podia me machucar. Claro que eu ainda pensava em Vincent e Juliet, na verdade, cheguei à conclusão de que sempre pensaria em Juliet e, conseqüentemente, jamais seria capaz de esquecer o pai dela. Seguiu assistindo aos seus vídeos de músicas infantis no YouTube, rindo sozinha ao me lembrar de sua expressão contente, dos passinhos trôpegos enquanto dançava com seus balões coloridos e Lolli... pensava nela sempre ao acordar, perguntando-me como ela estaria e desejando-lhe um dia feliz, e sempre ao ir dormir, pedindo a Deus para que colocasse pessoas iluminadas no caminho dela em todas as fases de sua vida.

Era oficial, eu jamais esqueceria Juliet. Ou Vincent. Eles *sempre* seriam uma parte bonita e importante da minha vida. *Sempre* me fariam rir e chorar com as lembranças dos nossos momentos juntos. *Sempre* me fariam sentir abençoada, de certo modo, pela chance de conhecê-los. Por mais magoada que eu estivesse com Vincent por suas palavras cruéis aliadas à sua falta de confiança em mim, jamais poderia negar que ele me estendeu a mão numa hora de dificuldade e curou todas as feridas abertas por Arthur... por mais que tenha esculpido outras muito mais profundas e difíceis de cicatrizar.



CAPÍTULO 23

— Obrigado por me receber na sua casa — Arthur falou enquanto se sentava à mesa da cozinha, e Kim moveu os lábios, ao passo que marchava para o seu quarto, como se imitasse o que ele falava ao mesmo tempo em que fazia uma careta engraçada, mas sem emitir um único ruído.

Disfarcei uma risada, pigarreando e me sentando à mesa junto a Arthur sem nem mesmo me preocupar em oferecer-lhe algo para comer ou beber. Não estava no clima para ser educada e a única razão de ter aceitado que ele aparecesse ali, em pleno domingo, era o fato de ele ter me garantido que queria falar sobre a venda do nosso antigo apartamento.

— Sem problemas — menti, sendo que, de fato, a Terceira Guerra Mundial quase implodiu quando avisei a Kimberly que Arthur estava a caminho, e ela me fez prometer, jurar, melhor dizendo, que aquela seria a última vez que “o desperdício de sêmen e oxigênio pisaria no nosso santuário”. Palavras dela, e eu apoiava.

— Você está linda — Arthur elogiou, abrindo um sorriso de lado e fazendo-me perder a paciência imediatamente.

— Nós combinamos que iríamos falar sobre o apartamento, Arthur, podemos ir direto ao assunto?

Ele aquiesceu, mesmo a contragosto, retirando do bolso de sua calça jeans sua carteira e, em seguida, um cheque, deslizando-o sobre o tampo da mesa, em minha direção. Tomei-o nas mãos, os olhos se arregalando com o valor que considerei exorbitante, de modo que meneei a cabeça freneticamente.

— Isso é muito mais do que investi. — Eu o encarei, incrédula. — Já disse que não quero seu dinheiro, Arthur! — Estendi o cheque para ele, que tomou minha mão entre as suas, fitando-me nos olhos em seguida. Não rechacei o

contato de imediato, porque não me incomodava. Era apenas... indiferente.

— Não é meu dinheiro, Lola. O apartamento era nosso, estou comprando sua parte. Não vou me desfazer dele.

— Mas...

— Era *nosso* — reiterou, frisando o pronome possessivo e apertando minha mão entre as suas —, independente de quanto você investiu. Além do mais, mesmo que eu o vendesse hoje, seria por um valor bem mais alto do que pagamos por ele na época. Claro que eu te repassaria essa diferença.

Ponderei por um instante, torcendo a boca para um lado, dividida entre aceitar o dinheiro bem-vindo e deixar que meu ego ganhasse ao menos uma disputa nos últimos tempos.

— Tem certeza de que é isso mesmo que quer fazer? — testei, dando-lhe a chance de reconsiderar sua proposta

— Tenho — confirmou, e havia tanta intensidade em seu olhar que fiquei desconcertada, desviando o meu e puxando minha mão para longe do contato com a sua. Pigarrei, dobrando o cheque e colocando-o no bolso da minha calça jeans.

— Certo — anuí, cruzando os braços, de modo que Arthur não tornasse a tentar segurar uma de minhas mãos de novo, pois o toque que me causava indiferença, há poucos segundos, passou a despertar incômodo. — Obrigada. Estou mesmo precisando, especialmente agora, desempregada — tagarelei e, em seguida, mordi a ponta da língua, como uma autocensura por ter falado além da conta.

Ótimo! E aqui se inicia uma conversa casual com Arthur, Lorena. Meus parabéns.

— Você, desempregada? — questionou, inclinando-se sobre a mesa de cenho franzido. — O que houve?

— Nada de mais — respondi, fazendo pouco caso, mas a expressão de “acha que vou mesmo cair nessa?” que Arthur esboçou e fez entender que ele não se daria por satisfeito se eu não fosse um pouco mais articulada. — Foi só um pequeno mal-entendido entre mim e o meu chefe — menti, erguendo os ombros em descaso.

Mal-entendido... se houvesse um Oscar para eufemismo do ano, ele seria nosso, a Lorena mordaz se manifestou em toda sua inconveniência.

— Que tipo de mal-entendido? — Arthur quis saber, parecendo interessado ao extremo.

— Não quero falar disso, Arthur — desconversei, franzindo o cenho. — Desculpe.

— Não, eu que peço desculpas — retorquiu, balançando a cabeça de um

lado para o outro, analisando-me com atenção redobrada.

Remexi-me em minha cadeira, desconfortável, buscando na mente algo que pudesse dizer, a fim de quebrar o silêncio incômodo.

— Quer que eu assine alguma coisa? — lancei, na falta de algo melhor para dizer. — Você sabe, pra que haja prova de que recebi o cheque.

— Claro que não. — Meneou a cabeça, com cara de quem havia acabado de escutar algum absurdo. — Não, de jeito nenhum, não precisa assinar nada — reiterou com veemência.

— Okay — anuí. — Isso é tudo, então, certo? É que estou com um pouco de pressa — voltei a mentir, o que vinha se tornando muito recorrente em minhas conversas com Arthur, notei. Levantei-me da mesa, encaminhando-me até a porta e esperando que Arthur me seguisse, ao entender que aquela era minha forma educada de pedir que ele fosse embora.

— Você vai sair? — perguntou, erguendo as duas sobrancelhas numa expressão surpresa, como acontecia quando ele era pego desprevenido. Isso sempre fazia com que Arthur parecesse mais jovem do que de fato era, e o que antes me roubava um riso e me impelia a beijá-lo, não causou o mesmo efeito dessa vez.

— Sim, tenho planos para o almoço. — Ao menos isso era verdade. Claro que ele jamais saberia que meus planos eram com Kim.

— Com o seu namorado novo? — insisti, e rolei os olhos, impacientando-me por ele especular tanto sobre algo que não lhe dizia respeito.

— Arthur... — pronunciei em tom de alerta, virando-me para ele, a poucos passos da porta.

— Eu sei, eu sei... — Sacudiu a cabeça, fazendo um gesto displicente com uma das mãos. — Não é da minha maldita conta. — Ele forçou uma risada, porém, soou tão falsa que não durou muito, e logo seu rosto assumiu feições endurecidas. — É que... eu fiz o que você me sugeriu. Sobre Piper — elucidou, quando viu confusão estampada em meu olhar. — Mas não consigo. A verdade é que tenho que me impedir de te ligar todas as noites, antes de ir dormir. Você não tem ideia do quanto sinto sua falta. Chega a doer, e nada do que faço pra te tirar da cabeça parece funcionar — confessou, com os olhos rasos de lágrimas.

Eu o encarei por um momento ou dois, perplexa demais para esboçar qualquer outra reação. Num passado não tão distante, fui o porto seguro de Arthur, a pessoa que o consolaria caso ele sofresse e chorasse. Naquele momento, contudo, apesar de sentir meu coração apertado no peito, condoído por presenciar a aflição estampada no rosto bonito que um dia tanto amei eu não me sentia apta a ser seu alicerce, porque mal conseguia sustentar a mim mesma em meio aos meus próprios problemas.

— Claro que tenho ideia — refutei, tomando uma longa respiração enquanto me preparava para confidenciar a Arthur coisas que ninguém mais sabia, nem mesmo Kim, que era minha melhor amiga no mundo todo. Coisas que jamais imaginei que seriam ditas em voz alta, em algum momento, em especial para Arthur. Mas ali estava eu. Pronta para abrir meu coração para uma das pessoas que mais o machucou. — Nos primeiros dias — comecei, um pouco hesitante, porém decidida a ir até o fim —, depois que você foi embora, sempre que eu acordava estendia o braço até o seu lado da cama, esperando te encontrar ali — admiti, aguardando pelo momento em que uma onda de vergonha fosse me engolfar, o que não aconteceu. — Com o passar do tempo, eu freava o movimento, porque lembrava que estava sozinha antes mesmo de concluí-lo. Até o dia em que acordei e me levantei, sem precisar me dar conta de nada... aprendi que você já não estava ali. Me acostumei. E então parou de doer. Vai ser a mesma coisa com você, sei que sim.

Abri um sorriso para Arthur, e não foi um gesto falso. Queria assegurar-lhe de que eu sabia exatamente pelo que ele estava passando, assim como estava certa de que as coisas melhorariam para ele, do mesmo modo que melhoraram para mim. E, okay, eu estava de volta à fossa, sofrendo por amor e pelo término de um relacionamento, mas essa parte eu não diria a ele sob hipótese alguma.

— Você não acredita quando digo que te amo, acredita? — perguntou tristemente, inclinando a cabeça para o lado e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Quando digo que sempre vou amar...

Levei minha mão até a sua, apenas para tirá-la do meu rosto, porque aquelas releituras de nossos gestos do passado não ajudariam em nada meus próximos argumentos.

— Acredito que ainda me ame. *Ainda* — frisei. — Mas, vamos ser realistas, eu não era o suficiente pra você. Se fosse, você jamais teria se envolvido com Piper.

— Lola... — começou, provavelmente com uma defesa na ponta da língua ao interpretar de forma errônea minha menção a Piper.

— Tudo bem — apressei-me em cortá-lo, nada disposta a ouvir novas desculpas e explicações. Não era aquela minha intenção. — Você não precisa se defender — assegurei. — Foi um erro, você se arrepende, só que não tem mais volta. Meu ponto é: o que você está sentindo agora vai passar.

— Não é o que parece — contra-atacou.

— Isso porque você ainda carrega muita culpa, Arthur. E eu não quero que continue com isso.

— Não? — Uniu as sobrancelhas. — Achei que te faria feliz me ver miserável, rastejando pra te ter de volta.

— Humph! — bufei em resposta, incrédula. — Claro que não! — neguei de pronto, recebendo um íçar de sobrancelhas vindo de Arthur. — Talvez no começo — considere —, quando as feridas estavam abertas, mas agora quero que você encontre paz e seja feliz. Se não com Piper, com outra mulher que te ame, e que você possa amá-la de volta e aprender com os erros do passado, pra fazer tudo certo dessa vez.

Ele aquiesceu uma vez, abrindo um sorriso singelo, e o gesto foi espelhado por mim. Então, de uma hora para outra, sem me dar o menor sinal de sua intenção, seus braços me envolveram, puxando-me para um abraço apertado. Num primeiro momento, enrijei, sem saber ao certo o que fazer, todavia, quando Arthur apoiou a bochecha no topo da minha cabeça e suas mãos acariciaram meus cabelos... eu o abracei de volta, afagando suas costas, numa promessa muda de que tudo ficaria bem de ali em diante, por mais que ainda não desse para ver a tal luz no fim do túnel.

Nós não seríamos amigos, não depois de tudo, entretanto, ele foi importante demais para mim para que eu fosse capaz de desejar-lhe mal, e nada mudaria a forma como eu me sentira por ele um dia. Aceitei me casar com ele, dividir uma vida, formar uma família, ter filhos... eu o amava a esse ponto.

— Você sempre vai ser o meu primeiro e grande amor... *sempre* — Arthur murmurou ao meu ouvido, arrancando-me um sorriso nostálgico. — Mas entendo que eu tenha te perdido, porque você merece bem mais. — Então ele depositou um beijo demorado em meus cabelos.

— Nós dois merecemos bem mais do que podíamos oferecer ao outro — retifiquei.

Arthur me apertou um pouco mais em seus braços, inspirando longamente, como se para sorver o meu cheiro e gravá-lo na memória... e eu apenas deixei que o fizesse, porque sabia que aquela seria nossa despedida, assim como ele também sabia.

Quando a campinha soou, nós nos afastamos, com Arthur passando as mãos pelo rosto e dando-me as costas, talvez para esconder que ele havia derramado algumas lágrimas. Dando-lhe alguns segundos para se recuperar, atendi a porta em seguida, sentindo meu queixo ir ao chão quando me deparei com a última pessoa que esperava ver.

— Vincent? — testei, piscando algumas vezes, no intuito de me certificar de que não se tratava de uma miragem.

Com as mãos enterradas nos bolsos de sua calça jeans, a barba um pouco maior do que costumava usar e círculos escuros sob seus olhos, ele me encarou de volta, sem deixar transparecer uma única emoção sequer.

— Oi... — foi o que ele disse, os olhos correndo para além de mim e

voltando para o meu rosto. — Cheguei numa hora ruim?

Engoli em seco, com o coração dançando desesperado dentro do meu peito, as mãos levemente trêmulas e geladas pelo nervosismo. No entanto, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Arthur se adiantou, estendendo uma de suas mãos para Vincent em cumprimento.

— Arthur Ferreira — ele se apresentou, deixando-me mortificada.

O que ele julgava estar fazendo?

Vincent ergueu as sobrancelhas e... aquilo foi tudo. Apertando a mão de Arthur brevemente, ele não se preocupou em apresentar-se também. Quando o aperto de mãos se encerrou, Vincent voltou a colocar a sua em seu bolso.

— O ex-noivo... — emitii em reconhecimento, ainda com aquele semblante sisudo que não o deixava nem um pouco menos bonito, apenas diferente do Vincent que conheci e por quem me apaixonei tão facilmente.

Observando Arthur de soslaio, perturbada por ter os dois homens ali, dialogando e ignorando minha existência, notei quando seu semblante se acendeu em compreensão e desejei ardentemente voltar no tempo e não ter aberto a porta ao som da campainha.

— E você deve ser o namorado novo, pelo visto — Arthur soltou.

— Namorado novo? — Vincent perguntou, e dessa vez não conseguiu esconder a surpresa que perpassou seu olhar ao dirigi-lo a mim.

Ótimo! Agora ele pensa que você já tem alguém e não está nos cantos sofrendo por ele. Que maneiro!, meu lado ácido se manifestou, e eu me vi concordando com ele, apesar de não ser adepta a joguinhos. Eu ainda estava ferida demais para ser madura com os dois homens que machucaram meu coração, então decidi guardar meu bom senso apenas para Arthur, que era o único que estava merecendo.

— Vincent é o meu ex-chefe — intervim, sem me ocupar em esclarecer as coisas para Arthur.

Meu ex-chefe e ex-namorado, porque, diferente do que você imagina, não tenho ninguém e estou tão na fossa quanto você. Quer sair e encher a cara comigo, pra gente afogar as mágoas juntos?

Não. Aquilo não soava nada bem.

— O do mal-entendido de que você estava falando agora há pouco? — Arthur perguntou, como se tivéssemos tido uma longa conversa sobre o assunto, deixando-me boquiaberta.

— Aham — foi minha resposta imediata, porque se tentasse ser mais articulada que isso, estava certa de que iria gaguejar. E então, olhando diretamente para Vincent, cruzei os braços e lancei: — O que faz aqui, a propósito?

— Acho que não foi uma boa ideia ter vindo, você parece ocupada. Eu deveria ter ligado antes, desculpe.

— Mas não ligou — apontei secamente —, então deve ser urgente. É sobre o seu livro vazado? — consegui indagar, sentindo meu estômago se revirando. Se ele estivesse ali para mais acusações descabidas, eu não sabia por quanto tempo seria capaz de segurar o choro, dessa vez.

— Não, é... — Hesitou um momento, olhando Arthur de relance. — É sobre outra coisa. Juliet — elucidou, e se antes meu coração estava batendo frenético, no instante em que Vincent pronunciou o nome de Juliet foi como se ele tivesse brecado seu trabalho de bombear, ficando completamente estático.

— O que houve? — apressei-me em inquirir, levando uma das mãos ao peito. — Ela está bem? Hoje é domingo... seu dia de cuidar dela. Onde ela está? — quis saber, a espera por uma resposta e a passividade de Vincent me enervando a ponto de eu estar prestes a sacudi-lo para que me desse logo a resposta que eu tanto queria.

— Em casa, com a minha mãe. Está tudo bem — garantiu, e foi como se meu coração pudesse voltar a bater normalmente. — Quer dizer, mais ou menos... — retificou, fazendo agonia me tomar de novo.

— Como assim, mais ou menos?

— Ela tem se mostrado meio indisposta ultimamente. Sem vontade de comer ou brincar, dando febre com frequência...

Meu coração ficou pequeno ao imaginar Juliet doente. Eu me lembrava das ocasiões em que a presenciei meio abatida, e se quando eu estava ao seu lado, cuidando dela, já me sentia impotente, era muito pior saber que eu estava longe e não podia fazer nada para amainar a situação.

— E o que a pediatra dela disse?

— Que ela está bem. Não há algo biológico causando nada disso, então pensamos que pode ser psicológico, devido à mudança brusca de rotina.

Foi como sentir um soco no estômago, e eu teria cambaleado, não fosse o fato de estar apoiada na porta.

— Mudança brusca de rotina? — repeti, não querendo me atrever a concluir por mim mesma o que aquilo implicava.

— É — Vincent confirmou, assentindo com um gesto de cabeça. — Achamos que ela pode estar sentindo a sua falta.

As lágrimas se formaram em meus olhos automaticamente, nublando minha visão, e respirei fundo, tentando me acalmar para não cair no choro em frente a Vincent, outra vez. E também na frente de Arthur, que permanecia calado, mas pousou uma de suas mãos em meu ombro, ao perceber que eu não estava nada bem.

— Então por que não a trouxe? — perguntei numa voz débil, tão baixinho que só tive certeza de que Vincent ouvira porque ele me respondeu.

— Porque não tinha certeza se você iria querer vê-la depois de tudo. — Seus ombros murcharam, como se ele estivesse envergonhado, o que não fazia sentido na minha cabeça.

— É de Juliet que nós estamos falando, claro que eu quero vê-la.

— Bem, se você estiver livre, pode visitá-la — sugeri, os olhos azuis sondando minha expressão no processo.

— Vou pegar minhas chaves e avisar Kim — anunciei, dando-lhe as costas, sem me importar com o fato de deixar Arthur ali plantado, também, enquanto me apressava até o quarto de Kimberly.



CAPÍTULO 24

Após avisar Kim de que estava a caminho da casa de Vincent para visitar Juliet, ao retornar à sala, notei que Arthur já havia ido embora e que Vincent seguia no mesmo lugar onde o deixei, à porta, ainda do lado de fora. Eu o dispensei, dizendo que ele poderia ir na frente e que o seguiria logo, logo. Não poderia dizer com certeza se ele havia pensado que seria melhor mesmo me deixar ir em meu próprio carro, para que eu pudesse voltar sem a necessidade de uma carona ou apelar para o uber, ou se ele apenas queria evitar uma viagem de carro comigo, onde provavelmente se sentiria inclinado a manter um diálogo amigável. De qualquer modo, ele acenou em concordância e foi embora. Minutos depois, eu já estava na garagem, pronta para ir até Juliet.

Era estranho colocar meus pés na propriedade dos Hardman, depois de tudo. Quando cheguei, levei alguns minutos até tomar coragem de descer do meu carro, pouquíssimo confortável por estar ali e me arrependendo amargamente de ter sido tão impulsiva ao aceitar a sugestão de Vincent de visitar Juliet em sua própria casa.

Eu deveria ter sugerido uma lanchonete, meu próprio apartamento, a Hardman Dawson... em vez disso, ali estava eu, encarando a fachada imponente ao passo que tentava controlar minha respiração. Ainda me lembrava nitidamente da última vez que estivera ali, das palavras duras que Vincent destinou a mim, da minha promessa de que jamais o procuraria...

E não vamos esquecer que você jurou nunca mais colocar os pés nessa casa, Lorena, então o que está fazendo aqui?, meu lado ácido ressurgiu, apenas para esfregar na minha cara minha incapacidade de cumprir minhas promessas.

Os minutos se arrastaram sem que eu tivesse a certeza do que fazer a seguir, até que Vincent surgiu à porta e se pôs a caminhar em minha direção. Aquela foi

a deixa para que eu descesse do carro, mas não me preocupei em fechar a porta. Apenas recostei o quadril na lataria e cruzei os braços em frente ao corpo, abraçando a mim mesma, numa tentativa ineficiente de acalmar meus nervos e sentir-me menos estúpida.

— Você demorou — ele disse, mal sabendo que eu estava ali há uns bons minutos, debatendo comigo mesma se o melhor seria simplesmente ir embora ou avisar que pôr os pés em sua casa estava fora de cogitação, uma vez que meus pensamentos voltaram ao lugar certo.

— Estou considerando se essa é mesmo uma boa ideia — admiti, constrangida.

— Você reconsiderou quanto a ver Juliet? — inquiriu, os olhos levemente arregalados. — É isso?

— Não — apressei-me em negar, também num meneio de cabeça. — Claro que não — reiterei. — Só não acho que a sua casa seja o lugar apropriado.

— Por que não? — Franziu o cenho, num claro sinal de desentendimento, o que me enervou um pouco, eu precisava admitir.

Será que ele não lembrava tudo o que me disse na última vez em que estive ali? Por mais que não se recordasse de eu ter lhe dito que jamais colocaria os pés ali novamente, era impossível que tivesse desaparecido de sua memória o instante em que ele me mandou ir embora, porque suas palavras seguiam muito vívidas na minha.

— Esqueceu quando estive aqui a última vez? — lancei, tentando mascarar a mágoa que sempre me acometia ao pensar em tudo aquilo. — Porque eu não.

Um brilho de entendimento tomou seus bonitos olhos azuis, eu pude notar.

— Você se sentiria mais à vontade se permanecesse aqui no jardim? — quis saber, enquanto eu mudava o peso do corpo para a perna direita, nada confortável com o fato de ter seu olhar sobre mim por tanto tempo.

Apesar disso, considerei sua proposta. Não, não me sentiria *mais à vontade* no jardim, sendo que também havia tantas lembranças ali, que, por melhor que fossem, causavam um aperto em meu peito por se tratarem apenas disso: lembranças. Em contrapartida, eu já havia ido até lá, de qualquer modo, no intuito de ver Juliet, e por mais que eu não gostasse da ideia de permanecer na propriedade de Vincent, estava ciente de que não aguentaria dar as costas para a oportunidade de ver Juliet de perto novamente.

— Menos desconfortável, sim — corrigi-o, após ponderar a respeito.

Ele soltou o ar pelo nariz, quase como se fosse uma risada.

— Certo — murmurou em anuência. — Eu vou buscar Juliet, nesse caso, volto em um minuto.



Eu sempre soube que tempo era relativo, isso não era segredo nenhum. Ainda na infância, eu entendia que quando estava me divertindo, uma hora passava voando, ao passo que parecia se arrastar quando eu era obrigada a fazer algo que não queria. Obviamente, as coisas não seriam diferentes com o “um minuto” de Vincent. Para mim, o tempo que passei à sua espera pareceu uma eternidade, que gastei andando em círculos pelo jardim, torcendo e estalando os dedos, esfregando as palmas de minhas mãos em meus jeans, mordiscando meu lábio, até me dar por vencida e me sentar sobre a grama, com os joelhos dobrados e calcanhares cruzados, abraçando minhas pernas, de cabeça baixa, balançando-me para frente e para trás, como fazia quando era criança.

Ao ouvir a porta ser aberta, no entanto, girei a cabeça tão depressa naquela direção, que fiquei até mesmo um pouco tonta. E ali estava ela, segurando a mão do pai, ainda usando seu pijama com estampa de bichinhos e pantufas, segurando Lolli com a outra mãozinha e dando passos muito mais firmes do que eu me lembrava de que ela fosse capaz. Lágrimas pinicaram meus olhos e, pela primeira vez em algum tempo, não eram de tristeza.

O rostinho infantil se iluminou ao me ver, e Juliet caminhou mais depressa, praticamente arrastando Vincent consigo. No momento em que suas pantufas tocaram a grama do jardim, ela se precipitou em minha direção, e por mais que eu quisesse correr até ela, minhas pernas estavam fracas, e tudo o que pude fazer foi estender os prazos para Juliet, com ambos os joelhos tocando o chão e uma lágrima solitária rolando por minha bochecha.

— *Lollipop! Lollipop! Lollipop!* — ela exclamou repetidas vezes, animadamente, em sua vozinha doce, atirando-se contra mim e sendo recebida dentro dos meus braços, que se fecharam ao redor dela, apertando-a contra mim o máximo que pude.

— Sou eu... — murmurei para ela, com voz embargada pelo choro que ameaçava me consumir. — Sua Lollipop — reiterei, o peito transbordando em felicidade. — Você se lembra mesmo de mim — disse, mais para mim mesma do que para ela, ainda sem conseguir acreditar que depois de todo aquele tempo dando o meu melhor para sufocar a saudade, Juliet estava finalmente ali comigo.

Beijei seus cabelos macios, as bochechas rechonchudas, a pontinha de seu

nariz... enterrei minhas narinas em seu pescoço, inalando seu cheirinho delicioso de bebê e matando a saudade dele também. Os bracinhos pequenos circularam meu pescoço e não pareciam dispostos a soltá-lo tão cedo, e agradei imensamente por isso, pois a verdade era que eu não queria largar Juliet nunca mais. Doía tanto tê-la longe de mim e saber que, decerto, perdi tantas coisas novas que ela aprendeu nesse ínterim.

Jogando essas ponderações para o fundo de minha mente, afastei-me apenas o bastante para que pudesse analisar o rostinho lindo à minha frente, assistindo ao seu sorriso radiante se abrir e iluminar tudo em volta. Foi impossível não sorrir também, mesmo por entre as lágrimas, e grudar meus lábios na testa de Juliet.

— *Po quê Lollipop tá cholanu?* — ela perguntou, parecendo preocupada, levando-me a sorrir ante seu rosto sério demais para alguém que nem mesmo tinha dois anos de idade. — *Lollipop tisti?* — insistiu, quando apenas neguei com um aceno de cabeça, em vez de articular o que se passava comigo.

— N-não — gaguejei devido ao choro, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. — Lollipop t-tá feliz. Muito f-feliz — garanti, enxugando as lágrimas que insistiam em cair e colocando um sorriso gigantesco nos lábios. — Eu estou muito feliz, Juliet — reiterei, tornando a beijá-la e sentindo quão quente seu corpinho estava, provavelmente por causa da febre. — Como você pode ter crescido tanto em tão pouco tempo? — ponderei em voz alta, analisando-a com cuidado, meus dedos percorrendo as linhas de seu rosto. — Você está ainda mais linda do que eu me lembrava — confidenciei, fazendo cócegas em sua barriga e me deliciando com sua gargalhada gostosa, que mais parecia música para os meus ouvidos. — Eu te amo tanto, Jules — segredei, apesar de já ter dito aquela frase milhares de vezes, antes.

Acomodei Juliet no meu colo, porque simplesmente não conseguia largá-la por um segundo sequer, como tampouco conseguia impedir novas lágrimas de surgirem. Ela fez um biquinho, pressionando-o em minha bochecha repetidas vezes, o que só conseguia me fazer soluçar.

— *Num chola, Lollipop* — ela pediu, e detestei o fato de que eu a estivesse deixando preocupada. — *Te amo munto* — entoou, e aquele foi o meu fim. Sugou todas as minhas forças, bagunçou definitivamente minhas glândulas lacrimais e encheu meu coração de uma forma inexplicável.

— Também te amo muito, Juliet — repeti, abraçada a ela, afundando minha bochecha no topo de sua cabecinha cheirosa. — Te amo pra sempre, princesinha — sussurrei, depositando um beijo em seus cabelos e desejando que aquele momento fosse eterno, mesmo sabendo que não era. Jamais poderia ser.



Eu parei de chorar... eventualmente. E, quando o fiz, Juliet e eu brincamos no jardim. Com Lolli e balões coloridos, ao som das nossas músicas favoritas, dentre elas, *Seu Lobato Tinha um Sítio*. Nós cantamos, rimos, dançamos e eu até mesmo consegui fazer com que Juliet comesse todo o seu almoço. Depois, completamente exausta, ela adormeceu no meu colo, e eu a observei dormir por longos minutos, mexendo em seus cabelos dourados e macios, ouvindo o som de sua respiração profunda e absorvendo a sensação de paz que ela me causava.

— Não quer colocá-la no berço? — Vincent perguntou, e me sobressaltei com sua chegada repentina.

— *Preciso* colocá-la no berço? — lancei de volta para ele, recebendo um sorriso e um meneio de cabeça como resposta.

Droga! Por que ele está sorrindo? Por que. Ele. Está. Sorrindo?

Desviei o olhar. Afinal de contas, apesar de chateada e magoada, meus olhos ainda funcionavam bem, e uma visão das covinhas de Vincent e das ruguinhas ao redor de seus olhos não me ajudaria a deixar de amá-lo mais rápido.

— Obrigada — eu me peguei murmurando um tempo depois, os dedos ainda percorrendo os fios dos cabelos de Juliet. Não havia muito mais que eu pudesse dizer a Vincent naquele momento, e não se tratava apenas de quebrar o silêncio. De fato, sentia-me agradecida pelo tempo ao lado de Juliet e sabia que ele só fora possível graças a Vincent.

— Pelo quê? — ele questionou, provavelmente unindo as sobrancelhas do modo intrínseco a ele quando algo ia além de seu vasto entendimento.

— Eu não tive a oportunidade de me despedir dela antes... — elucidei, e foi como se minhas palavras tivessem dado espaço para que o buraco tão presente em meu peito, momentaneamente fechado graças à minha tarde com Juliet, tornasse a ser aberto.

— É isso que está fazendo agora? Se despedindo?

— O que mais poderia ser? Não sou bem-vinda aqui. — Arrependi-me do que dissera no momento em que escutei como a frase soou, então tratei de emendar: — E, mesmo se fosse, dei minha palavra de que não voltaria. — Pronto. Bem melhor. Ao menos me fazia parecer mais determinada e menos

rejeitada. Eu odiava ser a “pobre Lorena” em qualquer circunstância, porém ali, ao lado de Vincent, odiava ainda mais. — Sei que abri uma pequena exceção hoje, mas...

— Acho que se recusar a entrar na minha casa não conta exatamente como uma exceção — ele me cortou, e agradeci por isso. Alguém precisava deter minha enxurrada de palavras antes que eu dissesse algo estúpido.

— Que seja... — foi o que respondi, fingindo um descaso que não sentia. Vincent não fazia ideia de quanto me custava estar ali, no seu jardim, ao lado dele, depois de todas as noites que chorei por ele, lamentando sua indiferença e falta de confiança em mim. — Você tinha o prazo de um mês pra entregar um novo manuscrito... — lancei, ávida para mudar de assunto e também satisfazer minha curiosidade. Não fui responsável pelo estrago na vida de Vincent, ao contrário do que ele acreditava, porém, independente disso, em minhas noites insones desejei muito que as coisas se ajeitassem para ele.

— Esse é o seu jeito de perguntar se usei o material que você me ofereceu? — quis saber, e apesar de me recusar a fitá-lo, colocando toda minha atenção em Juliet e em seus traços adormecidos, correndo a pontinha do meu dedo por sua bochecha, eu sabia que uma das sobrancelhas de Vincent estava erguida em desafio. A esquerda, talvez.

— Não — apressei-me em negar, fazendo uma careta que ele não conseguiu ver. Já era muito que eu estivesse mantendo um diálogo forçado, ser compelida a olhá-lo enquanto conversávamos ia além da minha capacidade.

— Mentira.

Soprei o ar com força, numa espécie de risada pirrônica pela sua escolha de palavras.

— Aparentemente não consigo resistir a elas — apontei em falso divertimento, algo que Vincent não se preocupou em fingir também.

— Apresentei um *book proposal* e pedi mais um tempo — foi o que ele respondeu, ignorando minha ironia. — No fim, Carlie iniciou uma comoção entre o pessoal que acompanha o meu trabalho. Eles insistiram que precisavam do livro vazado impresso, e a editora acabou cedendo. Vamos fazer uma tiragem bem menor, apenas pra testar.

— Carlie conteve o estrago, como disse que faria — comentei, esperando que a nota de ciúmes presente no que dissera não soasse perceptível aos ouvidos de Vincent. — Isso é bom — prossegui, tentando empregar alguma animação na minha voz.

— E quanto a você? Está trabalhando em um novo suspense? — quis saber, soando tão genuinamente interessado que era até mesmo revoltante.

Revoltante. Outro eufemismo. Por que ele só não para de agir como se de

fato se importasse?

— Não — respondi simplesmente, pouco disposta a prolongar o assunto.

— Por que não? — insistiu, deixando claro que não aceitaria um monossílabo como resposta. — Achei que gostasse de escrever.

— Era um hobby legal, mas não nasci pra isso — admiti, assistindo a Juliet se aninhar um pouco mais a mim, o que me roubou um sorriso.

— Foi você quem vazou o meu manuscrito? — Vincent inquiriu de supetão, e, dessa vez, foi impossível permanecer com o olhar afastado de seu rosto.

Diferente da última vez em que tivemos uma conversa, ele não estava sisudo, debochado ou cruel. Tampouco estava leve e divertido, no entanto, aquilo foi o bastante para que eu tivesse certeza sobre a mudança do seu tom com relação ao assunto. Outrora acusatório, naquele instante soou apenas como o que era: uma interrogação.

— Está em dúvida agora? — devolvi, inclinando a cabeça para fitá-lo melhor, mal acreditando que havíamos voltado a falar sobre aquilo sem todos os gritos e suas críticas sobre eu ser uma mentirosa.

— Eu nunca te perguntei realmente — admitiu, parecendo desconfortável, algo que era incomum. — Só acusei. Estava transtornado, com a cabeça cheia, e aceitei a opção mais fácil que Carlie me ofereceu. Por isso estou perguntando agora, mas não me entenda mal. Não quero saber apenas se foi você. — Esbocei incompreensão, porque, de fato, não fazia ideia de aonde ele queria chegar com aquilo. — Quero saber se aconteceu algum acidente — elucidou, falando de forma compassada, como se minha capacidade de raciocínio fosse de uma criança —, se você acha que, possivelmente, em algum momento, compartilhou o manuscrito com alguém em quem confiava e essa pessoa em questão...

— Agora você acha que Kim disponibilizou o seu livro ilegalmente? — atalhei, ríspida, apesar de ter me preocupado de policiar meu tom de voz para não perturbar o sono de Juliet.

Como ele conseguia ser tão inacreditável no bom e no mau sentido ao mesmo tempo?

— Não foi o que eu disse... — apressou-se em se defender, pronto para argumentar. E, eu sabia, aquilo apenas nos levaria de volta à conversa de semanas atrás, em seu escritório, para a qual eu não estava nem um pouco disposta.

— Eu fiz com que seu manuscrito vazasse — interrompi-o, antes que ele me afogasse em sua enxurrada de palavras e fizesse com que minhas glândulas lacrimais, no momento sob controle, entrassem em pane de novo. — Não Kimberly. *Eu* — frisei. E daí que era uma mentira? Não me importava. Ele já me achava uma mentirosa inveterada de qualquer forma, ao menos acreditaria em

mim dessa vez, o que era no mínimo irônico, já que eu havia decidido faltar com a verdade. — E você estava certo ao ver segundas intenções quando te ofereci o meu original pra que apresentasse à sua editora — prossegui, corroborando a péssima ideia que ele já tinha de mim, sem que pudesse fazer nada para evitar. Eu meio que queria ser aquela Lorena egocêntrica e calculista que ele acreditava que eu era, porque ela certamente não sofreria por ele quando voltasse à sua rotina sem Vincent e Juliet. — Eu queria que eles tivessem acesso ao meu talento e me contratassem. Fiz tudo de caso pensado, foi tudo armação. O que você quer? Um pedido de desculpas? Aqui está: sinto muito — despejei, reunindo todas as forças que havia em mim para não berrar feito uma louca descompensada, em vez de expulsar as palavras para fora da minha boca entre dentes.

Por longos segundos, longos até demais, Vincent apenas me encarou, parecendo perplexo e piscando demoradamente algumas vezes. Cerrando os olhos, ele balançou a cabeça de um lado para o outro, como se clareasse as ideias... ou as enxotasse. Eu não tinha como saber.

— Se foi você, então por que negou antes?

— Porque pensei que fosse acreditar em mim. — Bem, ao menos essa parte era verdade. Se eu soubesse, desde o começo, que Vincent refutaria todos os meus argumentos, jamais teria me dado ao trabalho de elaborá-los, porque aquilo me desgastou emocionalmente a níveis estratosféricos, e eu estava cansada.

Pelo menos minha admissão de culpa ele levaria a sério.

— E não pensa mais? — quis saber, franzindo o cenho.

— Bem, se tem algo que aprendi sobre Vincent Hardman é que ele acredita apenas no que quer — respondi amargamente, detestando a sensação de ter meu coração massacrado dentro do peito mais uma vez.

— Lorena... — ele chamou, pronto para arguir, eu poderia apostar. No entanto, fui mais rápida. Cansada daquilo, deposei um beijo demorado na testa de Juliet, aborrecida por ter que me despedir dela daquela forma, mas ciente de que era necessário.

— Melhor colocar Juliet no berço pra que ela possa descansar melhor — retorqui, estendendo-a para Vincent. Ele a pegou no colo, nossos braços se tocando no que foi nosso primeiro contato em semanas. Foi como ser atingida por uma corrente elétrica, contudo, ignorei a sensação, colocando-me de pé. — Se, por acaso, ela quiser me ver de novo... — falei, batendo nos meus jeans a fim de limpá-los — sempre vou estar disponível pra encontrá-la. Preciso ir agora. — Disposta a ir embora sem dizer nada mais, apenas dei as costas para Vincent, com o coração em frangalhos ao passo que caminhava até o meu carro.

— Se você é esse ser humano tão horrível e mesquinho — a voz rouca que

me era tão familiar irrompeu, fazendo com que eu me detivesse — então por que continua se importando com Juliet?

Abri a boca para responder a verdade, todavia, foi com imensa indignação que me dei conta de que Vincent jamais acreditaria nela. Ele nunca acreditava, não quando vinha de mim.

— Não sei. — Dei de ombros, girando a cabeça para fitá-lo por sobre um deles. — Talvez, na minha cabeça, eu acredite que ainda estou sendo paga pra me importar — retruquei, vendo o momento exato em que o reconhecimento perpassou seus olhos. Afinal de contas, aquelas palavras eram dele, e não minhas. — Com licença, senhor Hardman.

Continuei minha caminhada até o meu carro, e aqueles poucos passos me pareceram quilômetros. Independente disso, eu os percorri sem fraquejar, sem nem mesmo lançar uma olhadela para as duas pessoas que possuíam o controle do meu coração, logo atrás de mim.



Confirmei a compra das passagens, ainda sem acreditar direito que tivera coragem de fazer aquilo. Eu não ia ao Brasil desde o falecimento do pai de Arthur e até mesmo parecia uma outra vida. Talvez por isso tenha decidido ir justo para lá, porque, apesar de tudo, as lembranças que tinha dos momentos ali vividos eram boas. Desempregada, porém, com uma boa quantia em dinheiro no banco, eu poderia me dar ao luxo de passar algum tempo fora e me redescobrir. Encontrar-me de novo com a Lorena sem um envolvimento amoroso, que não ficava pelos cantos se lamentando, e sim lutava pelo que queria e acreditava.

Seria mentira dizer que eu sabia exatamente o que estava fazendo quando decidi me mudar do país, mas ali residia parte da graça. Tudo o que eu sabia era que iria para o estado de Goiás, onde nasci, e que ficaria um tempo na casa da minha tia Amélia, irmã da minha mãe. Dali em diante... eu poderia fazer o que bem quisesse, inclusive me dedicar a algo que eu amava muito: ensinar. Tia Amélia mencionou que as escolas de inglês gostavam de contratar brasileiros que moraram muito tempo no exterior, e aquele era exatamente o meu caso.

Partia-me o coração deixar minha família para trás, ter que abdicar das nossas reuniões aos fins de semana, dos aniversários e datas comemorativas... contudo, aquilo era algo que eu precisava mesmo fazer. Também foi difícil dar a notícia para Kimberly, que chorou copiosamente ao meu lado, dizendo que já estava morrendo de saudades antes mesmo de eu comprar as passagens e sequer considerar dar início ao empacotamento de todas as minhas coisas.

— A parte boa é que vou poder te visitar e usar aqueles biquínis brasileiros quando formos à praia — ela comentou certa feita, em mais uma de nossas maratonas de séries preferidas.

— Não tem praia onde vou morar, Kim — eu a lembrei, e ela bufou

teatralmente, rolando os olhos.

— Então preciso me conformar de que não existe um ponto positivo no fato de você estar indo embora, nesse caso, porque isso foi tudo em que consegui pensar — devolveu mal-humorada, arrancando-me uma risadinha e fazendo com que eu me arrastasse no sofá, apenas para abraçá-la e depositar um beijo em sua bochecha.

— Ainda vamos ser melhores amigas mesmo à distância, nos falar todos os dias através das redes sociais e maratonar *Friends*, mesmo sem podermos dividir a pipoca e o refrigerante — prometi, empurrando seu ombro com o meu. — Essa parte vai ser boa, você sempre diz que como muito rápido e te deixo sem nada.

Ela soltou uma gargalhada, muito mais alta do que seria necessário para uma piada sem a menor graça, irrompendo em lágrimas um segundo depois e puxando-me para um abraço.

— Eu não me lembro de ter chorado tanto assim desde a suposta morte do Mike em *Prison Break* — ela fungou, e eu afaguei seus cabelos loiros, rindo ao passo que meu peito se apertava, porque a falta que eu sentiria de Kim conseguiria ser bem maior do que o número de mortes de *Game of Thrones* e *The 100* juntas.



Mesmo tendo me colocado à disposição para passar algum tempo com Juliet sempre que ela desejasse me ver, eu não esperava, sob nenhuma hipótese, uma ligação de Vincent me pedindo para ficar com ela em plena quarta-feira pela manhã. Ainda assim, concordei mais que depressa, ansiosa por poder rever Juliet e ter algumas horas ao lado dela, antes de deixar o país sem uma data predeterminada para regressar.

Quando Vincent chegou para deixar Juliet sob meus cuidados, nós mal nos falamos, trocando umas poucas palavras por educação, até ele se despedir, prometendo voltar antes do horário da soneca dela. Eu não disse em voz alta, mas torci para que ele se atrasasse, porque isso significaria que eu teria mais tempo com Jules, o que nunca parecia ser o suficiente, em especial depois do longo período de abstinência.

E como sempre era quando nós duas estávamos juntas, converti-me numa criança de quase trinta anos, enquanto brincava com Juliet de absolutamente qualquer coisa que ela quisesse, adorando ouvir sua gargalhada gostosa que enchia o ambiente e sempre terminava colocando um sorriso bobo nos meus lábios. Que eu era apegada a crianças não era segredo para ninguém, todavia, às vezes, quando eu observava Juliet e me preocupava não apenas com o presente e começava a ponderar acerca de seu futuro, ficava assustada, porque não poderia ser normal o fato de ela possuir um pedaço tão grande do meu coração daquela forma.

À medida que as horas iam passando, a animação de Jules, como já era de se esperar, também ia diminuindo, dando lugar ao cansaço. Ao que parecia, meu desejo de que Vincent se atrasasse estava prestes a ser realizado. Considerei ligar para ele, ou mesmo enviar uma mensagem, apenas para checar se estaria tudo bem se eu colocasse Juliet para dormir ou se preferiria que eu esperasse por ele. No entanto, imaginei que seria muito... *íntimo*, de modo que acabei desistindo.

Assistindo a um desenho qualquer na Netflix, abraçada a Lolli, ela coçou os olhinhos azuis com o dorso da mão pelo que me pareceu ser a milésima vez, deixando-me condoída. Tomando-a no colo, cantarolei baixinho uma canção de ninar para ela, vendo-a adormecer mais que depressa. Depositei-a em minha cama, bem no centro, formando barricadas ao seu redor com travesseiros e cobertas, a fim de mantê-la a salvo de uma queda. Mas a quem eu queria enganar? Não estava pronta para sair do lado dela tão cedo, então apenas me deitei também, velando seu sono.

Perdi a noção do tempo ali, sendo arrastada para a realidade ao ouvir a campainha. Levantei-me da cama com cuidado, para não perturbar o sono da minha dorminhoca favorita, e fui correndo até a porta, no intuito de abri-la antes que decidissem tocar a campainha outra vez.

— Desculpe o atraso — Vincent iniciou no segundo em que abri a porta e indiquei para que ele entrasse. — Eu não achei que fosse levar tanto tempo assim.

Fechei a porta assim que Vincent passou por ela, estranhando tê-lo ali, apesar de tentar não demonstrar. Não queria dizer que sua presença me incomodava, mas era... *estranho*, na falta de palavra melhor para classificar.

— Tudo bem, não me importo — foi o que eu lhe disse, em vez de admitir que torci para que ele se atrasasse, no intuito de ter mais tempo ao lado de Juliet. — Mas Juliet acabou pegando no sono. Quer levá-la mesmo assim ou prefere voltar depois?

Que ele queira voltar depois, por favor!

— Na verdade... — Titubeou, no entanto, não parecia que ele estava

buscando as melhores palavras para dizer o que queria, como costumava ser o caso sempre que Vincent hesitava. Ali, era quase como se ele estivesse se decidindo sobre falar ou não o que estava em sua mente. — Você e eu precisamos conversar, então acho que o sono de Juliet veio em boa hora.

— Se por conversar você se refere ao seu livro, que disponibilizei gratuito na internet... — comecei, nada disposta a entrar naquela briga pelo que me parecia ser a milésima vez. Assumi a culpa a fim de que aquele assunto morresse, de jeito nenhum eu deixaria que Vincent o trouxesse à tona.

— Você não disponibilizou coisa nenhuma, Lorena — cortou-me, parecendo irrequieto.

— *O quê?* — perguntei em choque, apenas para me certificar de que ele de fato dissera o que julguei ter ouvido.

— Sei que não foi você — reiterou. — No fundo, sempre soube. Mas, como eu disse, aceitei a resposta mais simples, a saída mais fácil que Carlie me ofereceu: culpar você.

— Mais fácil pra quem? — lancei de volta para ele. — Certamente não pra mim — concluí, mordaz.

— Lorena... — chamou, no que julguei ser uma tentativa de se explicar, algo que eu não permitiria acontecer até que eu tivesse a chance de colocar para fora toda a indignação que me assaltou quando Vincent colocou sobre mim uma culpa que não me pertencia.

— Cala a boca! — bradei, com um dedo em riste em sua direção. Sobressaltado, ele apenas me observou longamente. — Eu tive que ouvir todos os insultos, todo seu vasto vocabulário me acusando, sem prova nenhuma, de ter te prejudicado. Agora é a minha vez de falar alguma coisa.

— Eu estava transtornado — defendeu-se, gesticulando com uma das mãos de forma aleatória. — Você não teria feito o mesmo, por acaso?

Seria mentira dizer que não pensei a respeito, que não tentei legitimar seu comportamento ao me colocar em seu lugar. Seria uma mentira ainda maior dizer que, de fato, eu pude compreender toda aquela aversão e suspeita que Vincent demonstrou sentir por mim. Uma reflexão que deveria fazer com que eu o perdoasse, na verdade, apenas fez com que minha revolta crescesse.

— Com a babá da minha filha? Muito provavelmente — considerei, ainda que não me orgulhasse daquilo. Eu diria a verdade, dessa vez, por mais que Vincent não acreditasse nela. — Com o meu namorado, por quem eu me dizia apaixonada? — prossegui, meneando a cabeça em resposta antes mesmo de articular meu veredito em voz alta. — Eu teria dado ao menos o benefício da dúvida. E se não conseguisse, de forma alguma, acreditar na inocência dele, tenha a certeza de que eu terminaria com ele, em vez de apenas demiti-lo como

se não passasse de um serviçal desprezível. Muito diferente de como você agiu! — aponteí, exaltando-me no processo.

Tomei uma longa respiração, dando as costas para Vincent, a fim de me acalmar. Não queria que ele visse quão destroçada saí de toda aquela história, ao mesmo tempo em que adoraria despejar sobre ele toda minha fúria. Era dúvida, eu estava ciente, porém, não conseguia evitar.

Cruzei os braços em frente ao corpo, abraçando a mim mesma numa vã tentativa de proteção e de passar-me forças, porque eu sabia que iria precisar. Houve silêncio pelo que me pareceu uma hora inteira, apesar de eu saber que era apenas impressão, até que a voz de Vincent soasse outra vez.

— Eu... — balbuciou, meio incerto — sinto muito. De verdade.

— Ótimo — devolvi, intransigente. — Deveria mesmo sentir muito — emendei, lutando para não me virar e sondar a expressão de Vincent, no intento de saber se a comoção que senti em sua voz estava presente em seu rosto também.

— Acha que algum dia vai conseguir me perdoar? — sondou, e eu não precisava ter meus olhos sobre ele para saber que seu cenho estava franzido, à espera de uma resposta.

— Não — respondi de pronto, por pura crueldade, para maltratá-lo da mesma forma que fui maltratada, apenas para me arrepender no instante ulterior. — Não sei — retifiquei, apesar de saber que aquela resposta não era sincera. Levava tempo, e eu precisaria estar segura de que Vincent de fato se arrependera de seu comportamento, mas claro que eu perdoaria... eventualmente. Como perdoei Arthur. — Quando descobriu a verdade? — mudei de assunto, dando vazão à minha curiosidade, já que um questionamento que jamais me abandonou foi o de quem teria sido capaz de prejudicar Vincent daquela forma. — Porque me perguntou da última vez se havia sido eu, até insinuou que Kim...

— Não insinuei nada sobre Kimberly — interrompeu-me em sua defesa. — Eu já sabia a verdade, só queria tocar no assunto e ter a chance de me desculpar. Mas então você começou a falar todas aquelas coisas...

— Você poderia ter me parado — aponteí, virando-me de frente para ele e fitando seu rosto. — Como fez quando tentei me defender. Lembra? — provoquei. — Poderia ter dito “Ei, não adianta fingir, já sei o que aconteceu, o responsável por tudo isso foi...” — Então me detive em minha enxurrada de palavras, dando-me conta de que eu não fazia ideia de quem fora o responsável e esperando que Vincent me desse um nome. Mas ele não o fez, apenas ficou me encarando, impassível. — *Fooooi...* — insisti, prolongando as sílabas da palavra e estalando os dedos, mostrando-lhe que aquela era sua deixa para completar minha frase.

— Não sei quem foi — soltou num suspiro, levando uma das mãos à nuca e apertando o local, do jeito que fazia quando sentia a tensão se acumular. — Sei apenas quem *não* foi: você.

Engoli em seco, no intuito de ganhar tempo para dizer algo sagaz, porém, tudo o que consegui foi ter a mente invadida por ideais românticos, que deveriam soar estúpidos, para mim, mas que fizeram com que meu coração batesse mais depressa, num ritmo completamente descompassado. O que aquilo significava? Que mesmo sem indícios de que outra pessoa disponibilizou seu manuscrito, ele acreditava na minha inocência?

— Isso só pode ser brincadeira — foi tudo o que consegui murmurar, algum tempo depois, sentindo a garganta seca ao extremo.

— Claro que não é brincadeira — negou, reiterando o que disse num meneio de cabeça, então se aproximou um pouco mais, devagar, medindo minha reação. — Acredito em você. No fundo, eu sempre acreditei.

— Mas foi mais fácil me enxotar? — inquiri, estreitando os olhos em sua direção. Não entrava na minha cabeça que seria mais *fácil* destratar alguém com quem eu me importava, em vez de dar o benefício da dúvida. — Porque foi o que você fez, me enxotou como se eu não fosse nada. Fazendo com que eu me sentisse *menos* que nada, o que foi ainda pior — confessei, e essa foi a derrocada de tentar esconder de Vincent o quanto suas palavras me feriram. E ainda feriam.

— Lorena, por favor, não diz isso — pediu, com semblante contorcido, parecendo em agonia.

— Por que não? Só você tem o direito de falar o que bem entende? — ironizei.

Não era minha intenção maltratá-lo de forma deliberada, porém, eu tampouco engoliria minhas palavras, igual à última vez.

— Sei que não agi certo com você, mas tive os meus motivos.

Soltei uma risada que mesclava nervosismo e incredulidade, entendendo bem a razão de Vincent ter escolhido escrever, em vez de advogar: sua defesa era simplesmente irrisória.

— Ah, claro — emití em meio ao riso frenético. — Você tinha motivos... agora eu me sinto bem melhor. Já nem me lembro mais da discussão anterior — dissimulei.

— Eu entendo que esteja magoada, porque você tem todo o direito de me odiar e nunca mais querer me ver — condescendeu, aproximando-se um pouco mais, até segurar minhas mãos entre as suas, os polegares traçando círculos nas pequenas porções de pele que conseguiam alcançar, fazendo meu coração falhar uma batida ou duas e meu estômago entrar em alvoroço pela proximidade. Poderia soar bobo, mas o contato pareceu íntimo, trouxe uma sensação de

familiaridade... e senti os olhos arderem pelas lágrimas que começavam a ser formadas. — Também sei que não é justo pedir o seu perdão. Não ainda, pelo menos, mas escuta... — Vincent vacilou por alguns segundos, e então trouxe seus olhos azuis hipnotizantes para encarar os meus. — Vou fazer de tudo para merecer ser perdoado, e não importa quanto tempo leve, não vou desistir. Não vou desistir da gente, sabendo que tínhamos tudo para dar certo.

Minha boca se abriu, talvez por surpresa, ou a fim de que eu dissesse algo, no entanto, a única coisa que saiu por entre meus lábios foi um arquejo longo, que fez com que meu corpo tremesse levemente. Umedeci os lábios com a língua e engoli a saliva com dificuldade, sem conseguir desviar meu olhar do de Vincent.

— Não tínhamos tudo pra dar certo — refutei, tristemente, os ombros murchando no processo. — Estávamos fadados ao fim antes mesmo de começarmos. Se não havia confiança, como...

— Claro que havia confiança — Vincent protestou no mesmo instante. — Sempre confiei em você, Lorena, eu só...

— Confiou quando era fácil confiar — redargui, interrompendo o que quer que ele estivesse prestes a dizer. Eu já tinha ouvido o suficiente, e suas palavras não curaram as feridas abertas em meu coração, apenas o deixaram atônito. — Quando realmente precisei que você acreditasse em mim, o que recebi foi uma enxurrada de insultos.

— Lorena... — ele tentou, mas eu estava cansada demais para continuar argumentando.

— Chega desse assunto — eu o cortei, puxando minhas mãos para longe das dele e dando alguns passos atrás, a fim de instalar algum espaço entre nós. — Não quero mais falar disso — admiti, apesar de meu tom ter soado muito mais como súplica do que qualquer outra coisa.

— Tudo bem — concordou a contragosto, imitando meu gesto de recuar. — Mas falei sério quando disse que de forma alguma vou desistir. Se é de tempo que você precisa, eu vou te dar esse tempo.

Apenas aquiesci em silêncio, desviando meu olhar do de Vincent ao passo que colocava uma mecha dos meus cabelos atrás da orelha e cruzava os braços em frente ao corpo logo em seguida, completamente desconcertada.

— Eu tenho uma boa notícia — Vincent quebrou o silêncio, algum tempo depois. Ao fitá-lo, percebi o sorriso bonito que ele trazia nos lábios. Estava longe de ser um dos meus favoritos, entretanto, era inegável que eu gostava daquele ali também. — Acabei de voltar de uma reunião com a minha editora. Eles leram seu manuscrito e simplesmente adoraram a qualidade narrativa. Até mesmo ofereceram um excelente contrato de publicação.

Uni minhas sobrancelhas, acreditando ter perdido uma parte muito importante da nossa conversa anterior, no jardim de sua casa.

— Achei que você tivesse dito que não havia utilizado meu texto — murmurei em confusão.

— Não apresentei o livro como se fosse meu, Lorena. Apresentei como se fosse seu — explicou, arqueando uma de suas sobrancelhas. — Eles amaram e fizeram uma oferta de publicação, não para mim, e sim para você. É isso que eu estou dizendo.

Aturdida, pisquei algumas vezes, meneando a cabeça para colocar as ideias no lugar.

— Você apresentou meu material pra *sua* editora e eles querem me contratar? — testei, as palavras soando ridículas até mesmo para os meus próprios ouvidos. — É isso? — insisti, ansiosa pela resposta.

— Eu disse que era uma ótima notícia! — ressaltou, empregando ainda mais animação à voz, ainda que seu sorriso não tenha se alargado como de costume. — Na verdade, eu já estava ciente de que havia interesse da parte deles quando você foi até a minha casa, no outro dia, mas precisava sondar antes se seria uma proposta interessante para você. Claro que você precisaria se sentar com preparadores de texto e acertar alguns detalhes, ainda assim... o contrato já é seu — tagarelou.

— Por que levou meu manuscrito até sua editora, se achava que eu só queria me aproveitar do seu contato com ela? — escolhi dizer, tamanha minha perplexidade, porque Vincent não estava fazendo sentido algum para mim.

— Porque nunca acreditei nisso de verdade — devolveu, dando de ombros e enfiando suas mãos nos bolsos de seus jeans.

— Okay — foi tudo o que consegui balbuciar, atordoada demais com aquele turbilhão de informações.

Vincent alegando sempre ter acreditado na minha inocência e ter escolhido, mesmo assim, me expulsar de sua vida. Vincent apresentando meu manuscrito para sua editora, no intuito de conseguir um contrato para mim. Vincent aparecendo à minha porta e dizendo que faria por merecer o meu perdão...

O que aquilo tudo significava, afinal? Eu não fazia ideia, e me doía a cabeça apenas tentar imaginar.

— Você não me parece muito animada com a notícia — ele voltou a falar, ao perceber que eu não o faria, arrancando-me de meus devaneios e roubando minha atenção para si.

— Não estava esperando por ela. Mas claro que a proposta me deixou feliz — confessei, porque qualquer reconhecimento do meu trabalho seria bem-vindo, em especial na fase que eu vinha vivendo.

— E então? — instigou. — Pronta para assinar o seu primeiro contrato de publicação? — quis saber, esboçando um sorriso torto. — Eu tomei a liberdade de me apresentar como seu advogado e discuti todas as cláusulas importantes. De qualquer modo, você pode ler tudo, me passar possíveis alterações que queira negociar e...

— Não vou assinar contrato nenhum — apressei-me a atalhar, estarecida.

Onde Vincent estava com a cabeça? Eu? Uma autora de verdade? Com livros publicados? Permitindo que as pessoas lessem as coisas que saíam da minha cabeça e atribuindo todas elas à minha imagem? Não, de jeito nenhum!

— Como assim? — testou, estupefação agarrada a cada linha de expressão de seu rosto bonito. — Escuta, sei que é muito para digerir, mas acredite quando digo que...

— Não, não se trata disso — voltei a interrompê-lo, acenando com uma das mãos. — Eu não quero. Não quero um contrato de publicação. Escrever era um hobby. Algo que eu sempre quis fazer. Concluí um livro e alcancei minha realização pessoal. Pra mim, essa história termina aqui — expliquei. Tentei, ao menos, porque o olhar que recebi de Vincent não foi de entendimento.

Ao contrário, ele esfregou o rosto com ambas as mãos, parecendo fatigado, arrastando-as por entre os fios macios de seus cabelos.

— Lorena, você entende que essa é uma oportunidade única? — perguntou compassadamente, certificando-se de que soara claro o bastante. — Entende que há milhares de escritores por aí à procura de uma chance como essa?

— Entendo — anuí. — Mais um motivo pra que eu não possa aceitar. Não me sinto no direito de tomar o lugar de alguém que almeja isso mais que tudo. Além do mais, não há espaço pra nada disso na minha vida. Não agora. Marketing, evento de lançamento... — enumerei, rechaçando a ideia com um meneio de cabeça. — Só não vai dar.

— Por que não? Eu me propus a te ajudar. Sei que está chateada comigo e que talvez se sinta incomodada por eu...

— Não é nada disso, Vincent! — eu o interrompi, exasperada. Havia me esquecido por completo de quão insistente ele poderia ser quando se propunha a tal.

— Então o que é? — quis saber, impacientando-se também.

Suguei o ar com força para os meus pulmões, soltando-o pela boca a seguir. Eu não devia satisfações a Vincent e, mesmo assim, me assustava ter que contar a ele sobre minha mudança.

— Estou indo embora do país — expus por fim, na esperança de que o jeito mais rápido de contar fosse também o mais indolor possível.

— O quê? — entoou num fio de voz.

— Agradeço o seu empenho — retomei, apesar de minha voz parecer um pouco incerta —, mas dentro de algumas semanas estarei de volta ao Brasil, então meio que...

— Você e Arthur? — inquiriu de pronto, o pomo de adão se movendo quando ele engoliu a saliva.

Torci o nariz para sua pergunta, sem acreditar naquilo. O que ele pensava? Que o fato de Arthur estar plantado em minha sala de estar no outro dia significava que estávamos planejando a retomada do nosso relacionamento entre os trópicos?

— Não. Apenas eu.

— Por quê?

— Por razões pessoais.

— Você não pode ir embora — lançou, tornando a romper a distância entre nós. — Sua vida toda está aqui.

— Que vida? — devolvi, franzindo o cenho. — Não tenho meu próprio apartamento, não tenho um emprego, um relacionamento, filhos... não tenho nada do que sempre sonhei pra mim. A que vida, exatamente, você se refere? — eu quis saber, os olhos em fenda ao observá-lo.

— E a sua família? Os seus amigos?

— Minha família me apoia — garanti, e se não fosse eles, eu jamais teria tido a coragem de dar um passo assim tão longo. — Além do mais — continuei —, ela meio que se desmembrou em várias pequenas famílias. Todos os meus irmãos são casados, têm filhos, um emprego estável e uma vida formada aqui — eu o lembrei, já que nada daquilo era segredo para Vincent. — Diferente de mim — apontei tristemente, encolhendo os ombros. — Kim é a única amiga que realmente me importa, e ela entende que eu preciso de uma mudança.

Ele aquiesceu uma vez, todavia estava longe de desistir de seus argumentos.

— E Juliet? Acha que ela vai entender?

Okay, isso é golpe baixo, qualquer um é capaz de concordar comigo!

Por algum tempo, apenas me mantive encarando Vincent, seus olhos azuis me fitando com atenção redobrada ao passo que eu permanecia estática, incapaz de mover um único músculo.

— Não posso basear a minha vida em Juliet, Vincent — respondi num fio de voz, e a verdade daquelas palavras cavou um buraco em meu peito, acertando meu coração em cheio. — Até pouco tempo atrás, eu pensei que jamais voltaria a vê-la. E, okay, ela é apegada a mim agora, graças ao nosso período de convivência diária. Mas e à medida que for crescendo? Hein? Quando ela tiver amiguinhos da mesma idade, professoras que a mimem como eu a mimo... — Fiz uma pausa, e ele não se preocupou em intervir, apesar de aquilo ser tudo o

que eu mais queria, porque o pensamento que me assolou logo após me destruiu inteira por dentro. — Quando você encontrar a mulher da sua vida e se casar, dando irmãos pra ela... — retomei, com voz embargada, lutando para não chorar, apesar de já estar me desmanchando em lágrimas por dentro — quando isso tudo acontecer, vou ser reduzida a uma lembrança. Talvez nem isso, porque ela é novinha demais pra me guardar na memória. Eu sinto muito, mas não posso esperar que todas essas coisas aconteçam antes de tomar as rédeas da minha própria vida.

Rompendo a distância que havia entre nós, Vincent me alcançou, segurando meu rosto entre suas mãos, não deixando que eu me afastasse quando segurei em seus pulsos, no intento empurrá-lo para longe, e impelindo-me a fitá-lo. Não fazia sentido para mim, no entanto, o que eu via refletido nos olhos de Vincent parecia ser justamente a dor que eu sentia me consumir.

— Eu já encontrei a mulher da minha vida, quantas vezes mais eu tenho que fazer isso? — interpelou numa voz arrastada e difícil, muito mais rouca e baixa do que lhe era comum.

Resfoleguei, trêmula, engolindo a saliva através do nó que se formou em minha garganta, contrastando com o arrepio que me percorreu a coluna.

— Espero que tenha tido a chance de dizer isso a ela, então — emití num ofego, sem saber o que mais poderia articular quando Vincent me encarava de forma tão intensa.

— Bem, estou tentando. Mas ela quer ir embora para o Brasil e me deixar aqui.

— Isso não é engraçado — retorqui num fio de voz.

— Nem um pouco — assentiu, e fechei os olhos, para tentar aplacar a tontura que me assolou ao tentar entender o significado por trás de todas aquelas coisas que Vincent me dizia. — Ei... — ele chamou, solicitando minha atenção, e eu o encarei de pronto, me perdendo na imensidão azulada dos seus olhos. — Eu sei que agi como um completo idiota e que você tem um total de zero motivos para me perdoar. Ainda assim, por favor, diz que nós podemos colocar uma pedra em tudo que aconteceu. Diz que você está disposta a dar uma nova chance para nós dois.

— Vincent, por favor... — tentei argumentar, odiando a confusão sem precedentes que ele fez na minha cabeça.

— Eu te amo — sussurrou, embargando meu protesto e limpando minha mente de qualquer pensamento coerente que eu pudesse vir a ter. — Como nunca amei ninguém antes. Eu te amo, Lorena, com tudo de mim, e não quero te perder. *Não posso te perder* — reiterou veementemente, tomando minha boca num beijo regado a urgência e volúpia.

Com um dos braços ao redor do meu corpo, Vincent me puxou para mais perto, mantendo uma de suas mãos em minha nuca ao passo que seus lábios seguiam grudados aos meus e eu era arrebatada pela sensação de tê-lo confessando seu amor por mim. Minha mente estava limpa de pensamentos, meu coração, batendo descompassado, e mesmo que eu quisesse me afastar e quebrar o contato, não poderia ir a lugar nenhum quando nem mesmo conseguia sentir minhas pernas.

Foi Vincent quem se afastou minimamente, colocando entre nós distância o bastante apenas que pudesse mirar-me nos olhos.

— Essa é a primeira vez que você me diz isso... que me ama... — aponte, a voz saindo tão baixa e rouca que Vincent só foi capaz de me ouvir porque permanecíamos grudados um ao outro.

Ele abriu um sorriso para mim, os dentes brancos à mostra numa fileira perfeita, as duas covinhas surgindo em suas bochechas, bem como as ruguinhas ao redor dos olhos, o que apenas o deixava ainda mais lindo do que já era, fazendo meu coração perder o compasso.

— Eu estava esperando o momento certo para dizer. Na minha cabeça, teria um jantar à luz de velas envolvido, flores e uma música romântica — murmurou, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Se você puder fingir que tudo isso acabou de acontecer...

Ah, pode apostar que sim! Tenho uma imaginação fértil...

— Se estava tudo programado, por que me disse agora? — questionei, lutando contra o ronronar que os dedos de Vincent acariciando o lóbulo de minha orelha me faziam querer emitir.

— Porque você decidiu ir embora, e nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

— Vincent...

— Me escuta — pediu, calando meu protesto ao pousar seu dedo indicador sobre meus lábios entreabertos, deslizando a pontinha por eles. — Só... me escuta. Por favor — reiterou, ao passo que eu engolia em seco e movia a cabeça em aquiescência. — Sei que você acha que estávamos fadados ao fim, mas não é verdade. Eu fui um imbecil com você, disse coisas que te machucaram, porque a verdade é que eu queria mesmo te machucar.

— Você tem um jeito estranho de amar as pessoas e provar quão reais são seus sentimentos — intervim, sem conseguir manter meu lado sarcástico apenas dentro da minha cabeça.

De qualquer modo, Vincent anuiu, não tentando negar que sua atitude anterior e suas palavras doces eram contraditórias.

— Eu estava morrendo de medo do que sentia. Essa era a verdade —

admitiu. — Da última vez que me atrevi a gostar de alguém... as coisas não terminaram nada bem.

— Meu relacionamento anterior também não terminou da melhor forma possível, e você sabe. Isso não justifica o seu comportamento.

— Nada justifica meu comportamento — concordou, meneando a cabeça —, mas talvez eu possa explicá-lo. Só que para isso eu preciso te falar sobre Brianna.

Minhas sobrancelhas se juntaram em desentendimento, porque eu não conseguia compreender como a ideia de falar sobre uma terceira pessoa seria capaz de resolver o nosso atual impasse.

— *Quem?*

Vincent respirou fundo, soltando o ar pela boca e soprando em meu rosto seu hálito mentolado, inebriando-me por breves segundos no processo.

— A mãe de Juliet, Lorena — esclareceu, e minha expressão confusa deu lugar a uma embasbacada, imprimindo em meu rosto exatamente o que eu sentia por dentro.

Aquele sempre foi um assunto evitado e que me rendeu evasivas. Não demorei muito a entender que Vincent preferiria deixá-lo no passado, em vez de falar sobre ele, por isso não insisti. Além do mais, não me sentia no direito de pedir que ele dividisse comigo algo que parecia tão delicado... e se não me sentia no direito antes, quando namorávamos, depois de termos terminado me causava um incômodo quase físico.

— Você não precisa falar disso comigo quando sei que o assunto te deixa desconfortável — apressei-me em dizer, disposta a colocar um fim àquela conversa antes mesmo de ela começar.

— Sim, eu preciso — arguiu, assumindo sua expressão sisuda. — Confio em você e não quero que haja segredos entre nós dois, porque quero que isso aqui — ele disse, apontando de mim para ele, a fim de elucidar — funcione. Resta saber se você quer me ouvir.



CAPÍTULO 26

Tamborilei meus dedos nervosamente sobre minha coxa, sentada na sala de espera do aeroporto. O dia da minha ida para o Brasil, enfim, havia chegado, e nada era capaz de me acalmar e fazer com que minhas mãos não ficassem gélidas graças à inquietação.

Chutei-me internamente repetidas vezes durante todo o trajeto até ali, por ter me esquecido do livro da vez na bancada da cozinha do apartamento de Kim. Eu podia até mesmo visualizá-lo lá, onde o deixei enquanto tentava forrar o estômago. Não contei para minha amiga sobre a estupidez que havia cometido, caso contrário, ela teria feito o retorno apenas para que eu tivesse meu exemplar comigo na viagem. Eu odiava esperar em aeroportos sozinha e sem nada para ler. Em especial quando tinha tantas coisas rondando meus pensamentos... coisas que eu não gostaria de lembrar.

Entretanto, ao que parecia, minhas vontades não significavam absolutamente nada para mim mesma, de modo que as memórias de Vincent me arrebataram sem que eu pudesse impedir. Foi uma longa conversa, a que nós tivemos, onde ele se desculpou por seu comportamento mais vezes do que pude contar e discorreu sobre toda sua história com Brianna, a mãe de Juliet.

Foi incômodo escutá-lo falando sobre a primeira vez em que se viram, durante um evento literário, mas foi ainda pior ouvi-lo discorrer sobre como se encantou pela beleza estonteante de Brianna logo à primeira vista. Vincent não poupou detalhes, e, apesar do desconforto, eu não tive a menor coragem de pará-lo.

— Nós começamos a namorar, e ela demonstrou um interesse absurdo pelo meu trabalho — ele dissera, a expressão meio perdida em suas próprias memórias. — Os trabalhos como modelo de capas não demoraram a chegar. O

número de seguidores nas redes sociais aumentou exponencialmente... até que ela ficou grávida. Nunca vi Brianna mais apavorada do que no dia que descobriu sobre a gravidez. Ser mãe nunca esteve em suas metas de vida, então ela me disse que optaria pelo aborto. Claro que eu não aceitei essa decisão. Tudo bem, seria o corpo dela a mudar, seria ela a sentir todos os enjoos e atravessar o parto. Mas eu também seria pai e, apesar de assustado, queria muito que acontecesse. Será que eu não tinha direito nenhum de opinar?

Naquele instante, meu primeiro pensamento foi de como a vida era injusta comigo. Piper engravidou do meu ex-noivo, a ex-namorada de Vincent engravidou dele e queria abortar mesmo tendo o apoio vindo do pai do bebê, enquanto eu... bem, eu jamais seguraria em meus braços uma criança a quem ensinaria a me chamar de “mamãe”, por mais que aquele fosse o meu maior sonho.

Vincent não pareceu perceber o íterim em que minha mente se perdeu nos meus próprios problemas, porque não deteve sua enxurrada de palavras, nem mesmo quando não recebeu uma única palavra vindo de mim, no intuito de instigá-lo. Ele apenas falou livremente, deixando-me saber dos altos e baixos do seu relacionamento com Brianna, de como eles decidiram que o melhor mesmo era colocar um fim a ele antes que comessem a odiar um ao outro pelas divergências e brigas constantes, onde Brianna insistia em dizer que a função de Vincent em sua vida era ajudá-la a seguir a carreira de modelo, não obrigá-la a colocar sua vida em *stand by* devido a uma gravidez indesejada.

Ele não colocou em palavras, mas eu o conhecia bem o bastante para saber que as palavras cruéis de Brianna o machucaram e fizeram com que se sentisse usado, uma simples escada pela qual ela subiria a fim de alcançar seus objetivos. Vincent não verteu uma única lágrima, porém, seus olhos azuis permaneceram injetados por todo o tempo, vermelhos, vidrados... diferente de tudo o que já presenciei vindo dele.

Sem me conter, levei uma das mãos até o seu ombro, no intuito de afagá-lo, pronta para dizer que estava tudo bem se ele não quisesse continuar. No entanto, sequer tive tempo, porque no minuto seguinte a voz rouca e grave soou.

— Quando Juliet nasceu, Brianna me pediu uma quantia exorbitante de dinheiro para ir de volta para LA — Vincent prosseguira, tomando minha mão entre as suas e depositando um beijo ali, levando-a para junto de seu peito, como se o gesto lhe fornecesse algum alento. — Eu não me neguei a ajudar, apenas disse que 500 mil dólares não era um valor aceitável. Ela fingiu concordar, mas na verdade forjou minha assinatura no meu talão de cheque e simplesmente fugiu. Sequer conseguiu colocar as mãos no dinheiro, acabou sofrendo um acidente de carro a caminho do aeroporto e não resistiu aos ferimentos...

A frase ficou suspensa no ar por vários segundos, até que a percepção me atingiu.

Morta. A mãe de Juliet estava morta. Depois de abandonar a própria filha, se mostrar o extremo oposto da pessoa por quem Vincent se apaixonou e trair a confiança dele... Brianna estava morta.

Pensei nisso por várias noites, antes de ir dormir, e o resultado foi rolar na cama de um lado para o outro, até assistir ao nascer do sol, sem horas de sono entre uma coisa e outra. Eu entendia quão machucado Vincent saía de seu relacionamento com Brianna e também o fato de que ele havia transferido para mim a desconfiança que passou a nutrir por ela. Entretanto, eu não merecia viver à sombra de seu relacionamento passado, porque jamais projetei em Vincent as dúvidas e inseguranças que Arthur plantou em mim.

Eles eram diferentes. Brianna e eu éramos diferentes. E talvez Vincent ainda estivesse apegado demais ao seu relacionamento anterior para que pudéssemos construir algo saudável. Eu o amava com todas as minhas forças, assim como amava Juliet, e Vincent também dizia me amar... porém, até onde iria um amor que suspeitava mesmo antes de tentar acreditar?



Concluindo que iria enlouquecer antes de conseguir parar de pensar em Vincent, me dirigi até a livraria, para adquirir um novo exemplar do suspense que eu estava lendo, já que o primeiro optou por ficar com Kim, em vez de ir para o Brasil comigo.

Um livro pensante, sem sombra de dúvidas, senhoras e senhores, meu lado ácido se manifestou, fazendo-me sorrir enquanto entrava na livraria.

Passei direto pelas prateleiras de romance e drama, porque não estava no meu melhor momento para ler sobre pessoas felizes em relacionamentos, muito menos ler sobre pessoas *infelizes* em relacionamentos. Sendo sincera, eu estava fugindo de qualquer coisa que ao menos lembrasse *relacionamentos*.

Encontrei o livro que eu queria e, após tomá-lo nas mãos, me lembrei do quanto precisei andar para chegar até a livraria e decidi que não faria mal nenhum levar mais um livro, para fazer valer o esforço. Seriam longas horas até

o meu destino final, eu precisava mesmo matar o tempo lendo algo interessante.

— Posso ajudar? — alguém perguntou atrás de mim, e me virei para encontrar uma moça bonita com cabelos tingidos de rosa caindo em cascata por seus ombros, aparentando ainda estar na primeira metade da casa dos vinte anos. Ela sorriu, e retribuí o gesto.

— Depende. Pode me indicar um bom suspense? — eu quis saber, e sua expressão pareceu se iluminar, dando-me a certeza de que ela de fato amava trabalhar com livros tanto quanto eu amava trabalhar com crianças, o que queria dizer muita coisa.

Cassie — de acordo com o que li em seu crachá — assentiu, indicando que eu a seguisse enquanto ela se encaminhava até a sessão de lançamentos, o que fiz sem pestanejar.

— Tenho um livro que você vai simplesmente adorar, do meu autor favorito de todos os tempos! — ela praticamente cantarolou, tirando um exemplar espesso da prateleira e estendendo-o em minha direção. — Hoje é o evento oficial de lançamento, vou correr pra lá assim que acabar o expediente. Sério, você não tem ideia de quão incrível esse cara é!

A animação de Cassie teria me contagiado, se eu não fosse tão cética quanto a livros recomendados por pessoas que não sabiam dos meus... *uhm...* altos padrões literários. Sorrindo para Cassie e agradecendo pela indicação, senti meu coração quase escapar pela boca e então voltar ao seu lugar de origem, batendo freneticamente e fazendo com que eu conseguisse ouvi-lo e senti-lo em meus ouvidos, ao colocar os olhos nas letras garrafais em alto-relevo, onde lia-se *Vincent King*.

Cassie continuou tagarelando e era bem possível que estivesse me contando sobre o enredo do lançamento de seu autor favorito — que, quem diria, era ninguém menos que Vincent King! —, como se eu precisasse mesmo de alguém me contando algo sobre o livro que li em primeira mão, no Kindle do próprio Vincent, ao passo que ele seguia desenvolvendo o enredo logo à minha frente, lançando-me olhares furtivos e, após um tempo, roubando alguns beijos também, os quais ele jurava que ajudavam com sua inspiração.

Meus dedos percorreram a capa bonita, tocando o verniz localizado e vendo na composição muitos dos elementos que Vincent e eu consideramos essenciais para passar para o leitor, através dela, o que ele iria encontrar em cada uma daquelas páginas.

Sem conseguir me conter, eu folheei o livro, sentindo o cheiro das páginas amareladas ao mesmo tempo em que analisava sua textura. Antes que eu me desse conta, já havia aberto meu futuro-exemplar na página destinada à dedicatória, sentindo meu coração transbordar ao ler o que havia escrito ali.

Para Lollipop, que fez do processo de escrita desse livro muito mais do que apenas horas solitárias comigo em frente ao computador. Te amo.

Foi impossível impedir que meus olhos marejassem, apesar de eu ter sido bem-sucedida na empreitada de não deixar que lágrimas caíssem sobre a página que eu acabara de ler. Engoli a saliva com dificuldade, sem conseguir acreditar que Vincent se lembrara da conversa que tivemos, onde eu disse que seria sua leitora beta se ele concordasse em dedicar o livro a mim. Foi exatamente o que ele fez, e eu quis rir e chorar ao mesmo tempo, tentando me controlar, por estar em público.

Ávidos, meus dedos passaram as páginas mais que depressa. Poderia ser um pensamento bobo, no entanto, eu queria ver com os meus próprios olhos se eu também estava na página de agradecimentos que Vincent sempre fazia questão de escrever, ao final de cada obra.

Ao longo dos anos, eu tive a oportunidade de escrever inúmeros livros que compartilhei com todos vocês. Tenho os meus favoritos dentre eles, apesar de todos possuírem lugar cativo no meu coração. Com Castelo de Areia, no entanto, as coisas foram diferentes desde o começo, e eu deveria ter me tocado ali de que ele seria o mais especial de todos os suspenses que eu já havia escrito até então.

Tive os tão temidos bloqueios criativos, duvidei da minha capacidade, quis descartar tudo o que já havia escrito, após chegar à metade do livro, e pensei em desistir do enredo muitas vezes... até encontrar a luz no fim do túnel.

Quando escrevi a última palavra desse suspense, a sensação foi de dever cumprido, e eu sabia que tinha dado o meu melhor para satisfazer o meu público cada vez mais exigente. Todavia, as coisas não saíram como planejei... o livro foi disponibilizado de forma ilegal na internet, ainda sem revisão e sem os olhares críticos dos meus preparadores de texto. Senti-me exposto, traído e, de novo, pensei em desistir de tudo. O sentimento nunca fora tão forte antes, e, sendo sincero, cheguei mesmo a desistir. Por uma semana inteira, Vincent King deixou de existir, e, querem saber? Eu senti mesmo falta dele, mas não sei se isso por si só seria o bastante para voltar atrás na minha decisão de deixá-lo no limbo.

Mas quando os meus leitores demonstraram todo o seu apoio e admiração pelo meu trabalho, enchendo a caixa de e-mail dos meus editores com pedidos incessantes para que eles lançassem os exemplares impressos de Castelo de Areia, ali eu tive a certeza de que Vincent King ainda tinha muitos livros para escrever pela frente. Por isso quero agradecer a vocês, caros leitores, por não

*terem desistido do meu trabalho, quando eu mesmo desisti, e por terem
acreditado em mim, quando eu mesmo não fui capaz de fazê-lo.
À minha família, agradeço pelo apoio incondicional de sempre e por me ajudar
a passar por todos os momentos difíceis.
À minha filha, Juliet, sou grato pela sua simples existência, por ter me feito um
ser humano melhor e por alegrar meus dias com seu riso fácil e contagiante.
E, por último, mas não menos importante, à Lorena Rodrigues, minha Verónica
Herrera da vida real, inspiração para essa protagonista tão forte e destemida, a
pessoa que trouxe mais luz para os meus dias e que foi capaz de amar o meu
bem mais precioso como se também fosse seu.*

Com amor, Vincent King.



CAPÍTULO 27

VINCENT

Eu não tinha a pretensão de me apaixonar. Não naquele momento, após a experiência traumática com Brianna, tendo uma família para cuidar e com Carlie berrando que eu precisava produzir, produzir e produzir incessantemente. Contudo, Lorena surgiu na minha vida, e apesar de achá-la deslumbrante, à primeira vista, acreditei mesmo que ela seria inofensiva e nunca imaginei que eu passaria a nutrir sentimentos por uma mulher que, até onde eu sabia, era comprometida.

Ainda assim, não demorou muito até que eu começasse a ver Lorena de forma diferente. Talvez fosse a forma como enredou Juliet, ou o modo profissional e sempre respeitoso com o qual lidava com seu trabalho, quiçá o jeito como ela sorria, meio encabulada, após um elogio, e colocava uma mecha de seu cabelo atrás da orelha... tudo o que eu sabia era: algo aconteceu, e me vi apaixonado de forma irrevogável por alguém que eu não poderia ter, que escolheu dividir a vida com outro homem, por quem era completamente apaixonada, e formar uma família com ele.

Por isso escondi meus sentimentos, o máximo que pude, apesar de essa ter sido uma das coisas mais difíceis que já fiz em toda a vida. Seria fácil ignorar o que eu sentia, se a mulher que eu desejava não passasse tanto tempo em minha casa, com livre acesso a tudo, caminhando para lá e para cá e me fazendo ter pensamentos impróprios...

Meu alívio ao descobrir que, na verdade, o noivado de Lorena chegara ao fim foi inenarrável. Eu deveria me sentir mal por isso, provavelmente, porque aquilo significava que algo de muito errado havia acontecido no relacionamento dela. Mas não... senti uma centelha de esperança surgindo em meu peito, que ardeu com força total no instante em que Lorena me beijou, dando-me a certeza

de que a atração, ao menos, era recíproca, e eu me valeria dela para ganhar o coração da mulher que havia conquistado o meu.

O namoro com Lorena foi a coisa mais improvável que poderia ter me acontecido e, ao mesmo tempo, a mais maravilhosa. A forma como ela fazia com que eu me sentisse, nossos momentos juntos, seu amor por Juliet... tudo era perfeito demais, e não me achei digno de uma dádiva tão grande. Talvez por isso eu tenha arruinado nossa relação, por não me achar merecedor de uma coisa boa àquele ponto, de modo que acusei Lorena de algo que, no fundo, eu sabia que não era do feitio da mulher que eu amava. Dei ouvidos a Carlie, a quem eu conhecia — ou julgava conhecer — por tantos anos, e coloquei em xeque as reais intenções de Lorena. Assisti à mágoa se formar nos olhos que sempre me confortaram e não fiz nada para consertar esse terrível equívoco. Não de pronto, ao menos.

Quando a doença de Juliet e a saudade no meu peito foram demais para que eu pudesse lidar sozinho, fui à procura de Lorena, e vê-la de novo após tanto tempo foi aterrador, para dizer o mínimo. Eu a amava, a distância não fizera com que o sentimento desvanecesse um único tom, mas cólera brotou em meu peito ao saber que fui o único responsável por afastá-la de mim e também de Juliet, que estava sofrendo por uma idiotice que cometi sozinho. Mas eu a conquistaria de volta, seria paciente, como da primeira vez, e recuperaria o amor da minha vida, não importando o tempo que levasse... claro que, àquela altura, não pensei que tempo hábil era tudo o que eu não tinha.

Saber que Lorena estava indo embora para o Brasil me colocou tão desesperado, que tudo o que consegui fazer foi implorar para que ela não fosse embora, porque eu a amava e não suportaria perdê-la. Eu não esperava uma resposta positiva de imediato, então lhe disse para pensar com carinho sobre a minha proposta. Ela apenas aquiesceu, sem articular uma mísera palavra sequer, abalando minha confiança e reduzindo-a a quase nada.



— Aguenta firme, nós ainda temos uma fila enorme de pessoas esperando pelo seu autógrafo — Diana, minha nova agente, murmurou para que apenas eu

ouvisse, as palavras saindo através do sorriso que ela forçou em minha direção.

Eu sabia muito bem que, apesar de amar o seu trabalho, seu coração estava apertado e ela queria que aquela sessão de autógrafos terminasse logo tanto quanto eu. Por motivos diferentes, apesar de parecidos. Eu só queria ir logo até a casa de Heather e buscar Juliet, para passarmos o restante da tarde juntos. Diana tinha gêmeos de dez meses de idade em casa, um deles doente, uma filha de quatro anos e um marido que ligava para ela à procura de socorro a cada dez minutos, mais ou menos.

— Será que vocês, homens, não conseguem cuidar de três crianças inofensivas sozinhos por umas poucas horinhas? Pelo amor de Deus! — ela resmungou, ainda de pé ao meu lado, enquanto digitava freneticamente em seu *iPhone*, e acabei sorrindo.

Diana e eu trabalhávamos juntos há pouquíssimo tempo, graças ao fato de eu ter descoberto que Carlie foi o ser humano desprezível que vazou o manuscrito de *Castelo de Areia* na internet, com o único intuito de me separar de Lorena. Era o crime perfeito, já que ela estava acima de qualquer suspeita, uma reviravolta digna dos meus suspenses, eu diria. No fundo, seu excesso de confiança foi seu maior inimigo, já que ela não foi cuidadosa a ponto de encobrir seu rastro digital, ligando-a ao vazamento do livro. Sua certeza absoluta de que conseguiria contornar o estrago fez com que ela cometesse um ato impensado que ruiu meu relacionamento com Lorena para sempre. Ao menos aquilo serviu para que eu me desse conta da pessoa que mantinha ao meu lado.

Assinando mais um livro que foi colocado à minha frente, sorrindo para as fotos sem de fato sentir vontade de fazê-lo, chequei meu relógio de pulso, dando-me conta de que o voo de Lorena já teria decolado, àquela altura. Um vazio se formou em meu peito, em especial quando corri meus olhos pela fila de pessoas à minha frente e não a encontrei. Talvez fosse melhor não ter perguntado a Kimberly sobre a data e o horário da viagem de Lorena... ou talvez fosse melhor mesmo tê-lo feito, para não nutrir falsas esperanças.

Cerca de duas horas, muitos autógrafos e fotos depois, apesar de amar o contato com o meu público, agradei pelo fim da sessão de autógrafos. Aproveitando a livraria fechada e a ausência de companhia, esfreguei o rosto com ambas as mãos, fincando os cotovelos sobre o tampo da mesa à qual estava sentado e soltando um longo suspiro, satisfeito pelo sucesso do evento, apesar de não conseguir me sentir feliz.

O barulho dos saltos de Diana foi o que me indicou que ela se aproximava apressadamente e, logo em seguida, escutei um baque surdo quando algo bateu sobre a mesa. Tirei as mãos da frente do meu rosto, observando um novo exemplar de *Castelo de Areia* e fazendo uma careta.

— Me diz que isso não quer dizer o que acho que quer dizer — praticamente implorei, olhando-a com atenção e vendo o momento exato em que ela rolou os olhos.

— Só mais um autógrafo e você está livre, Vincent King. Vamos lá, a pobre moça chegou atrasada e nem exigiu foto. Uma assinatura já é o bastante — Diana falou, estendendo uma caneta em minha direção.

Soltei o ar pela boca, num bufar cético, porque eu tinha certeza de que Diana me arrastaria até o lado de fora para posar para uma foto com a *pobre moça*.

— Okay — concordei, abrindo o exemplar à minha frente e pegando a caneta que Diana me ofereceu. — Em nome de quem vai ser o autógrafo? — eu quis saber, soando monótono até mesmo para os meus próprios ouvidos.

— Pode autografar para Lollipop — a voz doce e melódica soou, fazendo com que minha cabeça girasse no mesmo instante até aquela direção, porque ela não pertencia a Diana.

Foi quando eu a vi, os braços cruzados em frente ao peito, um sorriso incerto brincando em sua boca bonita, até que seus dentes prenderam-lhe o lábio inferior, dando um fim a ele, ao mesmo tempo em que seus dedos colocavam uma mecha de seus cabelos sedosos atrás da orelha.

— Lorena — murmurei em reconhecimento, meu coração batendo feito louco no peito enquanto eu seguia sem acreditar que ela estava mesmo ali. Pisquei algumas vezes, meneando a cabeça, como se aquilo fosse capaz de me tirar do possível transe em que eu estava, porque aquela era a única explicação para o fato de eu enxergar Lorena à minha frente quando ela estava num voo com destino ao Brasil. No entanto, quando abri os olhos, sua imagem não havia desaparecido. Continuava ali, a poucos passos de distância de mim, parecendo ainda mais bonita do que eu conseguia me lembrar. — Lorena... — tornei a dizer, soando como um perfeito imbecil que não sabia articular muito mais que isso.

— Sou eu — ela anuiu, exatamente como fez quando Juliet balbuciou *Lollipop* repetidas quando se viram depois do tempo em que foram obrigadas a ficar longe uma da outra. — Sua Lorena, amor — emendou baixinho, e aquela pareceu ser a deixa para que Diana se retirasse, o som dos seus saltos contra o piso de distanciando à medida que eu rompia o espaço existente entre mim e a *minha Lorena*.

— Vincent... — ela começou no instante em que segurei seu rosto entre minhas mãos, todavia, não foi capaz de concluir o pensamento, porque meus lábios reivindicaram os seus, saudosos, ansiando o contato mais que tudo depois de todo o tempo de abstinência a que foram submetidos. Minha língua deslizou

por entre eles, e provei o gosto adocicado da boca de Lorena, explorando seu interior e soltando um gemido baixo de deleite, imitado por ela, que me abraçou apertado, correspondendo ao meu beijo com tanta volição que me fez esquecer absolutamente tudo por um momento ou dois.

Não obstante, apesar de a livraria estar fechada e de Diana ter sido gentil o suficiente para nos dar licença, eu sabia que aquele contato precisava chegar ao fim antes que se tornasse impróprio para o local.

— Acho que precisamos conversar... — sussurrei com dificuldade contra seus lábios, as mãos tateando suas costas e quedando-se em sua cintura.

Ela negou com um meneio de cabeça, as palmas de suas mãos acariciando meus bíceps sobre a camisa que eu usava. Lorena umedeceu os lábios com a ponta da língua, atraindo meu olhar para o gesto.

— Na verdade, acho que já conversamos o bastante. Por ora, precisamos mesmo de uma cama — devolveu, depositando um beijo na comissura de minha boca e me puxando para aprofundar o contato.



Lorena e eu nos lançamos na empreitada de desabotoar as roupas um do outro no momento em que colocamos os pés em minha casa. Um segundo depois, no entanto, eu a peguei em meus braços e a levei até o meu quarto, onde havia a tal cama de que precisávamos.

Suas mãos se infiltraram sob minha camisa, alcançando a base das minhas costas e arranhando o local com suas unhas curtas, deixando-me ainda mais afoito para tê-la completamente nua em meus braços. Nós nos livramos de nossas roupas, eu chutei meus sapatos para longe e Lorena fez o mesmo com suas sapatilhas, para então tombarmos juntos sobre a cama, em meio a risos e beijos urgentes. Nossas respirações eram ofegos mesclados a gemidos de apreciação, e nossas mãos percorreram o corpo um do outro, reconhecendo cada pequena parte de forma nostálgica. Seus lábios pareciam ainda mais macios contra os meus, e seu beijo nunca foi tão doce quanto naquele momento. Apalpei seus seios e os acariciei, girando os mamilos túrgidos entre os polegares e os indicadores, recebendo um som de deleite vindo de Lorena, que arquejou alto no

momento em que passei a agraciar um deles entre meus lábios, sugando com precisão e me deliciando com a maciez de sua pele.

— Você tem ideia do quanto senti sua falta? — inquiri, depositando um beijo demorado no vão entre seus seios, escovando meus lábios sobre seu estômago, indo em direção ao abdômen, rumando cada vez mais para o sul ao passo que Lorena afundava a cabeça nos travesseiros.

— Tenho — respondeu, a voz saindo como se ela sorrisse enquanto falava. — Porque também senti a sua... — confessou, fazendo com que meu peito se aquecesse ao passo que eu explorava, com uma das mãos, o ponto entre suas pernas, onde se concentrava seu prazer.

Lorena arqueou a coluna num gemido arrastado, e acariciei o feixe de nervos úmido brandamente, depositando beijos na parte interna de suas coxas, até meus lábios se fecharem ao redor do ponto intumescido entre elas, agraciando-o com minha língua.

As mãos de Lorena foram para os meus cabelos, seus quadris se movimentando, como se ela se oferecesse para mim, e eu tomei absolutamente tudo o que ela era capaz de me dar. Penetrando-a com dois de meus dedos, estimulei-a até que se desmanchasse num orgasmo arrebatador, tornando-me ainda mais afoito para estar dentro dela de uma vez. Subindo com minha trilha de beijos até depositá-los nos lábios de Lorena, encaixei meu membro rijo em sua entrada, deslizando-o para o seu interior num movimento lento e torturante, sendo recebido por suas paredes cálidas e escorregadias, sentindo quando seus músculos se apertaram ao meu redor. Trinquiei os dentes, assistindo a um sorriso se formar nos lábios sedutores da mulher que roubara meu coração para si.

— Eu te amo — sussurrou, enchendo meu peito de regozijo e fazendo meu coração já descompassado pulsar ainda mais depressa. — Como nunca amei ninguém... como nunca achei que pudesse amar — continuou, os lábios ao pé do meu ouvido, os dentes prendendo o lóbulo de minha orelha no momento exato em que suas mãos agarraram as minhas nádegas e ela girou os quadris, roubando-me um gemido de puro prazer.

— Te amo — devolvi, agarrando uma das coxas de Lorena, puxando-a mais para cima e aprofundando nosso contato. — Te amo com tudo de mim, minha Lorena, e não vou te perder nunca mais — prometi, investindo contra ela, os antebraços apoiados na cama enquanto eu prensava seu corpo entre o meu e o colchão.

— Nunca mais — reiterou num gemido longo, abraçando-me apertado e beijando-me o ombro, pescoço, mandíbula e lábios, iniciando um beijo lúbrico que, se possível, apenas me fez desejá-la ainda mais.

Apoiado sobre o antebraço esquerdo, com a mão direita, percorri cada

pequena curva que pude alcançar do corpo de Lorena, acariciando a pele suave, provando sua textura nas pontas de meus dedos e estocando duramente, à procura da nossa liberação. A de Lorena veio com um grito abafado enquanto seus dentes prendiam uma porção de pele do meu ombro e seu corpo inteiro convulsionava sob o meu. Não demorei muito mais para atingir o clímax da sensação, derramando-me dentro do corpo de Lorena, com o rosto enterrado na curvatura de seu pescoço, inalando o aroma perfeito intrínseco à sua pele misturado ao cheiro do sexo incrível que havíamos acabado de partilhar.

Depositei diversos beijos que iam desde seu pescoço, percorrendo a mandíbula e terminando em seus lábios, tirando os cabelos suados que grudaram em sua testa, a fim de analisar o rosto lindo pelo qual eu era completamente apaixonado.

Eu não tinha muitas certezas na vida, não obstante, figurando entre elas, estava a de que eu queria dormir e acordar ao lado daquela mulher para sempre, enquanto vida eu tivesse.

Portanto, ignorando que, possivelmente, nós teríamos uma longa conversa num futuro próximo, a fim de acertar todas as pontas soltas que poderiam haver entre nós, dei voz ao que meu coração gritava desesperadamente.

— Case-se comigo, Lorena, e me faça o homem mais feliz do mundo — murmurei para ela, assistindo aos olhos lindos que eu tanto amava se encherem ainda mais de amor, marejando automaticamente ao mesmo tempo em que eu a fitava com expectativa.

— Achei que você nunca fosse pedir — devolveu, sorrindo no processo enquanto uma lágrima teimosa pesava em seu olho, molhando seu rosto em seguida.

— Isso foi um sim? — insisti, o coração retumbando no peito.

Ela sacudiu a cabeça, em anuência, mais lágrimas vertendo de seus olhos sem que o seu sorriso se desmanchasse.

— É um sim... — confirmou em voz alta, segurando meu rosto entre suas mãos e me beijando longamente em seguida.

Enxuguei suas lágrimas com os meus dedos, beijando a pontinha de seu nariz antes de fitá-la bem fundo nos olhos.

— Eu juro que, a partir de hoje, todas as lágrimas que você derramar por minha causa serão de alegria, meu amor, porque vou te amar para sempre, como você merece — prometi, acariciando seu rosto no processo.

— Com tudo de você? — questionou, divertida.

— Com tudo de mim — asseverei, selando minha promessa com um beijo demorado em seus lábios, abraçando apertado a mulher da minha vida e suspirando com a certeza de que a felicidade que sentia naquele instante apenas

se multiplicaria com o passar dos anos.



— Lollipop... — Juliet murmurou para Leslie, que apenas sorriu para a irmã do meio, batendo palminhas no processo. — *Lo-lli-pop...* — repetiu compassadamente, como se, assim, por um milagre, Leslie fosse repetir. O que não aconteceu.

Era domingo, contudo, também era inverno, o que significava que nossos almoços ao ar livre, aos fins de semana, deram lugar aos almoços em torno da mesinha de centro da sala de estar, onde eu estava com as crianças, sentadas ao chão, à espera de Vincent com as pizzas que ele terminava de preparar.

Juliet, agora com cinco aninhos, soltou um bufar incrédulo, quase uma réplica do de Vincent, e trouxe seus olhos para mim.

— Leslie não repete, mamãe. Ela nunca diz Lollipop... — reclamou, pousando a cabecinha em meu colo e fazendo um biquinho adorável, e acariciei seus cabelos dourados, no mesmo tom dos do pai.

Tentei ignorar o peito inflado ao ouvi-la me chamar de mamãe, mas foi impossível. Às vezes, parecia que eu jamais iria me acostumar àquilo, ao simples fato de que eu era mãe. Não apenas de Juliet, como também de Leslie e April, que chegaram à nossa casa para alegrá-la ainda mais e eram peças fundamentais da nossa família.

Cerca de um ano após de termos nos casado, Vincent e eu entramos com o processo de adoção, porque eu tinha experiência o bastante para saber que poderia haver um longo tempo de espera. Assim como eu, ele queria que Juliet tivesse um irmão ou irmã, e como eu não podia engravidar, ele se mostrou animado com a ideia de recebermos em nossa casa uma criança que precisava de todo o amor que nós poderíamos oferecer.

Quando me deparei com April, no abrigo onde eu era voluntária, e seus

olhinhos castanhos e tristes me encararam de volta, meu coração se apertou de uma forma que eu jamais poderia explicar. Eu lidava, diariamente, com crianças de todas as idades, ansiando por um lar, e me sentia conectada a todas elas. Mas com April... foi diferente. Seu jeito retraído e, ainda assim, carinhoso, a forma como seus dedinhos enrolavam meus cabelos e brincavam com eles, o modo como ela me disse que eu cheirava a *lar*... todas essas coisas juntas fizeram com que eu mal conseguisse pregar os olhos por inúmeras noites e derramasse lágrimas de tristeza abraçada a Vincent, enquanto ele dormia, sentindo-me o pior tipo de ser humano que poderia haver na face da Terra por me sentir triste quando já tinha tudo o que sempre almejei: um marido que me amava e uma enteada que era simplesmente louca por mim.

— O que quer dizer com essa história de que tenho cheiro de lar? — perguntei a April quando a vi pela primeira vez após sua declaração. Ela usava um vestido florido grande demais para ela, enquanto eu trançava seus cabelos.

— Lar tem amor, carinho, cuidado e proteção — ela começou, tentando repetir nos cabelos de sua boneca de segunda mão o mesmo que eu fazia com o seu. — Quando estou perto da senhora, sentindo o seu cheirinho, sinto todas essas coisas também.

Uma torrente de lágrimas desceu por meu rosto, molhando-o por completo e alcançando meu colo. Prendi os lábios numa linha dura, impedindo-me de soluçar enquanto seguia trabalhando nos cabelos de April, ponderando sobre como uma criança de apenas cinco anos poderia saber tanto sobre a vida. Assim que finalizei sua trança, eu a abracei apertado, puxando-a para o meu colo e depositando um beijo demorado no topo de sua cabeça. Ela respirou fundo e, apesar de ter notado meu choro, não emitiu uma única palavra. Apenas levou uma das mãos ao meu rosto, enxugando-o delicadamente e roubando para si um pedaço do meu coração que, eu sabia, jamais teria de volta.

Alguns meses depois, April era oficialmente o que eu já sabia no meu coração: minha filha, e teria um lar cheio de amor, carinho, cuidado e proteção. Vincent, Juliet e eu nos asseguraríamos disso. O período de adaptação não foi fácil, em especial quando April e Juliet disputavam atenção. Com ajuda do tempo, paciência e muito amor, no entanto, nós conseguimos fazê-las entender que não importava quem havia chegado primeiro à família ou quem demandava maiores cuidados, porque nenhuma dessas coisas jamais mediria o tamanho do sentimento que nutríamos por ambas.

Depois disso, não demorou muito mais até que o *Lollipop* de Juliet fosse substituído por *mamãe*, de forma tão natural e espontânea, que minha reação foi... chorar, claro. Aparentemente, todas as minhas emoções tinham livre acesso às minhas glândulas lacrimais. Aquela foi a deixa para que eu assumisse

legalmente o que já sabia no meu coração: Juliet também era minha filha, e meu nome em sua certidão de nascimento apenas corroborava isso. Uma semana depois de eu ter deixado o posto de madrastra de Juliet para me tornar sua mãe, o *tia Lorena* de April evoluiu para *mãe*. Uma versão um pouco diferente e mais adulta do que desejei, mas igualmente prazerosa...

— *Pai, o almoço já está pronto?* — uma April de sete anos berrou do andar de cima, descendo as escadas na velocidade da luz e me tirando dos meus devaneios.

— Vai sair mais rápido se alguém vier aqui me ajudar, em vez de só ficar me apressando! — Vincent gritou em resposta, da cozinha, e eu até mesmo conseguia ouvir o início dos seus protestos por sempre ser feito de gato e sapato dentro da *Casa das Quatro Mulheres*, uma referência a uma produção televisiva brasileira à qual ele assistiu para praticar o idioma novo.

— Tudo bem, não estou com tanta fome assim! — April devolveu, dando de ombros e entregando para Leslie seu ursinho favorito, Lolli, que, na verdade, pertencia a todas as garotas Hardman, àquela altura do campeonato.

Leslie soltou um gritinho animado, agarrando Lolli com todas as forças que um bebê de onze meses possuía, arrancando-me um sorriso, porque era impossível não ser contagiada pela alegria da minha caçula. E eu poderia afirmar isso com certeza, porque eu acompanhei seu desenvolvimento desde o quinto mês de gestação, quando sua mãe biológica confiou a mim e a Vincent a responsabilidade de educá-la e dar-lhe um lar. Foram April e Juliet que escolheram o nome da irmã mais nova, enchendo-me de orgulho ao chegarem juntas a um consenso.

— Será que posso ter uma ajudinha ao menos no processo de levar a comida que vai alimentar todo mundo até mesa? — a voz de Vincent soou, e rolei os olhos para o seu drama.

Eu sabia que ele amava cozinhar, mas amava ainda mais quando ficávamos todos na cozinha. E seria até legal, se ele não nos entupisse de comida durante todo o tempo e ficássemos satisfeitas antes mesmo de o almoço ficar pronto.

— Vou ajudar o pai de vocês, fiquem de olho em Leslie pra mim — pedi, levantando-me e rumando até cozinha, encontrando um Vincent sujo de farinha ao passo que retirava as pizzas do forno e as depositava sobre a bancada de mármore.

— Que cheiro delicioso — elogiei, inalando com força o cheiro que vinha de *April*, porque Vincent decidiu batizar os três sabores pizzas de sua autoria com os nomes das suas filhas.

Ele me provocava, jogando na minha cara que não havia uma pizza chamada *Lollipop*, mas enquanto ele ficasse com todo o trabalhado de cozinhar,

poderia nomeá-las até mesmo em homenagem a uma das suas *groupies*. Foi comigo que ele se casou e teve três filhas, no final das contas.

— Mesmo? — ele perguntou às minhas costas, os lábios tocando o lóbulo de minha orelha, modulando a voz de forma sensual. — Espera só até eu tomar um banho e me livrar de toda essa farinha, então — brincou, enterrando seus lábios na curvatura de meu pescoço e depositando ali um beijo molhado, lançando-me uma piscadela para então se ocupar de dividir *April*, *Juliet* e *Leslie* em oito pedaços, cada. As pizzas, no caso, não as nossas crianças.

— Se você for muito sortudo hoje, talvez eu te faça companhia no banho — provoquei, e ele se virou para me encarar, esboçando seu sorriso presunçoso e erguendo a sobrancelha esquerda em provocação.

— Se você me fizer companhia no banho, senhora Hardman, então a sortuda vai ser você — murmurou, me dando um tapinha no bumbum e me arrancando um sorriso.

Eu o puxei pela camisa, grudando meus lábios nos seus, entreabrindo-os quando a língua de Vincent pediu passagem por entre eles. Um gemido longo de deleite me escapou enquanto meus braços se fechavam ao redor do pescoço do meu marido e os dele circulavam meu corpo, apertando-me contra si.

— Seremos os dois muito sortudos hoje à noite, nesse caso... — sussurrei com minha boca grudada à sua. — Tem a minha palavra.



Após o almoço, nós aproveitamos uma tarde ociosa em família no meu quarto e de Vincent. Leslie não demorou a pegar no sono, em meus braços, então eu beijei sua bochechinha rosada e a deposei em seu berço portátil, estrategicamente posicionado ao lado da minha cama. April e Juliet não demoraram muito para se juntarem à irmã, e dormiram durante a segunda animação da Disney à qual assistíamos juntos. Juliet completamente aninhada a mim, ao passo que April fazia Vincent de travesseiro, recebendo um carinho nos longos cabelos castanhos.

Antes mesmo do final do filme, Vincent também suspirava profundamente, fazendo-me ouvir um ronco leve que só não era o mais fofo do mundo porque

perdia para o de April. Abri um sorriso, e como sempre acontecia quando eu tinha a chance de observar a minha família em sua versão adormecida, senti lágrimas machucarem os meus olhos. *Lágrimas de felicidade*, como Vincent me prometeu que seria.

Saindo da cama bem devagar, a fim de não acordar Juliet, me encaminhei até o berço portátil de Leslie, cobrindo-a melhor e depositando um novo beijo em sua bochecha gorducha. Pegando um cobertor no closet, eu o joguei sobre Vincent e as crianças, selando os lábios do meu marido com os meus uma única vez. Em seguida, tirei os cabelos de April da frente de seu rosto, beijando-o também. Voltando para cama e me enfiando sob o cobertor, puxei Juliet para o meu peito, enterrando meu nariz em seus cabelos enquanto beijava sua cabecinha cheirosa, apenas para constatar o que já sabia: todos naquela casa cheiravam a lar para mim.

Ciente de que eu não conseguiria dormir, estiquei o braço e peguei meu notebook, que descansava sobre o criado-mudo. Vincent e eu tínhamos um acordo de não levarmos nosso trabalho para o quarto, todavia, nenhum de nós conseguia cumpri-lo. Abrindo um novo arquivo no meu editor de texto, respirei fundo, sabendo exatamente o que escrever nos agradecimentos do meu primeiro romance, prestes a ser publicado. Eu ainda amava suspenses, contudo, ao que parecia, a maternidade me deixou ainda mais molenga do que eu já era, e não resisti a escrever um romance regado a drama, inspirado na minha trajetória até encontrar o amor da minha vida e ser a mãe das filhas dele.

Selecionando minha fonte preferida para escrever, um sorriso surgiu em meus lábios enquanto digitava.

Nunca imaginei que escrever um livro fosse fácil, muito pelo contrário, e se não fosse pela intervenção do meu marido e todo o seu apoio, eu jamais estaria debatendo sobre o que colocar nos agradecimentos de Tudo de Mim. Essa parte tampouco é fácil e, feliz ou infelizmente, ao que parece, todo mundo se nega a oferecer ajuda uma vez que terminamos o epílogo...

Então, para não me alongar e correr o risco de soar maçante, depois de tê-los feito ler um calhamaço, quero apenas agradecer imensamente ao meu marido, Vincent, e às minhas filhas, April, Juliet e Leslie, por todo o apoio durante o processo de escrita, por terem me deixado roubar suas personalidades apenas para imprimi-las em meus personagens e por serem o melhor lar que eu poderia pedir a Deus. Obrigada por me amarem com tudo de vocês, porque a verdade é que eu também os amo com tudo de mim.

Com amor, Lorena King, A.K.A, Lollipop.



É impressionante como o tempo passa, mas a minha inabilidade de escrever agradecimentos permanece. Pode até parecer bobagem, porém, sempre bate aquele nervosinho quando concluímos o livro e decidimos agradecer a todas as pessoas que nos ajudaram durante toda a trajetória.

A ideia para escrever *Tudo de Mim* surgiu da forma mais despretensiosa possível e provavelmente jamais teria ganhado forma, se não fosse o incentivo de todas as minhas leitoras betas. Graças a elas eu tive a força necessária para contar a história de Vincent e Lorena. Não foi fácil, isso é verdade. Foram muitas noites em claro, mãos doendo, costas reclamando e refeições que precisei pular... mas olhar para trás e saber que tudo isso me trouxe até o presente momento, em que escrevo as últimas linhas no meu arquivo de TDM (apelido carinhoso de *Tudo de Mim*), me faz pensar que valeu a pena. E eu faria absolutamente tudo de novo.

Por isso, gostaria de agradecer aos meus leitores e aos meus parceiros, que me acompanham desde a duologia *Doce Amargo* e decidiram dar um voto de confiança a Vincent e Lorena. Vocês são meu combustível para continuar criando, e eu espero, de verdade, que esse romance tenha conquistado os corações de vocês como conquistou o meu.

À Ana Bittencourt, minha amiga querida e também leitora crítica, que me faz desistir de planejamentos inteiros e jogar capítulos fora: obrigada! Meus livros e eu não seríamos nada sem os seus *insights* e comentários malucos, exigindo não apenas tudo de mim (trocadilho infame), como o melhor que posso oferecer.

E eu não poderia falar de comentários malucos sem citar a Nayara Yanne, não me parece certo. Nay, nem sei como agradecer pelo carinho e por lutar tanto

por esse *shipp*. Obrigada por todo o apoio e por me fazer rir com as suas reações a cada capítulo.

À A. J. Ventura, minha companheira das madrugadas, que entrou em pânico comigo na reta final e me ajudou a não deixar a peteca cair. Sem você, eu não sei se TDM teria ido tão longe.

Às autoras lindas da vida, Jas Silva, Bianca Sousa e Evilane Oliveira, por lerem o livro e escreverem comentários tão lindos que me deixaram emocionada. Sabem que eu as admiro muito e que foi uma alegria imensa vocês terem dito sim ao meu convite.

E, falando em convite, como deixar de fora a Míddian Meireles, minha beta mais surtada, que me cobra capítulos como se eu conseguisse produzir um a cada dois minutos? Mid, toda essa pressão psicológica que você coloca sobre mim tem funcionado, e eu espero sempre poder contar com você para essa parte. Obrigada por ser “pau-pra-toda-obra” e sempre estar disposta a me ajudar a qualquer instante. Seu depoimento me deixou emocionada ao extremo e, só para te lembrar: para mim, você não é *step*, e sim os quatro pneus.

À Khaleesi dos unicórnios fofinhos, primeira de seu nome, miga-sua-louca, Evy Maciel. Obrigada pelos áudios de (literalmente) doze minutos, me contando todas as suas impressões durante a leitura e fazendo meu coração transbordar de felicidade. Seu apoio e paciência vieram para mim quando eu mais precisei, e nunca vou me esquecer de todo incentivo e confiança depositados em mim, do quanto nossas conversas me fizeram acreditar que sou capaz. Esse estreitamento de laços foi uma das coisas mais lindas que TDM me trouxe, junto ao comentário maravigold na orelha do livro, e vou levar para a vida.

Para encerrar com chave de ouro, deixo aqui meu agradecimento à minha revisora linda, Helô Delgado, que me estendeu a mão no meu momento de maior desespero e me mostrou a luz no fim do túnel. Obrigada por acreditar em mim e sempre ter palavras tão lindas que me colocam de volta no prumo.

E, okay, sei que eu disse que iria encerrar, mas... não posso deixar de agradecer a toda a equipe da editora Coerência, em especial à minha editora-chefe, Lilian Vaccaro, por toda a paciência e por não desistir de mim. Você mora no meu coração, chefe!

Até o próximo romance, Evelyn Santana.



Table of Contents

[Capa](#)
[Índice](#)
[Copyright](#)
[All of Me](#)
[Depoimento](#)
[Prefácio](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Epílogo](#)

Agradecimentos